Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS — QUINTA - FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1972 — N.º 17 952 — Ano 52.º — PREÇO 1$50.

FIDEL CASTRO CONFIRMA NEGOCIAÇÕES COM OS EUA

O primeiro-ministro cubano Fidel Castro confirmou, num comício em honra do presidente Salvador Allende do Chile, que o seu país estava a negociar com os Estados Unidos sòbre os assaltos a aviões. Contudo, o dirigente cubano observou que nada mais seria discutido com as autoridades de Washington, enquanto o «bloqueio económico contra Cuba se mantivesse em vigor» As negociações começaram já há três semanas, mas esta foi a primeira vez que as autoridades cubanas a elas se referiram.

CESSAR-FOGO PROTELADO

Henry Kissinger chegou hoje a Washington, depois de ter abandonado as conversações de paz com os plenipotenciários do Vietname do Norte. Kissinger apresentará um relatório ao presidente Nixon sobre o andamento das conversações Ao ser-lhe pedido para comentar a sua frase de há sete semanas de que « a paz estava próxima», o conselheiro afirmou sintomàticamente: «Bem, essa foi uma grande frase». O cessar-fogo foi assim protelado. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

A parte americana tem sido representada nestas conversações pela embaixada da Suiça em Havana, a qual se encarrega normalmente dos assuntos que dizem respeito aos Estados Unidos em Cuba. «O problema da pirataria não só afecta os Estados Unidos como é um problema internacional» — explicou Fidel Castro aos milhares de pessoas que se juntavam na Praça da Revolução em Havana. «Contudo, esclareçamos uma coisa: isso não significa uma reconciliação com os Estados Unidos» — concluiu o dirigente da Revolução cubana. (R. e DL).

Acordo entre movimentos angolanos

Dois movimentos angolanos rivais assinaram hoje um acordo em Kinshasa, estabelecendo um Supremo Conselho de Libertação para fiscalizar todos os aspectos da luta armada — anuncia um telegrama da Reuter, citando a agência noticiosa Zaire (Azap). O acordo foi assinado por Holden Roberto, da Frente Nacional de Libertação (F. N. L. A.), com base em Kinshasa, e Agostinho Neto, do Movimento para a Libertação de Angola (M. P. L. A.), com base em Brazzaville. O acordo contém também uma cláusula para um comando militar unificado e um conselho político angolano. O Supremo Conselho e o Conselho Político ficarão com sede no Zaire. O movimento ao encontro da unidade — entre os dois partidos que frequentemente se degladiavam — segue-se a uma reconciliação feita durante a «cimeira» da Organização da Unidade Africana (O. U. A.), que se reuniu em Rabat em Junho último. Os dois dirigentes foram mais tarde reconciliados totalmente a instâncias do presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, e do presidente do Congo, Marien Ngouabi. Holden Roberto, presidente do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (G. R. A. E.), chefiará o Supremo Conselho e o Conselho Político, Agostinho Neto presidirá ao Conselho Militar Unificado, que se dedicará a problemas de carácter exclusivamente militar. Os dois dias de reunião de Holden Roberto e Agostinho Neto foram possíveis sob os auspícios da O. U. A. e dos Governos da Tanzânia, Congo, Zâmbia e Zaire — representados pelos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros.

A VIDA EDITORIAL SOVIÉTICA

«A Vida Editorial Soviética» é o título de um artigo de Óscar Lopes no nosso Suplemento Literário de hoje em cuja capa, a cores, se reproduz um retrato-miniatura de Camões pintado em 1581. O suplemento, de 16 páginas, inclui ainda colaboração de Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Judite de Carvalho, Torquato da Luz, José Augusto França e António Rebordão Navarro.

Planeamento familiar motivo de campanha

Fundada há cinco anos, a Associação de Planeamento Familiar vai lançar uma ampla campanha de divulgação e esclarecimento a todas as camadas da população, tendo em conta os problemas das famílias numerosas e econòmicamente débeis, os dramas da criança não-desejada e da mãe solteira e outras questões de alta importância social. Assim, a nova direcção, em reunião com os orgãos de Informação, deu conta dos seus projectos imediatos: colaboração com os serviços de Ginecologia, estatais, para-estatais e privados, com os centros de saúde e organizações de assistência materno-infantil; criação de grupos de estudos socio-económicos e demográficos; criação de delegações regionais e distritais, além de contactos com instituições de saúde e educação, com organizações profissionais e estudantis e com centros de cultura e recreio. A A.P.F. sugere ainda o funcionamento de uma disciplina exclusivamente dedicada ao problema da planificação familiar nas Faculdades de Medicina, nas Escolas de Enfermagem e de Assistentes Sociais. (Pág. 32).

Aprovada na generalidade a proposta de lei de meios

Na sua sessão extraordinária desta manhã, a Assembleia Nacional aprovou na generalidade a proposta de Lei de Meios para 1973. Os debates foram encerrados pelo deputado Almeida Garrett, tendo anteriormente usado da palavra, na ordem do dia, os parlamentares Serras Pereira, Pinto Castelo Branco, Amilcar Mesquita e Nicolau Martins Nunes.

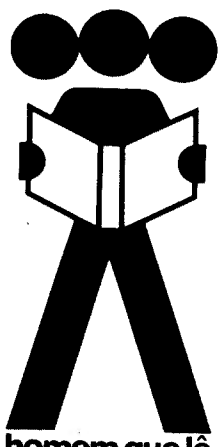
Feita a chamada, a que responderam 49 deputados — número que veio a aumentar durante a sessão de modo a poder haver «ordem do dia», falaram os deputados Humberto Carvalho (sobre o centenário do foral de Vila Real e homenagem ao soldado «Milhões») Cancela de Abreu que se pronunciou contra o corte de relações entre clubes desportivos) e Sousa Pedro (acerca do novo hospital de Ponta Delgada, cujas insuficiências apontou).

À hora em que esta edição começa a circular, decorre nova sessão, com início da discussão da Lei de Meios na especialidade e continuação da discussão dos textos dos acordos com o Mercado Comum.

HOJE: 48 PÁGINAS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

HOJE: SORTEIO



homem que lê vale por três

É já esta tarde, às 18 horas, que se realiza, nos nossos Serviços na Rua Castilho, 185-1.º, o sorteio da iniciativa promocional levada a cabo pelo «Diário de Lisboa» sobre o tema «Homem que lê vale por três». Ao acto, que é público, são convidados a assistir todos os nossos leitores interessados — e pode muito bem acontecer encontrar-se presente algum dos muitos felizes contemplados com os valiosos prémios. Estes são, como se sabe, constituidos por excelentes colecções de livros, já que a nossa iniciativa contou com a colaboração dos melhores editores portugueses. A revelação dos nomes dos premiados irá sendo feita nas próximas edições do «Diário de Lisboa», à medida que forem contactados e se confirmem as condições regulares de participação. Chega assim ao seu termo uma iniciativa que se revestiu de incontestável êxito.

DL/NACIONAL

NOTAS POLÍTICAS

CRIADO O CONSELHO NACIONAL DE PRODUTIVIDADE

—Por decisão do Conselho de Ministros

O Conselho de Ministros, reunido ontem sob a presidência do Presidente do Conselho, aprovou vários Decretos-Lei, nomeadamente o que cria o Conselho Nacional de Produtividade. Este organismo destina-se a coordenar, acompanhar e promover os programas, estudos e acções conducentes ao incremento da produtividade em todos os sectores de actividade, como meio de desenvolvimento económico e social.

Foram também aprovados os diplomas que criam a Federação dos Municípios de Viseu, para a distribuição de energia eléctrica em baixa tensão; os que autorizam a ampliação da refinaria da Sacor no Norte, para a laboração de mais um milhão de toneladas de petróleos brutos e seus derivados, e a instalação, pelas Siderurgia Nacional, de um estabelecimento industrial para acearia e laminagem no distrito do Porto.

O Conselho de Ministros aprovou também um Decreto-Lei visando a melhoria das condições de exploração dos transportes aéreos em Angola, até aqui a cargo da DETA. Assim, será constituída uma sociedade de economia mista, em cujo capital o Governo local possuirá posição maioritária e com a qual se contratará a concessão daquele serviço público. Foi também determinado que na Academia Militar sejam ministrados integralmente os cursos de Engenharia destinados ao Exército e à Força Aérea. Estes cursos terão valor idêntico aos professados nas outras escolas de Engenharia e serão abertos a alunos civis, em número a determinar em cada ano.

No decorrer da reunião, o prof. Veiga Simão expôs as bases da reforma do ensino superior, tendo sido iniciada a sua apreciação.

EVOCAÇÃO DO COMANDANTE FONTOURA DA COSTA

O Chefe do Estado presidiu ontem, no Centro de Estudos da Marinha, a uma sessão dedicada à evocação do comandante Fontoura da Costa, notável investigador histórico dos Descobrimentos, lente e ministro, no centenário do seu nascimento.

Estiveram presentes o secretário de Estado da Administração Ultramarina, o governador de Cabo Verde, o presidente do C.E.M., almirante Sarmento Rodrigues, e outras individualidades, além de familiares do comandante Fontoura da Costa.

SUPLEMENTO EVENTUAL AOS SERVIDORES DO ESTADO

Foi enviado para o «Diário do Governo» o diploma que torna aplicáveis aos servidores dos organismos considerados pessoas colectivas de utilidade pública administrativa, dependente do Ministério da Saúde e Assistência, as disposições do Decreto-Lei que atribui neste mês, um suplemento eventual do ordenado ou pensão aos serviços do Estado.

Concentradas no I. S. C. E. F. as matrículas em Economia

As matrículas e inscrições no 1.º ano dos novos bacharelatos em Economia, Organização e Gestão de Empresas e Ciências no Trabalho, que vão ser professados no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas e Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, serão efectuadas, todas elas, apenas na Secretaria do Instituto Superior de Economia (antigo I.S.C.E.F.), na Rua do Quelhas, n.º 6, das nove às 11 e 30, a partir da próxima segunda-feira, dia 18 e até ao dia 30 do corrente mês.

Os alunos terão de preencher os impressos que lhes são facultados na referida secretaria, e apresentar o bilhete de identidade, seis fotografias e o boletim individual de saúde, actualizado; e, ainda, no que diz respeito aos que foram disoensados do exame de aptidão, uma certidão narrativa completa do registo até ao dia 30 do corrente, de habilitações literárias.

Ao efectuarem a inscrição, os alunos deverão indicar em impresso próprio, o Instituto que, preferencialmente, pretendem frequentar.

PÃO DE AÇÚCAR EM OEIRAS

A cadeia de supermercados «Pão de Açúcar» acaba de abrir o seu 13.º estabelecimento, em Oeiras. O novo «hipermercado» ocupa 2500 metros quadrados de uma zona residencial, compreendendo, além das secções habituais, um parque de estacionamento com capacidade para 120 carros.

Teatro ABC

Telef. 366745 HOJE
GRUPO D / 18 ANOS
2 Sessões, às 20,45 e 23 horas
Produção
Sérgio de Azevedo
ÊXITO ESPECTACULAR

É O FIM DA MACACADA!

NICOLAU • ANABELA • CÉU GUERRA • JOÃO PERRY

BALLET INGLÊS de JON MCGRATH

ESPADINHA • HELENA ISABEL • GRAÇA VITÓRIA • BRAGA SANTOS • MARIA TAVARES • PEDRO MACHADO • LUÍS MASCARENHAS • CRISTÓVÃO NESTOR e VILSON CONJUNTO SEM NOME

ATENÇÃO
ABCzinho
TEATRO INFANTIL
«O CAVALEIRO SEM MEDO»
A partir de 5.ª feira, dia 21
Todas as quintas e sábados, às 16 h.
Telef. 366745

os reinegros
OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL
AR

UM INÉDITO DE FORÇA

Romance do inconformismo dos que se querem livres.
UM LIVRO QUE O SEU AUTOR GUARDOU DURANTE ANOS

UMA OBRA DE COMBATE

100$

Sétimo Volume da Colecção «Obras Completas de Alves Redol»
(Uma Sugestão Para o Seu Presente de Natal)

JÁ PUBLICADOS:
— Fanga — 90$
— Teatro III (Fronteira Fechada) — 70$
— A Barca dos Sete Lemes — 125$
— O Cavalo Espantado — 90$
— Avieiros — 95$
— Marés — 95$

Obra encadernada
Excelente apresentação
Edição definitiva, de valor eterno

Publicações EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 — MEM MARTINS

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK
4.ª E ÚLTIMA SEMANA!
até à... maternidade!
(CARRY ON MATRON)
GRUPO D 18 ANOS
SIDNEY JAMES
KENNETH WILLIAMS
HATTIE JACQUES
CHARLES HAWTREY
BARBARA WINDSOR
TERRY SCOTT
JOAN SIMS
Não perca esta ESPANTOSA comédia!

AGORA, DA AVÓ À NETA

UMA CABINA DE BELEZA GRATUITA, COM LIMPEZA DE PELE E MAQUILHAGEM A TODAS AS EXCELENTÍSSIMAS CLIENTES DA *PERFUMARIA CARLA*. UM ESTABELECIMENTO COM BIJUTARIA BEM COLECCIONADA E AS MELHORES MARCAS DE PERFUMES E PRODUTOS DE BELEZA FRANCESES E ITALIANOS

PERFUMARIA CARLA

AV. ALMIRANTE REIS, 236 — TELEF. 72 13 20 — (FRENTE À PRAÇETA JOÃO DO RIO) — LISBOA

DL/OPINIÃO

O grande teatro do mundo

A representação teatral de acções simultâneas não foi invenção do nosso tempo, ao contrário do que poderão pensar as pessoas inclinadas a acreditar que o passado terá sido pouco mais do que um espesso casulo ou um ovo de trevas. Um palco que hoje se estrutura em vários níveis e planos, e onde os actores gesticulem e falem em articulação ou não com outros actores, repete mistérios medievais e representações mais recuadas ainda.

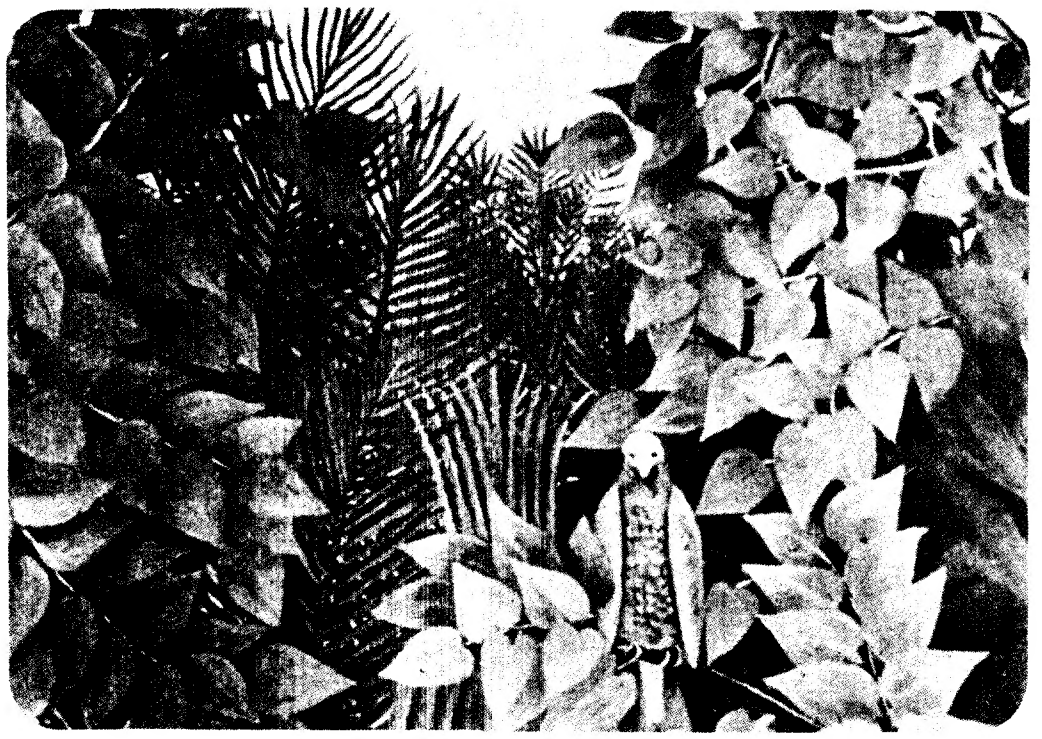
Tudo isto são banalíssimas verificações, certamente o pretexto adequado a uma reflexão anacrònicamente moralista, pois se trata, como anuncia o título, de ver o mundo como um palco imenso de acções simultâneas, muitas elas decorrentes umas das outras, outras ainda marcadas pelo absurdo dos contrastes. Também a reflexão não terá nada de original. Este modo de ser do mundo é o responsável pela multidão de misantropos que arrastaram na vida uma áspera derrota, recusando-se a ser peso na balança e cúmplices no absurdo. Infelizmente para eles, o mundo inclui-os na sua grande máquina misturadora: tudo é gente transportada nos remoinhos movediços da História, girando ao parecer no mesmo lugar, e contudo avançando no fluido inapreensível do tempo. Talvez seja a insensível fricção desse fluido que envelhece os homens como a água que corre sobre as pedras, as desgasta as reduz a lâminas, a areia, e, por fim, a átomos invisíveis...

Revertamos, porém, ao ponto: o mundo é evidentemente, um palco imenso de acções simultâneas, de que partem três homens para a Lua, fortes de ciência e técnica, e onde centenas de outros homens se esforçam humildes por tomar lugar numa carruagem de metropolitano, num autocarro, num eléctrico, num simples táxi, se possível... E isto para só falarmos no angustiante, mas no entender de muita gente pitoresco, problema dos transportes, porque se contemplarmos o plano da moral comezinha, veremos cinquenta religiões, entre pequenas e grandes, difundirem por todos os meios palavras de paz enquanto as guerras metòdicamente vão fazendo pela vida... e pela morte. Repare-se também no presidente Thieu do Vietname do Sul, que benèvolamente condescende em tréguas de Natal, sob condição (ou pouco menos) de que a guerra prossiga depois desse breve intervalo que provàvelmente nem bastará para enterrar decentemente os mortos. Veja-se, para não sair daquelas partes do mundo, como um povo tem vindo a ser literalmente sangrado há dezenas de anos, não obstante o clamor de protesto que a todas as horas se levanta das nações. Atente-se nos altíssimos e luxuosos edifícios de cujos terraços quaisquer honestos olhos distinguirão o vexame dos bairros de lata, agora cosmopolitamente rebaptizados como «bidonvilles» Tome-se a medida do conforto e veja-se como ela se recusa a assentar no corpo de quem nasceu sob estrelas malévolas.

Esta enumeração não acabaria nunca, mesmo que pretendêssemos dedicar-lhe as colunas inteiras do jornal. O teatro do mundo é realmente grande e capaz de conter a multiplicação de todas as disformidades e injustiças, sob a capa pacificadora de uma resignação infinita que se exprime na desolada verificação de que o mundo já assim era quando nascemos, razão bastante boa para que aos olhos de muita gente assim deve continuar...Entretanto, neste teatro absurdo o pano vai caindo para cada um de nós, na altura devida. E uma espécie de roleta russa em que todos acabaremos por ser alvejados. Em todo o caso, mesmo sem misantropia excessiva, haveremos de convir que um mundo assim organizado merecia bem que o pano caísse de vez. Universalmente. Tranquilizemo-nos, porém: o homem é o animal mais resistente da Terra, porque se nutre de um alimento invisível chamado esperança.

QUADRATIM — ISABEL DA NÓBREGA

UMA GRAFONOLA NA SELVA



Subiu a vizinha a pedir um ramo de cheiros para o assado, e quis mostrar depois a casa dela.

Já se sabe não pode comprar-se mas há tanto tempo prometeu e se eu não insistia é porque íamos fazer estas pinturas e modificar umas coisas e agora as pinturas estão feitas e é a altura tem que ser entre cuidado com o degrau esta casa de entrada era a única que a senhora conhecia não é assim mas agora demos-lhe uma volta porque o meu filho dormia aqui num divã mas era sempre uma cena queria deitar-se e nós de volta da mesa não digo já da televisão que o meu marido e a minha mãe vêem todas as noites a minha mãe mesmo que esteja para ali a cabecear não desiste fica sempre até ao fim ninguém a arreda mas o rapaz a querer deitar-se e acabava por se deitar zangado cada resmunguice e foram assim dezoito anos minto não digo tantos enfim desde que é senhor do seu nariz mas é natural coitado agora mais um ano e são as sortes veremos que sortes ora pelo menos até lá tem o seu canto quer ver é este cubículo que dá aqui para a sala cabe um divã à justa é um feitio de vão de esconso porque fica debaixo da escada mas põe-se a cabeceira do lado em que a escada sobe e ele tem cuidado ao deitar-se para não bater com as pernas nos bicos dos degraus fica com boa luz para ler que a lâmpada é forte está sempre agarrado aos livros o meu marido pregou-lhe aquela prateleira para o relógio e já a encheu de livros de dia a porta está fechada ninguém vê a cama e de noite dorme com a porta aberta para não abafar diz que foi preciso chegar à idade da tropa para ter um quarto seu foi pena não nos termos lembrado mais cedo estava o cubículo atravancado com caixas e coisas este quarto interior não é mau é onde dorme a minha mãe e a minha filha dormiam as duas na mesma cama que é de corpo e meio mas quando a minha filha se tornou senhora disse que queria dormir sòzinha que mal cabia na cama que ela tinha um corpo inteiro e queria um colchão só para si dorme naquele divã aos pés da cama da avó a gente disse-lhe que um dia que a avó morra o quarto fica todo para ela que apesar de escuro se pode depois arranjar à moderna a minha mãe é que é rija muito rija mesmo tem uma catarata é a única coisa e ninguém lhe dá a idade que já tem mas não há mal que entre com ela em todo o caso é assim morrendo ela sobeja este quarto para a nossa filha nós o arranjaremos nós ficamos neste muito mais pequeno mas que tem aquela janelinha lá no alto que dá para o saguão o meu marido não aguenta dormir num quarto sem uma fresta de ar abafa e acorda de noite aos estremeções e em suores a minha mãe e a pequena não se queixam em todo o caso quando a minha mae morrer a pequena passa para a cama maior e fica com a cómoda o nosso quarto é pena ter de se passar primeiro pela cozinha mas no final tanto faz é ter cuidado com os pés capacho aqui capacho além a cozinha é bem boa também lhe fizemos pinturas o meu marido comprou o fogão já este ano nunca tínhamos tido forno agora é um regalo e fez também aquelas obras lá fora no pátio do saguão um canto onde podemos tomar duche com a torneira vinda de cima à fina sem termos de usar a celha e a mangueira de mão um luxo diz ele a pia eesa não é arranjada este ano depois se verá morrendo a minha mãe sim que ela não vai durar sempre eu antes quero vender logo a parte numas terras que me hão-de caber lá na Beira coisa de nada mas que há-de luzir melhor aqui nalgumas obras da casa e vale a pena que a renda é barata o canto da pia por exemplo liga-se à cabine do duche e ficamos com uma casa de banho a sério já que moramos num rez do chão e isso tem coisas más pelo menos dá-nos a regalia de um saguão para o tanque e para estas cabines que a senhora há-de um dia ver com azulejos amareiinhos já disse ao meu marido e ele não está contra disse só que para isso e com o pouco dinheiro que temos que para isso tem de morrer primeiro a minha mãe que os filhos entregam-nos tudo o que ganham só ficam com o dinheiro para os transportes a rapariga não sei se sabe que chegou a fazer o segundo ano completo e queria continuar não é que nós com sacrifício não pudéssemos continuar a pagar-lhe o liceu é que ela tinha mesmo que dar para a comida que come e para os sapatos e para o que veste tem de ser assim desculpe esse jornal aí no chão tinha esfregado a cozinha e foi para que não se sujasse enquanto o sobrado estivesse húmido quando passássemos para a casa de fora então gostou é uma casa de pobres está a olhar para o lustre é bonito veio da casa da minha madrinha que era uma senhora muito rica quando morreu como eu tinha lá estado todo o tempo da doença a irmã dela perguntou-me o que é que eu queria porque me queria dar uma coisa para a casa e eu escolhi este candeeiro que havia numa saleta é muito bonito com todos aqueles vidirnhos pendurados aqueles vidrinhos pendurados não dá com a mobilíí que eu sei ver mas paciência um dia havemos de melhorar a nossa casa quando...

...**Atalhei e despedi-me precipitadamente das duas senhoras. Talvez me tenha esquecido de dizer que a velha, a mãe, andara sempre connosco, atrás de nós. Com passo miúdo e firme, as mãos cruzadas nas pontas de um xalinho de lã, o rosto branco muito liso e sem expressão.**

A FOME AMEAÇA 60 MILHÕES DE INDIANOS

LEWIS M. SIMONS — **The Washington Post**

NOVA DELI — Ameaçado pelo espectro cada vez mais próximo da fome, susceptível de ameaçar 60 milhões de indianos, o governo enfrenta um terrível dilema ao tentar encontrar uma solução para o problema.

A questão fundamental é que a Índia tem de importar entre um milhão e um milhão e meio de toneladas de trigo — ou mais — e precisa de começar a fazê-lo imediatamente.

Enquanto o governo tenta dar a impressão de que está a recorrer aos mercados mundiais para obter os cereais de que necessita, o único país que está presentemente em condições de o fazer são os Estados Unidos.

O ponto crucial do dilema é o seguinte:

— Na tentativa de impedirem que os preços do trigo americano, já agravados, subam ainda mais, os negociadores indianos tentam ocultar a gravidade da escassez de alimentos que o país atravessa, motivado pela seca, desmentindo as notícias nesse sentido.

— Simultâneamente, o governo tem de impedir que os negociantes particulares indianos aumentem os preços domésticos servindo-se dos «stocks» que adquiriram por preços mais elevados do que o governo paga aos agricultores. Este facto obrigou os funcionários governamentais a fazer declarações intermitentes à Imprensa local durante as últimas semanas no sentido de que serão compradas no estrangeiro dois milhões de toneladas de trigo para reabastecerem os mercados.

— Estas notícias levaram os negociadores estrangeiros a manterem os preços elevados. Verificando que a recente aquisição soviética de trigo americano já agravara os preços em mais de 30 por cento, o «Economic Times», de Bombaim, comentou recentemente, «o nosso Ministério da Alimentação entra assim no mercado numa altura inoportuna e com uma publicidade susceptível de fazer com que os preços subam ainda mais.»

..O problema é ainda complicado por várias considerações de carácter doméstico e internacional.

..Em primeiro lugar, até toda a gravidade da persistente seca à escala internacional se ter tornado geralmente conhecido há relativamente pouco tempo, o primeiro-ministro Indira Gandhi e outros dirigentes tinham afirmado com insistência que a «revolução verde» da Índia pusera termo à necessidade de permanentes importações de alimentos.

Em segundo lugar, mesmo quando o problema da seca se agravou no passado Verão, o governo afirmou que as suas reservas de cereais, que totalizaram 9,5 milhões de toneladas, impediriam uma crise.

Verifica-se agora que a «revolução verde» não constituiu o sucesso que se proclamara e que as reservas alimentares se esgotam ràpidamente. Segundo uma fonte digna de crédito, as reservas governamentais atingem já menos de 4 milhões de toneladas. Ao ritmo actual de distribuições, 1,2

Continua na pág. 20

DL/NACIONAL

PORTO

EVOCAÇÃO DE JÚLIO DINIS

A convite da Câmara Municipal, o dr. Cruz Malpique, professor, jubilado, do Liceu de Alexandre Herculano, faz amanhã, às 21 e 30, na Sala D. Jerónimo Osório da Biblioteca Pública Municipal, uma conferência na qual desenvolverá o tema: «Júlio Dinis, o homem que viveu de leve, escreveu de leve e morreu de leve».

FACULDADE DE ENGENHARIA

O dr. Luís Fernando Loureiro Tavares foi contratado, por conveniência urgente de serviço, como assistente eventual, além do quadro, do 1.º Grupo (Construções Civis) da Faculdade de Engenharia.

HOSPITAL ESCOLAR

Está aberto concurso documental para provimento, a título provisório ou em comissão de serviço, de um lugar de director do Serviço de Pessoal do Hospital Escolar de São João, entre pessoal diplomado com o curso superior.

FEDERAÇÃO DOS VINICULTORES

Exonerado, com público louvor, do cargo de presidente do conselho geral da Federação dos Vinicultores da Região do Douro (Casa do Douro), o eng. José Joaquim da Costa Lima foi substituído pelo eng. Eduardo Mendia de Serpa Pimentel.

VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS
CICLO-AREEIRO
AV. ALM.TE GAGO COUTINHO, 3-B • LISBOA

ORDEM DA TRINDADE

Em reunião da assembleia geral da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, foram eleitos os corpos gerentes para o triénio de 1973-75. Presidem à assembleia geral, à junta consultiva e à mesa administrativa, respectivamente, os srs. prof. dr. José Guadalberto de Sá Carneiro, dr. Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro e comandante Adriano Coutinho Lanhoso.

COIMBRA

ROTARY CLUBE

Na reunião do Rotary Clube de Coimbra, presidida pelo sr. Alberto Mourão, foi anunciado pelo sr. António Cordeiro que no dia 20 começará a funcionar o Clube de Gaia, apadrinhado pelo de Coimbra. O presidente descreveu a visita ao Clube de Bordéus-Oeste, assinalando, entre outros actos cordiais, a reunião extraordinária daquele com o Clube de Coimbra, e a recepção na **Mairie**, elogiando o presidente do clube francês, Michel Béraud-Sudreau e o rotário Maurice Touton.

A palestra da reunião foi feita, a seguir, pelo jovem António Carlos Rodrigues Fonseca, que tomou parte num cruzeiro de férias, promovido pelo «Comité» Franco-Português de Rotary International. A sua estadia em casa de famílias francesas foi tão proveitosa — disse — que o levou a elaborar um relatório dessas férias, que intitulou «Barisay» (meu tabuleiro de xadrez)», e onde descreve os seus sentimentos perante a vida que naquela pequena localidade, a cerca de quarenta quilómetros de Nancy lhe foi proporcionada pela família anfitriã que acentuou — nunca mais poderá esquecer. Este trabalho de António Carlos Fonseca foi tão apreciado que o próprio «Comité» Franco-Português resolveu distingui-lo com o prémio Alberto Ferreira, que no mês passado lhe foi entregue pelo presidente desse «Comité», eng. Manuel Lopes Pereira.

CORPO DOCENTE

O dr. Manuel Neto Murta, professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia foi reconduzido, em comissão de serviço no lugar de professor catedrático além do quadro, da Universidade de Luanda.

TEOLOGIA

Promovido pelo Insitituto «Iustitia et Pax» está a decorrer na sede do Centro Académico de Doutrina Cristã (C.A.D.C.), na Couraça de Lisboa, até amanhã um curso intensivo de Teologia, dirigido pelo rev. João Abranches, S.J., subordinado aos seguintes temas: «Profeta e Profetismo» «O Profeta como Denunciador da Injustiça e suas Conveniências», «Os Padres como Profecia de Deus e Cristo, o Maior de Todos os Profetas: A Linha Profética do Evangelho». As lições são às 18.30.

O NATAL NAS RUAS

Já se encontram vistosamente ornamentadas e iluminadas as ruas da «Baixa», que adquirem assim maior animação na quadra do Natal.

Este ano, foram decoradas e iluminadas mais artérias do que nos outros anos, adquirindo algumas grande beleza, como por exemplo, a Praça do Comércio, que apresenta linda ornamentação e iluminação de grande efeito.

O presidente do Município, eng. Araújo Vieira, acompanhado pelo presidente da União de Grémios de Lojistas de Coimbra e de alguns componentes das comissões, visitou todas as artérias ornamentadas e manifestou a sua satisfação pelos resultados obtidos. De resto, o povo tem, também, manifestado a sua satisfação pelas realizações festivas, tecendo-lhes louvores.

INFANTÁRIO

COIMBRA — A subsecretária de Estado da Saúde e Assistência, dr.ª Maria Teresa Lobo, inaugurou ontem na Rua Machado de Castro, o Jardim de Infância ali instalado pela delegação distrital da «Obra das Mães» e ao qual preside a sr.ª D. Arminda Sanches.

Presentes na cerimónia, além de outras entidades, o director-geral da Urbanização, eng. Horácio de Moura, e a directora do Instituto de Assistência Escolar, dr.ª Maria Ana da Luz Silva, em representação dos ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional, respectivamente.

AMOSTRA BIBLIOGRÁFICA CAMONIANA

COIMBRA, 14 — Incluída nas comemorações nacionais do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», foi inaugurada, como anunciámos, na Sala São Pedro do novo edifício da Biblioteca Geral da Universidade, a exposição especialmente dedicada aos trabalhos feitos por professores e estudantes da Universidade.

Estiveram presentes autoridades locais e ainda os prof. dr. Manuel Lopes de Almeida e dr. Sousa Barriga, respectivamente, presidente e secretário da Comissão Executiva daquelas comemorações e dr. Manuel dos Santos Stvens, director da Biblioteca Nacional de Lisboa.

O director da Biblioteca Geral da Universidade, prof. dr. Guilherme Braga da Cruz, fez um discurso justificando a iniciativa da exposição, a qual seria promover uma amostra bibliográfica de carácter restrito, confinada exclusivamente ao círculo limitado da Universidade de Coimbra e do seu contributo para os estudos camonianos.

Prosseguindo, o orador disse da intenção de se exporem apenas as diferentes edições de «Os Lusíadas» existentes nos fundos bibliográficos da biblioteca da Universidade, mas que se usou, no entanto de critério diferente, embora sempre confinado ao âmbito da Universidade a recolha de trabalhos de interesse camoniano, pois houve o propósito de expor — disse — todos os estudos directa ou indirectamente relacionado com a obra de Camões, da autoria de estudantes e professores da Universidade.

Deu, depois, esclarecimentos quanto à realização da exposição e do seu catálogo, trabalhos dos quais foi encarregado o bibliotecário, dr. José Joaquim de Abreu Barbosa.

DESTAQUES Hoje na TV

I PROGRAMA

22.00 NOITE DE TEATRO — «A Longa Ceia de Natal»

Thornton Wilder é um dos maiores dramaturgos americanos contemporâneos. A sua «A Nossa Cidade» é uma obra que ficará teatralmente, a definir determinado tempo e determinado estilo da literatura dramática. «A Longa Ceia de Natal» contínua **Our Town.** Pedro Martins realizou a encenação de Varela Silva. José de Castro, Josefina Silva, Rui Furtado, Glória de Matos e Catarina Avelar, interpretam-na.

II PROGRAMA

23.00 PRESENÇA DO PASSADO — Os Reis Deuses de Angkor

Quando o rei da Tailândia saqueou e devastou em 1431 a magnífica cidade de Angkor, capital do antigo Camboja, vibrando o golpe fatal ao reino Khmer, pôs fim a uma forma de civilização que floresceu na Indochina ao longo de seis séculos.

Efectivamente o povo Khmer nunca se recompôs desse golpe: os Templos e Palácios de Angkor foram abandonados à floresta luxuriante que os envolveu escondendo-os dos olhares dos homens.

As investigações arqueológicas puseram a descoberto essa civilização esquecida e as estátuas dos reis-deuses de Angkor contemplam de novo os quatro pontos cardeais como o fizeram na época áurea do reino Kmer.

Tendo adoptado o hindoísmo e mais tarde o budismo religiões provenientes da India, os Khmers insuflram-lhes o seu próprio espirito, pois que votavam um culto especial ao rei-deus que encaravam como uma encarnação parcial da divindade. Esta concepção religiosa traduziram-na igualmente na arquitectura e na escultura, pois as suas estátuas e baixos-relevos representam os governantes elevados ao nível dos deuses e revestidos de uma austeridade grandiosa.

A Longa Ceia de Natal

COMUNICADO

SUPRAM IBÉRICA DIFASA Tem o prazer de comunicar que nomeou seu representante exclusivo em Portugal para o fabrico e distribuição de Vitrines, Balcões e Montras BEAUTILINE, a firma NOVIMPORTA — Centro Comercial de Importação, Lda., Estrada da Luz, 173, r/c., Dt.º e Esq.º — LISBOA.

NOVIMPORTA — Centro Comercial de Importação, Lda., Tem a honra de comunicar que foi nomeado por SUPRAM IBÉRICA DIFASA, fabricante e distribuidor, em regime de exclusividade para Portugal, das Vitrines, Balcões e Montras BEAUTILINE.

TV DL/ESPECTÁCULOS

LITERATURA: FRIO, FRIO...

«Livros e Autores» (título inócuo, incolor e insípido) dedicou uma grande parte da sua emissão a Correia Garção, cujos versos foram assassinados por Álvaro Benamor e Hermínia Tojal, aquele a empastelar e a liriquizar indevidamente, esta a utilizar, na **cantata,** um desnecessário tom elevado, talvez resíduos do falso tom épico que utiliza na declamação de versos dos **Lusíadas,** depois do **Telejornal,** onde alterna com Canto e Castro.

Não se suponha, porém que **Livros e Autores** se ficou por aí! O apetite de actualidade veio ao de cima na entrevista com Manuel de Seabra e Vimala Levi; na entrevista com Jean Longland, que traduziu para inglês uma antologia de poetas portugueses **(«o povo americano não se interessa tanto pela poesia como o povo português»...),** no documentário (mudo) sobre a entrega do prémio da Sociedade dos Escritores Médicos atribuído a Fernando Namora; na reportagem (póstuma) sobre os serões de poesia no Instituto alemão, com depoimento de Maria Alberta Meneres.

Pronto. Pràticamente, nada mais merece história dentro da rubrica de Eduino de Jesus e António Moniz. Falta só, talvez, mencionar aquela referência do escritor Manuel de Seabra, relativamente ao interesse que o seu levantamento da literatura indo-portuguesa pode representar **«na futuração do nosso idioma em Goa.»**

«O interesse pela língua portuguesa em Goa — disse-nos — está a aumentar. Posso até dizer que muitos escritores de Goa, que vivem em Goa e que nunca se tinham preocupado em escrever na língua portuguesa, hoje estão a escrever na língua portuguesa».

Aqui está uma informação curiosa. Haveria grande interesse em conhecer o tipo de experiências, de vivências, que estes escritores estão a transmitir lá de tão longe. Manuel de Seabra poderia ter adiantado alguns nomes e alguns títulos mais significativos. Ao menos para que a entrevista não fosse, como foi, pràticamente inútil.

AS NASCENTES DO NILO E AS LÁGRIMAS DE PLÁSTICO

O quarto episódio das «Nascentes do Nilo» levou-nos até ao descobrimento do lago Alberto, feito por Samuel e Baker e sua corajosa esposa.

Antes da emissão, publicou a televisão um esclarecimento. Mais do que esclarecimento: desagravo.

Assim, na opinião da RTP, os produtores das «Nascentes do Nilo» teriam cometido injustiça ao esquecer os nomes dos portugueses que tanto e tanto contribuiram para o desbravamento do interior de África e para o seu conhecimento. Cita-se Duarte Pacheco Pereira e a sua obra **«Esmeraldo situ orbi»,** que os ingleses conhecem bem através da tradução promovida por Pigaffeta. Cita outros portugueses do século XVII como Diogo Cão, Francisco Gouveia, Duarte Lopes e Duarte Pacheco. A indicação do século XVII deve-se certamente a uma gralha, pois apenas Gouveia pertence a este século e não se compreende bem a que título vem ele aqui chamado. O único talvez a poder ser invocado com alguma razão seria Duarte Lopes e mesmo esse habitou o século XVI.

Na verdade, alguns estudiosos, como León Cahun e Manuel Heleno **«consideram Duarte Lopes como pioneiro dos exploradores da África Central, admitindo que ele teria visitado a região dos grandes lagos e subido até às nascentes do Nilo».** E Luis de Albuquerque, a quem pertencem estas palavras (ver o **«Dicionário de História de Portugal»,** dirigido por **Joel Serrão,** publicado por **Iniciativas Editoriais)** prossegue: **«Mas outros, como Willy Bal, salientando que Duarte Lopes descreve as margens de alguns rios com lapsos inexplicáveis em observador tão arguto, pensam que a sua narrativa se compõe essencialmente de informações colhidas na tradição oral ou de viajantes que tivessem eventualmente visitado as regiões descritas».**

Pode acontecer, no entanto, que a RTP possua dados absolutamente certos que lhe permitam censurar tão agudamente os autores das «Nascentes do Nilo». Mesmo sendo assim, quer-me parecer que há despropósito. Acontece que a BBC se propõe contar ao mundo os esforços empreendidos pelos seus homens (Burton, Speke e Baker) para conhecer as nascentes do Nilo. Quem poderá acusá-la de crime? Não se trata de uma obra de erudição. A BBC, ignora os possíveis pioneiros portugueses como ignorará outros não portugueses. Cabe-nos a nós, caberá à televisão portuguesa, elaborar vários filmes, se possível a cores, sobre as aventuras de Duarte Lopes até à chegada aos grandes lagos. Após o que enviará as fitas à BBC para mostrar aos ingleses como se trabalha entre nós, com absoluto respeito pelas nascentes e pelas fontes.

Ai de nós! Como nos atrevemos a queixarmo-nos de que os estranhos nos esqueçam, quando a tal ponto de nós próprios nos esquecemos? Quem há aí que conheça o Duarte Lopes e o Duarte Pacheco Pereira como escritor? Por favor: podem dizer-nos onde encontrarão os portugueses edições acessíveis do **«Esmeraldo situ orbis?**

A televisão portuguesa diz-nos que o esquecimento da BBC «nos faz sorrir». Eu direi que o esquecimento da nossa gente pela nossa gente nos devia fazer chorar.

CENTENAS DE AQUECEDORES A GÁS

COM PORTA GARRAFA

DESDE

800$00

Estrada Poço do Chão, 55-B — Benfica — Lisboa

VENDEM-SE

— LOTES DE TERRENO PARA MORADIAS;

— PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIÇÃO, COM PROJECTOS APROVADOS;

— MORADIAS E

— APARTAMENTOS.

NA LINHA DE CASCAIS

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.

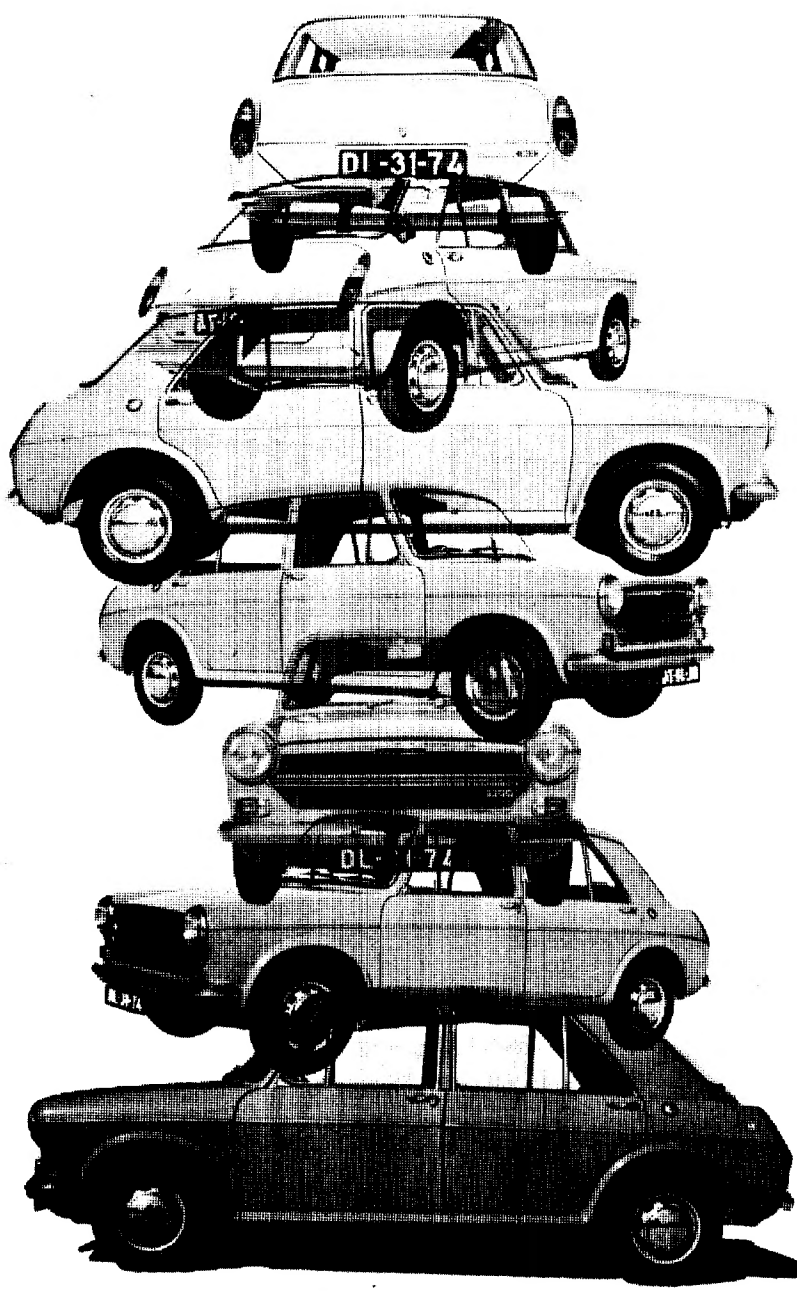
AV.ª VALBOM, 28-1.º — TELEF.: 280749

MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

Não se esqueça de verificar, antes de partir, se o seu PASSAPORTE se encontra em dia. Lembre-se que a STAR tratará de lho obter, poupando-lhe um tempo que certamente lhe é precioso.

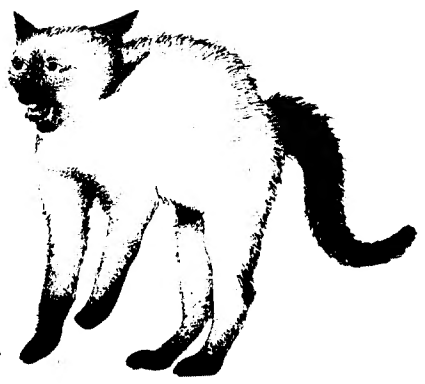
STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA



o carro das 7vidas

AUSTIN 1300 MK III



O carro dos 7 fôlegos resistentíssimo.
Suspensão hydrolastic que nunca mais acaba e absorve todas as irregularidades do piso.
A segurança da tracção dianteira.
Motor transversal libertando 80% do espaço interior para passageiros e bagagem.
É o carro de aperfeiçoamento continuo.
Não tem rival. E não terá durante muito tempo ainda.
Versões de 2 e 4 portas, "countryman" e GT.

DISTRIBUIDORES: BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LDA.
À venda nos Concessionários AUSTIN em todo o País

Tem a pinta da família!

72 A 1300-12

DL/ESPECTÁCULOS

DL show

O povo participa e fala da "Missa Leiga"

— **«O espectáculo não poderia ter outro nome. Esta é, de verdade, a missa dos leigos, a missa do povo. Quero agradecer aos seus autores (e actores) por me lembrarem uma série de coisas das quais, por comodismo, me havia esquecido. Sim, o amor é a salvação do mundo»** — José Baptista Pereira, 28 anos, estudante).

— **«Gostei da «Missa Leiga» porque não há mistificação neste espectáculo. E nem vedetismo. A música é linda e todos os actores estão muito bem»** — (Ana Rosa de Almeida, 45 anos, dona de casa).

— **«Não tenho vergonha de dizer que chorei. O espectáculo é emocionante. Durante o tempo inteiro o homem e o futuro da humanidade é questionado. Como sou um homem, senti-me preocupado. O despojamento dos cenários e das vestes é significativo»** (Pedro Pinheiro de Almeida, 32 anos, empregado de escritório)

— **A «Missa Leiga», antes de mais nada, é um não aos sectarismos. Ali, o que interessa, é a verdade. É o homem»** — Lúcia Helena Teixeira, 31 anos, advogada).

— **«A «Missa» é um trabalho muito difícil pela sua simplicidade. Enquanto que nas outras peças é necessário construir uma personagem, aqui urge despirmo-nos das personagens que fazemos na vida real para se poder ser o mais verdadeiro possível»** — (Walter Cruz, 30 anos, um dos actores da peça).

— **«Com ou sem ambiguidade, esta «Missa Leiga» é, fora de dúvida, um belo espectáculo, envolvente, áspero e apaixonado, que, em certa medida, dramatiza não só a responsabilidade de cada intérprete, mas até a de cada espectador»** — (Urbano Tavares Rodrigues, escritor).

— **«É um espectáculo emocionante e cheio de força. Tenho que voltar ao Teatro São Luís. Foi a melhor peça a que assisti, em toda a minha vida»** — (Joaquim Pedralva, 19 anos, estudante).

— **«Se pensarmos no nosso tempo, certamente seremos invadidos pelo pessimismo. Veja: a fome, a guerra, a ameaça permanente das armas atómicas, a ausência do diálogo, tudo isso nos leva a descrer do futuro da humanidade. O importante, na «Missa Leiga» é que todas estas questões são colocadas no palco, sem medo e numa linguagem nova. E, depois, a peça, apesar de tudo isso, dá-nos uma esperança muito grande»** — (François Dupont, 45 anos, comerciante)

— **«Em geral, pareceu-nos a função algo aborrecida, por demasiado prolongada em certas situações, e, por não utilizarem todas as possibilidades de acordar as pessoas que no texto se contém; este o óbice negativo. Mas como são muitos e variadoa os aspectos positivos, como ainda assim quebra com o que de tradicional existe no espectáculo teatral português, e como as preposições são, hoje, importantes, só me apetece dizer que a «Missa Leiga» é mesmo para ver. E depois, para discutir»** — (Daniel Reis, 27 anos, jornalista).

— **«A «Missa» conquistou-me percebe? Embora uma série de coisas me deixe preocupado e envolvido, não consigo separar as coisas para viver «outra realidade». Qualquer barreira que possa ter é derrubada. Esta peça não dá para «representar», no sentido clássico. Vive-se.** (João Acaiabe, 28 anos, o **oficiante** da «Missa Leiga»).

A «Missa Leiga» estreada anteontem, continua a ser celebrada, todas as noites, no Teatro Municipal de São Luis.

Dela participam 26 actores brasileiros e 5 músicos portugueses. As opiniões acima foram recolhidas entre os espectadores e actores da peça. Quanto a nós, gostaríamos de expressar aqui a nossa gratidão ao Chico de Assis, pela beleza do texto; ao Claudio Petraglia, pela simplicidade da música; ao Joel de Carvalho, pelo despojamento dos cenários e dos figurinos; ao Ademar Guerra, pela objectividade da encenação; ao Paulo Herculano, pelo rendimento musical, **ao elenco, pela humildade** com que representa. Enfim, o nosso agradecimento a todos e, em particular, para esta guerreira chamada Ruth Escobar, a quem o teatro brasileiro deve muitos dos seus melhores momentos: a «Missa Leiga» é a melhor prenda de Natal que o Brasil poderia dar aos lisboetas.

W. D.

NACIONAIS

LISBOA-72 — No Teatro Vasco Santana entrou em ensaios finais a peça de Luzia Maria Martins, **Lisboa-72,** que deve ser estreada dois dias antes ou dois dias depois do Natal. Este original, na linha do teatro documento já experimentado pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa, é encenado pela própria autora e representado pelos actores habituais do grupo.

D. QUIXOTE NA POVOA — O Grupo de Teatro de Campolide vai realizar o seu último espectáculo deste ano na Póvoa de Santa Iria, no próximo sábado, às 21,30 horas, na sala do Grupo Dramático Povoense. Em cena: **«A História de Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança»**, de António José da Silva (O Judeu). Por outro lado, na esperança de terminar bem o ano. Fernando Gusmão vai dedicar as duas semanas de Dezembro para, com os elementos do grupo, realizar uma série de exercícios de expressão corporal e de colocação de voz.

ESTREIA ADIADA — Por terem surgido diversos problemas, a estreia da peça **Alice nos Jardins do Luxemburgo,** que estava marcada para hoje, na Casa da Comédia, foi transferida para o próximo sábado.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA — O conjunto vocal e instrumental inglês **Duffys,** que ontem desembarcou em Lisboa, concede esta noite, no Teatro Villaret, uma conferência de imprensa. A sua realização está prevista para depois da gravação do programa «Domingo à Noite», do qual participa também o grupo vocal **Intróito.**

«Missa Leiga»: sucesso à vista

RONDA FINAL

GASTON Iung que é professor do Instituto National des Arts du Spetacle de Bruxelas da Escola de Teatro de Montreal, e da Escola de Arte Dramática de Strasburg, está em Lisboa. Veio a convite da comissão orientadora da reforma do Conservatório Nacional para dirigir, naquele estabelecimento de ensino, um seminário intensivo de dramaturgia sobre o teatro europeu do fim do século XIX. O GRUPO Gulbenkian de Bailado vai apresentar nos próximos dias 16 a 19, no grande auditório da Fundação o II programa da sua actual temporada, constituido pelas seguintes obras: SKY-WELL, de Norman Walker; NIGHT SOUND, de John Butler; CONTINUUM SOBRE UM TEMA DE AKUTAGAWA, de Milko Sparemblek, e METAMORFOSES, de Fernando Lima. Os espectáculos realizam-se no sábado ás 21.30 horas, no domingo ás 15.30 e 21.30 horas na segunda e terça-feiras, ás 18.30 horas. O acordeonista José Félix presentemente a actuar no restaurante Luso, vai gravar o seu primeiro disco. NO próximo domingo, pelas 17.30 horas, será realizado um concerto de Natal na Igreja Evangélica Alemã. Participam o Coro da Universidade de Lisboa, sob a direcção de Fernando Eldoro e o organista Pierre Salzmann. A fadista Cristina Maria vai gravar o seu primeiro disco, acompanhada pelo guitarrista Jaime Santos. SEXTA-feira próxima haverá uma sessão de fados, baladas e músicas folclóricas para os doentes do Sanatório D. Carlos I. Participarão entre outros, o Conjunto de Guitarras de Raul Nery e os artistas Maria da Fé, Natália dos Anjos, Armando Morais, João Cabral e Herculano.

VÁ AO TEATRO!!!

QUATRO ESPECTACULOS RECOMENDADOS POR VASCO MORGADO

TEATRO Telef. 864756

LAURA ALVES

Rua da Palma

TODAS AS NOITES 21.45 H
Domingos e Feriados «matinées» 16 h

UM BOM ESPECTÁCULO DE TEATRO

a peça de **Henry Denker**

O PRINCÍPIO E O FIM

Elenco por ordem de diálogo

JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LÍGIA TELES — COSTA FERREIRA

7.ª SEMANA

Espect. Subs. Fundo de Teatro
50% desconto a estudantes e sócios do sindicato
GRUPO D - M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

2.as e 3.as-Feiras, às 21.45 h

5.as, 6.as e Sábados 2 sessões, 20.45 e 23 h

Domingos e Feriados, à tarde, às 16 h
à noite, às 21.45 h

SIMONE
na divertida comédia

A CAMA DOS COMUNS

com

IO APOLONI
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO
e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA

14.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

Agora um novo horário
2.as e 3.as-feiras, às 21.45 h.
4.ª-feira, descanso da C.ª

5.as, 6.as e sábados e sessões, às 20.45 e 23 h.

Domingo, à tarde, 16 h. noite, 21.45 h.

JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com

DORA LEAL
a revelação da temporada no teatro declamado
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA

16.ª SEMANA

GRUPO C — M/14 anos

TEATRO Telef. 361740

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES: às 20,45 e 23 horas
Domingos e Feriados «matinée», às 16 h.

SALVADOR
IVONE SILVA
BARROSO LOPES
GUIDA MARIA
na super-revista popular

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO

com

VICTOR MENDES
CARLOS QUEIROZ
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e colaboração especial de
HENRIQUE SANTANA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de **Giuseppe Bastos** e **Vasco Morgado**
Grupo D/18 anos

Domingo no **MONUMENTAL** — Para m/4 anos — 2 «MATINÉES», às 16 e 18 horas
«AS AVENTURAS DE BATATINHA E CASACÃO»

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

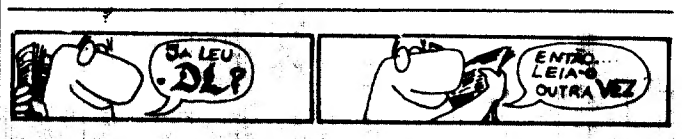
DIAS 21 E 22 DE DEZEMBRO, ÀS 21.45 H.

ESPECTÁCULOS EXTRAORDINÁRIOS

LOS ANGELES JUBILLEE SINGERS

BILHETES À VENDA

ESPECTÁCULOS PARA MAIORES DE 10 ANOS



DL/ESPECTÁCULOS

A crítica de
LAURO ANTÓNIO

Crónica do esforço perdido

TÍTULO: Hannie Caudel (Hanile Caulder)
REALIZAÇÃO: Burt Kennedy, 1971 (EUA)
INTÉRPRETES: Raquel Welch, Robert Culp, Ernest Borgnine, Strother Martin, Jack Elam, Christopher Lee, Diana Dors, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Distribuidores Reunidos
ESTREIA: Cinema Eden

TÍTULO: Mister X (Mister X)
REALIZAÇÃO: Piero Vivarelli (Donald Murray), 1967 (Itália)
INTÉRPRETES: Norman Clark, Gaia Germani, Armando Calvo, etc.
ESTREIA: Cinema Olympia

TÍTULO: Não Desejarás a Mulher do Delicadinho
REALIZAÇÃO: Fernando Merino, 1972 (Espanha)
INTÉRPRETES: Alfredo Landa, Sylva Koscina, Ira Furstenberg, Aldo Giuffre, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Imperial Filmes
ESTREIA: Cinema Odeon (7.12.1972)

TÍTULO: O Lobo Vermelho
REALIZAÇÃO: Alfonso Brescia, 1971 (Itália)
INTÉRPRETES: Giuliano Gemma, Moira Orfei, Richard Harrison, etc.
DISTRIBUIÇÃO Internacional Filmes
ESTREIA: Cinema Olympia (5.12.1972)

TÍTULO: Sartana Está de Volta
REALIZAÇÃO: Anthony Ascott, 1971 (Itália)
INTÉRPRETES: John Garko, Frank Wolff, Klaus Kinski, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Internacional Filmes
ESTREIA: Cinema Odeon (8.12.1972)

O ritmo de estreias cinematográficas em **écrans** de Lisboa prossegue, como quase sempre, aos solavancos, aos soluços, ora aparecendo uma enxurrada de filmes, ora decretando-se permanência obrigatória para a grande maioria, ora nem uma coisa nem outra. Por vezes tantos são os filmes, que a nós nos resta pouco tempo para acorrer a todas e estar em todas em cima da hora. Para isso nos servem os fins-de-semana, quantas vezes desbaratados em salas de projecção, onde se vem a saber depois imperara a mais descarada mediocridade. Assim foi desta feita, servindo a presente «crónica do esforço perdido» para arquivar cinco novos títulos, todos eles desinteressantes, alguns verdadeiramente alarmantes. A Itália e a Espanha ocupam o lugar de honra quantitativo, o mesmo é dizer que o maior desmérito da estatística lhes pertence. Um **western spaghetti (Sartana está de volta,** de Antony Ascott), um filme de «reconstituição histórica», com gladiadores e tudo (**O Lobo Vermelho**, de Alfonso Brescia), um «policial» híbrido (**Mister X**, de Donald Murray, aliás pseudónimo de Piero Vivarelli, italiano, ao que se supõe) e uma comédia ordinarita, com Silva Koscina e Ira Furstenberg (maus tempos para as princesas que assim andam à mercê de qualquer «delicadinho» de maior êxito) que persegue o sucesso comercial e a fórmula de **Não Desejarás o Delicadinho do 5.º** (para que toda a gente saiba ao que vai e compre o bilhete pela certa, até o título é idêntico: **Não Desejarás a Mulher do Delicadinho**, de novo com Alfredo Landa, numa realização de Fernando Merino). Ditos os títulos, resta dizer que tudo isto é lastimoso, sob qualquer ponto de vista...

Não muito interessante é também **Hannie Caudel**, de Burt Kennedy, **western** americano, rodado em Inglaterra, e protagonizado por Raquel Welch (que continua a pretender demonstrar que representar bem não lhe faz falta nenhuma...). Esta película integra-se num estilo de acção e de narrativa que vai buscar alguma influência ao **western spaghetti** (sobretudo pelo seu lado violento e sádico), mas meia dúzia de figuras, bem interpretadas com algum humor, tornam-no relativamente mais aceitável. Estão neste caso sobretudo as personagens encarnadas por Robert Culp, Ernest Borgnine, Jack Elam e Christopher Lee... Mesmo assim, todavia, mais haveria a esperar de um homem como Burt Kennedy.

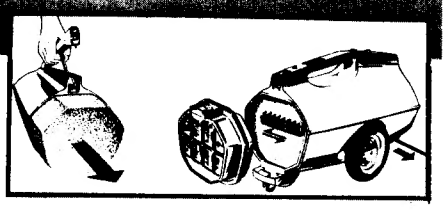
AGORA...
Mais conforto
Mais comodidade
«Calça-meia» C.D men

Fabrication Suisse

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM. 73 // LISBOA
costa pina, & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM. 420 // PORTO

com o aspirador NATIONAL, descansa MESMO...



O aspirador NATIONAL é, mesmo, diferente! Para começar, não tem saco (nem precisa...) porque tem espaço suficiente para 500 grs. de pó, ou seja, para cerca de 3 meses de uso.
Mas isto não é tudo: contém um filtro que se limpa automaticamente a si mesmo, um indicador de nível de pó contido no próprio depósito, um sistema de escape duplo e um regulador de sucção.
Além disso,
... As escovas do aspirador NATIONAL foram estudadas para lhe poupar trabalho, e as rodas permitem-lhe limpar a casa toda sem o menor esforço.

unigrupo

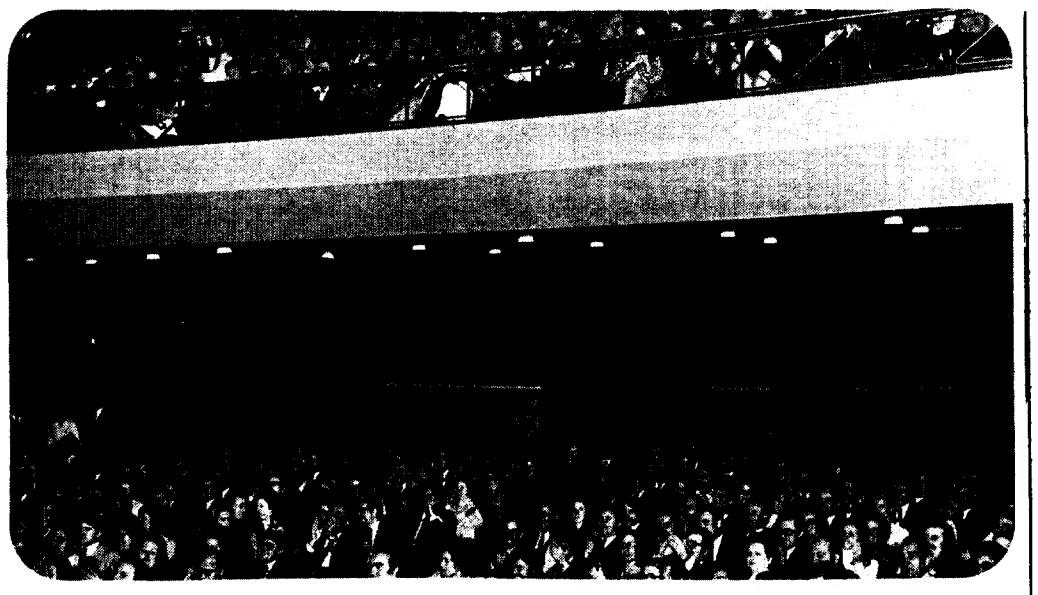
NATIONAL é uma garantia de qualidade!

sonipol
LISBOA · PORTO · FARO

National NATIONAL

BMW 520 inultrapassável

DL/ESPECTÁCULOS



"Aventura é Aventura": Recorde de bilheteira

O filme foi lançado, a crítica opinou e o público compareceu e continua a comparecer em massa ao Cinema Mundial; Resultado: em dez semanas de exibição, o filme de Claude Lelouche bateu todos os recordes de receita de bilheteira. O filme, que a Filmitalus distribui em rigoroso exclusivo, é cartaz para rir (e muito) e para reflectir. Interpretado por Lino Ventura, Jacques Brel e Aldo Maccione e filmado em eastmancolor, «Aventura é Aventura» ultrapassou todas as perspectivas — mesmo as mais optimistas — tendo sido já visto por mais de cem mil espectadores.

CRÍTICA DE TEATRO — Carlos Porto

A letra e o espírito

«MISSA LEIGA», de Chico de Assis pela Companhia de Ruth Escobar. Encenação: Ademar Guerra; assistente: Luís Damasceno, música: Cláudio Petraglia; direcção musical: Paulo Herculano; cenários e figurinos: Joel de Carvalho; iluminação: Rofran Fernandes. Conjunto: Heavy Band. Intérpretes: Alice Gonçalves, António Rocha, Ariston Augusto; Bruna Fernandes; Cleybe Dias; Cleyton Feitosa; Cristina Pereira; Edson Rabelo; Emílio Bozzo; Everaldo Fernandes; Claucia Freire; João Baptista Alcaiabe; João Carlos Vicci; José Carlos Alcântara; Júlio César; Lizette Negreiros; Luís Damasceno; Marcio Ferreira; Milton Levy; Neide Duque; Osmar Di Pieri; Paulo Calcoso; Sónia Loureiro; Sónia Oliveira Guedes; Walter Cruz; Sérgio Roperto. Produção de Ruth Escobar. Teatro São Luís. 12/12/72.

O nome de Ruth Escobar ligar-se-á sempre na minha memória a um espectáculo que nunca vi. Tratava-se de uma encenação de Victor Garcia para o «Balcão» de Genet feita em S. Paulo, há alguns anos. Pelo que ouvi dizer e, sobretudo, por um excelente filme que dela vi, esta criação de Victor Garcia teria sido, certamente, sob o ponto de vista cénico, o mais revolucionário dos espectáculos teatrais do nosso tempo.

Entre o «Balcão» de Genet/Garcia e esta nova produção de Ruth Escobar há uma óbvia (inevitável) ruptura. Se a Nova Iorque de Nixon faz um «Jesus Cristo Super Star», se Ruth Escobar viu o espectáculo e pensou que seria interessante repetir a ideia no Brasil — sem repetir o figurino — sujeitou-se inevitàvelmente, a deixar de arrastar a carruagem do Teatro (como acontecia com o espectáculo citado) para ser por ela arrastado. E isto, possìvelmente, por razões, comerciais, mas, provàvelmente, também por outras razões. Isto, talvez, por opção pessoal, mas também por circunstâncias externas. Porque o tempo é outro e é outra a História que nele acontece — e porque Isto Está Tudo Ligado, como diria Eduardo Guerra Carneiro.

A maior força de «Missa Leiga»: o seu antropomorfismo; a maior fraqueza: a sua ineficácia. Posto perante. (com) o público do S. Luís, ou de qualquer outro sítio semelhante, este espectáculo que quer ser, ao mesmo tempo, um libelo e um apelo é como a chuva a bater numa vidraça hermèticamente fechada: não entra. Perante um outro público, seria maior a sua eficácia? Embora possìvelmente compreendido de outra maneira, suponho que continuaria a ser humanamente ineficaz ou, se se preferir, socialmente inútil.

Não quero com isto classificar o espectáculo de reaccionário porque seria uma afirmação tão sem sentido como dizer que é progressista. «Missa Leiga» coloca-se a outro nível, por assim dizer, metodológico. Espectáculo que pretende contestar a sociedade em que vivemos e os seus modernos ou antigos cavaleiros de apocalipse — a guerra, a fome, a injustiça, a solidão, a poluição, a ameaça nuclear — «Missa Leiga» realiza-se numa forma não contestatária. O Tempo (entidade histórica) refugiou-se num espaço neutro que, aparentemente, anula as suas potencialidades militantes, o Tempo (seria melhor dizer: o Teatro?).

No entanto, e é essa a sua relativa grandeza, o espectáculo procura identificar-se com o homem, dimensionar-se nele, aqui e agora, revindica com orgulho a velha fórmula: o homem como medida de todas as coisas (por isso, falei em antropomorfismo). Não é por acaso que se diz que se o homem desaparecer o Templo não mais será necessário; nem que se dirige uma oração não a Deus mas ao próprio homem, senhor do seu destino.

Podemos considerar que «Missa Leiga» se situa em dois planos: o do ofício, como discurso de (boas) intenções; o do teatro que expressa esse discurso, o catapulta. Ora, o espectáculo sobre sempre que deixa o ofício pelo teatro. Seria, aliás, curioso pôr em confronto o facto de a missa (prática ritual muito mais fechada) beneficiar, talvez, em ser mais missa e menos teatro...

Porque, para além de tudo, há o espectáculo. Isto é, há uma companhia de actores interpretando um texto de acordo com determinada concepção cénica. Embora grande parte do texto se tenha perdido, (sobretudo, o cantado), pelo que ouvi não me pareceu tão intenso, tão «iluminado» e criador como seria de desejar; embora a música tivesse alguns momentos excelentes nem sempre fugiu ao vulgar, ao repetitivo. Estas restrições não me impedem de considerar «Missa Leiga» como um espectáculo com aspectos muito positivos desde o ponto de partida da elementaridade e pobreza dos cenários e do guarda-roupa (os actores despem os seus figurinos e apagam nos rostos as marcas de pintura que os transfiguravam para assim nos aparecerem na sua verdade primeira) até à distribuição dos papéis e à marcação.

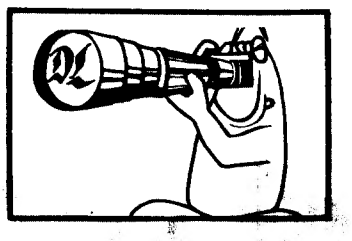
É certo que a encenação não evitou os efeitos demagógicos (refiro-me especialmente aos seguintes pontos: convite aos espectadores para se identificarem com Cristo; beijos das crianças aos espectadores; recolha gravada de depoimentos; leitura de uma carta enviada por uma espectadora brasileira), mesmo tendo em conta que esses efeitos procuram a participação do público que, parece-me, não resultou. De louvor, em contrapartida, a simplicidade dos processos utilizados (exemplo: cena do julgamento simultâneo dos dois Cristos); a participação coral dos actores; a marcação que trás frequentemente os intérpretes à plateia, procurando, deste modo, eliminar os inconvenientes de um espaço inadequado para um espectáculo deste tipo (sobretudo, no que se refere ao balcão e galeria). Algumas partes cantadas atingem momentos fulgurantes (e a música ganha quase sempre que foge ao pop e adquire ressonâncias locais): o **Kyrie Eleison** tem uma força pasmosa; o julgamento dos templários (auto-contestação do cristianismo); e aquela em que os actores se desm do seu papel de participantes de um ritual para assumirem o de actores, cómicos de uma função que começou por ser sagrada, instante em que o espectáculo se suspende para ser uma outra realidade — a do teatro como imagem do homem no Mundo.

Não resultou a cena fundamental da leitura da Bíblia em contraste com a leitura de recortes de jornais por não chegar à maior parte do público.

«Missa Leiga» é um espectáculo talvez ambíguo, talvez contaditório. Tem, contudo, a coragem de assumir de rosto descoberto essa ambiguidade e essa contradição. A imagem que dele guardo mais fundamente é a da cena final: dois actores abraçam-se enquanto os outros cantam no palco e na plateia um canto de amor e esperança. Todos se aproximam e todos se unem no mesmo abraço de amor e unidade. Depois, num movimento muito simples e terrìvelmente eficaz, soltam-se e ficam, em duas filas, voltados para o público, sempre cantando. Esta cena constitui uma síntese da clareza e da capacidade técnica revelada pela encenação e pelos intérpretes.

Se o intérprete negro do oficiante é o que tem uma participação mais importante, é sobretudo de sublinhar o carácter colectivo do trabalho dos actores. E neles a sua capacidade de expressão corporal (mais do que vocal), de comunicação.

Espectáculo para ser lido tanto no que contém como naquilo que não está lá, aí reside afinal outra das suas fraquezas e das suas forças. Também nele interessa mais o espírito (a sua potencialidade crítica) do que a letra (a sua viabilidade).



BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE. (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.as feiras.

RESTAURANTE
QUINTA S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Premiado pelo S. N. I.
(M/ 15 anos)

A CARRUAGEM
BAR * RESTAURANTE * SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE
POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS
A FAMOSA PAELHA À VALENCIANA
PAÇO DE ARCOS
(junto do Jardim)
Telef. 2433878

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

HOTEL SOL E MAR * * * *
Albufeira, Algarve
Telefones: 52121/7
Telegramas: Rankotel
Telex 8217 — Gong - 1 P

OFERECE PREÇOS ESPECIAIS DURANTE O INVERNO 1972/73 EM REGIME DE PENSÃO COMPLETA, NA MAIS LINDA VILA DO ALGARVE.

PREÇO POR SEMANA ..... 1890$00 p. pessoa
PREÇO FIM DE SEMANA ..... 540$00 p. pessoa
SUPLEMENTO PARA REVEILLON ..... 180$00 p. pessoa
(nestes preços estão incluidas todas as taxas)

FAVOR CONTACTAR COM O VOSSO AGENTE DE VIAGENS OU DIRECTAMENTE.

COLISEU
HOJE, às 21.30
Grupo B — 10 anos
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
2.ª feira, 18 — ESTREIA da Companhia do NATAL

em 3 linhas

Foi concedida a medalha de prata de serviços distintos ao Hospital do Conde Sucena, em Águeda.

///

O eng.º João Heitor Moreira Mirrado foi reconduzido no cargo de director provincial dos Serviços de Agricultura e Florestas de Angola.

///

A Câmara Municipal de Esposende recebe em carta fechada, até o dia 18, ás 17 horas, para a arrematação do Hotel Suave-Mar, na base de licitação de 6 500 000$00.

///

Foi contratado como inspector do quadro do Serviço Nacional de Emprego, o dr. José Martins Sequeira e Serpa.

///

Foi aumentado o capital da Sociedade Agrícola do Cassequel, S. A. R. L., com sede em Cassequel, Catumbela, Estado de Angola, de 175 000 000$00 para 192 500 000$00.

///

O tenente-coronel Luis Fernando Dias Correia da Cruz foi condecorado com a medalha do Pacificador, do Brasil.

///

Foi concedido á Câmara Municipal de Aveiro o subsídio reembolsável de 7 500 000$00, destinado a obras de arruamentos envolventes do Edifício Torre e de alargamento da Rua Capitão de Souza Pizarro.

///

Vem no «Diário do Governo» (2.ª série n.º 288) o programa, já aprovado, do concurso para os lugares de escriturário-dactilógrafo, de 1.ª classe, terceiro-oficial, segundo-oficial, primeiro-oficial e chefe de secção do quadro da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

///

Os drs. Elísio Dias Belo Carmona e Manuel Inácio Cabral, exercem as funções de delegados do Comissariado do Desemprego, respectivamente nos distritos de Portalegre e Evora.

///

Foi concedida á Cooperativa Silvo-Agro-Pecuária de Vila Nova do Ceira (Góis) uma comparticipação para a obra de construção do caminho entre Várzea Pequena e o Santuário de Santa Quitéria.

///

Nomeados especialistas dos Serviços de Planeamento e Integração Económica de Angola o eng. Alberto Pereira de Sousa e o dr. Manuel José Alves da Rocha.

///

Foi concedido á Província Portuguesa da Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus alvará para o funcionamento de um estabelecimento de ensino particular — ciclo preparatório do ensino secundário e liceal (curso geral) — denominado «Colégio Apostólico do Sagrado Coração de Jesus», em Condeixa-a-Nova».

BMW 520
um carro de estirpe

Da estirpe BMW. Mas o mais progressista, seguro e requintado. Porque o novo 520 é a condensação de toda a experiência BMW – e o resultado é uma combinação perfeita – de performance desportiva, de segurança e de conforto. Visite a Exposição BMW e admire a mais avançada concepção automóvel – o BMW 520, além dos BMW 1602, 2002, 2002 tii, 3.OCS, 3.OCSi, 3.OS e 3.OSi.

Exposição BMW – Hotel Ritz
Hoje, das 15 às 23 horas.

Pelo prazer de conduzir – BMW

Soc. Com. Ind. de Automóveis **Francisco Batista Russo & Irmão, S.A.R.L.** Lisboa, Porto, Setúbal, Leiria e Faro. Agentes em todo o País.

LINTAS - 72-BMW-17

DL/NACIONAL

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 22
Sábado, 16, ESTREIA de «ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»
As marcações para 14 e 15 são válidas para 16 e 17 respectivamente. Domingo «matinée» às 16 h.
Sub. Fundo Teatro
Tel. 677299

Duas peças de teatro de Alice Gomes

A escritora Alice Gomes estará, na próxima terça-feira, de manhã e de tarde, na Livraria Quadrante, à Avenida Luís Bivar, para lançar dois volumes de teatro: «A Lenda das Amendoeiras e...» e «A Nau Catrineta e...».

O primeiro dos volumes é acompanhado por um LP que o IMAVE editou. A sessão da manhã (que se inicia às 10 horas) é destinada, fundamentalmente, às crianças das escolas; a da tarde, ao público em geral. Os volumes de teatro de Alice Gomes são distribuidos por Publicações Europa-América.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Gomes, Agente de Jornais — TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

Membros da comissão coordenadora de «O Natal visto pelas crianças» estudando os vários aspectos criadores que envolvem os trabalhos apresentados.

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

— proposta uma total liberdade criadora

Elevam-se já a vários milhares os trabalhos recebidos até agora com destino a «O Natal visto pelas crianças», iniciativa de grande interesse que o «Diário de Lisboa» promove pela 15.ª vez consecutiva. Isso demontra que os nossos jovens leitores, e os educadores, têm atendido com magnífica compreensão — o que nos cumpre agradecer — o pedido que lhes fizemos no sentido de nos enviarem as suas produções literárias e plásticas logo que as tivessem prontas.

Entretanto, lembramos que o prazo para a entrega dos trabalhos está quase a terminar: 15 deste mês. Uma outra nota queremos hoje salientar de novo. Como já afirmámos, as crianças têm absoluta liberdade para, dentro do tema proposto escolherem o aspecto que desejem tratar, seja por escrito, seja com o carvão, o pincel ou o barro.

Assim, desde os Reis Magos aos pastores, das festas do Natal — nas casas (a ceia, a árvore, a confraternização da família), nas ruas, etc. — às janeiras, das filhós às oferendas, da missa-do-galo a uma humanidade inspirada pela lição do que esta quadra representa, tudo pode ser a base dos trabalhos para o nosso concurso.

Mas já estarão fora do tema proposto, por exemplo, a última ceia a crucificação ou algo semelhante.

Entretanto, a lista dos prémios continua a aumentar. Além dos já anunciados (patrocínios do Ministério da Educação Nacional e da Fundação Gulbenkian; bicicleta da marca «Vilar»; prémio «Delfim Ferreira», para os concorrentes do Porto, etc.), outros apoios estão a chegar ao «Diário de Lisboa».

AUTORIZADAS AS ACTIVIDADES ESPERANTISTAS

Os esperantistas portugueses vão comemorar amanhã o 113.º aniversário do nascimento do dr. Lázaro Zamenhof, médico polaco que em 1887 criou o Esperanto, «**língua auxiliar internacional, simples, regular, harmoniosa, assimilável, lógica**» e que desde o seu aparecimento tem sido acompanhada «**pela ideia de fraternidade e de justiça entre todos os povos**» que dominava o seu criador.

As comemorações são promovidas pela nova Associação Portuguesa de Esperanto, que tem estatutos aprovados desde Maio, pelo Ministério da Educação Nacional. Efectivamente, só agora consideram os esprantistas oportuno regressar à vida associativa, que depois dum período de expansão, nas três primeiras décadas do século, começou a sofrer dificuldades de toda a ordem.

À frente da direcção da Associação estão o dr. Alves de Moura e o sr. Adolfo Nunes, que proferirão conferências amanhã e depois às 21 e 30, na Sociedade de Língua Portuguesa, onde tem funcionado uma Secção dedicada à língua internacional, «**segunda língua materna de todos os povos**». Simultâneamente, será inaugurada uma exposição bibliográfica, com centenas de espécimes editados em vários países. Os esperantistas reunir-se-ão num almoço, pelas treze horas de domingo, na Casa do Alentejo.

Em 1966, contavam-se em todo o mundo cerca de quatro milhares de organizações esperantistas, com mais de setenta milhões de membros. Não está calculado o número de esperantistas em Portugal, mas o ficheiro de simpatizantes da nova Associação tem já cerca de 600 entradas e propostas para mais de 200 membros, vindos de todas as profissões.

Problemas da pintura moderna

E hoje encerrado o ciclo de palestras sobre «Problemas da Pintura Moderna», proferidas pelo dr. Rui Mário Gonçalves, por iniciativa do Museu Nacional de Arte Antiga. Na última sessão, que se efectua às 18.30, naquele museu, o referido crítico abordará o tema «Que é a Modernidade?», seguindo-se um colóquio com o público presente.

uma marca de reputação mundial

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 LISBOA
costa pina, & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 PORTO

Ourivesaria PIMENTA
CONVIDA-O A VISITAR O CENTRO DE RELOJOARIA SEIKO
ULTIMOS MODELOS ACABADOS DE CHEGAR
RUA DE S. JUSTA LISBOA

1972 CAMPEONATO 1972
NACIONAL DE RALLYES

A FIAT PORTUGUESA FELICITA A EQUIPA

TORRALTA-FIAT

PELA BRILHANTE VITÓRIA QUE ALCANÇOU NO

CAMPEONATO NACIONAL DE RALLYES em Grupo I

(Viaturas de Turismo de Série)

1.º - Luís Netto - Jocames
2.º - Mário de Figueiredo - Carlos Barata
3.º - J. Carpinteiro Albino - Assis e Santos

Ao longo das 10 provas que constituem este Campeonato, a FIAT, persistentemente, ocupou sempre os primeiros lugares da tabela classificativa, numa extraordinária afirmação de regularidade que confirma uma vez mais a excelente qualidade das suas **viaturas de série**.

Os 3 primeiros classificados deste grupo, com viaturas FIAT de série, totalizaram individualmente, maior pontuação do que qualquer dos 3 primeiros classificados do grupo II (Viaturas **preparadas**)

Classificações da Equipa Torralta-Fiat

Rallye Targa

1.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
2.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos
4.º - Luís Netto – Jocames

Volta a Portugal

2.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
3.º - Luís Netto - Jocames
5.º - J Carpinteiro Albino – Assis e Santos

Rallye das Camélias

1.º - Luís Netto – Borsano
2.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos
5.º - Eng.º Heitor de Morais – Augusto Roxo

Rallye às Antas

1.º - Luís Netto – A. Pitta Domingos
2.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos
3.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
5.º - Eng.º Heitor de Morais – Augusto Roxo

Rallye Rainha Santa

1.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
3.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos

Volta ao Minho

2.º - Eng.º Heitor de Morais – Augusto Roxo
3.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos
4.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
5.º - Luís Netto – A Pitta Domingos

Rallye da Montanha

1.º - Luís Netto – «Scorpius»
3.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
4.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos

Volta à Ilha de S. Miguel

1.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos

Volta à Ilha da Madeira

1.º - Luís Netto – Jocames
2.º - Mário de Figueiredo – Carlos Barata
3.º - J. Carpinteiro Albino – Assis e Santos

Rallye Internacional TAP

1.º - Luís Netto – Jocames
3.º - Eng.º Heitor de Morais – P Mascarenhas

FIAT

DL/REPORTAGEM

TRANSPORTES PÚBLICOS : DA CRISE AO CAOS - 2

O UTENTE NÃO TEM CULPA DA FALTA DE ESTRUTURAS

Qual é a distância média, em termos estatísticos, que o lisboeta precorre diàriamente nas suas idas e vindas entre a casa e o trabalho? Segundo o apuramento realizado por uma entidade ligada à informação, (Psicoforma) a média estabelece-se nos sete quilómetros e meio aproximadamente. Entre os 2 500 chefes de família inquiridos e que vivem na área da chamada Grande Lisboa — a qual inclui os centros urbanos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra, Almada, Barreiro e Seixal — 7,25 por cento têm de percorrer de 15 a 25 quilómetros, 11, 2 por cento entre 10 e 15 quilómetros e daí para baixo. Os que menos andam para chegarem ao emprego ou em casa, ficam no número dos 5,4 por cento com apenas entre 500 metros e o quilómetro para «palmilhar».

Quer isto dizer, portanto, que as áreas populacionais convergentes a Lisboa, não são do género de «ao pé da porta» o que implica, de imediato, uma rede de transportes públicos de grande contenção e perfeitamente adequada às distâncias a cobrir e às disponibilidades do utente. E eis que logo a pergunta se impõe: existe essa rede de transportes?

ACOMPANHAR O PROGRESSO

Quando se fala em termos de progresso, há que analisar, antes do mais, os pontos de partida desse progresso. Durante muito tempo, Lisboa esteve regularmente servida de transportes. Nunca, porém, à medida dos seus desejos e necessidades, pois o apelo a uma melhoria dos transportes em tempo, espaço a cobrir e material circulante, vem de longe. Vamos pôr um exemplo: no inquérito que estamos a realizar junto do público e sobre as angústias das mais que cruciantes «horas de ponta», ouvimos algumas vozes explícitas. Um morador do Bairro da Graça, apanhado por nós numa paragem de autocarro em Sapadores, diz-nos:

— **«Já vivo aqui há catorze anos. Se me perguntam se alguma vez eu e os meus vizinhos nos sentimos satisfeitos com os serviços da Carris, responderei que não. Sempre conheci dificuldades em me deslocar para o emprego, que se situa em Belém. Autocarros que não vêm nunca dentro do horário estabelecido, eléctricos que se atrasam, condutores de uns e outros destes veículos que gostam de fazer «ronha» pelo caminho quando lhes cheira que podem chegar ao término da carreira em cima da hora de render. Depois, sempre houve, para determinadas horas do dia, uma certa escassez de transportes. Isto já se passava há seis ou sete anos atrás. Agora, porém, é muito pior. Não raras vezes espero aqui, nesta paragem, vinte minutos e mais, por um lugar num autocarro. Uma pessoa consulta os horários que a Carris espalhou pela cidade e vê que tem um autocarro, suponhamos às sete e vinte da manhã em Sapadores. Fia-se no horário e sai de casa às sete e dez, convencido de que às oito horas em ponto estará no emprego. Primeira desilusão: às sete e um quarto, o número de utentes que se encontra na paragem já ultrapassa largamente a lotação de qualquer autocarro, isto na suposição de que qualquer autocarro entra em Sapadores completamente vazio, o que não acontece. Portanto, a hipótese do autocarro das sete e vinte fica posta de parte. Esperamos e acabamos por verificar que o autocarro das sete e vinte só passa às sete e vinte e cinco e que o das sete e meia só chega aqui às sete e quarenta e por a fora»**

— Há sempre a possibilidade de apanhar um táxi — intervimos nós.

— **«Táxi? A determinadas horas onde é que se apanha um táxi nesta zona? Mas há outra coisa: a maioria das pessoas que usam o autocarro ou o eléctrico, fazem-no porque não podem gastar dinheiro em táxis. Eu ganho quatro contos por mês, não se esqueça, tenho três filhos e pago de renda mil e duzentos escudos, fora água e luz. Se eu gastar duzentos escudos de táxi num mês, é um drama.»**

Deixamo-nos ultrapassar pelos acontecimentos.

MAIS GENTE E MENOS TRANSPORTES

Fundamentalmente não interessa dizer-se **«faz-se o que se pode»** e manter as coisa como estão. Uma empresa de serviço público tem de fazer o que **deve** e não apenas o que **pode**. Problemas como o que estamos a tratar, não se resolvem com boa vontade e explicações ambíguas. O caso do metropolitano, por exemplo é bem sintomático duma má compreensão das empresas que pretendem dedicar-se à exploração dos transportes públicos.

— **«Aqui** — diz-nos um dos muitos passageiros do metropolitano com quem falámos em Entrecampos — **começa-se tudo pelo fim (referia-se, já se sabe, aos serviços do metropolitano.) Em lugar de se tornar o metro «uma coisa» com que o público possa contar e isto antes de mais nada, começou-se por aumentar o preço dos bilhetes e agora vamos a ver. Olhe: eu utilizo o metro todos os dias e sei bem os momentos de danação que isso me tem provocado. A mim e a milhares de pessoas como eu.»**

— **«Quando se fez o metro** — opina outro passageiro — **bem se podia ter feito tudo a pensar nos dez anos mais próximos, ao menos. Não aconteceu assim e eis os resultados. Agora, quando acabarem as obras da segunda fase, vamos verificar mais uma vez que nos deixamos ultrapassar pelos acontecimentos, pois quando essa segunda fase estiver pronta já não comporta o número sempre crescente de passageiros e lá voltamos nós à mesma.»**

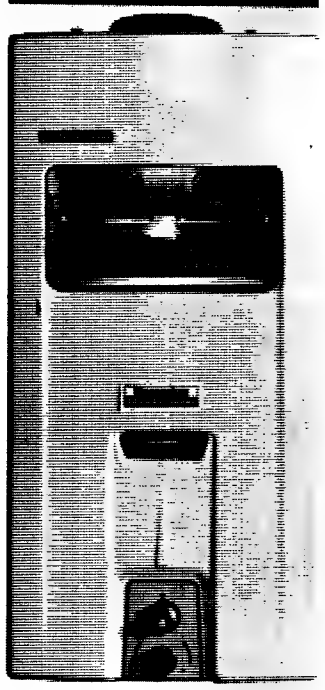
«Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão» — diz o ditado popular. Não será o caso dos transportes públicos. O utente tem, realmente, razão.

E senão, note-se o que acontece ao entrarmos no pormenor das coisas. Em 1960 a população da cidade de Lisboa, da cidade pròpriamente dita, quer dizer, dentro dos seus limites de cidade, era de 782 266 habitantes. A já citada «grande cidade», que engloba as vilas suburbanas e de que deixámos referências no princípio deste trabalho, contava, também em 1960, à volta de duzentos mil habitantes. Hoje atinge cerca de 600 000 habitantes.! Ao contrário, Lisboa pròpriamente dita, sofreu um decréscimo, entre 1960 e 1970, de 21 291 habitantes. Conhecem-se as razões deste fenómeno: descentralização das indústrias, alargamento da área reservada só aos serviços, preços de casa mais suaves nos arrabaldes, o que tem levado muita gente para fora da cidade, para os «dormitórios» dos arredores. Assim, é fácil chegar à conclusão de que quanto maior for a população suburbana, maior terá de ser o seu poder de deslocação. E só existe poder de deslocação, quando existe uma rede de transportes bem montada e eficaz.

— **«As companhias de transportes, quer sejam de comboios, de autocarros ou de metro** — diz ainda uma senhora que reside em Benfica — **vêm logo com desculpas sempre que acontecem atrasos ou coisas piores. Que não têm culpa, que o facto se deve a não sei quê. Então é o utente o responsável? Basta chover umas horas para assistirmos a uma série de aborrecimentos causados pelo mau serviço dos transportes. Se as estruturas das empresas fossem as adequadas, claro não se passaria nada disto. E não creio que se possa acusar o utente da falta de estruturas seja do que for»**

Em cima deste desabafo, vem mesmo a talhe de foice acrescentarem-se os seguintes dados: em 1962 a Carris tinha em circulação 374 autocarros e 420 aléctricos motores com mais de cem atrelados. Havia, portanto, pela parte da Carris, **há precisamente dez anos,** 894 veículos ao serviço da população lisboeta. Lògicamente, se essa população aumentou em cerca de 40 por cento a Carris deveria ter aumentado o número de veículos na mesma proporção. Mas tal não aconteceu, como fàcilmente se deduz: em 1972 a Carris possui 563 autocarros (mais 189 que em 1962), porém, diminuiu substancialmente a quantidade de eléctricos: 374 com motor e 78 atrelados, ou seja, menos 46. Mesmo levando em conta que os autocarros (e este é um argumento que não nos parece válido) tenham maior lotação que os eléctricos, não restam dúvidas de que a evolução dos números não andou a par das necessidades criadas pelo novo cômputo populacional. Começa, aqui, a razão do utente. Mas há mais.

esquentador
Vesuvius
SAUNIER DUVAL



Vesuvius
SAUNIER DUVAL
abriu
correu
aqueceu
NA COZINHA
sempre que é preciso
água quente
PARA O BANHO
sempre que é preciso
água quente
instantâneamente...
água quente!
Vesuvius
SAUNIER DUVAL
com
GARANTIA
OCL
OLAVO CRUZ LDA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto Conceição Correia, R. Alexandre Herculano, 16 ODEMIRA

no Natal
ofereça
um disco
utilizando
o
cheque-
-disco*

*o cheque-disco é a possibilidade de oferecer discos sem receio de cair em repetições. Quem o recebe é que escolhe, tendo ao seu alcance os êxitos das mais qualificadas marcas mundiais
COLUMBIA • PARLOPHONE
VOZ DO DONO • DECCA
CAPITOL • LONDON

À venda nos revendedores habituais e em
VALENTIM DE CARVALHO
EI SARL

AVISO

ÀS FIRMAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS E AO PÚBLICO EM GERAL

«Laboratórios Fotográficos Óscar Coelho da Silva», Praça D. João da Câmara, 4 - 4.º, em Lisboa, informam de que deixou de prestar serviços, a partir do dia 30 de Setembro deste ano, o sr. Ermelindo Lisboa (fotógrafo), pelo que declinamos qualquer responsabilidade em actos de carácter profissional ou particular.

«Laboratórios Fotográficos Óscar Coelho da Silva», sócio n. 176 do Grémiio Nacional dos Industriais de Fotografia.

Lisboa, 30 de Novembro de 1972.

DL/GERAL

CAMPANHA ANTI-POLUIÇÃO

Um prémio mensal de dez contos vai ser atribuido pelas empresas Lisnave e Gaslimpo a artigos e reportagens sobre poluição e questões relacionadas com a defesa do meio ambiente, publicados na Imprensa ou divulgados através da Rádio e da Televisão. Os prémios serao atribuidos durante seis meses e contemplarão matéria publicada entre 14 de Dezembro de 1972 e 7 de Junho de 1973. A campanha tem o apoio do presidente da Comissão Nacional do Ambiente, eng. Correia da Cunha.

NEM AS BORBOLETAS SÃO LIVRES!

Para promover em Portugal o lançamento do filme «As borboletas são livres», o cinema Mundial realizou uma exposição com várias dezenas de borboletas de coleccionadores portugueses, mas provenientes de todos os cantos do mundo.

Na verdade, encontram-se ali maravilhosos lepidopteros, como o Enxanthe Crosslevi do Quénia ou o Nepheronis Argia do Malawi. Trata-se aliás, de uma das mais importantes exposições organizadas no nosso país e uma das três melhores e mais qualificadas em toda a Europa.

Todas as borboletas se encontram agrupadas pelos continentes, como seja a Asia, a Africa ou a América. Continuando a nossa visita, deparámos perante um belo exemplar, Actias Selene, originário da Birmânia e ainda outros da India, Timor, Formosa, Uganda ou Congo. Alinham-se numa extraordinária mistura de cores, que surpreende agradàvelmente o visitante menos prevenido. Estamos a recordar-nos de uma enorme borboleta castanha do Himalaia, uma outra «Papiha Horisharia» do Ceilão, o simples «Papilio» da Bolívia ou o «Palilio Corochus «da Venezuela.

Diante deste fabuloso «cemitério» de lepidopteros, será caso para pensar que **nem as borboletas são livres!**

ESCOLA VEIGA BEIRÃO

Encontra-se patente, na Escola Comercial Veiga Beirão, até ao próximo dia 18, e no princípio compreendido entre as 18 e as 22 horas, uma exposição promovida pelos alunos da Secção Desportiva deste estabelecimento de ensino, evocativa das actividades de educação física, particularmente nas modalidades de ginástica, atletismo, voleibol, basquetebol e andebol.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 183/72

Eu, ANTÓNIO JORGE DA SILVA SEBASTIÃO, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço público que, tendo em atençao o previsto na parte final do Art.º 25.º do Decreto-Lei n.º 409/71, de 27 de Setembro e como é tradicional na Cidade de Lisboa durante o período de festividades do Natal e Ano Novo, com a prévia aprovação do I. N. T. P., se estabelecem os seguintes períodos de abertura dos estabelecimentos comerciais de venda ao público.

a) De 15 a 22 do corrente mês de Dezembro podem estar abertos no período das 13 às 15 horas e encerrar às 20 horas.

b) Nos dias 23 e 30, podem igualmente estar abertos no período das 13 às 15 horas e encerrar às 21 horas.

c) Os dias 17, 24 e 31, serão como normalmente, de descanso semanal para os estabelecimentos de venda ao público, em que se incluem os estabelecimentos denominados «Supermercados».

E, para constar, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 13 de Dezembro de 1972.

O PRESIDENTE,
(António Jorge da Silva Sebastião)

3K

BRINDES DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

RB

Rynbende

Momentos quentes e alegres. A sós. Longe da multidão. Quando se compartilha Rhum RB com alguém especial. A melhor companhia.

A ESCOLHA DO SEU REQUINTE

UM DOS PEQUENOS SEGREDOS DA VIDA

DL/GERAL

INFORMAÇÃO SOCIO - ECONÓMICA

ESPO-AVE-ALGARVE-72

A Associação dos Avicultores de Portugal vai organizar, em Faro, a Espo-Ave-Algarve-72, certame que tem a colaboração do Município e o patrocínio do nosso prezado colega «Diário de Notícias».

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

A Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil divulgou uma divertida relação das novidades surgidas no sector da exportação. Ei-las: 12 000 macacos vivos para o Mercado Comum Europeu e Estados Unidos; 381 serpentes vivas para os Estados Unidos; 266 quilos de cálculos biliares para o Japão, ao que parece para a preparação de um produto que, injectado em ostras, provoca o nascimento de pérolas; 13 000 quilos de tamancos para os Estados Unidos e Canadá; 4000 quilos de estômagos e bexigas secas de animais no valor de 530 000 dólares; barbatanas de baleia e tubarão para Hong-Kong e França; 3000 moedas de ouro comemorativas do tricampeonato mundial de futebol para a Suiça; urnas mortuárias de madeira para o Paraguai no valor de 750 cruzeiros; cadeiras de barbeiro para a União Soviética.

INTERESSES PETROLÍFEROS

Representantes da Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo, do estaleiro japonês Kawasaki e da Lisnave, estiveram reunidos em Lisboa para tratarem da construção de um estaleiro de reparações navais em Bahrein.

OFERTA MONETÁRIA

LUANDA (ANI) — Segundo se anuncia num estudo agora divulgado em Luanda por uma instituição bancária, contràriamente ao que vinha acontecendo há pelo menos três anos, a oferta monetária, em Angola, sofreu uma quebra de 5,2 por cento durante os primeiros meses deste ano e, em relação a idêntico período de 1971, um crescimento de apenas 4,8 por cento.

Tal situação salienta-se no estudo — foi motivada pelos meios imediatos de pagamento — ou, mais concretamente, as disponibilidades à vista sob a forma de depósitos à ordem e contas-correntes. A sua participação baixara consideràvelmente no conjunto total da oferta monetária (de 67,2 por cento para 71,7 por cento).

Quanto aos depósitos a prazo e com pré-aviso, continuaram a sua linha ascendente, embora com índices de expansão mais baixos. O crédito bancário também diminuiu, durante aquele período, devido à quebra verificada no desconto de papel, o que, em relação à banca comercial, se traduziu numa quebra de 800 mil contos (ANI)

MINI TRACTOR

LOURENÇO MARQUES,(ANI) — Encontra-se em Lourenço Marques um pequeno tractor concebido especialmente para a mecanização da agricultura tradicional, nomeadamente em zonas onde falte o gado e as terras sejam leves.

Promovido pela Junta Provincial de Povoamento e com a colaboração da Direcção de Agricultura e Florestas, fez-se já uma demonstração operacional da máquina, cujas caracteristiccas despertam interesse entre os directores dos serviços técnicos da Secretaria Provincial de Terras e Povoamento.

Trata-se de um protótipo construído por um técnico do departamento de engenharia rural da universidade do Lesoto, Botsuana e Suazilândia, para substituir a tração animal no amanho das terras. Os seus inventores chamaram a esse pequeno tractor «Tinkabi» que significa «muitos bois»: ou seja, uma máquina capaz de realizar o trabalho de vários animais de tiro.

bebidas estrangeiras

GIN
GORDON

COGNACS
COURVOISIER
BISQUIT

ARMAGNACS
CHATEAU DE MALLIAC

WHISKIES
WHITE HORSE
LOGAN'S
HIGHLAND QUEEN
GRAND 15
MARTIN'S 20 ANOS
BALLANTINE
BALANTINE 12 E 17 ANOS
ANTIQUARY
CANADIAN CLUB
J. W. HARPER BOURBON
JOHN JAMESON

LICORES
DRAMBUIE
CHERRY HEERING
TIA MARIA

CHAMPAGNES
HEIDSIECK MONOPOLE
MUMM CORDON ROUGE
MUMM CORDON VERT

VINHOS DE MESA FRANCESES
J. CALVET
(BORDEUS E BORGONHA)
JACOBERT
(ALSACIA)

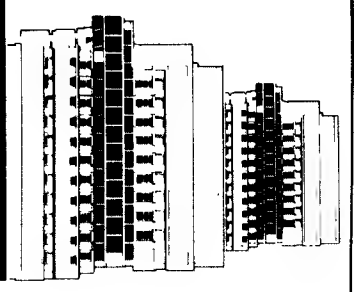
VINHOS DE MESA ALEMÃES
ANHEUSER & FEHRS
(RENO E MOSELA)

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM 73 LISBOA
TELEFONES P P C (4 LINHAS) 32 00 31 4

costa pina & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM 420 PORTO
TELEFONES 26562 32228 35221 37222

quantas noites de convívio pela sua casa? já foram destruídas

Encontre uma casa onde os seus amigos gostem de estar.
Pense por si, olhe para a sua casa.
Quantas vezes ela já lhe recusou agradáveis noites de convivio com os seus amigos mais intimos. Dificil, verdadeiramente dificil é encontrar uma casa onde os seus amigos gostem de ir, gostem de estar originando um convivio alegre e vivo.
Descubra essa casa.
Visite os apartamentos modelo da TORRE 2 em Alferragide.



mais que uma casa um modo privilegiado de vida

UBE

SIEMENS

previna-se já!
defenda-se do frio

De grande rendimento com reduzido consumo, montagem saliente e ocupação mínima de espaço, os novos e variados modelos de convectores e irradiadores eléctricos Siemens, com dimensões adequadas, podem ser instalados em todo o género de construções
Oferecem ainda as vantagens de terem regulação de temperatura, baixo aquecimento da placa exterior, linhas e cores harmoniosas e funcionamento silencioso.

Peça informações à
Siemens

Av. Almirante Reis, 65 - Telef 53 88 05
Lisboa - 1
Rua das Carmelitas, 26-2.º - Telef 28943
Porto

aquecimento PROTOTHERM- da Siemens

DL/ARTES PLÁSTICAS

PRIMEIRA GALERIA DE ARTE INAUGURA - SE EM LUANDA

A Sociedade Portuguesa de Arte Contemporânea inaugura em Luanda no próximo dia 16, à noite, uma Galeria de Arte, a primeira a ser organizada por aquela Sociedade de Artistas.

Para o acto inaugural, em que será apresentada uma exposição colectiva de obras de artistas portugueses, **deslocou-se a Luanda o pintor Carlos Lança, presidente** executivo da Sociedade, que nos informou de que, em Janeiro do próximo ano, será inaugurada em Lisboa uma Galeria que será o centro de exposição, **na Metrópole, da Soc. Portuguesa de Arte Contemporânea.**

A Exposição inaugural da Galeria em Luanda reúne obras, entre outras, dos seguintes artistas: Álvaro Perdigão, Gracinda Marques, Kira, João Martins, António Leite, Álvaro Lapa, Jorge Timóteo, Silvia, Manoel Barbozza, Jorge Brandeiro, Victor Pi, Armando Loureiro, Eduarda Feio, Luís Lobato, Figueiredo Sobral, Cristiana Nogueira, etc.

A inauguração da Galeria é aguardada em Luanda com bastante expectativa, sobretudo nos meios afectos **às artes plásticas.**

Do programa estabelecido, constam, uma palestra de Lança no **Museu de Luanda, e ainda uma mesa-redonda, que reunirá artistas e jornalistas para se debaterem** problemas de Arte em Angola.

Estabeleceu-se também um programa destinado à actividade da Galeria em Luanda e que se destina sobretudo a apoiar artistas angolanos através de exposições individuais e colectivas. Esta é a primeira galeria a funcionar em tais moldes em Angola.

A Sociedade Portuguesa de Arte Contemporânea, de acordo com a sua programação para o próximo ano, **realizará 4 exposições colectivas na Metrópole, uma em Espanha e uma outra, em Julho, em Angola** no Salão do C.I.T.A., e Luanda, havendo pedido apoio para esta última realização ao Ministério do Ultramar.

LUSOMUNDO

JOHN CASSAVETES
A REVELAÇÃO DO
NOVO CINEMA AMERICANO

tempo de amar

GENA ROWLANDS · SEYMOUR CASSEL
Argumento e realização de JOHN CASSAVETES
Technicolor Grupo D 18 anos
6.ª SEMANA
estúdio Apolo 70

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

VENDE-SE

PRÉDIO ANTIGO
NO CENTRO DE CASCAIS

COM PROJECTO APROVADO PARA MORADIA DE LUXO, PODENDO TAMBÉM FAZER-SE PRÉDIO DE APARTAMENTOS

PREÇO: 2.000 CONTOS SUJEITO A OFERTA

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.

AV.ª VALBOM, 28-1.º — Telef.: 280749
Mediador Oficial — CASCAIS

ao seu alcance!

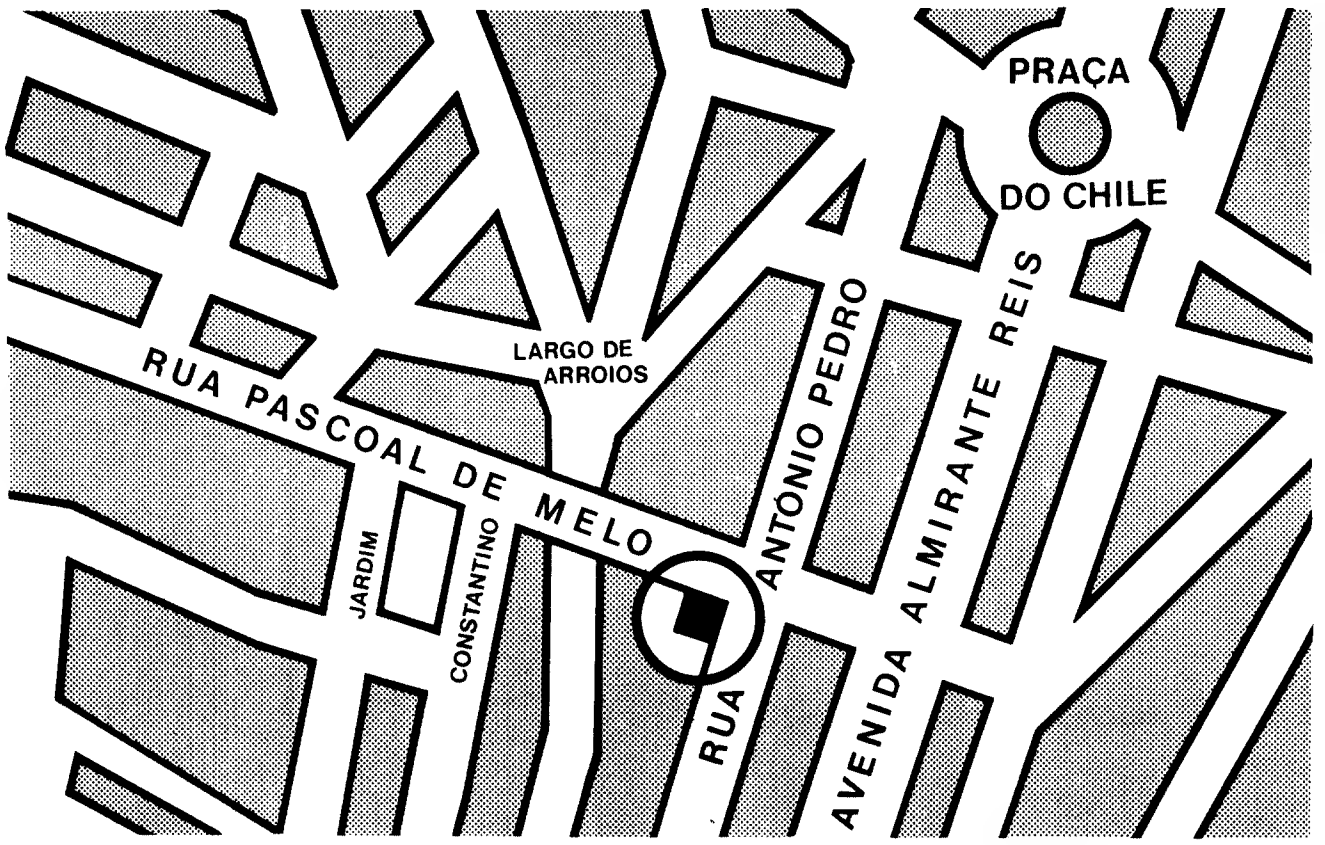
75.000
CONTOS
LOTARIA DO NATAL

BILHETES E SUAS FRACÇÕES

CASA COSTA

75, RUA DE S. PAULO — LISBOA-2

DEPENDÊNCIA
NA
PASCOAL DE MELO



Rua Pascoal de Melo, 7-A
Rua António Pedro, 113-B
LISBOA
(Novas instalações)

PERTO DE SI
PARA LHE PRESTAR
MELHORES SERVIÇOS

BANCO BORGES & IRMÃO FUNDAÇÃO 1884

Banco Borges & Irmão

DL/INQUÉRITO

Vinho mais caro, vamos bebé-lo?

«Beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses!» — clamava um **slogan** ao mais corrente e querido dos alcoois, em tempos anteriores à emigração maciça que restringiu a mão-de-obra em campos e parreirais.

O milhão incluiria os armazenistas, distribuidores, intermediários e retalhistas que comem do que bebemos? Os vindimadores são menos, ganham mais e para eles também o comer está mais caro. O aumento das jornas de trabalho e a escassez da produção do ano são factores a que normalmente se atribui o aumento dos preços dum produto de consumo indispensável, segundo os hábitos de economia alimentar do país, e que em certas regiões substitui as calorias, mais onerosas de obter, da carne, do peixe, dos ovos e das frutas.

Está mais caro o vinho, o consumo restringe-se, queixam-se os vendedores. Mas como a carestia tudo atinge, é já com certa resignação que ao chegar à tasca se paga mais três tostões pelo «balde de três» que desanuvia do trabalho que dá ter de os ganhar. Com vinho se «esquecia» a vida mais cara, com vinho se lembra agora quanto mais cara está: **in vino veritas**, no vinho a verdade.

«Como se costuma dizer: o Zé Povinho é que paga isto tudo» — exclama Arnaldo Matos, de 58 anos, proprietário dum pequeno estabelecimento de vinhos e comidas frequentado por operários. «O lavrador teve de puxar a manta com o preço das jornas e o ano também foi mau. Ainda não gastei o vinho que tinha ao preço antigo, por isso os preços novos são só para o barril novo que além está». **Tinha marcado a giz: 11$00. Atrás do comerciante, um barril de tinto ostentava ainda os saudosos 7$00.** «A clientela adapta-se, uns mais outros menos, porque o vinho faz falta à gente. Mas sempre se bebe menos isso não leva dúvida». **Ao lado alguém gritou:** «Bebia três, só bebo um, ora veja lá se não prejudico a si também!» Arnaldo de Matos contestou: «Não é só o beber menos. É que a nossa margem de lucro também baixa, para podermos vender: ganhava 20, agora fico-me pelos 15 por cento.

«Há dois meses fui aumentado dez escudos. Entretanto a vida subiu».

Abílio Soares da Costa, 38 anos montador de estores, que passou do meio litro para os três decilitros ao almoço e que reduziu para dez os «vinte ou trinta copitos que ia debicando durante o dia: só nesta tasquita eram uns dezasseis que contava ao fim do trabalho. Gasto agora em almoço, copos e tabaco uns 70$00 por dia, como é que se pode viver quando se ganha só cento e tal? E a mulher e os filhos? Já tinha diminuído a dose porque não havia dinheiro. Mas agora, com o aumento, é que não pode ser mais. O melhor ainda era deixar de beber. Eu sou tipo que não se vai abaixo. E que gosto mesmo do vinho: e às vezes apanho cada serradura que o caminho é todo meu. Agora pago isto mais caro, como é que vai ser?»

«Um litro de vinho por dia, e vinho avulso» **é quanto se consome em casa de Ermelinda Sousa Araújo, de 29 anos, empregada dum liceu particular, casada com um electricista. Não vão deixar de beber por causa do aumento:** «Paciência!», **exclamou,** «tudo sobe, não se sabe onde é que isto vai parar! Ouço toda a gente a queixar-se do aumento, acho que podiam ter ido mais devagarinho e subir o preço aos poucos.

Na casa em que trabalho às vezes, a casa duma professora, o aumento não se sentiu: bebem muito pouco, uma garrafa por semana, mas mesmo que bebessem mais não se queixavam. Agora para nós, dois escudos é dinheiro. Veja eu que trabalho das seis da manhã às oito da noite e ganho dois contos por mês. E se bebessemos mais?»

«Eu bebo, e bem, e continuo a beber!» — **declarou o cauteleiro Abílio Alves, de 56 anos, com quarenta de profissão. Anunciava, a sessenta escudos, uma sorte grande do Natal a que no ano passado nos podíamos candidatar só por 50.** «**E já vendi cautelas a cinco escudos! Já ninguém quer lotaria! Isto nem dá para os copos! Eu deixar de beber era morrer. Bebo o que me pagam ou que eu posso dar. Agora vão pagar menos, já se sabe. Fazia-se a festa por dez, agora faz-se por vinte. Sei lá do que é o aumento! Se calhar é porque há mais vinho no mercado. Ou então menos, tanto faz. O certo é que somos nós quem paga e agora paga-se mais. E eu ganho menos, não lhe sei dizer mais nada».**

Eu andava a querer escrever ao vosso Director para dizer que o que vinha no jornal sobre o aumento do vinho era mentira, quanto ao que se passa lá na minha região!» — **assim nos recebeu um lavrador e produtor de uva de Palmela, Francisco Gomes, dono também de negócios de porcos e indústrias de lavandaria em Lisboa.** «Em Palmela, pelo menos, não é verdade que a uva ficasse mais cara ao armazenista. Ficou mais barata. O vinho deveia ser portanto mais barato este ano. Em 71 vendi a tina de 900 quilos de uva por três contos e trezentos. E sabia com antecedência o preço que iam fazer. Este ano, só na altura da venda soubemos que nos pagavam só três contos. Trezentos escudos de diferença! E veja que no ano passado paguei 80$00 por dia às mulheres vindimadoras: pois este ano elas não quiserem trabalhar por menos de 100. Agora os porcos», **continuou, agastado, o comerciante:** «eu vendi o quilo limpo de porco, no Verão, a 27$00. Agora só mo querem por 23. Mas vai-se ao talho e lá está o mesmo quilo a 80$00 e mais. Donde é que me vem o ganho para cobrir o prejuízo da vinha? Agora as lavandarias», **prosseguiu, e quem o ouvisse pensaria que a vida lhe vai negra:** «nas minha lavandarias limpava um fato completo por 65$00. Agora só posso levar 50$00.» **E o vinho outra vez:** «O aumento, penso eu, facilita aos armazenistas e aos intermediários, embora o pessoal deles não tenha subido muito os salários. Se comprarem o vinho mais baarto e o vendem mais caro é porque querem ganhar mais. Eu, que faço a uva, é que não deixo de a beber!»

«Lá em casa são três garrafões por semana», **diz um empregado de escritório, António Ferreira de Araújo, de 39 anos.** «Mas somos quatro pessoas a beber em todas as refeições. Ao preço a que está o vinho, paguei-o noutro dia a 8$50 e 8$70 o litro, quase que mais vale beber cerveja: não é que saia mais barato, pelo contrário, mas a diferença de preço vai sendo menor e quem gosta de cerveja tem agora maior tentação. Se continua a subir o vinho, é claro que não vou deixar de beber, que refeição sem um copinho não é nada! Mas sei lá se vou ter de baptizá-lo e começar com misturas... A razão do aumento, penso eu, foi o estado do tempo que não foi bom para a uva. Mas isto é a subida de tudo, vá-se lá a saber!»

NATAL—ANO NOVO

BRINDES ÚTEIS E DE FINO GOSTO

Lavores Femininos

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D

LAVORES

RUA AUREA, 179

FINE CHAMPAGNE V.S.O.P.

Bisquit

costa pina, & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA

PILULAS DE ALHO ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE

CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

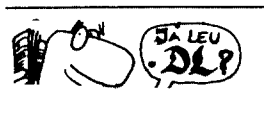
PREPARADO POR:
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal:
CREFAR — R. DA MADALENA, 171 2.º — LISBOA

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

BMW 520
um carro de estirpe



DL/GERAL

Assembleia dia-a-dia acordo geral quanto aos acordos

FAltam dois dias (incluindo o de hoje, aliás desdobrado em duas reuniões, de manhã e de tarde) para conclusão dos trabalhos da Assembleia Nacional antes das férias do Natal. E caiu na Mesa uma chuvada de inscrições. A sessão de ontem terminou depois das 19 e 30. Bem tem avisado o eng. Amaral Neto os seus pares de que não devem deixar para a última hora...

NÃO HÁ PROBLEMAS

A reunião plenária de ontem teve dois assuntos na ordem do dia: apreciação dos Acordos da República Portuguesa com as Comunidades Europeias (Mercado Comum e Comunidades do Aço e do Carvão) e a continuação da discussão na generalidade da proposta de Lei de Autorização de Receitas e Despesas Lei de Meios) para 1973. Naquela primeira parte intervieram, ràpidamente, quatro deputados: Franco Nogueira, Roboredo e Silva, Barreto de Lara e Homem de Melo este para ler, simplesmente, o parecer das Comissões de Negócios Estrangeiros e de Economia sobre os Acordos. Não houve, nem parece que haverá, problemas. Os deputados «liberais» eram favoráveis à iniciativa do Governo, e os outros, aqueles que defendiam a valorização do chamado espaço económico português, como o deputado Franco Nogueira, acabaram por admitir certas evidências: face à evolução da Europa, não havia outro caminho a seguir, sob pena de vermos fechadas as portas do nosso principal cliente — o Mercado Comum. E no entendimento do dr. Barreto de Lara, as coisas para os territórios do Ultramar não serão tão más como chegou a recear-se, pois não só a dependência não pode nunca ser absoluta como ficam abertas portas para a exportação de variados produtos africanos. Quanto ao almirante Roboredo e Silva, voltou a lembrar a necessidade de ser constituída uma indústria nacional de armamento, até porque os Acordos o não impedem.

AS CAUSAS DA INFLAÇÃO

Na discussão na generalidade da proposta de Lei de Meios, o deputado portuense Joaquim de Macedo adiantou uma interpretação pessoal para o fenómeno: **«A mão de obra barata e abundante que tivemos até aos anos sessenta permitiu uma estrutura agrícola e industrial caracterizada por uma utilização intensiva de trabalho, com muito fraca produtividade deste factor. A forte corrente emigratória dos últimos anos veio destruir completamente esse precário equilíbrio, indesejável no aspecto social e inconveniente, pelo baixo poder de compra que originava, no plano económico».** O deputado entende, portanto, que impôr medidas restritivas do poder de compra não pode ser solução. E deste modo contraria Joaquim de Macedo as teorias frequentemente aventadas — mesmo e sobretudo em S. Bento — de que as causas do surto inflaccionista que tanta gente já considera alarmante — e não sem justas razões — não podem resumir-se aos aumentos salariais, às despesas militares, às receitas do turismo e às vultuosas remessas dos emigrantes, sem **«resposta satisfatória do lado da oferta»**. O orador referiu a necessidade de canalizar para investimento reprodutivo boa parte dos capitais disponíveis e criar condições que limitem o aumento das importações em produtos que o país pode perfeitamente criar. No sector da habitação, que considerou igualmente importante, pensa o dr. Joaquim de Macedo que só uma acção massiva do Estado na criação de fortes conjuntos de casas de renda económica pode contrariar as tendências especulativas existentes, as quais se manifestam no preço dos terrenos, passam pelos preços dos materiais de construção e se reflectem de maneira dramática nos custos da venda ou aluguer.

O IMPOSTO

Último orador da longa sessão de ontem (nada menos de 15 deputados usaram da palavra, e estavam 22 inscritos...), o dr. Cunha Araújo, político da velha guarda do Regime, representando o círculo de Vila Real, insurgiu-se contra o imposto previsto sobre os automóveis. Argumentos principais: o deputado desconhece o que sejam «carros sumptuários» e duvida que, a existirem, o seu número justifique uma tributação rentável; o automóvel é uma necessidade, e os de maior cilindrada justificam-se, muitas vezes, pela natureza dos serviços que prestam; já existe forte tributação, directa e indirecta, sobre os veículos automóveis; a tributação na base da cilindrada não se compreende, sendo em princípio razoável fazê-lo na base do preço de custo; corre-se o risco de isentar milhares de possuidores que utilizam os veículos exclusivamente para dar os seus passeios dominicais.

Outros oradores nos debates em torno da Lei de Meios: Agostinho Cardoso, Pereira de Magalhães e Ribeiro Veloso.

A UNIVERSIDADE

Para o deputado Aguiar e Silva, jovem docente da Universidade de Coimbra e que, de vez em quando, intervém em termos de «política pura», certos problemas (como o universitário) não admitem discussão de rua. Parafraseando o prof. Afonso Queiró, (que citou), problemas como o da Reforma do Ensino devem ser discutidos «às claras» na Assembleia Nacional, devendo-se evitar (voltamos a citar o dr. Aguiar e Silva) «**tanto o escolho do autocratismo técnico-burocrático como o escolho do apelo a uma informe e falaz participação da opinião pública**». De facto, **«os governos têm o dever e a conveniência de submeterem à apreciação das assembleias legislativas aqueles diplomas que, pela sua magnitude intrínseca, pelas suas implicações e consequências, abrangem domínios e valores fundamentais da vida colectiva»**.

Com esta linha de pensamento, preparava-se o deputado para basear a sua teoria de que as **«soluções tecnocráticas»** na Universidade, em oposição às **«soluções tradicionais»**, não resolvem o problema da contestação, antes lhe abrem mais a porta. Referiu a normalização que se verificou no último ano na vida escolar da Universidade de Coimbra, como exemplo de que a Universidade não deve ceder, sobretudo se estiver consciente de uma realidade que, no entender do deputado Aguiar e Silva, indica uma orientação marxista em todos os movimentos contestatários. A preocupação fundamental do orador resume-se nesta pergunta quase final: **«Perante esta minoria impregnada de ideologias de raiz marxista, onde está, na nossa Universidade, uma juventude preparada doutrinàriamente, suficientemente numerosa, fortalecida psicológica e moralmente, capaz de assumir o encargo de opor uma barreira eficaz à contestação?»** E comentou logo a seguir: **«E ela não vai nascer nem do mini-basquete, nem da natação, nem dos cómodos ecletismos, nem dos engodos pecuniários...»**

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

CONTRA O TABACO

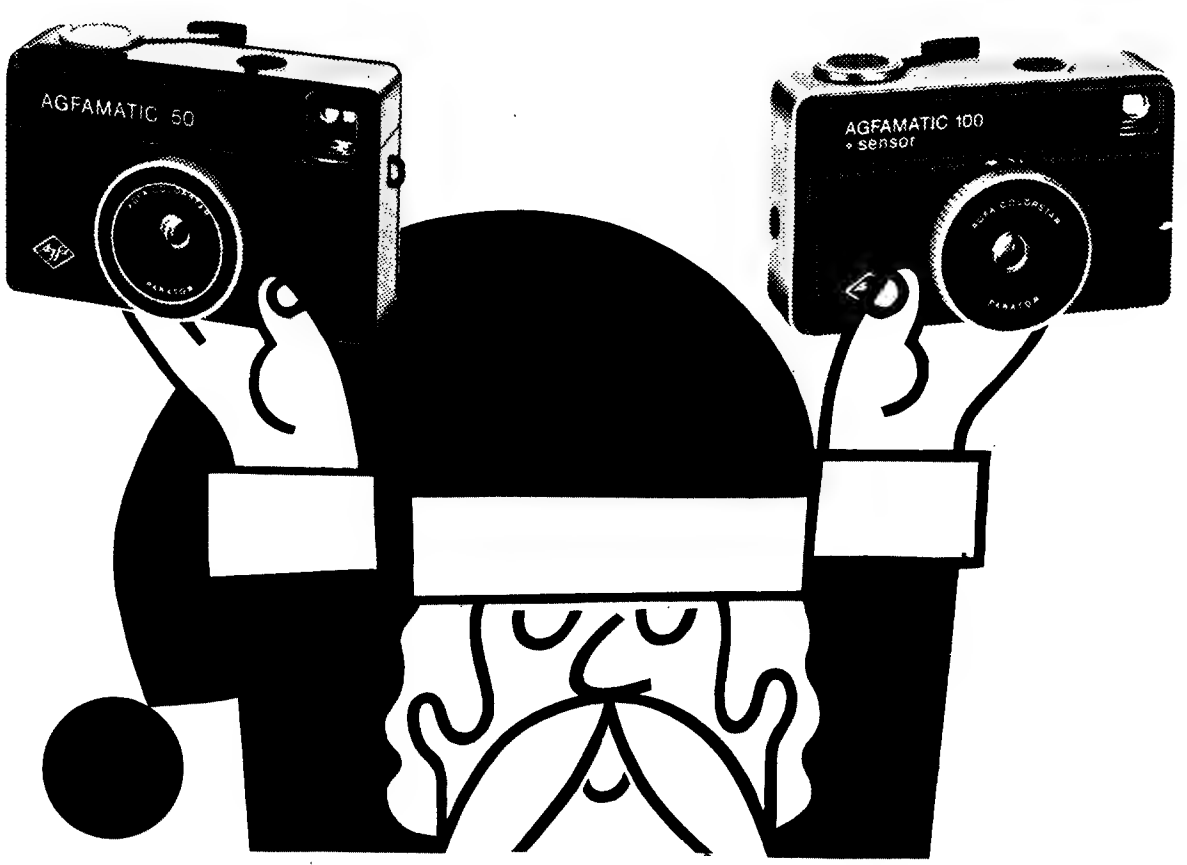
O eng. Correia da Cunha continua preocupado em **«limpar o ambiente»**. Como ontem noticiàmos, apresentou um projecto de decreto-lei visando o condicionamento da publicidade do tabaco, que talvez ainda seja discutido nesta sessão. Nas suas bases essenciais, o diploma preconiza a proibição de propaganda na rádio, televisão e cinema de qualquer empresa tabaqueira ou marca de tabaco; e ainda o condicionamento de publicidade do tabaco através de qualquer outra forma. Pretende também impôr nas embalagens de tabaco nacional expressa referência ao seu teor em substâncias nocivas. Referência que deve ser bem destacada. E prevê a inclusão nos programas das disciplinas de Higiene e Saúde Física, Ciências Geográfico-Naturais e Ciências Naturais dos vários graus de ensino, de capítulos referentes às consequências perniciosas do uso do tabaco na saúde individual e pública. Essa informação deverá estender-se a outros estádios da vida colectiva. **«Se este projecto se constituir em lei** — afirmou o eng. Correia da Cunha ao apresentá-lo — ter-se-à dado um passo de gigante no sentido de desmistificar uma das grandes contradições do nosso tempo; e essa consistente em, por múltiplas formas, se forçar a intoxicação de um povo que, por outro lado, se pretende desenvolver a todo o transe. E um povo que se desenvolve não é, como muita gente pensa, um povo que produz e consome cada vez mais. É assim um povo constituido por cidadãos mais felizes, mais saudáveis, mais conscientes».

POLUIÇÃO DO BARREIRO

Ainda antes da ordem do dia, o deputado setubalense Olímpico Pereira pediu a concessão do subsídio do Natal aos ferroviários da C.P.. E aproveitou, igualmente, para pedir que aos ferroviários da linha do Estoril sejam pagas as importâncias a que têm direito, **«ao abrigo do Acordo Colec-**

Continua na pág. 21

Guarde para sempre o seu Natal de hoje



Agfamatic

Guarde para sempre o seu Natal de hoje, com Agfamatic – a câmara cassete mais segura do nosso tempo. Agfamatic apresenta-se em vários modelos: Agfamatic 50. 100, 200 e 300, com caracteristicas e preços diferentes mas todos com a reconhecida qualidade AGFA.

Agfa AGFA-GEVAERT

Todos os modelos Agfamatic estão equipados com magicube e um filme Agfacolor CNS.

Agfamatic
um prazer que permanece

DL/ESTRANGEIRO

O Vietcong fez explodir o maior depósito de munições do Vietname do Sul

SAIGÃO, 14 — (ANI, FP e R) — O Vietcong abalou hoje esta capital ao fazer deflagrar milhares de toneladas de explosivos no maior depósito de munições do Vietname do Sul, situado apenas a 10 km a leste de Saigão.

Fontes militares comunicaram que sapadores comunistas penetraram no perímetro de arame farpado da área do depósito de munições de Thanh Tuy Ha, junto da vila de Cat Lai, durante a noite passada e, aparentemente, deixaram, antes de a abandonar, cargas espoletadas.

Disseram ainda que os sapadores fugiram, mas uma notícia não confirmada dizia que tinham sido alvejados a tiro.

As primeiras notícias comunicavam que quatro soldados governamentais ficaram feridos devido às explosões.

As detonações em cadeia principiaram duas horas antes do romper do dia e continuaram depois do meio-dia, oito horas depois.

Um troar distante e firme foi sublinhado por gigantescas explosões e ondas de choque que estilhaçaram as montras de vários estabelecimentos de Saigão, fazendo com que habitantes corressem a procurar abrigo, com receio de que a capital estivesse a ser submetida a um ataque com foguetões.

As maiores explosões foram causadas por incêndios que atingiram enormes casamatas, onde estavam guardadas bombas.

Um oficial sul-vietnamita, contactado pelo telefone numa profunda casamata subterrânea de Cat Lai, disse que milhares de toneladas de explosivos foram pelos ares.

É provável que o ataque venha a provar-se ser o pior em termos de estragos materiais tão perto de Saigão durante a ofensiva norte-vietnamita, que dura há oito meses e meio e foi desencadeada em 30 de Março passado.

As explosões deram uma cor de laranja ao céu matinal sobre Saigão, fazendo aparecer nele as silhuetas de barcaças de munições que se encontravam no rio Saigão, perto de Cat Lai.

Os jornalistas não foram autorizados a aproximarem-se esta manhã do acampamento de Cat Lai e soldados sul-vietnamitas dispararam tiros para o ar para os fazer voltar para trás.

O ataque acrescentou um realismo violento a certas notícias pessimistas de Paris e de Washington de um resultado inconclusivo das conversações secretas de paz entre o conselheiro presidencial americano, dr. Henry Kissinger, e o emissário de Hanói, Le Duc Tho.

Círculos políticos de Saigão afirmaram que o presidente Thieu declarara mais tarde a um grupo de deputados que os Estados Unidos tinham exercido grande pressão sobre o Governo sul-vietnamita para levá-lo a aceitar a fórmula de paz que estava a ser redigida em Paris.

Notícias não confirmadas acerca da reunião de Thieu com deputados e senadores citaram o Chefe de Estado como tendo aludido a uma deterioração das relações com os Estados Unidos por causa das conversaçoes de paz.

O Governo de Saigão resistiu violentamente à minuta do acordo americano-norte-vietnamita, publicado em Outubro último, e insistiu em que o Vietname do Norte se deve comprometer em qualquer acordo para retirar as suas tropas do Sul.

Entretanto, o diário parisiense «Le Figaro» diz que os delegados dos Estados Unidos e do Vietname do Norte já concluiram pràticamente um acordo de paz.

Dizendo basear-se em círculos fidedignos, o jornal observa que a notícia do acordo será dada em breve, simultâneamente em Washington e em Hanói. «Le Figaro» acrescenta que Kissinger e Le Duc Tho rubricam o documento antes do Natal.

Por outro lado, o Vietname do Norte opôr-se-á a qualquer modificação do conteúdo dos acordos de Outubro e exige a sua assinatura rápida pelos Estados Unidos — declarou ao chegar à Avenida Kleber o chefe adjunto da delegação de Hanói, Nguyeb Minh Vy, substituto do ministro Xuan Thuy.

Congresso do P.C.F.

Na abertura do vigésimo congresso do Partido Comunista Francês, o secretário-geral adjunto Georges Marchais apresenta o programa comum de governo acordado no Verão passado entre três partidos da esquerda francesa (Socialistas, radicais de esquerda e comunistas). (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Fim da última visita ao satélite da terra

HOUSTON, 14 (FP e R) — Pela última vez até ao fim deste século, pelo menos, a Lua recebeu a visita de dois homens. Das 75 horas passadas no vale Taurus-Littrow, Eugene Cernan e Harrison Schmitt consagraram 21 à exploração, num raio de 33 quilómetros, é a colecção de instrumentos científicos que funcionarão durante muito tempo depois da sua partida. As actividades dos astronautas, fora do Lem «Challenger», dividiram-se em três períodos (teledifundidos) de sete horas cada um.

Os exploradores lunares americanos Eugene Cernan e Jack Schmitt fizeram a última colheita da «Apolo-17», fecharam a escotilha do seu módulo de desembarque, o «Challenger», às primeiras horas de hoje e preparavam-se para descolar, às 23.56 de Lisboa, da superfície do satélite natural da Terra.

O fim de uma era breve de exploração lunar foi assinalado por uma mensagem à juventude e por uma recordação aos futuros viajantes da Lua.

A mensagem assumiu a forma do que Cernan classificou como uma pedra lunar muito típica, que podia ser partida e dividida entre os 79 países, incluindo Portugal, que enviaram estudantes para assistirem ao lançamento e às explorações lunares da «Apolo-17».

A recordação era uma placa simples num dos lados do módulo lunar, assinada pelo presidente Nixon e pelos três astronautas da «Apolo-17».

A placa dizia: «Aqui o homem completou as suas primeiras explorações da Lua em Dezembro de 1972 AD. Possa o espírito da paz, com o qual viemos, ser reflectido nas vidas de toda a Humanidade».

Depois, após prestarem homenagem ao pessoal da indústria aéro-espacial que tornaram tudo isto uma realidade, Cernan e Shcmitt voltaram ao «Challenger».

Schmitt, um geólogo, parou no caminho para recolher uma última amostra lunar.

«Jack, estais sempre a apanhar pedras» — observou Cernan.

Quando o centro de controle da missão lhes pediu para se apressarem e voltarem ao «Challenger», Cernan notou, fatigado: «Como tudo isto tem sido uma experiência, direi que estamos ambos prontos para o fazer».

Esta visita parece ser, até agora, a mais conseguida de todas as missões lunares. Fez ressaltar os progressos alcançados na adaptação do homem ao ambiente hostil da Lua e parece ter trazido alguma coisa de novo no plano científico, que talvez seja bastante para justificar a fantástica epopeia lunar, agora terminada.

As três grandes cadeias americanas de televisão só dedicaram, desta vez, alguns breves minutos, — nas horas de maior audiência às excelentes imagens provenientes da Lua.

Anteriormente, a reportagem em directo da totalidade dos acontecimentos passava à frente de todos os programas, qualquer que fosse a hora das saídas lunares.

Partida da Lua esta noite

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (TEXAS), 14 (ANI) — É o seguinte o programa de hoje dos astronautas da missão Apolo 17 (horas TMG e sujeitas a alteração):

6 e 08 — Ron Evans adormece no módulo de comando «América»

10 e 32 — Adormecem Cernan e Schmitt.

14 e 38 — Evans é acordado.

18 e 32 — Cernan e Schmitt são acordados.

23 e 56 — O módulo «Challenger» descola da superfície lunar.

2 e 58 — (de sexta-feira) — o «Challenger» reune-se ao módulo de comando «América».

Hipótese de atentado no atropelamento de Barnard e Bárbara

CIDADE DO CABO, 14 (F.P. e R.) — Mantém-se satisfatório o estado do professor Christian Barnard e da esposa, Barbara, hospitalizados a noite passada, depois de terem sido atropelados por uma camioneta. Barnard, que foi projectado a alguns metros de distância tem fortes contusões no torax. A mulher, que está grávida de vários meses, ficou ferida no peito e nas costas. Foi levantada do chão coberta de sangue e, juntamente com o marido, inanimado, receberam os primeiros socorros de um médico que passava no local.

No hospital de Groot Schuur, o dr. Marius Barnard, irmão da vítima e seu imediato assistente nas transplantações, passou a noite à cabeceira do casal.

Uma vaga de indignação abateu-se esta manhã sobre toda a Africa do Sul, quando se confirmou que os autores do acidente fugiram depois de atropelarem as vítimas, sem se preocuparem com os feridos.

Um automobilista que perseguiu a camioneta, ocupada, segundo ele, por dois adolescentes, conseguiu tomar nota do número da matrícula. Por uma coincidência curiosa, essa matrícula corresponde à cidade natal do professor Barnard (Beaufort West) e, entretanto, toma corpo a hipótese de um atentado. Na verdade, o célebre cirurgião anunciou recentemente em público que não voltaria a pôr os pés em Beaufort West e os habitantes dessa fortaleza «Afrikander» da Província do Cabo tinham criticado severamente Barnard por se ter dissociado do Partido Nacionalista, no poder e ter aderido à causa do Partido Unido da oposição.

Mensagens e telegramas de simpatia afluem de todas as partes do mundo.

Por outro lado, foi preso um africano em ligação com o desastre. As autoridades retêm também uma camioneta.

Burton na pele de Mussolini

ROMA, 14 (R) — O actor britânico Richard Burton vai desempenhar o papel de Benito Mussolini, e sua mulher Elizabeth Taylor, o de Clara Petacci, num filme a rodar no próximo ano.

Essa película que se intitula «La Fine» mostrará os últimos dias do ditador italiano e de sua amante, ambos fuzilados pelos combatentes da Resistência, em Abril de 1945, e pendurados de cabeça para baixo em Milão, onde os seus corpos foram exibidos ao público.

Burton vai desempenhar mais esse papel histórico, depois de ter incarnado já as figuras de Trotsky e do marechal Tito.

Actualmente, o actor está a rodar em Roma um filme em que desempenha o papel do coronel nazi Herbert Kappler, responsável pelo massacre de 335 reféns italianos, como represália pelas operações da Resistência.

Caleidoscópio

ATENTADO CONTRA OLAF PALME — Um albanês residente em Halsinborg queria matar o primeiro-ministro sueco Olaf Palme. Segundo uma notícia do jornal «Expressen» confirmada pela Polícia de Estado, o atentado deveria ter-se realizado ontem. Palme tem sido alvo de ameaças deste género desde que o seu Governo decidiu vigiar mais de perto as actividades de certos grupos estrangeiros, suspeitos de terrorismo. A Polícia continua a procurar o albanês na capital e na cidade onde vive. (F. P.).

SUBMARINO — A agência Tass desmentiu ontem as notícias segundo as quais um submarino soviético tinha sido descoberto num fiorde perto de Christian Shaab, Dinamarca, e classifica-as de «novas invenções antisoviéticas» fabricadas, como as outras, por «certos jornais dos países da OTAN» e destinadas «a intimidar o pequeno-burgûes». Conclui a agência que a imaginação dos «propagandistas da OTAN» não chega para as suas aspirações antisoviéticas. (F. P.).

CHUVA DE CHEQUES — Elementos da Polícia, dos serviços secretos bancários estão a procurar milhares de cheques governamentais, com um valor nominal de mais de três milhões de dólares (cerca de 78 mil contos), que foram levados pelo vento em Denver (Colorado). Cerca de 20 000 cheques foram espalhados a noite passada num troço de 1600 quilómetros numa auto-estrada, após a porta das traseiras de um camião se abrir quando o veículo ia a caminho do aeroporto local, a maioria deles foi recuperada, mas mais de 7000 ainda não apareceram.

POMPIDOU NA CHINA — O presidente Pompidou visita a China no próximo Outono — diz hoje o jornal parisiense «L'Aurore». Citando círculos fidedignos aquele jornal diz que o presidente decidiu aceitar um convite formulado pelos chineses quando em Julho deste ano esteve em Pequim o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumman. (ANI).

ALUGUER MÚLTIPLO — A Polícia prendeu em Turim Ludovico Carbotta sob a acusação de ter «alugado» o mesmo apartamento a cem pessoas, recebendo de renda cem mil liras (3600$00) de cada uma, e em seguida desaparecendo. Mais tarde informou que a sua firma de imóveis falira. (ANI).

Perón visita o Paraguai

BUENOS AIRES, 14 (R) — O antigo presidente Juan Perón deve partir hoje da Argentina para uma visita de dois dias ao Paraguai.

O seu secretário particular, José Lopez Rega, declarou aos jornalistas, a noite passada, que o antigo presidente, mais tarde, irá também ao Peru e a Espanha, e possívelmente à Roménia e à China, antes de regressar à Argentina, no dia 6 ou 8 de Janeiro.

Hoje, antes de partir de Buenos Aires, Perón deve anunciar a sua decisão sobre se aceita ou não a nomeação como candidato às eleições presidenciais que vão realizar-se em Março.

3K
OFERTAS DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

DL/ESTRANGEIRO

Guerra de preços em 1973 na aviação comercial

GENEBRA, 14 (ANI) — As linhas aéreas não conseguiram ontem chegar a um acordo quanto os preços de voos sobre o Atlântico Norte, abrindo assim caminho a uma guerra de preços em 1973.

A Associação Internacional de Transportes Aéreos anunciou que o facto de não se ter conseguido chegar a um acordo sobre novos preços que possam competir com o nível mais baixo dos preços de voos fretados resultará numa situação de «mercado aberto» a partir de um de Fevereiro de 1973.

A IATA culpa os Governos envolvidos, pelo desacordo entre as 40 companhias aéreas que têm voos sobre o Atlântico Norte. De acordo com a associação, os Governos não impuseram um controle rígido às companhias de voos fretados.

O director geral da IATA, Knut Hammarskjoeld, declarou: «Os Governos poderão estabelecer bases compensatórias para os preços dos voos fretados. Criando novos conceitos nos transportes aéreos, os Governos só cumprem metade das suas obrigações para com o público e as companhias de aviação».

Informadores da IATA revelam entretanto que, dentro de uma semana a dez dias, as companhias aéreas devem estabelecer os seus próprios preços de acordo com os Governos.

«Haverá uma considerável confusão até as companhias verificarem que os preços diferentes de cada uma estão a prejudicar em conjunto» afirmou um destes informadores.

Não há tempo para se realizar outra conferência antes de um de Fevereiro, data em que expira o actual acordo de preços entre as companhias, porque estas têm que delinear as suas carreiras para 1973.

Apesar de se ir verificar uma situação de «mercado aberto», não se espera uma guerra aberta dos preços.

«As companhias aéreas têm bastante senso económico para evitarem isto» referiu um informador.

Cinco companhias norte-americanas e outras europeias já concordaram em possíveis estruturas de preços, ao passo que o Governo canadiano e diversos Governos europeus afirmam que aumentarão o seu controlo sobre as companhias de voos fretados.

O público em geral deve ser beneficiado com esta situação, devido às companhias aéreas irem dimunuir os preços de férias, aproximando-os daqueles que são praticados pelas companhias de voos fretados, além de adoptarem a mesma medida em relação aos voos normais.

«REVOLTA» DE HOSPEDEIRAS

PARIS, 14 (R.) — As hospedeiras de terra do aeroporto de Orly, em Paris, fartas de usarem durante quatro anos o mesmo uniforme vermelho, apresentaram-se ao serviço com um trajo escolhido por elas próprias camisolas azuis e saias de um amarelo vivo.

«Tudo o que desejamos é ser mais elegantes, mais modernas e mais sedutoras aos olhos do público, explicou uma das jovens.

A administração do aeroporto concordou em discutir a sua queixa acerca do vestuário.

Ataque com foguetões através da fronteira da Irlanda do Norte

BELFAST, 14 (ANI) — Soldados ingleses foram atacados com foguetões disparados da República da Irlanda, no primeiro ataque deste género lançado do outro lado da fronteira — anunciou um informador militar.

Dois veículos do exército inglês que patrulhavam uma área fronteiriça foram alvejados com três foguetões, um dos quais explodiu muito perto deles. Os atacantes, em seguida, abriram fogo de metralhadora.

Os soldados ripostaram ao fogo, afirmando ter atingido um dos atacantes.

O informador do exército disse ter sido a primeira vez que foram disparados foguetões do outro lado da fronteira. Nas últimas semanas, soldados e polícias têm sido atacados com foguetões, na Irlanda do Norte. Oficiais do exército afirmam que os ataques efectuados no Ulster foram lançados pelo Exército Republicano Irlandês (IRA), clandestinos utilizando foguetões de fabrico russo introduzidos na Irlanda do Norte, vindos de países árabes, através da Espanha e da República da Irlanda.

No Leste de Belfast, um jovem de 16 anos foi ferido por tiros disparados de um automóvel que se deslocava em grande velocidade.

Ontem cerca de trezentos jovens católicos e protestantes efectuaram ontem uma manifestação a favor do que afirmaram ser o desejo do público de que se estabeleça a paz entre as duas comunidades.

«Compreendemos que outras pessoas são mais atingidas pelos actos de violência do que nós» declarou um dos manifestantes. «Queremos que outras pessoas se juntem a nós, a fim de mostrar que todos estão fartos de violência».

Por outro lado, numa reunião realizada com William Whitelaw, ministro inglês para a Irlanda do Norte, o antigo primeiro-ministro Brian Faulkner, e três outros membros do seu Partido Unionista reiteraram o pedido de que seja restabelecido o Governo interno.

Pedidos semelhantes têm sido rejeitados pelo Governo inglês, que impôs o Governo directo da província em Março, numa tentativa para pôr termo a mais de três anos de actos de violência.

Morte do escritor L.P.Hartley

LONDRES, 14 (R.) — O distinto escritor britânico L. P. Hartley, autor do livro de grande êxito «The go-between», faleceu a noite passada na sua residência nesta capital. Tinha 76 anos.

Filho de um solicitador, Leslie Poles Hartley foi educado na Universidade de Oxford e inicialmente tornou-se conhecido como autor de contos. O seu primeiro volume, «Night fears», foi publicado em 1924.

Desde 1923 e durante vinte anos, Hartley escreveu artigos para importantes jornais e revistas britânicos.

Uma das suas obras mais conhecidas é «The go-between», publicada em 1953 e que se tornou recentemente um filme de grande êxito.

A sua capacidade e brilho literário foram comprados, por diversas vezes, com os de Jane Austen, Nathaniel Hawthorne e Henry James.

3ª SEMANA

estúdio nucleu-janus

Nem o sol nem a morte podem olhar-se fixamente. *La Rochefoucauld*

A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV

(*La Prise de Pouvoir par Louis XIV*)

animatógrafo apresenta

um filme de ROBERTO ROSSELLINI

Eastmancolor
Grupo C 14 anos

TEATRO SÃO LUIZ

Ruth Escobar

apresenta

HOJE EM MATINÉE
às 18,30 horas

Missa Leiga

de CHICO DE ASSIS

O maior sucesso dos palcos brasileiros de 1972

Maiores 14 anos

50% desconto aos estudantes

ÚLTIMAS EDIÇÕES

O GRANDE ROMANCE DA BÍBLIA

Pearl Buck (Prémio Nobel)

Um grande romance em que o amor e o ódio, o desespero e a esperança, a perversão e a inocência vivem lado a lado, num conflito sem tréguas.

Colecção DOIS MUNDOS — *Preço: 90$*

AS HORMONAS SEXUAIS

Prof. K. D. Voigt e Dr. H. Schmidt

Um livro de caracter científico, mas escrito de maneira acessível, que nos traz importantes revelações e dados da maior relevância na história das hormonas sexuais.

Colecção VIDA E CULTURA — *Preço: 60$*

À VENDA NAS LIVRARIAS E TABACARIAS
edições da
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA
Rua de Ceuta, 80 — PORTO

CIGRECI
INFORMÁTICA

DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES
FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO
E
AGRADECE A PREFERÊNCIA DADA NA COLOCAÇÃO DE PROGRAMADORES DE COMPUTADORES
E
OPERADORAS DE PERFURAÇÃO E VERIFICAÇÃO FORMADAS PELO NOSSO CENTRO
(CURSOS PERMANENTES DE PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO)

★

(CURSOS PROGRAMADOS DE INTRODUÇÃO, COBOL, R. P. G. E OUTROS)
Av. Defensores de Chaves, 60, 3.º, Dt.º
Telef. 776577/Lx 5

COLUMBIA PICTURES presents
uma produção Carlo Ponti Production

VEJA-A

Sophia Loren — Adriano Celentano

COMO NUNCA A VIU ANTES...
FERIDA PELO AMOR DE UM HOMEM
E CURANDO O MAL DOS OUTROS!

o pecado

(BIANCO ROSSO...E)

com Fernando Rey · Juan Luis Galiardo and with Tina Aumont

arg. de Iaia Fiastri · Antonio Guerra · Alberto Lattuada · Ruggero Maccari
real. de Alberto Lattuada

An Italo-French-Spanish Coproduction

GRUPO D/18 ANOS

3ª SEMANA DE ÊXITO NO IMPERIO nucleu-janus

DL/ESTRANGEIRO

A FOME AMEAÇA 60 MILHÕES DE INDIANOS

Continuação da pág. 3

milhões de toneladas, as reservas ter-se-ão esgotado em quatro meses.

O governo afirma que a colheita de Inverno agora projectada produzirá 4,6 milhões de toneladas de cereais que serão adicionados às reservas. Todavia, o ano passado, quando as condições climatéricas eram muito melhor do que são actualmento, foram apenas produzidos 3,2 milhões de toneladas, pelo que, na melhor das hipóteses, é provável que as reservas não durem mais de seis meses.

Em terceiro lugar, ao ter de recorrer aos Estados Unidos para as suas importações, o governo dará a impressão de estar a abandonar a sua atitude de veementemente antiamericana do ano passado.

Como um dos meios para preparar a opinião pública para esta mudança, o governo declarou que a Índia «Não implorará» esmolas, adquirindo os alimentos de que necessita com divisas fortes.

Os comentadores da imprensa têm aplaudido, regra geral, esta posição orientado no sentido da independência, ainda que, pelos preços actuais, dois milhões de toneladas de trigo americano entregues à Índia custassem 200 milhões de dólares, diminuindo consideràvelmente as reservas de divisas estrangeiras de 1 000 milhões de dólares da nação.

No passado, a India recebeu a maior parte das suas importações de cereais dos Estados Unidos, tendo pago em rupias. Como resultado, os Estados Unidos ficaram com uma enorme conta em rupias em aberto. Devido ao declínio das relações indo - americans durante a guerra do Bangladesh do ano passado, a Índia insistiu em que não voltaria a procurar esse auxílio.

As razões fundamentais pelas quais a sra. Gandhi e os seus principais conselheiros adoptaram esta posição é a convicção de que os créditos em rupias dos Estados Unidos interferem com os esforços da Índia no sentido da auto - suficiência.

Muito embora esta atitude não tenha vacilado na actual crise, o governo mostra claramente que gostaria de melhorar as suas relações com a administração Nixon.

Logo após a reeleição do presidente, a sra. Gandhi enviou-se uma expressiva mensagem de felicitações. O presidente respondeu elguns dias depois com uma nota de felicitações pelo aniversário do premeiro - ministro.

Desde então, os ministros do governo indiano têm-se esforçado por diminuir a importância de uma série de ataques à «Central Intelligence Agency», dos Estados Unidos. Garantiram aos membros do Parlamento que os Estados Unidos não recomeçaram os embarques de armas para o Paquistão e que a demora de Nixon em nomear um novo embaixador não significa que os Estados Unidos estão a ignorar a Índia.

..«O que se está a passar», declarou uma fonte ligada à embaixada, «é que a Índia compreende que vai ter de coexistir com o sr. Nixon durante mais quatro anos, e é disparatado prolongar uma «vendetta» durante todo esse tempo.»

. Durante meses, os funcionários governamentais indianos repetiram que pertencia aos Estados Unidos darem o primeiro passo no sentido da melhoria dos laços entre os dois países. Alguns observadores estão convencidos de que a recente diligência americana junto do Banco Mundial no sentido de escalonar novamente as dívidas da Índia foi considerado esse passo inicial.

Todavia, em virtude das dificuldades que enfrenta à escala nacional e internacional, não é provável que a Índia tome, por seu turno, medidas de grande alcance ou drásticas, quer aproximar-se diplomàticamente dos Estados Unidos, quer ao adquirir cereais americanos. Pelo contrário, é provável que a situação evolua lentamente com altos e baixos.

Segundo uma fonte indiana absolutamente digna de crédito, a compra dos cereais efectuar-se-á «aos poucos», havendo possìvelmente alguns contratos pequenos com um ou dois países além dos Estados Unidos.

Os funcionários governamentais asseveram que estão a ser enviados «batedores» para o Canadá, Austrália, Argentina e outros países. Todavia, segundo as autoridades indianas e americanas, trata-se em larga medida de um pretexto.

..«Todos estes países têm os seus compromissos», declaou uma fonte do Ministério da Agricultura. «o único fornecedor viável da quantidade de que necessitamos são os Estados Unidos.»

. De momento, o governo dá a impressão de tentar demorar a sua decisão o mais possível. Há ainda uma vaga esperança de que algumas chuvas de Inverno caiam nos próximos meses, aumentando a quantidade da próxima colheita. Porém, toda a parte ocidental do país, que compreende as principais zonas de produção de arroz e trigo, recebeu menos de 60 por cento da sua pluviosidade anual normal. Em todo o país, apenas os Estados de Kerala e Orissa estão a beneficiar da pluviosidade normal.

Um Estado que normalmente envia 800 000 a 800 000 toneladas de arroz por ano para outros Estados, necessita este ano de um milhão de toneladas de arroz além de cereais de segunda qualidade para a alimentação humana e animal.

«Isto significa», declarou um especialista indiano em questões de agricultura, «que 60 milhões de pessoas correm o risco de passar as maiores privações. Todos estes termos que o governo utiliza, tais como seca, escassez, etc. não passam de eufemismo. A palavra é apenas uma: fome.»

O HOMEM QUE RECUSOU A MORTE

Um acidente de guerra, deixou-o num estado quase irreparável. No entanto, o coração batia ainda e os pulmões respiravam. Quase recuperado para a vida, sobreveio-lhe uma pneumonia grave e o coração deixou mesmo de bater. No entanto, não era o fim e em breve voltou a sentir as dores atrozes das queimaduras, dos maxilares desfeitos, dos membros partidos. Leia o impressionante relato de como este homem resistiu à morte, no número de Dezembro de Seleções do Reader's Digest.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria Paula Avenida do Casino, 14 ARMAÇÃO DE PERA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Bica «Bica. «Casa Palma Bica», Praça do Brasil SETÚBAL

CAMPANHA CONTRA BARNARD

CAPE TOWN — Uma impiedosa campanha política desencadeada contra o Professor Christian Barnard pelo Partido Nacionalista Afrikaner, no poder na Africa do Sul, ameaça destruir a célebre equipa de transplantações cardíacas por ele chefiada. Desde que anunciou, há duas semanas, que tencionava participar na política e estaria disposto a uma eventual eleição para o Parlamento, os políticos e os jornais nacionalistas esforçam-se demiti-lo do Hospital Groote Schuur — hospital do Estado. E provável que, se Barnard se afastar, outros membros da equipa de transplantações apresentam igualmente a sua demissão.

O governo teme que a decisão de Barnard e de seu irmão, o Dr. Marius Barnard, de ingressar na vida política em oposição ao partido nacionalista tenha uma influência enorme aquando das próximas eleições gerais dada a personalidade dos dois homens.

EXPOSIÇÃO
NATIONAL
NOVIDADES DE NATAL
A sonipol AJUDA-O
A ESCOLHER A SUA PRENDA
* *
Visite o nosso salão de exposiçoes da Av. 5 de Outubro, 56, onde lhe apresentaremos as últimas novidades NATIONAL, e teremos o prazer de lhe oferecer um brinde.
Este salão encontra-se aberto do dia 11 a 20 do corrente atê às 24 horas, exceptuando o sábado e domingo.

Assad substitui Sadat no mundo árabe

Por DAVID HIRST Exclusivo The Guardian/DL

. O Presidente sírio Hafez Assad parece ser actualmente o dirigente árabe a seguir. Ao por termo à boicotagem económica que impõe há 15 meses à Jordânia, e ao mostrar uma nova agressividade em relação a Israel, assume uma atitude cujo desfecho é difícil adivinhar.

A boicotagem imposta depois de Hussein ter expulso os «fedayin» palestinianos das suas derradeiras bases na Jordânia não alcançou os seus objectivos — o regresso dos «fedayins» dado que o Egipto e a Síria deixaram aí, deliberadamente, escapatórias, tendo-as secretamente rodeado sempre que tal se revelou necessário. Na verdade, estes dois países não estavem dispostos a provocar a queda de Hussein, nem a atirá-lo completamente para os braços de Israel. Por outro lado, a boicotagem mostrou ser um obstáculo tão dispendioso para a Síria como para a Jordânia. Todavia, com Hussein, que se mostrava tão intransigente como sempre, era difícil Assad levantar a boicotagem sem nada obter em troca.

Os recentes combates nas colinas de Golan, com o prestígio que deles resultaram para os «baassistas», proporcionaram-lhe uma oportunidade. As informações de Damasco dão a entender que Assad presistirá n e s t e caminho. Cônscio porém, de que os israelitas consideram tratar-se de uma ocasião excelente para exercer represálias sem proporção com os estragos infligidos — se não mesmo para destruir toda a máquina militar síria — Assad pensa evidentemente que chegou a altura de arrebatar a iniciativa ao Presidente egípcio, Sadat, o qual parece não saber qual a política a adoptar. Como seria de esperar, os russos encorajam-no, e os aviões «Antonovo» continuam a transportar armas para Damasco.

Parece, todavia, que aquilo que desencadeou a nova política foi um «rid» israelista contra duas posições militares no centro da Síria, os quais não depararam com qualquer oposição. O facto de os sírios não terem disparado um único obús, dado que isso dependia de autorização superior, encolerizou de tal modo o exército que quatro oficiais, um dos quais «baasista», foram submetidos a julgamento e condenados à pena de prisão. A direcção do partido e o alto comando encontraram-se mais tarde a fim de elaborarem uma nova política de resposta susceptível de atribuir uma maior autoridade aos comandantes locais. O Presidente Assad ligou o seu próprio futuro a esta política, à medida que o culto da personalidade, descrevendo-o como o «camarada chefe», de desenvolver paralelamente.

Assad, que é relativamente popular, constitui o principal trunfo de um regime caracterizado pela falsidade e impopularidade, e poderia muito bem tentar explorar a sua popularidade pessoal para suavisar alguns dos aspectos mais desagradáveis do seu Governo. Recentemente, entrou em conflito com o irmão, Fifaat Assad, cujo comportamento à frente das guardas pretorianas assumia uma grande notoriedade, parecendo estar disposto a reduzir os seus poderes.

Se a política de beligerância continuar, os «fedayin» actualmente autorizados a entrar em G o l a n quando recebem autorização escrita do exército já não poderão atacá-lo pela sua reconciliação com Hussein, e, com o Canal, do Suez agora reduzido a um embaraçoso silêncio, tão pouco o Egitpo o pode fazer.

Deste modo, o fim da boirotagem explica-se não só sob o aspecto económico, mas também político. Todos os meios são bons. O objectivo confessado de Assad consiste em «criar uma atmofesra propícia que permita ao exército jordano ocupar o seu lugar na confrontação com o inimigo» ao lado «das outras forças (como os «fedayin») que podem desempenhar um papel na batalha da libertação». O exército jordano encontra-se actualmente de prevenção contra a Síria, e não contra israel. Como é natural, a Jordânia recebeu a decisão Síria como uma vaga vitória, mas não isenta de aspectos embaraçantes. Hussein daria a impressão de estar demasiadamente ocupado com a sua tentativa de procura da paz para voltar a ingressar nas fileiras árabes com a ressurreição «da frente oriental». E, contudo, se a Síria tiver verdadeiramente a intenção de prosseguir a sua perigosa confrontação com Israel, Hussein, a quem este ramo de oliveira é oferecido, tem menos pretextos para permanecer afastado.

ASSEMBLEIA-DIA-A-DIA

Continuação da pág. 17

tivo de Trabalho e que já foram definidas pelo sr. secretário de Estado do Trabalho e Previdência.» O deputado referiu-se também aos problemas de limpeza, esgotos e luz da «vila mártir» do Barreiro, acusando a Câmara Municipal de desleixo e incúria, considerando sem nexo as desculpas das «faltas de verba». Pois não anda a Câmara a substituir uma iluminação pública colocada não há ainda cinco anos? Tudo isto sem esquecer o drama da poluição pelos fumos e gases das fábricas da CUF. «**Sempre me lembro e sofro do martírio da população do Barreiro, mas quanto mais dele se fala mais parece aumentar. Este ano passaram pelo Hospital centenas de empregados daquela Empresa vítimas de intoxicação mais ou menos grave»**. Haja esperança. O deputado relembrou que uma empresa internacional vai resolver a questão, com armas, pelo que se depreende das palavras de Olímpio Pereira, que o povo desconhece. Mas conhece, segundo disse, o inimigo a combater. Já não é mau.

"Domingo à Noite" gravado ontem termina com duas horas de atraso

«Nunca tinha acontecido isto», diziam, à boca cheia, figuras gradas da RTP. Eram quase duas horas da manhã e o programa «Domingo à Noite», que às quartas-feiras é gravado ao vivo no Teatro Villaret, ainda não tinha terminado.

Foi logo a seguir à actuação do «Introito» que se deu a primeira anomalia grave: José Cid teve de interromper a sua interpretação de «Glória, Glória, Aleluia», pois uma avaria no sistema de amplificação de som não permitiu que a sua voz se ouvisse na sala. Já com a apresentação do «introito» se tinha dado o lamiré: Alice Cruz, que se preparava, em «off», para apresentar o grupo, teve que se servir de um dos microfones colocados no centro do palco para fazer essa apresentação, dado que o seu não funcionava.

Depois, foi um não mais acabar de percalços. À primeira tentativa (gorada) de José Cid para cantar, seguiu-se um intervalo que não estava no programa. Depois Cid voltou a actuar, desta feita fazendo-se ouvir, embora nunca, na sala, as pessoas se tivessem apercebido que um grupo de dois rapazes e duas raparigas estavam a fazer coro com ele a um canto do palco: daí, o som (quase) não vinha.

Depois de um segundo intervalo que foi aproveitado para a necessária colocação no palco do material do conjunto inglês «Duffy» aconteceu... o pior! A meio da segunda canção deixou de funcionar o microfone do vocalista. Dez minutos depois, e já com o problema do microfone resolvido, o carro de exteriores da televisão ficou sem energia. Um longo intervalo (aproveitado pelo vocalista para fazer algumas graças no palco que, se outro mérito não tiveram, conseguiram fazer com que o público não abandonasse a sala do Villaret) e, depois do intervalo, a repetição da segunda canção. Estava ela quase no fim e, vai daí, deixámos seguir a realização (que se antevê muito boa) de Luis Andrade: os receptores que estavam na sala não davam imagem. Tudo interrompido de novo e a voz de Luis Andrade a entrar por ali a dentro, vinda do carro: «**Pedimos desculpa pelo que está a acontecer. Ficámos sem energia no carro. O espectador não tem culpa, pois pagou o seu bilhete e está sujeito a isto, mas devo dizer que aqui no carro se sofre tanto, pelos menos, como aí na sala. Mais uma vez, as nossas desculpas».**

Re-afinados os sistemas de som e de imagem, voltou o conjunto inglês a interpretar, pela terceira vez e perante o estoicismo dos espectadores, a sua segunda canção da noite.

CURSO DE OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

Os recrutas pertencentes ao recenseamento de 1972 e anos anteriores e que pretendem integrar-se nos cursos de oficiais da Reserva Naval devem entregar a declaração respectiva nos Distritos de Recrutamento e Mobilização, até ao dia 26 do corrente.

O referido curso inclui as seguintes classes:

Marinha, Construção Naval, Farmacêuticos Navais, Fuzileiros, Ciências Biológicas, Engenharia Civil, Direito, Educação Física, Engenharia, Electrotécnica, Ciências Físico-Químicas, Geologia, Engenharia Geográfica, Matemática, Engenharia Química Engenharia Têxtil, Medicina Veterinária e Ciências Históricas.

Galerias ROLDÃO

AV.ª ALMIRANTE REIS, 13 - E
(ao Cinema Lis) — LISBOA

As mais reputadas marcas para fotografia, cinema, e projecção de diapositivos

MINI JORNAL

PORTA-AVIÕES FRANCÊS

Em visita não oficial de cinco dias, entrou no Tejo, tendo fundeado em frente da Doca da Marinha, o porta-aviões francês «Foch», comandado pelo almirante Banuls. A poderosa unidade desloca 32.789 toneladas, tem 265 metros de comprimento e 51,2 metros de boca, sendo a sua guarnição constituída por 112 oficiais e 1780 sargentos e praças.

NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA

A Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria efectua hoje, às 21 horas, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, uma assembleia-geral para apreciação dos relatórios do 1.º secretário e do tesoureiro; eleição dos corpos ferentes para o biénio de 1973-74; e nomeação das comissões encarregadas de elaborar os novos regulamentos, alén de outros assuntos.

MEDICINA TROPICAL

A Sociedade Portuguesa de Medicina Tropical (Secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa), reune-se hoje, às 21 e 30, com a seguinte ordem de trabalhos: «Duas epidemias de cólera em Moçambique», pelo dr. Carlos Santos Reis; «Anticorpos contra arboviros na população de Luanda antes da epidemia de febre amarela de 1971», pelos drs. Armindo R. Filipe, Alvanir R. Oliveira e M. Arala-Chaves; e apreciação e aprovação do relatório anual e contas da direcção.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Hoje, às 21 e 30, a Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa efectua mais uma sessão científica, durante a qual serão apresentados os temas, «Sindroma de Ellis-Van Creveid» (apresentação do 1.º caso português), pelos drs. Rui Proença, Miguel de Sousa, Melo Vieira e Artur Dias; e «Valor da prova de perfusão e v. no diagnóstico da hipertensão arterial», pelo dr. Martins Prata.

NOVO CATEDRÁTICO

Terminou o concurso para provimento do lugar de professor catedrático de Química da Faculdade de Farmácia de Lisboa, tendo sido aprovado o candidato prof. Lício da Silveira Godinho, licenciado pela Faculdade de Farmácia do Porto, em 1957. O prof. Lício Godinho nasceu em Beja, em Março de 1935.

HOMENAGEM AO DR. MARTINS DA CRUZ

Durante um jantar de convívio do Elos Clube de Lisboa, efectuado num restaurante da capital, foi prestada homenagem ao fundador e presidente do clube, deputado dr. Manuel Martins da Cruz. Presentes, além de outras entidades, o dr. Baltazar Rebello de Souza, ministro das Corporações da Saúde, o dr. Fatinato Netto, em representação do embaixador do Brasil, e o eng.º Mercier Marques, presidente da Assembleia Geral do Elos Clube de Lisboa.

MEXICANA

1ª CLASSE COM UTILIDADE Turística

Uma nova chuva de LIBRAS a distribuir pelos clientes do saboroso BOLO REI deste ano.

Basta coleccionar as letras que vão gravadas nos brindes e formar a palavra MEXICANA. Receberá em troca uma autêntica LIBRA DE OURO.

Guardou as letras do ano passado?
Então pode completar agora mais fàcilmente a sua colecção!

Aproveite. Compre já o seu BOLO.

BOLO REI DA MEXICANA
Uma garantia de qualidade

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 30 C - TELEF. 726117/8/9 - LISBOA

Plenário criminal: sentença hoje

A sentença do julgamento que tem estado a decorrer no Plenário Criminal de Lisboa é lida hoje pelas 18 horas. A sessão da manhã de hoje foi preenchida com a elaboração e leitura dos quesitos.

Os advogados dos seis réus — acusados de pertencerem à organização de «O Comunista» — requereram e obtiveram a inclusão de quesitos que não tinham sido apresentados pelo Ministério Público, que o pleito é representado pelo dr. Costa Saraiva. A sessão da tarde inicia-se com as respostas do tribunal aos quesitos, que consistem na articulação, sob uma forma interrogativa, da matéria de facto e de direito em discussão no processo.

Os réus são quatro estudantes, um técnico e um arquitecto todos com idades inferiores a 30 anos.

O QUE ELES INVENTAM

Assinalando a adesão do Reino Unido, da Dinamarca e do Eire a C.E.E., vai disputar-se em 3 de Janeiro, no estádio de Wembley um encontro entre as selecções representativas daqueles três países e dos «seis» do Mercado Comum.

«Sir» Alf Ramsey, orientador técnico da selecção inglesa, escolheu já os seguintes jogadores:

INGLATERRA: Chlemence e Hughes (Liverpool), Moore (West Ham), Bell (Manchester), Boby Charlton (Manchester United) e Storey (Arsenal).

ESCOCIA: Bremner e Lorimer (Leeds) e Stein (Coventry).

País de Glaes: Sprake (Leeds).

Ulster: Rice (Arsenal) e Hunter (Ipswich).

Eire: Giles (Leeds) e Heihway (Livepool).

DINAMARCA: OLsen (Utreque) e Jensen (Borússia Moenchengladbach).

Não se conhece ainda a formação da equipa dos seis países do Mercado Comum, orientada por Helmut Schoen, seleccionador da Alemanha Federal.

O jogo pode significar um regresso nostálgico para Bobby Charlton, o avançado do Manchester United pois a última vez que fez parte de uma selecção inglesa foi em 1970, durante o campeonato Mundial do México. Um notável ausente é George Best, colega de clube de Charlton, que está actualmente suspenso e colocado na lista de transferências, devido a conduta imprópria.

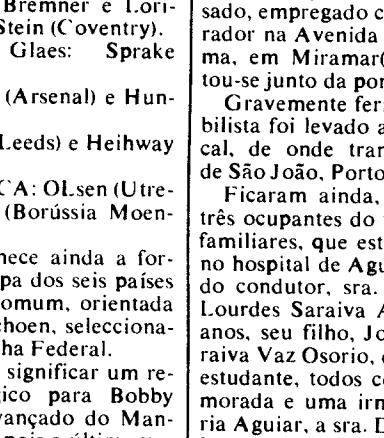
QUATRO FERIDOS EM DESASTRE DE VIAÇÃO

ÀGUEDA, 14 — Esta madrugada, um automóvel, conduzido pelo sr. Carlos Guilherme de Oliveira Aguiar, de 48 anos, casado, empregado comercial, morador na Avenida Vasco da Gama, em Miramar(Gaia) despistou-se junto da ponte desta vila.

Gravemente ferido o automobilista foi levado ao hospital local, de onde transitou para o de São João, Porto.

Ficaram ainda, feridos, mais três ocupantes do veiculo, todos familiares, que estão internados no hospital de Agueda: a esposa do condutor, sra. D. Maria de Lourdes Saraiva Aguiar, de 44 anos, seu filho, João Pedro Saraiva Vaz Osorio, de 19 solteiro, estudante, todos com a referida morada e uma irmã de D. Maria Aguiar, a sra. D. Maria José, Saraiva Ribeiro, de 48, residente no Porto.

HÁ 25 ANOS NO NOSSO MERCADO



EKCO
THERMOVENT
AQUECIMENTO ELÉCTRICO

Distrib. Gerais: MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.
Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º-E. - LISBOA - Telef. 54394-838170

Distrib. Norte do País: J. J. GONÇALVES, SUCRS. COM IND., S.A.R.L.
Rua Augusto Leissa, 145 - PORTO - Telef. 493286

PROBLEMAS DE SOUTELO DO DOURO

SOUTELO DO DOURO

Durante uma reunião do presidente da Câmara Municipal deste concelho com os representantes das freguesias de Soutelo e Nagoselo do Douro, foram estudados vários problemas, entre os quais o do abastecimento de água e a reparação do ramal da estrada municipal que estabelece ligação entre as duas localidades, a qual se tem mantido em péssimo estado de conservação.

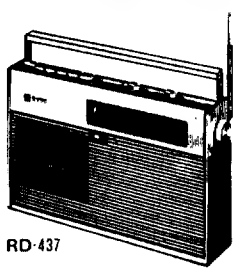
O presidente da edilidade manifestou o maior interesse em dar solução aos problemas que lhe foram apresentados, tendo, relativamente ao abastecimento de água, dado prioridade à sede do concelho (S. João da Pesqueira), onde anteriormente o precioso líquido não chegava para o consumo dos seus habitantes.

DROGA FATAL SE TOMADA SEM CONTROLO MÉDICO

Está à venda em Portugal um produto que procovou a morte de uma dona de casa britânica mas, segundo apurámos, a morte da senhora Anderson deve-se ao facto de ter tomado aquela droga por engano, dado que lhe foi vendida em Espanha como remédio para a tosse e sem receita médica. O produto em questão à venda entre nós com o nome de «Suspensão de Palmitato de Cloromycetin», é apenas receitado em casos de doenças graves e raras e tomado sob o controlo médico. Se o produto for ingerido sem os cuidados devidos pode provocar a morte tal como aconteceu à sr.ª Anderson que, pensando que estava a tomar um inofensivo medicamento para a tosse, ingeria uma droga fatal. A sr.ª Anderson foi vitimada por hemorragias internas que duraram 30 dias.

SHARP

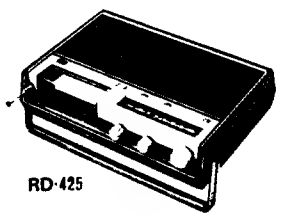
PUBLIARTE


RD-437

a seu lado onde quer que esteja...

O rádio gravador de cassetes SHARP vai consigo para toda a parte e permite-lhe optar ou pelo seu programa radiofónico preferido ou pela sua música predilecta. Acontece, porém, que ouve inesperadamente algo que gostaria de registar? Que tem isso? Gravar é tão simples com um SHARP... Utilize o seu rádio gravador SHARP com pilhas ou ligue-o à corrente ou à bateria do seu carro — o resultado é sempre o mesmo: um som perfeito que satisfaz o ouvido mais exigente.

GRAVA O QUE TOCA. TOCA O QUE NÃO GRAVA
GRAVA O QUE NÃO TOCA.


RD-425

À VENDA NOS AGENTES SHARP

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA · PORTO

TELEVISÃO SANYO PORTÁTIL COM RECEPÇÃO VHF E UHF

EXCELENTE QUALIDADE DE IMAGEM E SOM COM RECEPÇÃO VHF E UHF.
MESMO À LUZ CRUA DO DIA É POSSÍVEL UMA IMAGEM BRILHANTE E CONTRASTADA.
RECEPTORES PORTÁTEIS TRABALHANDO COM BATERIA, CORRENTE OU AINDA COM PILHAS RECARREGÁVEIS.
A PERFEITA E SERENA HARMONIA DE ESTILO SANYO.

72 SNY - 06

SANYO
SOM E IMAGEM QUE NÃO ESQUECEM
DISTRIBUIDORES GERAIS J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL - LISBOA - PORTO

Alta Perfumaria
NAPOLEON

FOR MEN
PALMA D'OURO
DE ITÁLIA
IN
INGRID

DESIRÉE
O REQUINTE
NAPOLEÓNICO

3K

PRENDAS DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

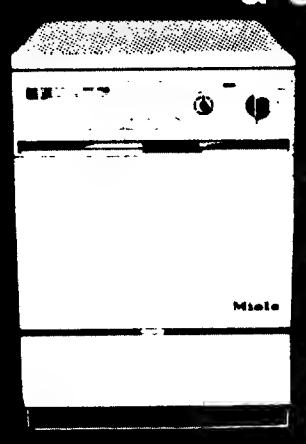
SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL

«SPORTING-VITÓRIA DE SETÚBAL» 17 de Dezembro de 1972

Partidas de Cais do Sodré das 13-25 às 14-39 h. e da estação do Estádio desde o fim do encontro.

Os comboios n.os 2224, 2226 e 2228, que partem de Cascais, respectivamente, às 13-28, 13-58 e 14-28 h têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

Máquina de lavar louça G 500 de luxe



Só MIELE pode ultrapassar-se a si própria com a sua máquina de lavar louça - - a mais vendida na Europa.

Miele

Agente oficial:
OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A
Telef. 538323 --536308 - 530838
LISBOA

Companhia Portuguesa de Electricidade—CPE

S. A. R. L.

CAPITAL: 5 700 000 CONTOS

Sede
RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 567-1.º
PORTO

Estabelecimento Central
AVENIDA INFANTE SANTO, 15-1.º
LISBOA

1.ª emissão de obrigações convertíveis em acções

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da emissão estará em pagamento, a partir de 31 do corrente mês de Dezembro, o juro ilíquido de Esc. 32$50, relativo ao 2.º semestre de 1972, atribuído às obrigações convertíveis em acções da 1.ª emissão desta Companhia.

A importância líquida a pagar por obrigação é a seguinte:

— obrigações subscritas por particulares ..... 29$09,4
— obrigações subscritas por Instituições de Previdência ..... 32$17,5

O pagamento do juro acima indicado será efectuado mediante a apresentação dos documentos de depósito em poder dos subscritores, na Sede da Companhia, no Porto, ou no seu Estabelecimento Central, em Lisboa, e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral

Porto, 14 de Dezembro de 1972

O CONSELHO DE GERÊNCIA

DL/NACIONAL

Dizem os Leitores:

A "ONDA VERDE" DEVERÁ INVADIR A "GRANDE LISBOA"

De um nosso leitor que se identificou mas pede que o seu nome não seja divulgado, recebemos uma carta-comentário à nossa opinião «Salvar a cidade» do dia 9 de Dezembro. Embora não pensemos que o correspondente tenha inteira razão, pois continuamos a estar convencidos que a «onda verde» por mais extensa que seja não pode alargar as ruas e diminuir o número de veículos em circulação, publicamos o fundamental da carta, pois ela traz sugestões que podem ser úteis.

1 — Como sempre, li com o maior interesse e a melhor atenção, o assunto «DL/Opinião», inserto no DL do passado dia 9 e intitulado «Salvar a Cidade». É assunto importante e prioritário.

2 — Permito-me porém discordar da «Opinião» ali inserta. Discordância que passo a demonstrar e que, oxalá convença V.

Em síntese, no citado artigo (2.º parágrafo) diz-se que a experiência que já se tem da «onda verde» permite afirmar que ela pode servir para regular e melhorar (...). Está visto que a fia: a «onda» deve começar em parece que alguém esperasse serem os semáforos santos milagreiros».

A afirmação-tese de V baseia-se numa hipótese que é falsa. E falsa porquê?

3 — Porque não há «onda verde». Há «bocados de «onda verde».

Pede-se o «milagre a um «bocado» de onda verde. A onda verde tem de ser total, estender-se a todas as artérias da cidade, largas e estreitas, compridas e curtas, importantes e insignificantes, situadas no centro e na periferia. Mais: a «onda verde» tem de começar lá longe, nos arredores da cidade. Arrisco-me até a enunciar a topografia: a «onda» debe começar em Cascais, em Sintra, em Loures, em Vila Franca, etc. Isto para dar a ideia de que a «onda» tem de se estender a um conjunto topográfico bastante amplo. E isto com uma finalidade: para não haver filas de espera demasiado longas. (...).

4 — Só há uma solução, agora e no futuro: instalar desde já a «onda verde».

5 — E inacreditável e parece inacreditável que os responsáveis tenham ideias de «onda verde» que conduziram o trânsito da cidade à actual situação.

Insisto: o que há actualmente não é «onda verde», mas uns tantos «agentes» colocados em alguns pontos da cidade.

6 — Ficarei feliz se tiver convencido V. e, por intermédio do seu jornal, grande «mass media», a «cidade» e muito especialmente os «técnicos», da solução a adoptar.»

CAIXEIROS E PATRÕES

Sobre o já aqui referido conflito entre lojistas e seus empregados sobre se devem ou não abrir as lojas no dia 24 (véspera de Natal) escreve-nos a seguinte carta o nosso leitor, sr. Manuel Conceição Lopes, de Elvas:

Diz-nos a imprensa do desacordo entre caixeiros e patrões a propósito dos pretendidos horários de Natal.

Também fui caixeiro (há perto de três dezenas de anos) e lembro com saudade esse tempo porque gostava da profissão de que me afastaram caprichos de família, mas sem que a simpatia pela classe tenha diminuído.

E por isso me chocou a pretensão de alguns comerciantes para a abertura dos estabelecimentos no próximo dia 24 (domingo).

Não entendem esses comerciantes que nem sempre se proporciona a oportunidade aos caixeiros de passarem dois dias junto das famílias? Só é de admitir, em tal caso, duas hipóteses: ou uma ambição desmedida ou, o que é ainda pior, uma mentalidade muito tacanha.

Quando se pretende o máximo respeito pelo domingo como dia de descanso, alguns comerciantes nem a quadra do Natal respeitam. Certamente pretendem actualizar-se ressuscitando o passado. E é que ninguém (que nos conste) se lembrou de consultar os caixeiros para os informar e saber se estão de acordo.

Esses senhores não se querem convencer de que o cliente, se pensou comprar e o não puder fazer ao domingo, vai comprar no sábado ou segunda feira? Meditem um pouco e lembrem-se que os caixeiros também são pessoas, que desejam ter Natal feliz, sem ser o que se deseja a tantos por cortesia.

MANHÃ NA PRAÇA

UMA NOVA "HORTALIÇA"?

«Será que as pessoas deixaram de comer para comprar as bugigangas do Natal?» Perante um mercado da Ribeira deserto à hora em que costumava registar maior movimento, uma vendedeira de peixe inquieta-se e lança a pergunta que bem podia merecer o interesse dos sociólogos. Mas a mulher não está muito preocupada em conhecer as motivações das pessoas: o que a «consome» é que o peixe está ali a «arrefecer» na bancada, que é um desconsolo, e ao fim do dia a sua bolsa está também deserta.

«Vende-se sempre menos peixe nesta quadra» confirma a vendedeira. Mas, os preços não serão superiores? — procuramos saber. E embora ela nos responda que não: que, pelo contrário, a grande abundância de peixe fez descer o preço — nós verificamos que, em relação ao fim da semana passada, há uma subida da ordem dos 5$00 em quilo. Na bancada onde nem as moscas se detêm, o goraz está marcado a 35$00, o barbo a 18$00, o imperador a 36$00, o carapau a 32$00 o peixe espada a 22$00, a pescada negra a 22$00 e a branca a 60$00 (!) e apenas a sardinha anda cá por baixo, pelos 9$00, **«mas, neste tempo, ninguém a come».**

NO NATAL ABSTINÊNCIA...

Os talhantes não levam melhor sorte nas vendas, apesar de a carne estacionar nos preços tabelados, com ligeiras variações para as costeletas de porco, entre 54$80 e 58$80 e para o cabrito, entre 62$40 e 64$40. — **«Da forma como isto está, dá vontade de fechar o estaminé»** — queixa-se um dos comerciantes, logo contraposto por uma cliente (rara): **«Você queixa-se, mas a mim, o que dava vontade era ser vegetariana!».**

Mas, no andar de cima, os vegetais também murcham: a couve lombarda, farta de estar marcada a 8$00; a cenoura, cheia de vitaminas, perdendo-se a 5$00; o tomate, deslavado, a 8$00 (agora, só para refogados»); as cebolas (que tantas atenções têm merecido) no pedestal de 6$50; a batata, proletária, a 2$50; e o feijão verde, orgulhosamente só, a 18$00.

Estávamos quase a descobrir uma nova «hortaliça», muito verde e de folhas espetadas, mas, no que a vendedeira chamou orgulhosamente uma «árvore de Natal», reconhecemos um pinheiro raquítico, a que não deixaram crescer na Beira Alta, para o venderem em Lisboa a 25$00, e «é por ser p'rà menina».

LOTARIA DO NATAL

(DIA 21 DE DEZEMBRO)
(APENAS 28.000 NÚMEROS)

PRÉMIOS

Quantidade de prémios (2 séries)	Valor de cada prémio	Total nas duas séries
2 - 1.os prémios de	37.500.000$00 =	75.000.000$00
2 - 2.os » »	3.750.000$00 =	7.500.000$00
2 - 3.os » »	750.000$00 =	1.500.000$00

E AINDA MUITOS OUTROS PRÉMIOS

PREÇOS

2 Bilhetes	7.200$00
1 »	3.600$00
Décimos	360$00
Cautelas	60$00

(PELO CORREIO MAIS 3$50 PARA REGISTO)

FAÇA JÁ OS SEUS PEDIDOS AO

CAMPIÃO

C. P. 2027 — LISBOA - 2

quanto Pesa a sua casa na sua vida familiar?

mais que uma casa um modo privilegiado de vida

Descubra uma casa onde é mais fácil viver a vida em família. As relações entre os espaços de uma casa influenciam e podem mesmo dificultar a comunicação entre as pessoas que diàriamente vivem uma vida em comum. Difícil, verdadeiramente difícil é encontrar uma casa onde você e a sua família consigam viver com à-vontade. Descubra essa casa. Visite os apartamentos-modelo da TORRE 2 em Alferragide.

SU

BMW 520 no Hotel Ritz

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSOS PARA O ANO DE 1973

Fornecimento durante o ano

CONCURSOS PÚBLICOS

N.º 1 — Atum
N.º 2 — Bacalhau
N.º 3 — Batata desidratada
N.º 4 — Bolachas e Cacau
N.º 5 — Frangos c/ miudezas, prontos a cozinhar
N.º 6 — Artigos de confeitaria
N.º 7 — Lacticínios (Manteiga e Queijo)
N.º 8 — Margarina
N.º 9 — Massas Alimentícias
N.º 10 — Ovos
N.º 11 — Pão
N.º 12 — Peixe Fresco ou Congelado e Derivados

CONCURSOS LIMITADOS

N.º 45 — Azeitonas
N.º 46 — Café
N.º 47 — Caldos Concentrados
N.º 48 — Mercearias
N.º 49 — Cobaias, Rãs e Coelhos p.ª Laboratório
N.º 50 — Farinhas Concentradas e Alimentos p.ª dietas de Crianças e Lactantes
N.º 51 — Sal
N.º 52 — Renutryl «500»

Fornecimento durante o 1.º Semestre

CONCURSOS PÚBLICOS

N.º 13 — Azeite
N.º 14 — Legumes Secos
N.º 15 — Vinhos e Vinagres
N.º 16 — Carnes Diversas, Miudezas e Derivados

CONCURSOS LIMITADOS

N.º 53 — Alhos e Cebolas
N.º 54 — Concentrado de Laranja e Tomate
N.º 55 — Dobrada Congelada ou Desidratada
N.º 56 — Ervilhas e Favas descascadas, em conserva ou congeladas e prontas a cozinhar
N.º 57 — Óleo de Amendoim ou Óleo Comestível

Fornecimento durante o 1.º Trimestre

COUCURSOS PÚBLICOS

N.º 17 — Batatas
N.º 18 — Frutas
N.º 19 — Hortaliças

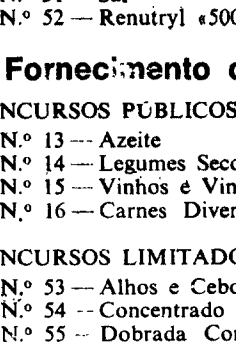
Recebem-se as propostas até às 9.15 horas do dia 20 do corrente mês para os mencionados concursos.

Os interessados poderão consultar os cadernos de encargos no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José) em qualquer dia útil, das 9 às 11.30, das 14 às 16 e ao sábado das 9 às 12 horas até à hora e data marcada para o recebimento das propostas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 11 de Dezembro de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) **Alexandre Pinheiro**



VERÍSSIMOS

ALÉM DA SUA PRODUÇÃO PRÓPRIA DE CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA:

APRESENTA

A SUA COLECÇÃO DE

PRONTO-A-VESTIR

EM FATOS, CASACOS E CALÇAS, SOBRETUDOS, GABARDINES, MARINES E MAXIS, E AINDA GRANDE SORTIDO EM CAMISARIA, GRAVATARIA E MALHAS.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C
TEL. 727335 — LISBOA

DL/GERAL

A SITUAÇÃO DOS METALÚRGICOS-ESTUDANTES

A aplicação da clausula 44.ª do Contrato Colectivo de Trabalho dos Operários Metalúrgicos, que prevê a redução de duas horas do trabalho diário para os que frequentam cursos de formação e aperfeiçoamento profissional, tem estado a provocar acesa controvérsia entre algumas empresas e os sindicatos respectivos na medida em que há firmas que pensam que «a curto ou a médio prazo, se veriam na necessidade de fechar as portas» conforme declarações do director-geral da CIM-Cacém Industrial Metalúrgica, porventura uma das primeiras empresas a reagir.

Numa exposição enviada ao ministro da Educação Nacional pelo Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto, afirma-se que outras empresas estão criando dificuldades aos trabalhadores-estudantes, apesar de uma interpretação favorável da Comissão Corporativa.

Na referida interpretação afirma-se que a aplicação da clausula 44.ª do CCT «é independente das condições do horário escolar, mesmo nos dias em que haja aulas, excepto durante os períodos de encerramento do estabelecimento escolar e não determina por si só qualquer redução na retribuição.»

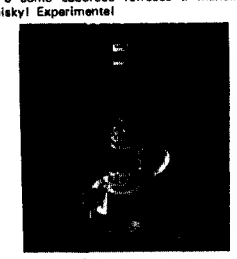
Na exposição ao ministro Veiga Simão, elaborada numa reunião geral de sócios do Sindicato, afirma-se que para os metalúrgicos a clausula 44.ª «é uma disposição que ultrapassa a simples regalia social para atingir, em ponto certo, o caminho para uma política de desenvolvimento socio-económico que todos reconhecem necessária.»

Depois de considerarem que «a actuação é um direito inalienável das populações, reconhecido internacionalmente por todos os povos civilizados do Mundo», os signatários da exposição «denunciam as dificuldades postas na sua aplicação por muitas empresas, e estranham a «demora verificada na homologação imediata da deliberação da Comissão Corporativa Central quanto à interpretação da referida clausula.»

PELA PRIMEIRA VEZ...
EM PORTUGAL!...
COCONUT!
UMA CRIAÇÃO PORTUGUESA!...
Licor Especial Superfino

Rico em propriedades tónicas, estimulantes e digestivas...

Muito agradável com café, chá mate torrado e como saboroso refresco à maneira de Whisky! Experimente!



PRODUTORES:
DANIEL LAPA, LDA.
Telef. 57531 — PORTO

DISTRIBUIDORES EM LISBOA E ARREDORES
DUARTE DIAS, LDA.
Telef. 784512/3

ENCONTRO TRANSMONTANO

A Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro promove no dia 16, na sua sede, mais um almoço de confraternização dos trasmontanos radicados em Lisboa.

As inscrições podem ser feitas até amanhã à noite, na sede daquela colectividade.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa António Lopes A.dos Santos, «Café Central» SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

CAMPANHA DO NATAL

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS	5000$00
FRIGORÍFICOS 140 L	1900$00
SECADORES DE CABELO	140$00
AUTO-RÁDIOS	1000$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO	150$00

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
LARGO DO MASTRO, 5 TEL. 56 15 55

CINDERELA

A Casa do Famoso BOLO REI

PRAÇA DO AREEIRO (Junto ao Metro)
Telefone: 725101/2/3

Em cada Bolo Rei da CINDERELA há sempre um brinde. Muitos deles poderão ser o «elefante» de ouro ou de prata (desembrulhe a fava). Mas, em todos eles, o maior brinde continua a ser a qualidade!

FESTAS DE NATAL

Vai realizar-se pelas 15 e 30 do próximo sábado, nas instalações da Sociedade Industrial de Borracha, na Venda Nova, Amadora, a festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados desta empresa.

Também pelas 16 horas de sábado, a Sociedade Comercial de Papelarias Rabelo da Beira Douro, leva a efeito nas suas novas instalações, da Rua João Ortigão Ramos, em Benfica, a sua já tradicional festa de Natal.

///

O Sheraton-Hotel vai realizar no próximo dia 18 a sua primeira festa de Natal, que terá lugar no Salão de Festas daquele estabelecimento hoteleiro, pelas 18 horas.

///

A secção de Beneficência do Sindicato Nacional dos Cartonageiros e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa, promoveu uma distribuição de peças de vestuário, brinquedos e lanche a 160 crianças, filhas dos seus associados, a qual se realizará no próximo domingo, pelas 15 horas na sede daquele organismo.

///

As firmas «Fosforeira Portuguesa», «Companhia de Seguros Ourique», «Indústrias Lusitanas Renault» e «Sicar» fizeram em conjunto a sua festa de Natal, a qual teve lugar no cinema «Império», no passado dia 10.

///

O Clube de Campismo de Lisboa, vai realizar a sua já tradicional festa de Natal, no próximo domingo, pelas 15 e 15, no Salão de Festas da Voz do Operário.

///

A festa de Natal dos filhos dos empregados do Sindicato dos Profissionais de Escritório, realiza-se na próxima sexta-feira, pelas 15 horas, na Casa do concelho de Tomar.

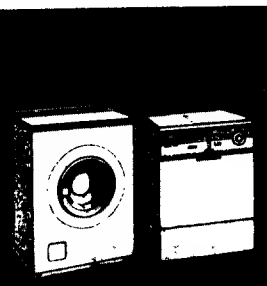
3000 m2
de área para escritórios

Pretende alugar importante Organismo do Estado, em zona relativamente central da cidade de Lisboa.

Preferia-se já dividido em gabinetes ou c/ divisórias incluídas.

Resposta ao n.º 578.

QUALIDADE
PRESTÍGIO
GARANTIA
CASTOR



UMA LINHA INTELIGENTE PARA GENTE EXIGENTE
• VEJA OS NOVOS MODELOS •
MAQUINAS DE LAVAR ROUPA
MAQUINAS DE LAVAR LOUÇA
FRIGORIFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS RAFAEL BURGUETE, LDA. LISBOA PORTO

DL/GERAL

Feira de moedas selos e medalhas

RIO MAIOR — Com a designação de «MOSEME», vai realizar-se nos dias 6 e 7 de Janeiro próximo, nos pavilhões cobertos da Feira de Rio Maior, a Feira das Moedas, Selos e Medalhas, que será o maior certame do género no País e um ponto de encontro dos amantes da filatelia, da numismática e da medalhística.

No dia da inauguração da feira, que se realizará nos primeiros sábado e domingo de cada mês, será posta à venda uma medalha alusiva ao acontecimento.

Guerra ao ruído em Coimbra

Coimbra, 14 — Para acabar com os ruídos perturbadores, cujas consequências são motivo de sérias apreensões pelos efeitos prejudiciais à saúde da população e à tranquilidade geral, ou pelo menos para conseguir atenuar tais efeitos perniciosos, durante cerca de dois meses activar-se-á uma intensa campanha contra os ruídos provocados pelos motores dos automóveis e outras causas, por iniciativa do Comando da Polícia de Segurança Pública.

A iniciativa, merecedora de aplausos gerais, está integrada na Campanha Anti-Ruído da Comissão Nacional de Ambiente.

FALTOU A ENERGIA ELÉCTRICA

COIMBRA, 14 — Faltou a energia eléctrica na cidade por avaria num cabo condutor e algumas zonas ficaram sem luz. O caso foi mais notado porque a cidade — a verdade nunca custa dizer — não vê com frequência faltar-lhe a energia eléctrica por culpa dos respectivos serviços.

Com efeito, quando se dá alguma avaria grande, não é costume ser por culpa dos respectivos serviços citadinos, mas das empresas fornecedoras.

A avaria, apesar de grande, foi reparada em relativo curto espaço de tempo e o público compreendeu e aceitou resignadamente a falta de energia precisamente à hora da feitura dos jantares.

A Ilha Graciosa está incomunicável

O Rádio Clube de Angola, recebeu dos quatro presidentes das Juntas de Freguesia da Ilha Graciosa o seguinte telegrama:

«Solicitamos empenho agradecemos reconhecidos seja lido noticiários prestimosa emissora Rádio Clube de Angra seguinte texto: Desde 27 Novembro último Graciosa incomunicável motivo ausência navio «Ponta Delgada» efectuando Lisboa docagem anual. Nenhum outro navio substituiu como se impunha dito «Ponta Delgada» Ligações esta ilha restante arquipélago nao obstante autoridade administrativa local envidar maiores esforços neste sentido. Prejuízos incalculáveis ordem económica graves problemas natureza afectiva individuos necessitando atitudes terapêuticas especializadas vêem adiadas sine-die suas legítimas aspirações solução estado saúde pessoas impedidas deixarem esta Ilha muito embora obrigadas profissionalmente e por outros motivos faze-lo situação sob todos os aspectos deplorável e inconcebível. População sente-se profundamente deprimida e angustiada apelando este meio autêntica e incondicional solidariedade irmãos açorianos designadamente Imprensa e Rádio sentido unirem a nossa eficaz sempre pronta voz a fim obtermos solução grave problema reprovando clara e desassombradamente situação anômala e incrível criada esta desditosa ilha numa época de verdadeiro progresso caracterizada além do mais por eficientes e rápidos meios de comunicação exigindo de quem de direito não seja permitido aparecimento futuras situações idênticas».

A "Volta à França" terá 20 etapas e um computador

A «Volta à França» em bicicleta, que em Julho do próximo ano comemorará o 70.º aniversário da sua criação e a sua 60.ª edição, comportará 3995 quilómetros distribuidos por 20 etapas.

A prova inicia-se na Holanda, decorrendo desta vez no sentido dos ponteiros do relógio, comos Alpes antes dos Pirinéus. Mantém-se a fórmula das equipas de marca, admitindo-se que sejam seleccionadas 14 formações de 11 corredores, o que corresponderia a um total «record» de 154 participantes. Três fronteiras serão atravessadas nesta «Volta à França»: as de Holanda, da Bélgica e da Espanha. Haverá uma peuquena inovação: as classificações serão estabelecidas em Paris por um computador.

E o seguinte o itinerário do «tour» de 1973:

Sábado, 30 de Junho: prólogo na Haia — contra-relógio individual de 7 km; 1 de Julho — 1.ª etapa: Haia-Roterdão (75 km) e Roterdão-S. Nicolau (133 km); dia 2 — 2.ª etapa: circuito de S. Nicolau (contra-relógio por equipas em 11 km e S. Nicolau-Roubaix (129 km); dia 3 — 3.ª etapa: Roubaix-Reims (209 km); dia 4 — 4.ª etapa: Reims-Nancy (204 km); dia 5 — 5.ª etapa: Nancy-Mulhouse (181 km); dia 6 — 6.ª etapa: Belfort-Divonne-Les-Bains (213 km); dia 7 — descano em Divonne-Les-Bains dia 8 — 7.ª etapa: Divonne-Gaillard (81 km) e Gaillard-Meribel-Les-Allues (145 km); dia 9 — 8.ª etapa: Meribel-Les-Allures-Les Orres (230 km); dia 10 — 9.ª etapa: Embrun-Nice (259 km); dia 11 — 10.ª etapa: Nice-Aubagne (204 km); dia 12 — 11.ª etapa: Montpellier-Argeles-Sur-Mer (237 km); dia 13 — 12.ª etapa: Perpinhão-aThuir (contra-relógio individual de 23 km) e Thuir-Font Romeu (75 km); dia 14 — descanso em Font Romeu; dia 15 — 13.ª etapa: Bourg Madame-Luchon (221 km); dia 16 — 14.ª etapa: Luchon-Pau (213 km); dia 17 — 15.ª etapa: Pau-Fleurance (121 km); dia 18 — 16.ª etapa: Fleurance-Bordeus (204 km) e circuito do Lago, em Bordeus (contra-relógio individual, 12 km); dia 19 — 17.ª etapa: Bordeus-Brive (241 km); dia 20 — 18.ª etapa: Brive-Clemont Ferrand (207 km); dia 21 — 19.ª etapa: Bourges-Versalhes (223 km); dia 22 — 20.ª etapa: Versalhes-Versalhes (contra-relógio individual, 32 km) e Versalhes-Paris (89 km).

Será a segunda «Volta à França» com início numa cidade holandesa, visto que a «Volta» de 1954 se iniciou em Amsterdão.

O «Tour», que durante as últimas quatro edições foi ganho pelo extraordinário ciclista belga Eddy Merckx, levará os corredores da Holanda até à Bélgica e da Bélgica ao leste da França, atravez dos Vosgos, Alpes, Pirinéus, e montanhas do Maciço Central. A corrida terminará em Paris após os ciclistas terem percorrido cerca de quatro mil quilómetros.

Além da tradicional prova contra-relógio, na véspera do «Tour» pròpriamente dito, a «Volta» incluirá um contra-relógio por equipas e mais três contra-relógios individuais do que nas passadas edições.

A principal inovação desta «Volta à França» incide em que englobará mais terrenos a subir. Quatro etapas de «montanha» terminarão em pontos elevadíssimos e um desses pontos, situado nos Alpes, implicará que os atletas tenham de trepar quatro gargantas elevadas no mesmo dia.

Os organizadores ainda não tomaram a decisão final sobre o número de corredores inscritos para 1973.

Entretanto, em Bruxelas, depois de ter conhecimento do traçado do «Tour», Eddy Merckx disse esta noite que a grande «clássica» do ciclismo mundial para o ano próximo será extretamente rude.

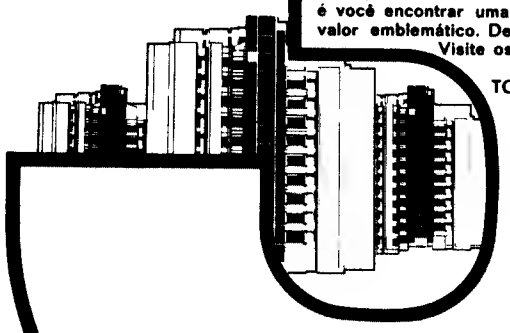
Numa entrevista para a Rádio Belga, o grande «az» do pedal disse: **«Com certeza que a «Volta» não vai ser tão fácil como a de 1972. Penso que não estará ao alcance de qualquer ciclista vulgar ganhar o «Tour» de 1973. É um traçado muito duro, duríssimo, com a vitória sòmente ao alcance dos campeões consagrados».**

Merckx sugeriu (até) depois de ter olhado para o itinerário, que é possível que certas equipas decidam não participar, principalmente pelo acréscimo de etapas de «motanha», que só estarão ao alcance dos trepadores excepcionais.

quantas vezes a sua casa já beneficiou a sua vida social?

Possua uma casa onde possa manter as suas relações sociais. Quando se ocupam determinadas posições profissionais, a vida social, mesmo episódica, torna-se necessária. É o lugar que lhe permite a delicadeza de oferecer a sua intimidade a quem não pertence à sua esfera de amigos ou familiares. Difícil, verdadeiramente difícil é você encontrar uma casa com esse valor emblemático. Descubra essa casa. Visite os apartamentos-modelo

TORRE 2 em Alferragide.



mais que uma casa um modo privilegiado de vida

SIURB

DL/DESPORTOS — Assembleia geral do Benfica

Avales de 6 mil contos ao Benfica com assinatura de Borges Coutinho

O dr. Osvaldo Branco, vice-presidente do clube, faz a "O Benfica" uma detalhada análise da situação

Na noite de amanhã, no Pavilhão do Estádio da Luz reunem-se os associados do Sport Lisboa e Benfica, em assembleia geral que visa, entre outros temas, apreciar e votar o orçamento suplementar do ano corrente e o orçamento ordinário para o futuro 1973, além de eleger uma comissão encarregada de elaborar uma lista de corpos gerentes da colectividade.

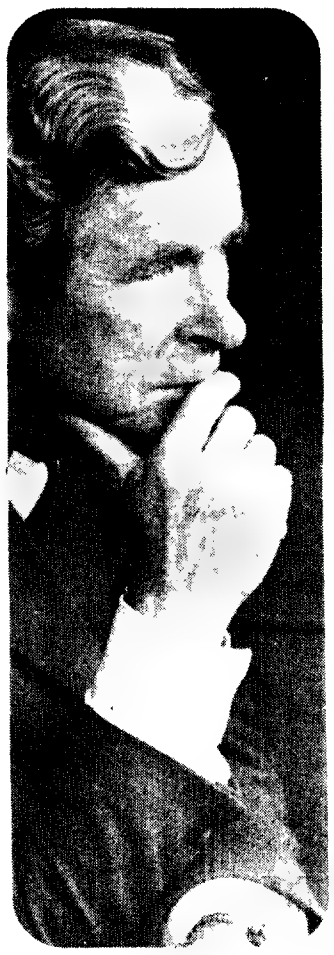
Em «O Benfica», semanário do Sport Lisboa e Benfica e orgão privado do clube, o dr. Osvaldo Branco, vice-presidente da direcção, adianta o pensamento da sua gerência. Opiniões que, por partirem de responsável pelos destinos do Benfica, ganham direito a transcrição. Aqui ficam, com a devida vénia pela reprodução.

HAGAN: NACIONAL E INTERNACIONAL

Sobre o preparador benfiquista, diz a «O Benfica» o dr. Osvaldo Branco:

— **«Jimmy Hagan é, estruturalmente, uma pessoa honesta. Introduziu um sistema de treinos a que não estavamos habituados e, para exemplo dos seus pupilos, ele executa aquilo que manda fazer. Não é uma pessoa que se possa considerar agradável nos primeiros contactos mas, depois de se ter com ele uma certa intimidade, modifica-se substancialmente a impressão menos favorável inicial. No seu país ele é uma figura bastante conhecida e considerada.»**

E o dr. Osvaldo Branco ainda acrescenta:



«Hagan é figura bastante conhecida e considerada em Inglaterra».

— **«Com a presente época futebolística, é a terceira que ele serve o Benfica. Durante estas três épocas a equipa principal ganhou dois campeonatos nacionais e está bem encarreirada para ganhar um terceiro campeonato. Foi, igualmente, vitoriosa noutras provas oficiais Ribeiro dos Reis e Taça de Honra da A. F. L.) e tem tido comportamento muito meritório nos jogos particulares que realizou no estrangeiro, designadamente no Torneio de Cádiz (que ganhou uma vez) no Brasil e nos Estados Unidos. Apenas contra equipas inglesas, curiosamente, (Hagan é inglês) a actuação da equipa tem sido algo discreta.**

«Nas provas oficiais internacionais, organizadas pela U.E.F.A., Hagan não tem sido feliz. Em 1970, na «Taça dos Clubes Vencedores das Taças» a equipa, depois de recuperar brilhantemente uma derrota de 3-0 sofrida contra o Celtic (na Escócia) foi eliminada pelo sistema de moeda ao ar (naturalmente que todos concordam que para um resultado assim decidido a acção do técnico é inteiramente nula). Em 1971, na «Taça dos Clubes Campeões Europeus», a equipa atingiu as meias - finais, sendo arredada nessa eliminatória pela equipa que viria a ser «apenas» o campeão europeu e mais tarde o campeão intercontinental.

«Neste ano, o afastamento da equipa foi um pouco prematuro. Para isso concorreu, porém (decisivamente) a lesão contraída por Eusébio a poucos minutos do final do jogo disputado para o campeonato nacional, em Setúbal. Estivesse Eusébio na plenitude dos seus recursos e não teria desperdiçado as excelentes oportunidades que teve de marcar golos ao Derby, no jogo de Lisboa. E tudo teria sido certamente diferente.

«Enfim: de qualquer modo, neste capítulo de jogos internacionais oficiais, Hagan não tem feito nem mais nem menos do que os outros treinadores que nos últimos 18 anos têm servido o Benfica, excepção feita a Bela Gutman que foi o único de entre eles que conseguiu ganhar dois campeonatos europeus.»

Para o entrevistador (Exequiel Xavier) o dr. Osvaldo Branco prossegue:

— **«Quando há alguns dias afirmei, num esclarecimento que prestei a um jornal desportivo, que estavamos muito satisfeiros com o trabalho de Hagan, não queria com isso significar que essa satisfação fosse total. Com efeito, sendo Hagan um excelente preparador (e isso julgo que ninguém discute) ficou-nos em alguns momentos decisivos (jogo contra o Ajax no campeonato europeu de 1971, jogo contra o Atlético de Bilbau no último Torneio de Cádiz, e recentemente no jogo contra o Derby) a impressão que não terá utilizado todos os trunfos que teria ao seu dispor, e daí o termos ficado nesses momentos com uma sensação de vazio, de insatisfação, de reconhecimento de que não se fez algo que poderia ou deveria ter sido feito. Enfim: de que todos os trunfos de que dispunhamos não foram jogados. Mas, também em boa verdade, ninguém pode, consciente e honestamente, afirmar que se esses tais trunfos houvessem sido jogados os resultados teriam sido efectivamente diferentes.»**

Adiante:

— **«Estão completamente equivocados todos os que julgam que Hagan usa de simpatias quando designa os jogadores que hão-de constituir as equipas, que por teimosia mantém na equipa (ou fora dela) determinado jogador ou ainda, por antipatia, não utiliza este ou aquele elemento. Na realidade, Hagan, perfeitamente conhecedor das exactas condições dos seus jogadores, utiliza aqueles que melhores garantias lhe dão de bom comportamento físico - técnico durante o jogo. E os jogadores sabem bem que assim é.»**

TONI, MESSIAS, RUI E ARTUR JORGE

Continua o dr. Osvaldo Branco o seu depoiamento a «O Benfica»:

— **«Dizia-se, na época passada, que Hagan antipatizava com Toni e por isso não o utilizava. Ora a verdade é que Toni, a prestar serviço militar, não podia treinar regularmente, e daí o não ser utilizado. Esta época, já havendo treinado, Toni tem sido titular da equipa.»**

«Sustentavam uns tantos que Hagan, por teimosia, mantinha na equipa Messias, em detrimento de Rui Rodrigues. Não estando em causa o mérito futebolístico dos dois jogadores (trata-se de dois excelentes elementos) Rui Rodrigues deixou de ser utilizado após a lesão meniscal que sofreu num jogo em Inglaterra. Submetido à necessária intervenção cirúrgica, a sua recuperação foi muito demorada e sòmente há pouco tempo se pode considerar completamente restabelecido.

«Afirma-se que Hagan não gosta de Artur Jorge e por isso não o utiliza. Que factos ocorridos nos Estados Unidos teriam provocado essa situação. Pura fantasia. A verdade é que Artur Jorge, depois de um infeliz e estúpido acidente que sofreu no inicio deste ano, na Luz, contra o Farense, não readquiriu ainda a excelente condição técnica que anteriormente possuia.»

Sublinhando, comenta o dr. Osvaldo Branco:

— **«Verifica-se que a condição físico - técnica se encontra sempre a dominar e a definir as situações. E esta é que é a verdade. Hagan conhece, melhor do que ninguém, as condições dos seus jogadores. A ele compete decidir quem deverá ser utilizado. Deve fazê-lo sem quaisquer interferências alheias. E Deus nos livrasse se assim não fosse... Já se chegou ao extremo de quando qualquer jogador deixa de ser utilizado em alguns jogos seguidos se considerar logo a existência de «um caso»...»**

Sobre o aproveitamento das possibilidades de substituição de dois jogadores em cada encontro, diz o porta - voz do Benfica:

— **Hagan é muito cuidadoso com as substituições dos jogadores durante os encontros. Ele não se esquece que uma substituição prematura, só porque determinado jogador não está dando o rendimento necessário, pode ocasionar que, por lesão superveniente de outro jogador, a equipa fique inferiorizada numèricamente. Por isso ele faz, em regra, apenas uma substituição e já na parte derradeira do encontro. Aproveito a oportunidade para afirmar que de todos os treinadores com que contactei como dirigente do Clube (Otto Glória, Bela Gutman, Fernando Riera, Lajos Czeizler e Hagan) este último é o que melhor tem colaborado com as direcções na realização de jogos particulares. Está sempre disposto a aceita-los, considerando-os integrados no plano de preparação da equipa. E isto tem relevante importância para a administração do clube.»**

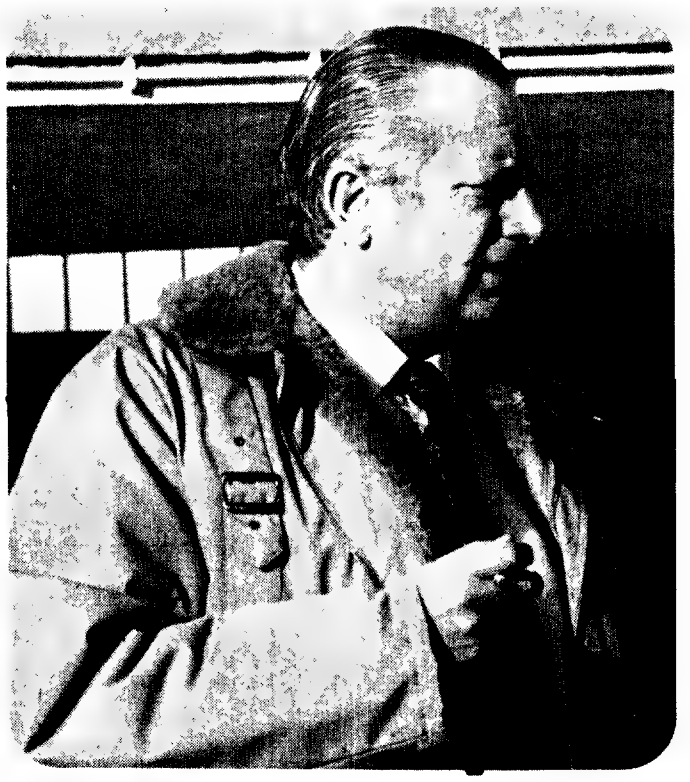
SÓ ESTRANGEIROS

— **«Hagan queixou-se de lesão meniscal no final da época passada. Quando se teve conhecimento do calendário do campeonato nacional em curso e das datas das eliminatórias da prova europeia, fixou-se que a altura mais favorável para o tratamento da lesão seria logo a seguir à segunda eliminatória desta última prova e foi assim que aconteceu.**

«Hagan desejou ser operado por um médico, seu amigo, que já o havia operado anteriormente. Não vejo em que possam existir cobras ou lagartos (salvo seja) nisso, ou em que possam estar em causa os médicos portugueses, designadamente, os do clube.»

A seguir, o dr. Osvaldo Branco acrescenta:

— **«Hagan tem um contrato com o Benfica até 31/7/1973. Contrato que será cumprido por ambas as partes, como partes idóneas e responsaváveis que são. Até lá, é o treinador so clube e tem de possuir o nosso apoio e a nossa confiança. Depois é o futuro. E o futuro a Deus pertence. A Deus... e também à Direcção que em breve nos sucederá. Numa eventual saída de Hagan, em minha opinião, só vejo dois treinadores que poderiam interessar ao Benfica: Kovacs, hoje em serviço do Ajax e Hidgekuts, a trabalhar actualmente na Hungria. Quanto a treinadores nacionais, e sem que com isso pretenda diminuir quem quer que seja, não vejo alguém em condições de poder interessar ao Benfica.»**



«O actual presidente da direcção já teve, em determinado momento, uma responsabilidade pessoal em avales dados ao clube de cerca de 15 mil contos. Hoje, essa responsabilidade está reduzida a 6 mil contos»

JOSÉ AUGUSTO

«José Augusto foi um jogador de grande craveira técnica que bastante contribuiu para jornadas gloriosas do futebol benfiquista e nacional. Seria no Benfica um extraordinário secretário - técnico do departamento de futebol, como, outrora, o foi Fernando Caiado. Todavia, José Augusto, tem, natural e compreensivamente, as suas ambições. E a realização destas não se compatibiliza na orgânica do futebol benfiquista.»

RELAÇÕES COM JOGADORES

Depois de falar elogiativamente sobre as últimas aquisições do futebol benfiquista (Nelinho, Móia e David) o vice-presidente dos «encarnados» adianta que o quinto torneio internacional de juniores, a realizar em Abril próximo, terá a participação do Estrela Vermelha e do Manchester City. E vem à baila o importante problema das relações dos jogadores com os clubes. Afirma o dr. Osvaldo Branco:

«Os jogadores do futebol sentindo a necessidade da existência de um organismo que pudesse defender os seus interesses como classe trabalhadora, procuraram (e obtiveram) a constituição do seu Sindicato.

«Este facto conduzirá certamente a aspectos novos nas futuras relações entre clubes (patrões) e jogadores (empregados). E, pois, perfeitamente compreensível que, como noutros sectores de actividade, os patrões (clubes) procurem a constituição de um organismo (Grémio) que possa estudar e resolver as novas, e até hoje inéditas, situações que, naturalmente, não deixarão de surgir.

«Foi a evidência desta necessidade que resultou dum colóquio realizado há poucas semanas em Guimarães. E já que me refiro a este colóquio quero acrescentar que contràriamente ao que se especulou no decurso das sessões do mesmo, não se procurou atingir por qualquer forma os jogadores, a quem aliás se reconhece todo o direito de se organizarem para melhor defenderem os seus interesses.

«Ora é precisamente este direito que também assiste aos clubes: e como às Associações de Futebol, representantes dos clubes a nível distrital, não lhes compete prosseguir esse fim, daqui a necessidade da constituição de um organismo específico para tal efeito.

OPÇÃO E OPINIÃO

«O sistema da opção, embora restrinja ao jogador o direito de livremente escolher o seu patrão (clube), característica inexistente em qualquer outra actividade profissional, tem necessariamente de se manter. Ao contrário do que em análise superficial possa parecer, o regime de opção funciona mais como factor de defesa entre clubes do que entre estes e os jogadores. Desapareça o regime de opção e a breve espaço os clubes mais fortes serão cada vez mais fortes e os fracos cada vez mais fracos.

BENFICA JÁ DEVE MENOS

E, em «O Benfica», o vice-presidente do clube conta de como o primeiro ano da gerência a que pertenceu fechou com o «deficit» de 4000 contos e neste segundo ano a gerência já fechará com saldo bastante positivo.

«Mas, não tenhamos ilusões. Os resultados obtidos resultaram do rendimento absolutamente excepcional do futebol profissional. Dificilmente se reunirão condições idênticas, permissivas de tais resultados.

«Por isso, o orçamento ordinário para 1973 limita a previsão dos rendimentos do Clube a 40 000 contos, número que, sendo ainda de valor muito apreciável, representa, porém, 66 por cento do valor do orçamento geral de 1972.

«Aproveitamos o grande caudal de receitas deste ano para diminuir substancialmente o passivo do Clube e assim o Benfica deve hoje consideravelmente menos do que devia ontem. Foram totalmente amortizadas as importâncias em dívida a alguns credores especiais do Clube. Hoje, o Benfica apenas tem um credor desta natureza: a quem, de resto, foi paga importância cultuosa no cumprimento das condições de amortização há muito estabelecidas.

«Mau grado o elevado montante das receitas do Clube, a administração do mesmo faz-se dificilmente e normalmente com «déficit». Esta, a regra, de que o acontecido neste ano constitui uma excepção.

CIDADE DESPORTIVA

Após sugerir o aumento do preço das quotas, o dr. Osvaldo Branco fala do ritmo lento em que estão a ser conduzidas as

Assembleia geral do Benfica — DL/DESPORTOS

HORA DE ELEIÇÕES: CINQUENTA MIL VÃO DAR OPINIÃO

obras referentes à Cidade Desportiva do Benfica:

«Quando em 1969, a primeira Direcção presidida pelo snr. dr. Borges Coutinho tomou posse, um dos seus primeiros actos directivos foi e assinatura do contrato com a C. M L. respeitante à aquisição dos terrenos para a construção da Cidade Desportiva, contrato que havia sido negociado pela Direcção anterior.

«Depois, aquela mesma Direcção nomeou uma comissão para planear a construção da mesma Cidade, a qual meses mais tarde apresentou um trabalho que foi submetido à apreciação da massa associativa.

«Entretanto, o Presidente da C.M.L. (então o sr. Eng.º Santos e Castro) prometeu a cedência de mais algumas parcelas de terreno, ao mesmo tempo que sugeria a necessidade, por motivos urbanísticos, de rectificar os limites de área inicialmente cedida. Isto é: cedeu a Camara algumas parcelas marginais de terreno recebendo o clube em troca outras até de dimensão ligeiramente superior.

Em resumo: sòmente há relativamente pouco tempo foi possível estabelecer-se definitivamente a àrea onde poderemos implantar a nossa Cidade Desportiva, área que é constituída pelo terreno adquirido à Camara ao abrigo do contrato celebrado, com a mesma; pelo terreno cedido posteriormente pelo Município em regime de direito de superficial, e, ainda, por uma faixa de terreno cedida a título precário e destinada a parques de estacionamento.

«Enquanto os terrenos adquiridos ao abrigo do contrato celebrado com a Camara são pertença do Benfica para sempre; os terrenos cedidos em regime de direito de superfície serão utilizados pelo Benfica durante o prazo de 70 anos e mediante o pagamento de uma taxa de aluguer a estabelecer. Findo este prazo (e 70 anos são muitíssimo tempo) será evidentemente estudada a fórmula de os mesmos continuarem a ser utilizados pelo Clube.

«Certamente que teria sido mais conveniente que os terrenos pudessem ser vendidos ao Clube, mas a Camara actualmente já não pode vender mais terrenos, mas sim cedê-los naquelas condições. Assim, ou aceitava-se esses terrenos nas condições estabelecidas ou não se podia utilizá-los.

«Entre as duas hipóteses, escolhemos a primeira: até porque se tem o convencimento de que jamais o Benfica deixará de os utilizar e, por outro lado, em quase um século (70 anos) muitas coisas poderão acontecer.

«Não acho que as obras decorram em ritmo lento. Ainda antes de se conhecer a exacta localização dos terrenos que poderíamos dispor, deu-se início às obras de construção da Cidade Desportiva, começando pelo chamado campo n.º 2, visto não haver dúvidas quanto à localização deste. Procedeu-se às terraplanagens necessárias, e, vai agora seguir-se a execução da empreitada da drenagem e dos esgotos. Em Julho de 1973 (e só nessa data isso será, possível à empresa fornecedora) ficará então montada a pista de «tartan», valiosíssima e admirável oferta de um devotado sócio do Clube, Por essa altura também, estará devidamente preparado o terreno circundado pela referida pista e, ficarão concluídas no campo n.º 2, as instalações destinadas à prática do desporto. A outra parte, destinada «à prática de ver o desporto», terá execução posterior e nas condições que oportunamente serão estabelecidas.

«Simultaneamente está a proceder-se a construção do campo n.º 3. O arrelvamento deste campo está pràticamente concluido, prevendo-se a sua entrada em funções, para muito breve. Será, especialmente, utilizado pelo raguebi e pelo hóquei em campo e; naturalmente, por outras modalidades que dele ocasionalmente necessitem.

«A construção da piscina, é um tema que realmente desperta sorrisos irónicos em muita gente. Com efeito, quando se evoca o tema da construção da piscina, muitas pessoas, tendo na memória, e que no passado, distante e recente , têm acontecido, não deixam de murmurar a: Ora!, ora! lá vem a «canção de sempre»! No entanto posso assegurar que agora, finalmente, é mesmo a sério. A piscina será uma esplêncida realidade da nossa Cidade Desportiva e, até mais depressa do que muita gente julga.

Mais:

«Não será preciso para as primeiras obras, importância muito considerável (qualquer receita semelhante à obtida com o Feyenoord, e nem será preciso a do Aiax, poderá resolver o problema). Têm-se várias ideias para a obtenção desse dinheiro.

ESTÁDIO DA LUZ

Em relação aos baixos das bancadas do Estádio da Luz (e seu aproveitamento) diz o dirigente benfiquista:

«Sem quase dar nas vistas foram construídas as instalações do departamento de futebol: os ginásios e instalações administrativas para as secções de luta e atletismo; os recintos para a prática do basquetebol e do ténis de mesa: uma sala destinada á Imprensa a quando da realização de jogos de futebol: as instalações da secção de Campismo: um bar para a utilização dos assistentes dos cabeceiras do lado Norte e, a par disto tudo, outras obras de beneficiação de ordem geral.

«Vai dar-se imediato seguimento às obras da Comissão Cultural, já instalada provisòriamente, a qual ficará a dispor de uma sala para sessões (conferências, exposições, etc.) e de uma biblioteca: as obras para a Secretaria do ténis de mesa: e as necessárias para a instalação das secções de basquetebol, andebol e hóquei em patins. Nas obras já feitas utilizou-se parte do dinheiro recebido da Câmara para esse fim; algum do dinheiro obtido pela Comissão Central e outro obtido das receitas gerais do Clube e orçamentalmente destinado a esse efeito.

AS ELEIÇÕES

Na entrevista publicada em «O Benfica», o dr. Osvaldo Branco comenta mais adiante a necessidade de colocar uma vedação entre os lugares destinados à assistência e o campo de jogos, a implantação de torniquetes com registo em cada porta de acesso ao campo (porque as finanças do clube estão em causa), aborda os problemas da construção da sede em Benfica e dos parques de estacionamento que serão seus anexos, a adjudicação da exploração do restaurante do Estádio da Luz, a provável serventia do posto médico ser extensiva a todos os sócios, diversas obras já efectuadas na secretaria (Rua Jardim do Regedor) e, por último, fala do actual momento eleitoral:

«Uma resenha de alguns acontecimentos do passado:

«Assim, reportando-me há vinte anos atrás (1952) verifica-se que foi apresentada nesse ano, apenas uma lista a sufrágio eleitoral. A Direcção era então presidida pelo snr. Joaquim Ferreira Bogalho. O mesmo sucedeu em 1953 e até 1956 com o mesmo presidente de Direcção.

«Em 1957 foi, também, apresentada uma só lista, mas o presidente da Direcção foi o sr. eng. Maurício Vieira de Brito e o mesmo sucedeu em 1958 e até 1961.

«Em 1962 e 1963 foi ainda apresentada apenas uma só lista sendo presidente das respectivas direcções o sr dr. António Fezas Vidal.

«Em 1964 houve luta eleitoral. Foram apresentadas duas listas tendo sido eleita aquela cuja direcção era presidida pelo snr. Comendador Adolfo Vieira de Brito.

«Em 1965 e 1966 registou-se o mesmo acontecimento. Em cada um desses anos foram apresentadas duas listas a sufrágio, tendo sido eleitas as que tinham como presidente da direcção, o snr. dr. António Catarino Duarte (1965) e o snr. José Ferreira Queimado (1966).

«A partir de 1967, as gerências passaram a ser bienais e passou a haver também uma lista oficial, organizada por uma comissão eleita em Assembleia Geral, sendo todas as outras que se apresentem a sufrágio consideradas de oposição à oficial. Ora, para o biénio de 1967-1968 apresentaram-se duas listas a sufrágio eleitoral, tendo sido eleita a oposicionista, a cuja direcção presidia o snr. Comendador Adolfo Vieira de Brito.

«Para o biénio de 1969-1970 foram pela primeira vez apresentadas a sufrágio três listas, tendo sido eleita a lista oficial, com a direcção presidida pelo snr. dr. Duarte Borges Coutinho.

«No final do ano de 1970, reuniram-se algumas figuras gradas do Benfica, dando curso a um movimento no sentido de se conseguir uma lista única que congrassasse todas as correntes existentes no Clube. Tal o impunham os interesses do Benfica e a necessidade de se concentrar todas as potencialidades do Clube para dar execução à monumental obra da Cidade Desportiva.

«Para precaver qualquer desígnio divergente (há sempre quem, por deleite, por distracção, ou, até, por brincadeira, goste imenso de «fazer» direcções) em assembleia geral procurou-se suspender os preceitos regulamentares que permitem a apresentação de mais de uma lista a sufrágio. Depois de alguma controvérsia, em que se evocaram os direitos dos sócios, foi decidida essa suspensão, se a comissão organizadora da lista oficial não conseguisse uma lista única dentro de determinado prazo.

«Foi isso que aconteceu. A lista única não foi obtida até ao prazo fixado e os preceitos regulamentares em causa foram suspensos.

BORGES COUTINHO

«Foi, então, apresentada a sufrágio apenas uma lista, cuja direcção continuou a ser presidida pelo snr. dr. Duarte Borges Coutinho. Essa lista destinava-se ao biénio em causa (1971-1972).

«Concordei com a suspensão dos preceitos regulamentares apenas como medida transitória e excepcional. Discordo, absolutamente, da manutenção dessa suspensão. Tal facto viria revelar que os preceitos em causa não serviam e então a solução que se impunha era revogá-los, substituindo-os por outra articulação que fosse entendida mais conveniente.

«Ora, como ainda não foi demonstrada a ineficácia ou inconveniência desses preceitos existe sim a obrigação de os cumprir. De resto, sem pretender criticar os bons propósitos dos unificistas de há dois anos, para se atingir as finalidades que, então, se tinham em vista (melhor satisfação dos interesses clubistas e a construção da Cidade Desportiva) não é condição indispensável que exista apenas uma lista a sufrágio.

«O que se torna necessário (sim) é que, depois das eleições, vencidos e vencedores se congrassem e se devotem todos à concretização nos superiores da colectividade. Há sempre trabalho para todos. O problema reside (sim) no facto de existir quem (apenas) goste e queira trabalhar quando é director.

Pergunta: — Concorda, então, que ao acto eleitoral possam ser apresentadas diversas listas?

«Não me compete concordar ou discordar. Trata-se de um direito estatutário e regulamentar e há que respeitá-lo.

«O que é preciso é que as pessoas que integram as listas apresentadas a sufrágio estejam perfeitamente mentalizadas com as obrigações que irão assumir. O actual presidente da direcção, (por exemplo) já teve em determinado momento, uma responsabilidade pessoal em avales dados ao clube de cerca de quinze mil contos. Hoje essa responsabilidade está reduzida a 6 mil contos.

«Ora, os candidatos a presidente, têm de pensar que terão de substituir essa responsabilidade e ampliá-la, até, porque sem a participação do clube nos quartos de final e nas meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus a administração do ano próximo não vai ser nenhuma «pêra doce».

FUTURA ORGÂNICA

«Sou da opinião que a actual orgânica directiva não satisfaz as exigências do clube. E, coisa curiosa, mas paradoxal (simultaneamente) acho que há dirigentes a mais é que, por outro lado, faltam pessoas para uma boa execução do trabalho directivo. Entendo que deveria haver um menor número de directores a quem caberia a responsabilidade de definir as grandes linhas de orientação do Clube. Eles seriam os responsáveis directos para com a massa associativa da actividade directiva. Depois, deveria haver o número de adjuntos suficiente para assegurar um trabalho directivo sem falhas.

«O esquema que eu preconizo para uma futura organica directiva do Benfica é o seguinte:

«Seriam eleitos em assembleia geral, apenas sete directores. Um presidente, um vice-presidente, e cinco secretários. Estes secretários teriam a supervisão dos seguintes sectores: serviços gerais, serviços administrativos, futebol profissional, actividade desportiva e instalações sociais.

«Seriam ainda eleitos três suplentes, a fim de substituir os efectivos nas suas faltas ou impedimentos. Mas estes suplentes não teriam qualquer actividade, enquanto não fossem chamados à efectividade. Hoje, relativamente, aos suplentes não acontece exactamente assim. Estes elementos seriam eleitos em assembelia geral e seriam os responsáveis perante a massa associativa do Clube.

«Depois, cada um dos secretários designaria o número de adjuntos que necessitasse. Naturalmente, que os serviços gerais e os administrativos teriam uma necessidade menor de adjuntos do que o futebol profissional e as instalações sociais, e estas, por sua vez, teriam a esse respeito exigências menores do que a actividade desportiva. E na realidade, manifestamente insuficiente o número de quatro vogais existentes na actual organica para a actualidade desportiva. Estes adjuntos (que seriam empossados simultâneamente com os directores-eleitos) seriam responsáveis perante estes últimos pela sua actividade e poderiam ser substituídos, sem quàisquer implicações eleitorais, se acaso a sua acção se manifestasse desprovida de interesse ou inconveniente.

«Cada um destes sectores seria assistido por um funcionário renumerado que asseguraria a direcção do expediente respectivo. A este respeito esclarece-se que já existem tais funcionários para os serviços gerais, para os administrativos, para as actividades desportivas e para o futebol profissional. Apenas haveria que admitir um funcionário com tais atribuições para as instalações sociais.

«Para completar o esquema directivo, o clube deveria possuir (ainda) um director-geral, remunerado, que seria no xadrez do funcionamento do clube, um sucessor do sr. Antero Trigo, mas com funções mais dilatadas. Os sete directores eleitos, reuniriam uma vez em cada semana. Os cinco secretários com os seus adjuntos teriam também reuniões semanais independentes para cada sector. E, mensalmente, haveria uma reunião plenária com a presença de sete directores e dos dirigentes nomeados por eles».

«As ambições de José Augusto não se compatibilizam com a orgânica do futebol benfiquista».

Frazier não receia Foreman

Joe Frazier, campeão mundial de boxe na categoria dos «pesados», tendo a seu lado duas «coelhinhas» de um clube «Playboy», de New Jersey, reagiu vigorosamente quando o seu «challenger» George Foreman sugeriu que ele estava muito próximo de perder o título mundial.

Foreman, um pugilista de boa pinta, que deve combater contra Frazier (para o título) em Kingston (Jamaica) numa luta programada para 22 de Janeiro, disse numa conferência de Imprensa que a maioria dos campeões de pesados **com excepção do grande Joe Louis,** nunca tinham conseguido manter os seus ceptros durante mais de dois ou três anos. Aos 75 jornalistas reunidos na conferência de Imprensa, juntamente com os promotores do combate e representantes do Governo jamaicano, Foreman acrescentou: **por isso penso, e com certas razões pessoais, que está na altura de Joe Frazier passar a sua coroa.**

Frazier, respondeu prontamente: **pareces mesmo o Cassius Clay (Muhammad Ali) a falar. Nem quero acreditar numa coisa dessas. Cá temos nós outro Cassius Clay que é todo garganta. De resto, estás redondamente enganado, porque o título já está em meu poder há quatro anos, não há dois nem três anos. São quatro anos que espero ver multiplicados.**

Foreman, imbatível em 37 combates (nos quais conquistou 34 vitórias) disse que a próxima luta com Frazier será terrível, frisando: **estou pronto para o vencer e penso que o vencerei.**

exposição BMW
Hotel Ritz

EM TODAS · DL/DESPORTOS

SPORTING CLUBE DA PENHA: sessão solene comemorativa do 33.º aniversário desta colectividade na noite do próximo dia 20 do corrente, na Rua da Penha de França, 77 (em Lisboa). No decorrer da reunião será entregue o emblema dos 25 anos de associado ao sr. José Augusto Ferreira Pinho, sócio n.º 30 da colectividade. Na mesma ocasião, serão confiados ao património do Sporting Clube da Penha os troféus conseguidos nos últimos dois anos de actividade desportiva pelos seus praticantes.

XADREZ PARA A JUVENTUDE: quatro jovens (o portuense Miguel Miranda, os lisboetas Armando Roque e Alvaro Pereira e o vianense António Firmino da Silva) representam Portugal, no Torneio Internacional de Xadrez para a Juventude que vai decorrer, de 27 do corrente até 7 de Janeiro, em Viana do Castelo. Joaquim Durão é o director-técnico da competição.

PUGILISMO: a União Europeia de Pugilismo designou o espanhol António Ortiz Jalon como pretendente oficial ao título europeu dos «meios-médios ligeiros», na posse do turco Cemal Kamac. A União nomeou ainda o escocês Tommy Glencross como candidato oficial ao título europeu dos «meios leves», de que é detentor José Legra, espanhol nascido em Cuba. Os contratos para os dois combatentes devem ser assinados até 7 de Fevereiro.

ASSEMBLEIA DA ESGRIMA: a Federação de Esgrima elege os corpos gerentes para novo mandato na noite do próximo dia 19 do corrente, na sua sede (Rua do Arco do Cego, 90, 5.º, drt.º, em Lisboa).

VELA: Goulart Branco e João Faria (em classe 420) conquistaram o campeonato do Mediterraneo do ano corrente, após a série de provas organizadas na Costa Brava (em Espanha). A outra tripulação portuguesa concorresnte (António Mata-Jorge Telhada) classificou-se em sétima posição.

ANDEBOL: as turmas do Benfica, Sporting, Belenenses, Almada, Passos Manuel, Domingos Sávio e Vendedores de Jornais já passaram para a segunda fase do campeonato lisboeta de juvenis. Falta apurar um companheiro.

ARTE FOTOGRÁFICA: o Grupo Desportivo da Cuf volta a organizar o Salão Internacional de Arte Fotográfica, no Pavilhão gimnodesportivo do Estádio «Alfredo da Silva», a partir das 17 e 30 do dia 17 do corrente.

HÓQUEI EM PATINS: o Futebol Clube do Porto e o União de Lamas comandam as séries em que se divide o campeonato portuense da modalidade. Eis as formações mais habituais: **Porto**-Daniel, Morais, Ribeiro, Marcelo, Faria, Miro, Costa, Raul, Souto, Alberto, Fernando, Neca, Soares, Domingos e Lelo. **Lamas**-Luis, Oliveira, Monteiro, Santos, Costa, Torres, Ferreira, Rui, Carlos Fernandes, Sousa e Castanheira.

HÓQUEI EM PATINS: o campeonato bracarense foi ganho pelo Académico Basquete Clube de Braga que alinhou, normalmente, com Alfredo Brandão, José Alberto, Jaime Soares, José Manuel, Nuno Pimenta, Fidalgo, Eduardo, Vasco Cerqueira e Ribeiro.

ATLETISMO: meio-fundistas e lançadoras dos clubes da província vão estagiar, de 26 a 28 do corrente, no Centro do Jamor.

EDUCAÇÃO FÍSICA: O Ministério da Educação Nacional (através da Direcção-Geral dos Desportos) estuda as soluções possíveis, dentro do contexto actual, para os problemas que envolvem a Educação Física Escolar. Com o objectivo de fornecer uma informação elementar a todos os docentes que não têm qualquer qualificação no campo da Educação Física no Ciclo Preparatório, decorreram nos dias 7, 8 e 9 estágios informativos para 350 daqueles elementares. Estes estágios foram orientados pelos subdelegados distritais da Educação Física no ensino básico dos distritos de Braga, Vila Real, Aveiro, Coimbra, Leiria, Lisboa, Setúbal, Evora e Faro.

BOMBEIROS: a Associação dos Voluntários de Lisboa realiza, na manhã de domingo, uma prova de atletismo denominada «Natal do Bombeiro», com partida da Praça do Império e chegada junto ao n.º 101 da Rua das Flores. A corrida é destinada exclusivamente a bombeiros voluntários.

ESCOLHA: A Junta Inglesa de Pugilismo concedeu autorização oficial ao campeão europeu dos «pesados», Joe Bugner, para combater, em Las Vegas, contra o antigo campeão mundial, Mohammad Ali (Cassius Clay), em 14 de Fevereiro. O combate será cancelado se Bugner não defender com êxito o seu título contra o pretendente holândes Rudi Lubbers, em Londres, no dia 16 de Janeiro.

DESPORTISTAS DO ANO: Olga Korbut, medalha de ouro soviético em ginástica feminina, nos Jogos Olímpicos de Munique, foi votadapela BBC como «a deportista internacional do ano». A desportista do Ano», em Inglaterra, conforme a votação, foi título conferido a Mary Peters, medalha de ouro olímpica do pentatlo.

Atletas continentais em provas de S. Silvestre: Carlos Lopes em Luanda, Américo Barros no Funchal e Carlos Tavares em S. Paulo.

Pela décima vez o Grupo «Os Stromps» faz entrega dos seus prémios. A festa terá lugar esta noite, no Restaurante «Casa do Leão». Os distinguidos: Carlos Lopes (atleta amador), professor Eduardo Cunha (Técnico amador), Joaquim Agostinho (atleta profissional), Mário Lino (técnico profissional), Rui Pigntelli (dirigente), Armando Fazenda (seccionista), dr. Jorge Matos Fagundes (dedicação), João Vaz Guedes (sócio do ano) e Alvaro Retamosa Dias (homenageam ao passado).

Eusébio e o Belenenses na festa do Real Madrid

Festa de despedida de Gento, festa de aniversário (Bodas de Prata) do estádio Santiago Barnabéu e Real Madrid mesmo em festa. Para colaborar, o convidado de honra é o Belenenses, prestigiado pelo segundo lugar no campeonato português e as atracções máximas Eusébio, Djazic, Bené e Dobrin, certamente a condimentar um prato de futebol suculento, que os adeptos madrilenos, agora em fase de baixa nas provas europeias e no campeonato espanhol, poderão saborear logo à noite.

O estádio, originalmente chamado de Chamartim, mas últimamente rebaptizado com o nome do presidente do Real e seu principal financiador, foi inaugurado, exactamente pelo Belenenses há 25 anos.

Esta curta viagem à capital de Espanha tem um significado especial para uma pessoa: o técnico Scopelli. Era treinador dos «azuis» quando a equipa inaugurou o estadio, num jogocélebre que os «merengues» ganharam (3-1), mas em que o Belenenses praticou futebol de alto nível, como (aliás) era seu timbre na altura, jogando na equipa as «famosas» Torres de Belém, que tantas saudades deixaram, e os tecniccistas Amaro e Quaresma, dos melhores que passaram por estádios nacionais.

O Belenenses partiu ontem de combóio e deve regressar amanhã, às 11 e 45, estando hospedado no Hotel Gran Via.

A comitiva do Restelo que é presidida por Manuel Bulhosa, engloba, subdirecção de Scopelli e Peres Bandeira os jogadores Mourinho, Ruas, Murça, Freitas, Calado, João Cardoso, Parreira, Quinino, Godinho, Ernesto, Quaresma, Leandro, Luís Carlos, Laurindo e Gonzalez. De todos els, apenas está em dúvida Murça, leosionado no jogo do passado domingo.

Chegou a noite passada à capital espanhola o mais famoso «internacional» do Benfica, que vai participar na festa do Real Madrid e de Gente, o famoso extremo esquerdo que durante 18 anos consecutivos alinhou com a camisola número 11 do clube sexa-campeão europeu. À sua chegada ao aeroporto de Barajas, Eusébio confessou-se satisfeito com o convite que lhe tinham endereçado, pois sempre foi um admirador de Gento.

O jogo principia às 21 horas.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 15 DA 12.ª ÉPOCA (17 DEZ.-72)

Comércio de Portimão — x1x 112 112 x111; O Comércio do Porto — xxx 1x2 112 1x11; Correio dos Açores — 2x2 112 112 xx11; Desportivo das Beiras — x2x 1x2 112 111x; Ecos de Estremoz — xx2 1x2 x11 211x; Folha do Domingo — xx2 xx2 112 1111; O Jornal de Felgueiras — xxx 112 112 11x1; Jornal de Santo Tirso — 2x2 112 112 x1x1; Jornal de Viseu — x11 112 1xx x1x2; Linhas de Elvas — 121 112 112 1111; Notícias de Felgueiras — 1x2 1x2 x1x x1x1; Povo Algarvio — x12 112 112 x111; Renovação — 112 112 112 1111; Boa Nova — 2xx 112 112 1x11; Brados do Alentejo — 121 212 112 1212; Cavalgada do Ritmo — x22 112 x1x 1x1x; Correio de Coimbra — 211 1x2 112 1111; Diário do Minho — 21x 1x2 112 1111; O Distrito de Setúbal — 1x2 1x2 112 1111; Eu Sei Tudo — x11 122 1x2 1x1x; Imagens Piedenses — 111 xx2 1x2 11x1; O Jornal da Lixa — 2x2 112 x12 12x1; Jornal de Sintra — 2xx 112 112 1211; Notícias de Penacova — 2xx 112 112 111x; A Ordem — 2x2 112 122 x1x2; A Rabeca — 2xx 112 112 11xx; Rádio Altitude — x1x 112 112 1111; Rádio Oceano — xxx x12 1x2 1x11; Reconquista — xx2 x12 112 x111; Revista de Som — 2xx 112 112 x111; Ecos do Desporto — x12 112 112 1x11; Epoca — 212 1x2 1x2 x11x; O Templário — x1x 212 112 1111; Terra Alta — 222 122 112 2111; A Voz do Domingo — 21x 112 112 xx11; Passatempo J.J. — 212 xx2 112 xxx1; Peça que não maça — x1x 112 1x2 xx12; Mundo Desportivo — x12 1x2 112 1111; República — x12 122 112 1x11; Bondiazinho — 111 x12 121 x1x2; Cidade 72 — 212 112 1x1 2122; Domingo Alegre — 111 1x2 111 2112; Passatempo — 211 112 111 212x; Revista Desportiva — 222 112 1x1 11x1; Roteiro Sonoro — 212 1x1 111 21x2; 20 Ponto D — 221 112 121 2122; Terceiro Programa — 121 122 121 2111; Renovação — 11x x1x 11x 211x; Brado Africano Ronga — xx1 112 112 xx1x; Brado Africano Desporto — 12x 112 112 xxxx; O Algarve — 21x 112 11x 111x; A Comarca de Arganil — x1x x12 x12 111x; O Concelho de Estarreja — 2x1 112 112 x111; Diário do Alentejo — 21x 112 112 11xx; Diário de Coimbra — x1x 112 112 1111; Jornal da Beira — 112 1x2 1x2 x11x; Jornal do Fundão — x12 1x2 112 11x2; Maria da Fonte — 2x2 112 112 xx11; Mosaico — 2x2 1x2 112 111x; O Norte Desportivo — 2x2 112 112 x111; Clube do Ar — 21x 1x2 112 x11x; O Comércio de Leixões — 21x 112 112 x111; As 10 Espere por nós — xxx 222 xxx x1x2; Diário do Porto — x12 1x2 112 xx1x; Dos Fracos Não Reza a História — 121 1x2 1x2 1x22; Jornal da Graça — 111 112 112 1111; Manchete Desportiva — 112 122 112 1111; Penalti — 212 1x2 1x1 x111; Repórter do Dia (Angola) — xxx 1x2 112 1x1x; Ritmo e Amizade — x1x 1x2 1x2 xx1x; O Sorriso da Hora do Almoço — 112 112 112 1111; A Voz dos Ridiculos — 2x2 1x2 122 111x; Cardeal Saraiva — 111 xx2 11x 1122; Correio do Minho — x2x 1x2 122 11x1; Correio do Vouga — 211 112 112 1111; Ecos de Cacia — x12 112 1x2 1111; Estrela da Manhã — 21x 1x2 x12 111x; Gazeta das Caldas — x1x x12 112 x2x1; O Mensageiro — x12 112 11x 111x; Litoral — xx2 112 112 1111; Mensageiro de Bragança — 112 112 1x2 1x21; Notícias de Chaves — 2x2 112 112 xx11; Notícias do Douro — x1x 112 122 x111; Notícias de Gouveia — 212 x1x x12 1xx2; Póvoa de Lanhoso — xx2 112 112 1121; Presença Coimbra — 212 xx2 112 1x1x; Rádio Sports — x12 112 xx2 1x11; A Voz Desportiva — 221 112 x22 1121; Voz de Lamego — 212 112 112 1xx2; Diário de Lisboa — 212 1x2 112 xxxx; Voz do Casa Pia — xxx 112 112 1111; Notícias de Evora — x12 1x2 112 x11x; Auto Rádio — 11x 112 112 xx12; Boletim Desportivo TA — x12 1x2 112 x1xx; Estúdio 64 — 111 112 122 111x; Jornal de Notícias — x12 112 112 1111; Miscelânea Musical — 2x2 xx2 112 x111; Montra do Êxito — xx2 1x2 112 1111; Música e Desporto — 2x2 122 112 x11x; Placard Desportivo — 112 112 1x2 xxx2; O Primeiro de Janeiro — 2x2 122 112 x11x; Programa da Manhã — xx2 1x2 1x2 1111; Programa Sem Nome — x1x 112 1x2 x11x; Quadrante Desportivo — 2x1 x12 112 11x1; Quadrante Norte — 2x2 111 xx1 2211; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Resenha Desportiva — 222 1x2 112 1x12; Só Rádio — 2x2 1x2 112 211x; Placard Desportivo Açores — x1x 112 122 112x; O Apostolado — 2xx 2x2 11x 1x1x; Canal 18 212 112 111 1211; Notícias do Totobola — 212 11x 11x 1111; Último Palpite — x22 112 112 x221; Rádio Desporto — x11 1x2 212 1121; O Domingo e o Desporto — xx2 1x2 11x xx11; O Desporto em Marcha — x11 1x2 112 xx11.

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2
1. BARREIRENSE - BELENENSES	22	46	48	2	5	5
2. SPORTING - SETÚBAL	63	39	14	7	4	1
3. UNIAO COIMBRA - PORTO	23	35	58	2	3	7
4. BEIRA MAR - UNIAO. TOMAR	98	14	4	10	1	1
5. LEIXOES - GUIMARAES	68	40	8	7	4	1
6. MONTIJO - BENFICA	3	3	110	1	1	10
7. BRAGA - ESPINHO	104	11	1	10	1	1
8. FAFE - VARZIM	86	20	10	9	2	1
9. UNIAO LAMAS - ACADÉMICA	14	10	92	1	1	10
10. FAMALICAO - OLIVEIRENSE	64	41	11	7	4	1
11. ORIENTAL - SINTRENSE	78	31	7	8	3	1
12. TORRES NOVAS - SACAVENENSE	81	24	11	9	2	1
13. NAZARENOS - COVA PIEDADE	64	34	18	7	3	2

(a)

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

E a chave lógica será:

212 112 112 1111

TAÇA U.E.F.A.

VITÓRIA PASSOU E PORTO CAIU

«**O futebol português tem muita técnica, mas falta-lhe rapidez e tática**», disse o treinador do Dynamo Dresden (Friztch de seu nome) depois de a sua equipa ter eliminado o F.C. do Porto, num jogo em que faltou à turma de Riera, essencialmente, força para penetrar na área e decisão na hora do remate.

Talvez porque tenha a referida técnica elevada ao mais alto grau, e porque joga rápido e possui um dos melhores tácticos do futebol nacional, o Vitória de Setúbal desmentiu o técnico alemão e superou os milionários do Inter, exibindo-se na primeira parte com um à vontade, uma categoria e um «donaire» que impressoinaram até os mais exigentes observadores italianos.

Esta, a sorte diversa dos portugueses na eliminatória da «Taça UEFA» que ontem terminou. Resta o Vitória como representante do futebol «luso» na Europa. Fica uma equipa consciente, senhora de um belo futebol e comandada por uma cabeça (Pedroto) que, em termos de futebol, não necessita de pedir ideias emprestadas a ninguém. Daí a ufania que reina na cidade do Sado.

«PORTO BEM DE MAIS»

Para o árbitro do Dynamo-F.C. do Porto, os portugueses «**jogam bem demais. «Pouco abertos e lentos, os portugueses levam tempo demais a fazer as coisas** — salienta o grego sr. Lasios «**Tanta exactidão acaba por os prejudicar**».

Outro tanto não diz Riera, que regressa satisfeito com o comportamento dos seus pupilos (assim o declarou, pelo menos). «**Temos técnica e criámos oportunidades. Mas os golos não surgiram e não foi por culpa da arbitragem que se mostrou imparcial**», disse ainda o chileno do F.C. do Porto.

A eliminação dos portistas deixou, ainda assim, um certo travo de dúvidas. pois logo aos 11 minutos Abel enviou uma bola ao posta e esse lance ainda agora é comentado como possível de operar a reviravolta. Só que ela não se deu e agora há que olher em frente. Para já, a equipa chega ao Porto às 21 e 05 e vai logo para a cama. Amanhã, às 6 (!) da manhã já está nas Antas para uma sessão de banhos e massagens, posto o que segue imediatamente para a Curia onde faz o estágio com vista ao jogo com o União de Coimbra, no próximo domingo.

Esta derrota evitou que Rolando distribuisse cinco dos seus 15 contos de prémio pelos colegas (conforme prometera antes do jogo) assim como poupou uma dúzia de notas de mil a um associado que telegrafou para a República Democrática da Alemanha, anunciando que em caso de vitória contribuia com um conto para o prémio de cada jogador. E deixou as mãos livres ao técnico Riera para se atirar (exclusivamente e na máxima força) ao campeonato, onde pretende conquistar um lugar que dê acesso às provas europeias da próxima temporada.

UM VITÓRIA SOFREDOR

O Vitoria de Setúbal, revelou em Milão mais uma das suas multiplas facetas de equipa para o grande futebol: foi sofredora, ao ponto de aguentar durante 45 longuíssimos minutos o assalto dos italianos, desesperados, è procura do golo que lhes faltava, caindo sobre a rede do regressado Joaquim Torres como fantasmas ameaçadores, saídos do nevoeiro. Foram momentos de angústia, tempo de luta dura para amassar com a técnica da equipa a sua homogénea estrutura e a sua disposição eminentemente defensiva, em figurinos de segundo jogo, de eliminatória a duas mãos.

Os longos minutos de dificuldades caldearam a equipa e, quando o árbitro deu o jogo por concluido, já formavam um bloco de emotivo abraço colectivo no centro do terreno. E que, aquela segunda parte do Inter, a que se resistiu sem problemas de maior (a não ser um enorme dispêncio de energias e suor) justificava a explosão final.

À distância, pode agora dizer-se que talvez tenha salvo o Vitória a personalidade do árbitro, um austríaco que, além de obrigar os italianos a jogar, o que não queriam (para não cansar a equipa, que domingo tem uma difícil viagem a Roma) alegando nevoeiro e falta de visibilidade, foi enérgico a reprimir abusos de ordem física e soube manter o jogo na mão. Mostrou cartões amarelos aos portugueses (Arcanjo, Carriço e Duda), mas não teve pejo de fazer o mesmo ao italiano Boninsegna.

Em suma: uma jornada de face dupla, com o êxito a sorrir aos sadinos e a eliminação a cobrir como sombra funesta o regresso «azul e branco» à sua cidade. Ainda que ambos tenham perdido pelo mesmo resultado: 0-1.

A selecção corre para o Mundial

Com Eusébio e Rui Rodrigues à frente, a selecção nacional continua a correr para o Mundial. Os treinos sucedem-se, às quartas-feiras, o último com a ausência dos jogadores do Vitória e Belenenses, mas com a presença de várias caras novas (Baltazar, Manuel Fernandes, Amândio, Vitor Pereira, Teixeira, e Cacheira) escolhidas a selecção de Esperanças. No treino de ontem (noticiado pelo «D/L» na segundaaaa edição) a novidade foi a transmissão de poderes do dr. Jorge Saraiva para o novo coordenador da selecção, dr. Lívio Borges, apresentado aos jogadores pelo técnico José Augusto.

FUTEBOL

Além dos encontros em que psrticiparam as equipas portuguesas, a Taça U.E.F.A. teve ontem mais jogos. Resultados, com indicação (entre parentesis) da marca da primeira «mão»: Kaiserslautern, 2 Ararat, 0 (0-2). Vitória do Kaiserslautern por «penalties»: Monchengladbach, 5 Koln, 0 (0-0); ESTRELA Vermelha, 1 Tottenham, 0 (0-2): Las Palmas, 2 Twente, 1 (0-3): Zagora, 1 O.F.K., 3 (0-0) e Liverpool, 3 Dinamo de Berlim-Este, 1 (0-0).

Resultado dos encontros disputados ontem, à noite, a contar para as meias-finais do campeonato brasileiro:

Botafogo-Santa Cruz: 4/1; Fluminense-Atlético: 2/3; São Paulo-Coritiba: 2/0 e Palmeiras-América (GB): 3/1.

Os outros quatro encontros da jornada disputam-se hoje.

Armando Luis, actualmente ao serviço do F.C.Porto, intentou um processo contra o Peniche (seu antigo clube).

Julho de 1973 pode marcar a visita da selecção nacional de futebol aos Estados Unidos, segundo desejos dos «ianques».

A equipa de futebol do Sporting foi convidada, pela Associação Provincial da Guiné, a deslocar-se a Bissau, no próximo mês de Fevereiro. Por seu lado, também da Austrália veio uma proposta para exibição em Melbourne da turma dos «leões».

Os juniores do Sporting, em contrapartida, receberam convites para actuação nos torneios de Roubaix e Saint-Etienne, devendo (no intervalo entre as duas competições) exibir-se perante os portugueses residentes na zona parisiense.

O jogo de reservas (a contar para o torneio lisboeta) entre o Belenenses e o Sporting, foi adiado para o próximo dia 17 de Janeiro.

Em encontro particular, o Bayern de Munique, campeão da Alemanha, venceu o Marselha, campeão de França, por 1/0 (0/0) ao intervalo. O jogo foi em Paris.

Para o campeonato lisboeta de reservas, Benfica e Atlético empataram (2-2) no Estádio da Luz. Os «teams»:

BENFICA — Bento; Matine, Bastos, Messias e David; Sheu e Rui Lopes; Nélinho, Jordão, Móia e Diamantino.

ATLETICO Riscado; Luís, Vítor Alves, Santos e Norberto; Belchior, Semedo e Coelho; Zézinho, Rui e Vasques.

Luis foi expulso por carga a Jordão. Os golos foram obtidos por Messias, Nélinho, Belchior e Zézinho.

Em Marvila, a partida Oriental-Sintrense foi suspensa aos 10 minutos por falta de energia eléctrica.

O Belenenses, graças ao seu segundo actual lugar no campeonato, recebeu convites para se exibir em Italia, França, México e América do Sul. Entretanto, a «carta» de Gonzalez foi adquirida pelo clube.

O Vila Real apresentou protesto do seu jogo contra o Lamego enquanto o prazo para o Sporting e o Braga recorrerem dos seus castigos termina hoje. Por intermédio de porta-vozes dos dois clubes, sabe-se já que ambos vão recorrer.

A selecção brasileira de futebol vai disputar uma série de encontros na Africa e na Europa, em Julho do próximo ano — anunciou a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Estão programados jogos na Tunísia, em Marrocos, na Itália, na Austria, na Rússia, na Alemanha Federal, na Escócia e na Suiça.

Excepto na Rússia e na Suiça, por cada jogo a selecção brasileira receberá cinquenta mil dólares (1.350 contos). A receita do jogo a disputar na Suiça reverterá a favor de uma instituição de caridade, enquanto a Rússia (em troca), se comprometeu a disputar um encontro gratis no Brasil.

A equipa brasileira vai fazer uma intensa campanha de treino para o Campeonato Mundial de 1974 porque, como actual campeã do Mundo, está isenta da fase preliminar.

POLÉMICA

Um convite para depor

. O público, de uma maneira geral, gosta de saber como são e como pensam, porque fazem isto ou aquilo, quais as reações e princípios de determinadas pessoas que, pela sua profissão, se tornaram figuras populares. Para elucidar o público, o jornalista chega a ir até ao mais ínfimo pormenor: é (até) a própria justificação da missão da Imprensa. E, o mais curioso é que, pela sua capacidade, acaba também por se tornar uma pessoa conhecida, mas sobre a qual pouco ou nada se sabe.

Estou convencido de que não é por falta de interesse, nem de curiosidade do grande público, mas sim pelo facto de o jornalista ser entrevistador e nunca entrevistado.

Pensando nisto, imaginei que talvez tenha o seu interesse inverter os papéis (neste caso especial: de treinador para jornalista), entrevistando eu alguns dos valores positivos da Imprensa desportiva.

A ideia ocorreu-me e vou levá-la por diante, convidando desde já quem quiser responder às perguntas que farei sobre a sua profissão, nomeadamente sobre as bases que os levam a comentar este ou aquele assunto, este ou aquele jogo, esta ou aquela figura. Enfim: chegar ao âmago de todas as suas ideias e principios.

Tenho algum receio de não ser bem acolhido No entanto, vou tentar. começando portanto por convidar qualquer jornalista desportivo. Espero que um aceda ao meu desejo. Se algum responder ao meu grito, na próxima semana teremos um jornalista entrevistado por um desportista. O que vai ter o seu interesse...

ANTÓNIO MEDEIROS
(treinador de futebol)

Taça "DL"

A final da Taça «Diario de Lisboa», em ténis de mesa (infantis) disputa-se no proximo domingo, pelas 10 e 30, na mesa de Recordação Apolo, clube que defronta o Sport Lisboa e Aguias.

JARDIM DE S. FILIPE NÉRY

ÁRVORES DE NATAL
(Abetos)
TODOS OS TAMANHOS
E PREÇOS
ENTREGAS AO DOMICÍLIO
CONSULTE
O NOSSO SERVIÇO
DE ORNAMENTAÇÕES
Rua de Campolide, 270-A — Telef. 68 06 25
Rua de Campolide, 295-A — Telef. 68 86 58 — LISBOA

VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS
CICLO-AREEIRO
AV. ALM.TE GAGO COUTINHO, 3-B • LISBOA

BMW 520
pelo prazer de conduzir

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %		453$	
Cons 3 %	490$	490$	
Cons 3 1/2 %		566$	
Centenários	1 313$	1 313$	
Tes 5 % 57	1 002$	1.001$	
Tes 5 % 59		1 000$	
Exter 1ª s	641$	641$	
Extern 1ª c		643$	
Extern 3ª s			780$
Extern 3ª c			780$
Caut 3ª s			

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	965$	960$	970$
C M L 5 3/4 %		1 005$	
C P 5,5 % 67		980$	
C P 5,5 % 68		970$	1 000$
C P 5,5 % 69		980$	1 000$
Corr 5 3/4 %		980$	
Metr 5 3/4 %		1 010$	
Tur 5 3/4 %		1 030$	
C P 6 3/4	1 040$		

ELÉCTRICAS

G 5 % 58		850$	
G 5 % 59		850$	
G 5 % 62			
G 5 % 63			
G 5 % 64			970$
G 5 % 65			
G 6 % 67		970$	
G 6 % 69		970$	
G 7 % 71			800$
H E C 5 %			740$
H E C 6 %		950$	980$
H E D 5 %			740$
H E D 6 %	955$	950$	
H E N P 5 %			
H E S E 5 %			
H E S E 6 %			940$
H E Z 5 % 57			
H E Zêz 6 %	920$	920$	
N Elc 5 %			
N Elec 6 %			940$
Termoel 5 %		740$	
U E P 5 % 60			
U E P 5 % 63		890$	
U E P 6 %		940$	

DIVERSAS

A P T 5 % 56			865$
A P T 5 % 58			865$
Lisnave 6 %	950$	950$	960$
Nitratos 60		850$	
Pet 2ª e 3ª			
Sacor 7 %	1 000$	995$	1.000$
Sacor 5 % 54			990$
Sacor 5 % 60			860$
Sid 5 % 2ª			
Sid 5 % 3ª			
Sid 5 % 4ª			
Socel 5 %		910$	
U Fabril 67		935$	940$
U Fabril 68	945$	945$	950$

ULTRAMARINAS

Carbonl 5 %	450$
Rev 5 % 57	
Rev 5 % 59/60	
Moçamb 5 %	
Sonefe 5 %	

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	4.260$	4.260$	4 300$
Alentejo	1.695$	1.695$	1 700$
Angola	4.200$	4.190$	4.200$
Cred. Predial	5.000$	4.950$	5.050$
Esp Santo	15.100$	15.000$	15 100$
Fomento	5.400$	5.300$	5.400$
F & Burnay	67.000$	67.000$	70.000$
N Ultr m	—	5.500$	—
N. Ultr c	—	7.050$	7.100$
Portugal n	4.550$	4.500$	4.600$
Portugal p		6.600$	6.700$
P Atlântico	13.900$	13.850$	13 900$
Totta & Açores	6.950$	6.950$	6.980$
Algarve	2.650$	2.650$	2.700$
Borges & Irmão	6.200$		6 200$

De Seguros

Alentejo	370$	370$	
Bonança		13 500$	
Império	40 000$		40 000$
Mundial	1 800$	1 800$	1 820$
Soberana	1 950$	1 900$	
Tranquilidade			

Eléctricas

C P E p	1 180$	1 175$	1 180$
C P E n	1 130$	1 135$	1 040$
E Beiras	1 670$	1 670$	1 680$
G Elec c	324$	323$	324$
H E A A	160$	158$	160$
H E N P		240$	250$
H E S E		1 550$	1 600$
U E P		177$	180$

Ultramarinas

Ag Cassequel	970$	965$	975$
Ag Incomáti			1 950$
Ag S T e P		180$	
Aç Angola		1 150$	1 350$
Alg Angola			203$
Ang Agric			600$
Boror		120$	
Boror Com			70$
Buzi		68$	
Cabinda		110$	
Com Lobito	595$	595$	
D A T 100			1.950$
H E Revué			
I do Princ			
Moçambique	220$	220$	225$
Sonefe n		340$	
Sonefe p	370$	365$	370$
Zambézia	59$	59$	60$

Diversas

Ag Lx ant		420$	
Ag Lx 34		407$	
Ag Lx 36		5 000$	
Cel Guadiana			
C Leiria p	10 450$	10.450$	
C Tejo p	39 325$	39 325$	
F Ramada			
Fornos Elect	140$	140$	141$
P Celulose	4 650$	4.630$	4 700$
Siderurgia p	4 800$	4 800$	4.850$
Siderurgia n	3 250$	3 220$	3 250$
Socel			
Cidla	8 500$	8.500$	8 550$
C U F	3.000$	3 000$	3 050$
Intar	525$	515$	525$
Nitratos			980$
Petroquímica	950$	950$	960$
Sacor	4 150$	4 150$	4 200$
Tab Portugal		3 900$	
Tabaqueira	9 500$		9.500$
U F Azoto	750$	740$	750$
Empor		230$	260$
Ind Aliança			
I P Colón		1.000$	1 100$
Nac Naveg			3.500$
Naveg (Col)		1 900$	1 980$
P Pesca	950$	930$	1.000$
Matur	950$	950$	
R Marconi		1 020$	
TAP	1 215$	1 212$	1 220$
Compal		530$	580$
Salvor		1 150$	
Penina			
Lisnave	12.200$	12 150$	12.300$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	30$50	33$50
Alemanha Marco	8$25	8$55
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo	—	—
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$59	$62
Brasil Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá Dólar	26$50	27$30
Dinamarca Coroa	3$60	4$00
Espanha Peseta	$41	$43
França Franco	5$15	5$45
Holanda Florim	8$15	8$45
Inglaterra Libra	62$50	65$50
Itália Lira	$0425	$046
Marrocos Dhran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suécia Coroa	5$50	5$80
Suiça Franco	7$00	7$25
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	470$00	500$00
Inglaterra 1/2 Libra	495$00	535$00
Ouro fino Barra	55$00	59$00

Banco Borges e Irmão

Indice de cotecão das accoes (Base: Dez. 65=100)

	7-12-72	13-12-72	14-12-72
GERAL	217,3	219,5	121,8
METROPOL	225,2	227,7	230,3
ULTRAM	159,4	159,3	159,2

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

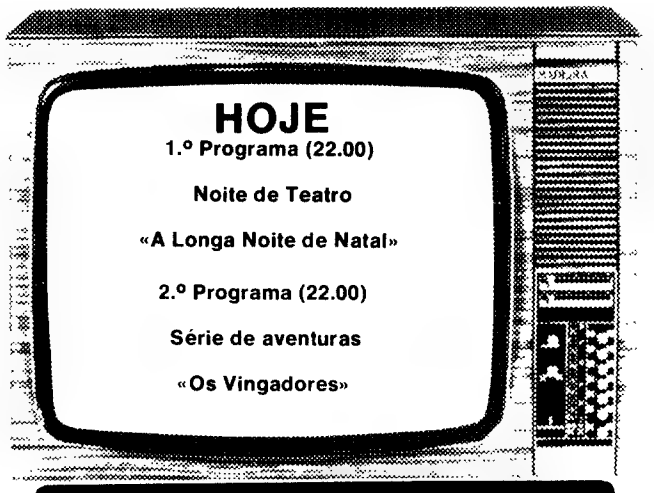
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
13.15 «Aquelas Santas»
13.45 Telejornal 1ª edição
14.00 Um dia com
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa educação musical
19.20 O circo Kiri
19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 Em foco
20.15 Sangue na estrada
20.30 O bombeiro
21.00 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de teatro A Longa Noite de Natal
23.05 Museu do cinema
23.40 Eurovisão Apollo XVII descolagem do módulo lunar
00.15 Telejornal 4ª edição
00.20 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Aquelas santas»
20.45 Um dia com
21.00 «Aquelas Santas»
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 «Os Vingadores»
23.00 Presença do Passado
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos an mados
13.00 Feminino sungular
13.15 «Arnie»
13.45 Telejornal 1ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa física moderna
19.20 O circo Kiri
19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 Presença do Brasil
20.10 Falando de ópera comentários à ópera «Don Pasquale», de Donizetti, a transmitir no sábado, 16 de Dezembro, às 18.05 no 1.º programa
20.25 Cartaz TV
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal 3ª edição
22.05 Noite de estreia «O Solitario»
23.35 Telejornal 4ª edição
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 Vária
21.00 «Arnie»
21.30 Telejornal 3ª edição
22.05 Variedades Tom Jones
22.35 Encontro com o mundo
23.35 Fecho

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?

Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?

Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

tempo

Situação do tempo

Em Portugal Continental o vento era fraco moderado prodominando de sueste e o céu estava geralmente muito nublado e havia nevoeiro em algumas regiões do Interior entre a Serra da Estrela e de Évora.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8.º
P. DOURADAS	2.º
COIMBRA	9.º
PORTALEGRE	7.º
LISBOA	7.º
FARO	15.º
FUNCHAL	18.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA
Máxima **14,2.º**

VISEU
Mínima **10.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ... 14,2.º
Atmosfera 12.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.54	**3,4 m**	3.16	**1,4 m**
22.32	**3,2 m**	16.01	**1,3 m**

Dia 15

11.01	**3,4 m**	4.31	**1,4 m** 4.31
23.46	**3,3 m**	17.12	**1,3 m**

Fia 16

		5.44	**1,3 m**
12.15	**3,5 m**	18.17	**1,1 m**

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo aumentando progressivamente de nubelusidade a Nordeste e Sudoeste onde se fixara do fim da tarde de hoje.

AMANHÃ

NASCER AS 8.46
OCASO AS 18.16

DIA 20	DIA 27	DIA 8	DIA 16

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA
16.00 NoticiárioAo encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje Lucio Battisti
18.20 Espectáculo-Teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Zarzuela: «Las musas Latinas»
20.00 Diário sonoro
20.20 O conjunto Crosby, Stills, Nash e Young
20.30 14.º episódio do folhetim «Amar os outros» (A vida de S Vicente de Paulo)
20.50 Melodias
21.00 Momento 72
21.20 Música, só música
21.45 Páginas do Natal (IV)
22.00 Fados, por Maria Portugal e Manuel Dias
22.20 Dia a dia com a ciência, pelo Dr. Marques da Costa
22.40 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, Por Armando Correia
23.45 Missão Apolo 17 — Reportagem da saída do LM do solo lunar
23.59 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na madrugjda, por Galiano Pinheiro
01.45 Missão Apolo 17 Docagem do LM com o Módulo de Comando
02.00 Fecho

23.00 Rádio Universidade
00.30 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa
16.00 Que quere ouvir
18.00 Música Portuguesa
19.00 O canto e os seus interpretes**20.00** Diário Sonoro
20.40 Poesia de um só poeta
21.00 Arias de Operas
21.20 Tempo literário
21.45 Música.
-Suite «Masques et Bergamasques», de Fauré,
22.00 Na rubrica «Teatro dos nossos dias», pelo Dr. Leopoldo de Araújo, «O Teatro Pânico de Arrabal»
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFONICO — MF2
21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical:Festival de Bayreuth de 1972, em gravações cedidas pela Rádio da Baviera; -Transmissão do drama musical em 1 acto «Ouro do Reno», de Ricardo Wagner. Primeira jornada da Tetralogia «O anel de Nibelungo»
00.23 Quinteto em mi bemol maior, de Schumann, pelo pianista Artur Rubinstein e Quarteto Guarnieri
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Media
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento (Realização de Fialho Gouveia)
20.00 Divagando
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens bíblicas
23.22 Êxitos do disco
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Noticiário/No final-Radiorama
18.00 Artistas Portugueses/
18.22 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renancença)
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Êxitos das Américas
21.30 Curso de Língua Alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE R. DE PORTUGAL

6.00 às 10 00 e das 22 00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
10.00 às 12 00 e das 19 30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
14.30 às 19 30

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944)
ALCÂNTARA
Bairrão, R Prior do Crato 25 (Telef 661321). **Biotifar**, Rua D. João de Castro 27-B (Telef. 638824)
ALVALADE
Zil, Av da Igreja, 9-D (Telef 711780). **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telef 725140); **Roma**, Avenida de Roma 85-A (Telef 772466)
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Telef 821653)
AREEIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300); **Imperial**, Av Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes Rua de S. José, 187 (Telef. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (Telef. 773043); **Vale**, Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043); **Dalva**, Avenida Duque de Avila, 125 (Telef. 45225)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Telef. 311216)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Telef. 683694)
BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Telef 327478)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); **União** Estrada de Benfica, 592 (Telef. 700092); **Alegria**, Estrada de Benfica, 180-A (Telef. 780511)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Telef. 847019)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610)
CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef. 688807), **União**, Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Telef. 663643)
CASTELO
Ziler, Rua S Tomé 54 (Telef 862835)
CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara A[illegible] da República [illegible]
ESTEFÂNIA
Mundial [illegible]
[illegible]
AndradeRibeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Telef 666971)
LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef 662631)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480), **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telef 971131)
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef 311237)
PENHA DE FRANÇA
Vitális, Rua Morais Soares, 66-A (Telef 848011)
PICHELEIRA
Luzmar, R João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso 11-13 (Telef 381136)
REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (Telef 638625)
S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telef 679961)
S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Telef 326750)
S. SEBASTIÃO DA DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira, 1 (Telef 48642), **Sousa Martins**, R Sousa Martins 25 (Telef. 55468)
XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef 382241)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Telef 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef 224141)
BARREIRO
Pimenta, R Con.º Joaquim António de Aguiar, 259 (Telef. 2273012)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA
União Moitense, R dr Teófilo Braga (Telef 239025)
MONTIJO
Moderna, R Bulhão Pato, 60 (Telef 230156)
SESIMBRA
Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Telef 22216)
SEIXAL
Godinho, L da Igreja, 51 (Telef 2218580)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R Ernesto Silva 81 (Telef 212048)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Bras, R Costa Pinto, 186 (Telef 2432034)
OEIRAS
Godinho, R Cândido dos Reis, 98 (Telef 2430090)
PAREDE
Aisir, Av Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Telef 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef 263052)
ESTORIL
Marques dos Santos, R J Ferreira J.A., 15 (Telef 260116)
CASCAIS
Misericórdia, R. do Regimento 19, 41 (Telef 280141); **Cascais**, R. Conde Monte Real-B.º Caixas (Telef 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av Marquês de Pombal, lote 9 (Telef 934589), **Campos**, R Elias Garcia 185 (Telef 930072), **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef 938551)
DAMAIA
Confiança, Est Militar, Lote D (Telef 9710231)
VENDA NOVA
Girassol
QUELUZ
Andre, Av Elias Garcia 151 (Telef 151 (Telef 950043) **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123-A (Telef 951841)
CACÉM
Garcia, Av dos Missionários, 2 (Telef 2942181)
MEM MARTINS
Quimia, Est de Mem Martins, 285 (Telef 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef 980456)
SINTRA
Misericórdia, R. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef 980391)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

PORTO

8.º TURNO

SUB-TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; **Contumil**, Rua de Contumil, 540, **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43, **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos, Lda.** Pr de Carlos Alberto, 31, **Liga Assc. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A **Moreno, Lda.**, Largo de S Domingos, 44, **Sanil**, Rua do Paraiso, 214, **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques** Rua das Condominhas, 794

COIMBRA

TURNO D

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20-tel 33120; **Nazaré**, R Ferreira Borges, 135-139-tel 22605; **S. Isabel**, Av Sá da Bandeira, 28-tel 24916.

LEIA ÀS QUINTAS-FEIRAS O JORNAL

motor

cinemas

MONUMENTAL (Tel 555131)
15 00 e 21 30
(Grupo C - 14 anos)
8.ª Semana de êxito «UM VIOLINO NO TELHADO» ecran gigante, som estereofónico de quatro bandas magnéticas

SATÉLITE (Tel 562632)
15 30-18.30-21 45
(Grupo C 14 anos)
3.ª Semana
A teoria e a pratica do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov

AVIZ (Tel 47163)
15.30 e 21 45
(Grupo B - 10 anos)
46.ª Semana de «record» de exibições em Portugal «TRINITÁ» (Cowboy insolente) com Terence Hill e Bud Spencer Colorscope

IMPÉRIO (Tel 555134/5)
15.00 e 21 30
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana «O PECADO» com Sophia Loren
(Metro - Alameda)
Sessão classica
Hoje às 18 30
(Grupo D - 18 anos)
«MOUCHETTE» (Amor e Morte) A obra-prima de Robert Bresson

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15 30-18 30-21 45
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana
A obra-prima de Robert Rosselini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

LYS (Tel 48560)
15 00 e 21 00
(Grupo C - 14 anos)
A obra maxima de Orson Wells «O MUNDO A SEUS PES» Em complemento CHAPEU ALTO»

S. JORGE (Tel 54153/4)
15 15 - 18 15 - 21 30
4.ª e ultima semana
«ATE À MATERNIDADE»
Não perca esta espantosa comédia
(Grupo D - 18 anos)

CASINO ESTORIL (T 264621/264946)
17 00 e 21 30
(Grupo C - 14 anos)
«A CONVIDADA

VOX (Tel 720808)
15 15 - 18 30 - 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
A loucura feita cinema
Louis de Funés e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS» Eastmancolor

LONDRES (Tel 731313)
4 sessões diarias-14 00-16 30 19 00 e 21 45 Colorido 4.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
A estreia do ano Liza Minelli «CABARET» (Adeus Berlim) Snack-bar Pub «THE FLAG» O melhor encontro gastronomico

MUNDIAL (Tel 538743)
15 15 - 18 30 - 21 45
(Grupo D - 18 anos)
10.ª Semana de sucesso!
Lino Ventura, Jacques Brel e Charles Denner no inesperado filme em Eastmancolor «AVENTURA É AVENTURA» O último e mais discutido êxito de Claude Lelouch

ALVALADE (Tel 717480)
21.45 - Color
(Grupo D - 18 anos)
Montgomery Wood e Senta Berger «O AMANTE DA URSA MAIOR»

CONDES (Tel. 322523/326710)
4 sessões diarias - 14 15-16 30 18.45 e 21 45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
A loucura feita cinema
Louis de Funes e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»

EUROPA (Tel 661016)
15 15 e 21 30
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana Um filme verdadeiro e violento de Romain Gary «KILL» (Por quem não pode haver piedade)

IMPERIAL (Tel 821933)
15 00 e 21 00
(Grupo B - 10 anos)
Montgomery Wood em «QUEM DISPARA PRIMEIRO» Em complemento «PARA O MELHOR E PARA O PIOR»

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30-18 30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
6.ª Semana Um gilme de Roman Polanski «MACBETH» com Jon Finch, Francesca Annis e Martin Shaw - Colorido - O filme começa a projectar-se 5 minutos depois dos horarios

ROMA (Tel 727778)
15 30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana «MACEDÓNIA A MULHER MODELO» com Michele Mercier e Pierre Brasseur Eastmancolor

ODEON (Tel 326283)
15 15 - 18 15 - 21 30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NAO DESEJARAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escandalo em graça brejeira

BERNA (Tel 776098)
15 15-21 30
14.ª Semana
(Grupo D-18 anos)
A Paramount apresenta «O PADRINHO».

APOLO 70 (Tel 763319)
15 00-18 15-21 45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de John Cassavetes «TEMPO DE AMAR» 5.ª Semana - Technicolor
Com Seymour Cassel e Gena Rowlands
Hoje às 00 30
(Grupo D - 18 anos)
Clássicos da Meia Noite «EM BUSCA DA FELICIDADE» com Michael Sarrazin

POLITEAMA (Tel. 326305)
15 15 e 21 45
(Grupo C-14 anos) 2.ª Semana
Um filme de brutal acçao explosiva «SARTANA ESTA DE VOLTA» com John Cark e Klaus Kinski Feras humanas à solta

EDEN (Tel 320768)
15 30 - 18 30 - 21 45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª semana Raquel Welsh em «HANNIE CAUDER»

TIVOLI (Tel 50595)
15 15-21.30
14.ª Semana
(Grupo D-18 anos)
A Paramount apresenta «O PADRINHO»

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 00
(Grupo D - 18 anos)
«HISTORIA DE UMA TRAIÇÃO» e em complemento «O DIREITO DE NASCER

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21 30 (10 anos)
3.ª Companhia Internacional de Circo

MARIA VITÓRIA
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

COMUNA
21 45 (14 anos)
«Para onde is?

LAURA ALVES
21 45 (18 anos)
O principio e o fim»

TRINDADE
21 45 (18 anos)
«Hedda Gabler»

GIL VICENTE
22 00 (18 anos)
«As Criadas»

VILLARET
20 45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

VARIEDADES
20 45 e 23 00 (14 anos)
A cama dos comuns»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
19 00 (14 anos)
«Lobo Vermelho»

PARIS
21 00 (18 anos)
Johnny Banco)

JARDIM CINEMA
21 00 (10 anos)
«Os jovens guerreiros»

MAYER
21.00 (14 anos)
«Sete ladrões na cidade»

PROMOTORA
21 00 (14 anos)
«Tristana, amor perverso»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O estranho caso do inspector Max»

ARCO ÍRIS
19 00 (10 anos)
«A rapariga das violetas»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 00 (18 anos)
«Chicago cidade de violência»

PAREDE
Royal-Cine
21 15 (18 anos)
«Este dificil amor»

ESTORIL
Casino
17 00 e 21 30 (14 anos)
A Convidada»

Palacio
21.30 (18 anos)
«Fogo cruzado»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Selva, mulheres e macacos»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (18 anos)
«O regresso de um ídolo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21 15 (18 anos)
«Escândalo na praia»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21 15 (18 anos)
«Pistoleiro profissional»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (10 anos)
«Cada bala tem um nome»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21 30 (18 anos)
«O silêncio de Tarzan» e «Eles com elas»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Aventura é Aventura»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Quatro no Texas»

OLIMPIA
21 30 (14 anos)
«A vingança de Django

BATALHA
21 30 (18 anos)
«Os intrusos»

TRINDADE
21 30 (18 anos)
«Ate à maternidade»

PASSOS MANUEL
21 30 (14 anos)
«Melody

RIVOLI
21 30 (10 anos)
«A mania das grandezas

JÚLIO DINIZ
21 30 (10 anos)
«Trinita - Cowboy insolente»

S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«O Padrinho»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«História de uma traição»

ÁGUIA D'OURO
21 30 (18 anos)
«Fogo cruzado»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21 45 (14 anos)
«Festival Internacional de Magia»

COIMBRA

GIL VICENTE
21 00 (10 anos)
«Nureyev

AVENIDA
21 30 (18 anos)
Inimigo sem rosto»

SOUSA BASTOS
21 30 (18 anos)
«Que rico par

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo) **Tel. 560538**

FANTASMA Dancing-Caveau com variedades Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05 00

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE António Alberto (To-Bé), Virgílio çneves, Alberto até às 5 h da madrugada **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA Dancing Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef 790177.

NINA — Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. [illegible]4880/368197

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luís Tomar fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

BICO DOURADO Boite de nuit atrações internacionais das 01 H. e 30 às 03 H e 30. **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. **Variedades internacionais. Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. **Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado).**

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1º2,ºE 4º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

PARTICIPAÇÃO DAS POPULAÇÕES

Encerramento do Seminário

VIANA DO CASTELO, 14 — Terminaram hoje os trabalhos do Seminário Sobre a Participação das Populações no seu Desenvolvimento, que decorreu nesta cidade.

Durante a citada sessão plenária estabeleceu-se debate sobre as conclusões dos grupos de trabalho quanto ao tema: «Projecto para uma Experiência de Desenvolvimento Comunitário, em Acção Conjugada», seguido pouco depois, da apresentação das comunicações pelos congressitas espanhóis.

A nova sessão plenária foi destinada à apresentação de comunicações pelos portugueses.

Após aquela, o eng. Alfredo Bruto da Costa, técnico do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho fez uma conferência sobre a «Inserção de Aspectos Sociais nos Planos de Fomento».

Ao fim da tarde, decorreu a sessão de encerramento presidido pelo dr. Mota Campos, ministro de Estado Adjunto à Presidência do Conselho e durante a qual discursou o eng António Eduardo Carneiro, presidente da Comissão de Planeamento da Região do Norte, seguindo-se a leitura das conclusões do seminário.

Walt Disney
PRODUCTIONS

SE A MINHA CAMA VOASSE...

AMANHA no GRUPO A M/6 ANOS

ANTE-ESTREIA DE GALA com a presença de Sua Ex.ª o Sr. PRESIDENTE DA REPÚBLICA TIVOLI

Este espectáculo tem o patrocínio do LION'S CLUBE DE LISBOA e a receita obtida reverte a favor da LIGA PORTUGUESA DE DEFICIENTES MOTORES

NOVO AVISO AOS INTERESSADOS...

Como se previa, os números completos das duas séries que habilitam à totalidade dos 75.000 contos da grande «taluda» do Natal — a maior de sempre — já estão a rarear. Aliás, a extracção é já na próxima 5.ª-feira, dia 21. Portanto, de novo se previne os interessados de que devem efectuar quanto antes as suas compras

aos balcões da

CASA DA SORTE

A QUE FAZ MILIONÁRIOS

NA ASSOCIAÇÃO DE PLANEAMENTO FAMILIAR

"A procriação não planificada agride o corpo social"

«Travar a possibilidade de planeamento familiar é pura e simplesmente fomentar o aborto», formou as palavras finais do médico pediatra Abílio Teixeira Mendes, membro da nova direcção da Associação de Planeamento Familiar, na reunião que esta entidade teve, ontem à noite, com a Imprensa.

Referia-se o dr. Abílio Mendes à hipótese, posta por alguém, de não colaboração ou apoio, dos organismos responsáveis, à campanha de ampla divulgação que aquela associação pretende lançar em todo o País.

Claro que não vão ter apenas facilidades os responsáveis da nova lista directiva. Todavia não julgamos impossível ou até difícil o total apoio e compreensão de quem tem por função constitucional o bem-estar do povo português. E o que não oferece quaisquer dúvidas é a elevada importância social da obra que a Associação de Planeamento Familiar pretende estender a todo o País.

No programa distribuído pela nova gerência, constituída, além do citado médico, por Ana Maria Braz, ginecologista, António Galhordas, cirurgião, Bárbara Lopes, socióloga, Andrade Lopes, Graciete Baptista, Helena Marques, jornalista, Louise Cunha Telles, enfermeira, Idália Correia, ginecologista e Graça Mexia, fisioterapeuta, afirmava-se:

A planificação familiar é, a um tempo, um direito e um dever. Direito que reclama à sociedade meios coerentes e eficazes para o exercício do dever da procriação responsável. A procriação não planificada, irresponsável agride os direitos da mulher, cuja saúde física e mental para não falarmos nas justíssimas aspirações à realização profissional podem ser sèriamente abaladas por partos sucessivos, quando não por frequentes interrupções de gravidez. A procriação não planificada, irresponsável, agride os direitos da criança que pode, sem capacidade de opção, ser lançada num mundo onde, por vezes, lhe é negada uma quota parte do afecto, quando não as próprias condições mínimas de sobrevivência.

E ainda:

A procriação não planificada, irresponsável, agride os direitos do corpo social, quase sempre oscilando entre a explosão demográfica prejudicando o progresso económico-social e o envelhecimento da população, promotor de campanhas de natalidade desiquilibrantes.

PROJECTOS

Pretende assim a APF esclarecer a opinião pública sobre a realidade do planeamento assentando no trinómis: promoção da procriação consciente, da fecundidade e da educação sexual. Com isto visa-se obstar aos problemas das famílias numerosas e econòmicamente débeis, ao drama da criança não-desejada, à tragédia da mãe solteira e ainda, evitar, na medida do possível, os problemas postos pela esterilidade.

A nova direcção sugere ainda a inutilidade da simples teorização, não apoiada numa prática concreta e eficaz. Diz o texto do programa: **cumpre à APF envidar todos os esforços para que os serviços de Ginecologia e Obstetrícia, estatais, para-estatais e provados, incluam departamentos onde pessoal especializado esclareça as utentes da necessidade insofismável do planeamento familiar, fornecendo, por outro lado, os meios práticos imprescindíveis à sua prossecução. Importante papel caberá aos centros de saúde e às organizações de assistência materno-infantil, cuja penetração nos meios rurais, menos esclarecidos, as coloca em situação de vanguarda nos aspectos da divulgação dos conceitos e métodos do palneamento.**

Pretende-se também o funcionamento de uma disciplina exclusivamente dedicada ao problema nas Faculdades de Medicina, das Escolas de Enfermagem e de Assitentes Sociais.

No âmbito da APF estão previstas as seguintes actividades: cursos de iniciação ou aperfeiçoamento e actualização: grupos de estudos sócio-económicos e demográficos: reestruturação da biblioteca com criação de serviços bibliográficos e de um boletim interno informativo, criação de delegações regionais e dsitritais, inicialmente ligadas à APF mas posteriormente dotadas de autonomia e, como passo fundamental do programa, o contacto amplo com todas as camadas da população. Para isto a associação tentará contactos com instituições de saúde e educação a todos os níveis, com organizações profissionais e estudantis e com os centros de cultura e recreio.

A título de curiosidade informa-se que a APF tem cerca de duzentos sócios o subsídio anual de 150 contos do Ministério de Saúde e Assistência e cerca de 400 contos da Associação Internacional com sede em Inglaterra. Todavia este subsídio deixará de existir já no próximo ano.

Na sede da APF tem funcionado um sistema de consultas gratuitas na generalidade, e abrangendo cerca de 30 pessoas por senama. É curioso referir ainda o apoio que a delegação do Porto tem do provedor da Santa Casa daquela cidade ao contrário do auxílio negado pela responsável de Misericórdia de Lisboa, à APF.

Cinco sacerdotes punidos em Braga recorreram para a Santa Sé

BRAGA, 14 Soube-se, através de uma notificação tornada pública pela Secretaria Arquiepiscopal, que o arcebispo primaz da diocese bracarense decidiu aplicar a cinco sacerdotes da Igreja bracarense as seguintes penalidades: suspensão de celebrar missa, por um mês, aos revs. cónego António Luís Vaz e Júlio H.Vaz.; suspensão de jurisdição por um mês, ao rev. dr. Carlos Nuno Salgado Vaz; proibição de confessar e pregar fora da paróquia, igualmente por um mês, ao rev. Manuel Magalhães dos Santos e repreensão pública ao dr. Manuel de Sousa Fernandes. Os três primeiros, foram, ainda proíbidos de escrever na Imprensa.

Os motivos alegados na citada notificação dizem respeito, directamente, a uma entrevista recentemente concedida pelo prelado de Braga a um vespertino, que, dias depois, publicou um artigo da autoria de sete personalidades (aqueles cinco sacerdotes e dois leigos).

Ontem mesmo, os cinco sacerdotes interpuseram recurso á Santa Sé, com fundamento no Can. 2287, o que determina a suspensão imediata das penas até que a autoridade competente se pronuncie. Os recorrentes pedem, ainda, um rigoroso inquérito aos textos em causa, que consideram exercício legítimo, e até imperativo dever, o diálogo na Igreja. Salientam, finalmente, que as penas lhes foram aplicadas sem prévia audiência ou inquérito.

ASSEMBLEIA GERAL DOS AJUDANTES DE FARMÁCIA

Realiza-se esta noite uma assembleia geral extraordinária do Sindicato Nacional dos Ajudantes de Farmácia de Lisboa, a decorrer a partir das 21 e 30 nas instalações do Sindicato Nacional dos Caixeiros.

A ordem dos trabalhos inclui «estudo das alterações, em vias de publicação, referentes à carreira profissional dos Ajudantes de Farmácia»: «Revisão em curso das condições da prestação do trabalho dos mesmos profissionais »: e «informações diversas de interesse para a classe».

MILHARES DE PESSOAS PEDEM A AMNISTIA PARA PRESOS POLÍTICOS

Um grupo de familiares de presos políticos entregou ontem, na Assembleia Nacional, uma petição assinada por mais de dez mil cidadãos portugueses pedindo a amnistia de todos os detidos por delitos de opinião, nesta quadra do Natal.

A sugestão da amnistia foi feita no início da actual sessão parlamentar pelo deputado Júlio Evangelista, com reflexos de apoio da parte de outros deputados, um dos quais Barreto de Lara recordou esta semana a tradição das amnistias portuguesas, de dois em dois anos.

SUPLEMENTO LITERÁRIO Diário de Lisboa

Luís de Camões a um seu amigo que lhe pedira novas de Lisboa

Quanto mais tarde vos escrevo, tanto mais me ficais devendo; e se uma vossa vale três das minhas, é necessário que faça quatro. E quanto às novas que me na vossa pedis, aguardei, pondo à parte a muita necessidade que de vós me faz ter, que já não quero que as façais por mais amizade. Sabereis que eu ando não de paz, mas de guerra, **laus Deo**; e porque o ladrar sem morder, nesta terra, é como bucha de papel, que dá grande estouro e não leva pelouro; grandes mãos de ferro, capuzes de lâminas, maças de Hércules e golpes de Amadis, tudo contra o pobre de Camões.

(Excerto da Carta IV)

LIVROS RECEBIDOS

● EDIÇÕES ÁTICA

GEOGRAFIA 2.ª edição aumentada
Sophia de Mello Breyner Andersen
Colecção Poesia

A FADA ORIANA 3.ª edição
Sophia de Mello Breyner
Ilustrações de Luís Noronha da Costa

A NOITE DE NATAL 2.ª edição
Sophia de Mello Breyner
Ilustrações de José Escada

A MENINA DE PORCELANA E O GENERAL DE FERRO 3.ª edição
Esther de Lemos
Ilustrações de Viviane

A TERRA SEM VIDA
T.S. Eliot
Tradução de Maria Amélia Neto
Colecção Poesia

● EDITORIAL ESTAMPA

OS MATERIALISTAS DA ANTIGUIDADE
Paul Nizan
Tradução de Maria Helena Barreiro Alves
Colecção Teoria — n.º 14

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
André Richel
Tradução de Fernando Guerreiro
Colecção Praxis — n.º 17

A ECONOMIA MUNDIAL DE INICIATIVA PRIVADA. II-A FASE DE MONOPÓLIO
Christian Palloix
Tradução de A. Viana Martins
Colecção Teses — n.º 2

SOCIOLOGIA DA LITERATURA
Goldmann, Leenhardt, Bonhôte e Elsberg
Tradução de José Aguiar
Colecção Teses — n.º 3

● LIVRARIA BERTRAND

HISTÓRIA DO TEATRO DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS
Léon Moussinac
Tradução de Mário Jacques

EURICO O PRESBÍTERO
Alexandre Herculano
Introdução de Vitorino Nemésio

A DEMOGRAFIA
Je n Bourgeois-Pichat
Tradução de José Luís Luna
Colecção Ciências Sociais e Humanas

PROBLEMÁTICA DA HISTÓRIA LIETRÁRIA 2.ª edição revista e ampliada
Jacinto do Prado Coelho

● PRELO EDITORA

A MÃE
Stanislas Witkiewicz
Colecção Reportório para um Teatro Actual — n.º 9

BARCELONA, CIDADE NA CATALUNHA
António A. Sales
Colecção O Homem no Mundo — n.º 10

MATAI-VOS UNS AOS OUTROS 4.ª edição
Jorge Reis
Colecção Autores Portugueses — n.º 3

Seis escritores portugueses lançados no Brasil

- AUGUSTO ABELAIRA
- CARLOS DE OLIVEIRA
- JORGE REIS
- JOSÉ CARDOSO PIRES
- JÚLIO MOREIRA
- URBANO TAVARES RODRIGUES

Finalmente a barreira de coisa alguma, ou de inércia, de indiferença, que no Brasil se opunha à penetração da literatura portuguesa, aluiu. E os resultados estão à vista e são excelentes. No que respeita à reacção do público, à venda dos livros, ao juízo da crítica. Atribuía-se a desconfiança do leitor brasileiro pelo romance ou pelo ensaio português (que só lhe chegavam através de deficientes distribuições) à aversão que a ortografia e a sintaxe lusitana, o próprio léxico, poderiam causar-lhe. Vários editores aventuravam-se até a «abrasileirar» a prosa de alguns escritores portugueses, o que, de resto, numa fase felizmente já superada, também entre nós sucedeu, nomeadamente no que se refere a um dos primeiros livros, tristemente «aportuguesado», de Lygia Fagundes Telles, «Ciranda de Pedra». Ora tudo parece levar a crer que os escolhos à penetração da literatura portuguesa no Brasil (nunca os houve quanto à da brasileira em Portugal) são puramente ilusórios.

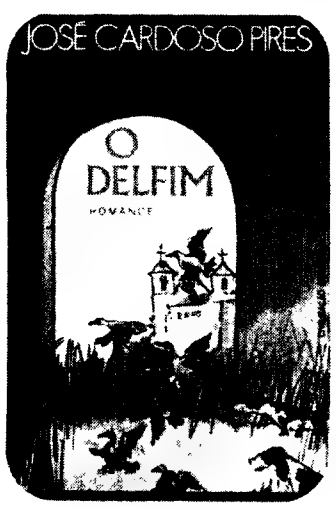
Que aconteceu para desfazer o mito? Um editor inteligente, culto e empreendedor, Ênio da Silveira, director da «Civilização Brasileira», decidiu-se a lançar, sem alterar uma vírgula nem um acento, seis obras de autores portugueses contemporâneos, por ele e pelo seu assessor Mário da Silva Brito considerados como das mais representativas, na sua diversidade, de uma maré alta de criação literária. Ferreira de Castro e Fernando Namora eram já amplamente conhecidos no Brasil. Ênio da Silveira escolheu pois: «O Delfim», de José Cardoso Pires; «A Cidade das Flores», de Augusto Abelaira; «Pequenos Burgueses», de Carlos de Oliveira, «As Aves da Madrugada», de Urbano Tavares Rodrigues; «Matai-vos uns aos outros», de Jorge Reis; e «Insecto Perfeito», de Júlio Moreira.

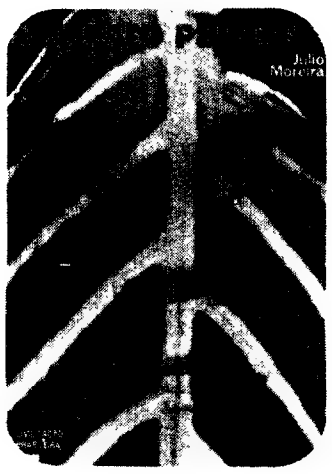
Um dos mais considerados e agudos críticos literários do Brasil, Leandro Konder, apreciando na revista «Visão» o aparecimento da Colecção «Caravelas» (assim se chama a nova «biblioteca» de autores portugueses da «Civilização Brasileira), escreveu: «Hoje, em Portugal, há muitos e excelentes escritores. É a conclusão, à primeira vista surpreendente, que se pode tirar do lançamento brasileiro de seis obras de alguns dos mais destacados nomes da literatura daquele país. Nomes que têm um ponto em comum: a visão crítica da realidade em que vivem».

Leandro Konder, reconhecendo que o público brasileiro, ainda hoje ávido leitor de Eça de Queirós, desconhece quase inteiramente a literatura portuguesa contemporânea e evocando os nomes, que muito considera, de António Sérgio, Aquilino, Ferreira de Castro, António, José Saraiva e Magalhães Vilhena, afirma: «A influência do movimento neo-realista, iniciado por Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes, foi tão decisiva e duradoura que não se pode compreender a literatura portuguesa de hoje sem uma referência às suas directrizes estéticas e às suas preocupações ideológicas essenciais. A necessidade de escolher entre o desenvolvimento criador do neo-realismo, adequando-o às necessidades dos novos tempos, e a completa rejeição de seus postulados (com o consequente retorno a uma concepção formalista da arte) marca ainda hoje os caminhos e alternativas da literatura em Portugal». Diz ainda Leandro Konder: «O que se destaca, nesse conjunto de narrativas portuguesas em boa hora colocadas ao alcance do leitor brasileiro, é a profunda consciência humanística e democrática com que os seus autores enfrentam o ofício literário. Já não se trata de afirmar que o leitor brasileiro não pode continuar a desconhecer a moderna literatura de Portugal. Até nossos escritores teriam muito a aprender com a vigorosa narrativa que se está criando hoje no país de Eça de Queirós».

Por sua vez, Renato Bittencourt, na sua rubrica «Prismas e Comentários» do jornal «Globo», do Rio de Janeiro, exprime a seguinte opinião: «Em matéria de ficção, o que de melhor há no momento é a colecção «Caravelas», da Civilização Brasileira».

A «Civilização Brasileira» tenciona acrescentar novos títulos à Colecção Caravelas, estando já indigitado para um próximo volume o nome de Maria Judite de Carvalho.

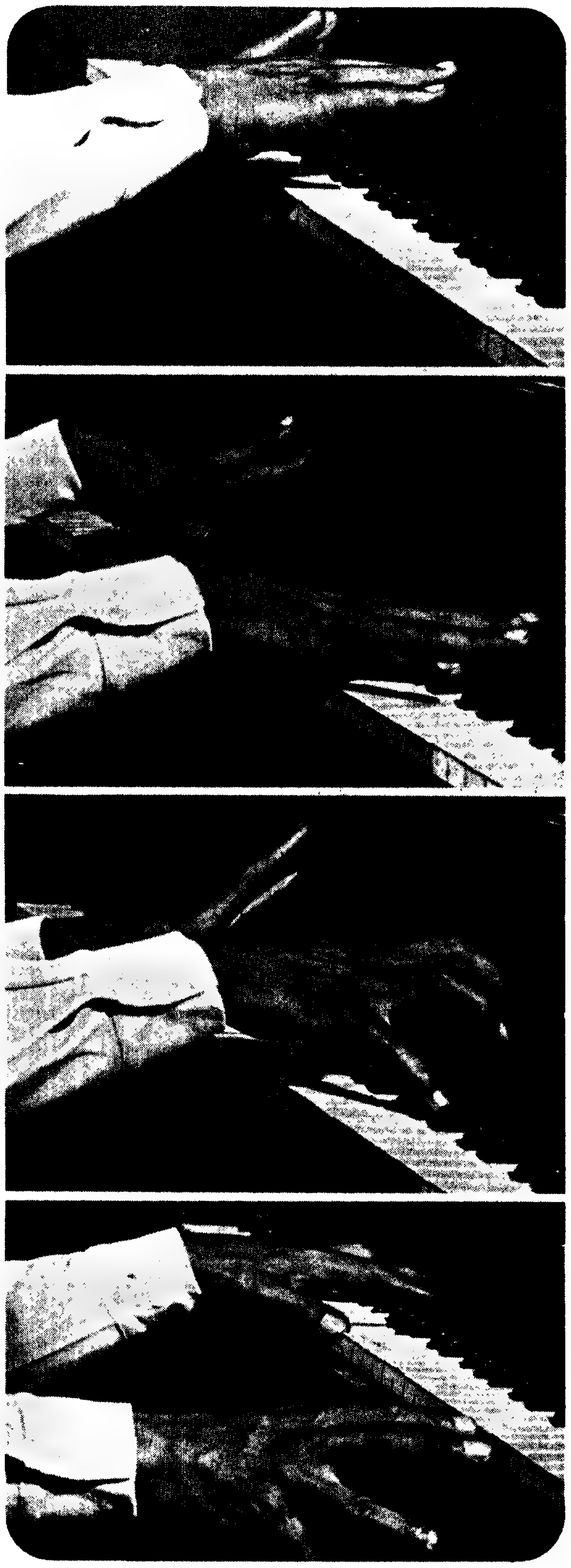




MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Uma experiência de divulgação musical radiofónica

Para um «dossier» das maneiras possíveis de fazer divulgação musical radiofónica, reproduzimos aqui alguns exemplos duma experiência de duração efémera, no âmbito do programa TEMPO ZIP, onde começámos a colaborar a três meses da sua extinção. Não se trata de mostrar como se faz um programa de divulgação mas apenas de documentar uma perspectiva. Para isso reunimos fragmentáriamente, alguns textos sobre três dos temas a que destinámos mais emissões. Escusado será dizer que nos limitamos aos comentários que, pela sua natureza genérica, podiam ser autonomizados dos trechos musicais com que alternavam



SOBRE BERLIOZ E A SINFONIA FANTÁSTICA

Dedicámos alguns programas à Sinfonia Fantástica, de Berliotz. A nossa intenção foi a de abrir caminho para um melhor conhecimento da obra, através de aproximações sucessivas. Não nos prendemos com promenores da sua arquitectura interna, mas procurámos dar uma ideia do conjunto e chamàmos especialmente a atenção para o argumento dramático de que o compositor a fez acompanhar. Uma das inovações desta obra reside precisamente no facto de o compositor pretender contar-nos uma história através duma sinfonia. Por isso, e pelas próprias características dessa història, a Sinfonia Fantástica é bem representativa do romantismo musical.

2

As inovações de Berlioz, vão, porém, muito mais longe ainda, no terreno da construção musical pròpriamente dita. Num género como o da Sinfonia, onde sempre imperara o rigor do pensamento musical, fosse de Haydn, de Mozart, ou de Beethoven, o romântico Berlioz dá mais importância ao efeito expressivo e está pronto a sacrificar a este tudo o mais. Um dos aspectos que passam a ganhar maisor relevo é a orquestração.

Até Berlioz, o pensamento musical era essencialmente melódico, harmónico, contrapontístico — ou seja era sobretudo através dos temas musicais, da sua sobreposição e desenvolvimento, da organização vertical e horizontal das notas, que se alcançava a expressão. Com Berlioz, o principal passa a ser o timbre dos instrumentos, a arte de os combinar, de os fundir, de os diferenciar, por forma a extrair deles o máximo efeito expressivo. Para os compositores que o precederam as ideias musicais surgiam **antes** do revestimento instrumental que viriam a ter. Berlioz, quando tem uma ideia, está logo a pensar num instrumento ou num grupo de instrumentos. Não admira, por isso, que tenha chegado a escrever um tratado de instrumentação que esteja na origem do alargamento da constituição e das possibilidades da própria orquestra sinfónica.

Composta em 1830, apenas três anos após a morte de Beethoven, a Sinfonia Fantástica representa de facto uma verdadeira revolução no domínio do tratamento da orquestra.

3

Para uma mentalidade moderna, o argumento da Sinfonia pode parecer um tanto ingénuo, e não há dúvida que interessa muito menos do que o argumento duma obra como o **Fidelio** de Beethoven (também incluido nesta série de programas). Beethoven era um porta - voz da transformação revolucionária da sociedade do seu tempo. Berlioz refugia-se no individualismo, nos sonhos e nas paixões que povoam o seu mundo interior: a sua conduta como cidadão é reflexo disso mesmo, pois já o grande crítico russo Stassov, seu comtemporâneo e seu incondicional admirador, lamentava amargamente que Berlioz «tivesse trocado o povo francês por Napoleão III». Mas uma coisa era Berlioz, o homem, e outra Berlioz, o músico...e o músico cantou-o o povo (apesar do homem) quando saiu para as ruas em 1848.

Ao contrário de Beethoven, cuja vida e obra formam um todo uno e coerente, Berlioz era uma personalidade extremamente contraditória. Enquanto artista - criador aprendeu a realidade do seu tempo; enquanto cidadão alheou-se dessa realidade ou furtou-se a compreendê-la. E no entanto, sempre que as instituições vigentes se imiscuiam nas questões artísticas, em termos que chocavam as suas convicções estéticas, Berlioz mobilizava todas as suas forças contra elas. Embora circunscrita ao terreno da arte, a luta de Berlioz tinha relevância social: quando atacava o academismo dos professores do Conservatório, a rotina dos concertos, e a ignorância em que vivia o público, quando defendia o Beethoven das sinfonias e dos últimos quartetos e procurava impô-lo em França, Berlioz estava a pôr em causa as próprias estruturas sociais, no campo ligado ao ensino e à fruição e função da arte. Estava no fundo, a lutar contra as forças conservadores numa das muitas frentes possíveis.

5

Por tudo quanto conhecemos de Berlioz, do artista - criador, do crítico, do escritor (as suas «Memórias», para além de nos elucidarem acerca da personalidade do autor, const i tuem em si mesma um notável documento literário), temos de reconhecer que o romantismo que exala a Sinfonia Fantástica não pode ser reduzido ao conteúdo do argumento dramático de que Berlioz a fez acompanhar. Ele próprio o diz (palavras textuais): «A sinfonia (assim o espera o autor) pode oferecer por si mesma um interesse musical independente de toda e qualquer intenção dramática».

De qualquer modo, o mundo de sonhos, paixões, visões a que Berlioz associou (mas não reduziu) o conteúdo musical da Sinfonia Fantástica é seguido de um **Retorno à vida**: tal é o subtítulo de uma outra obra que lhe serve de complemento, o monodrama lírico **Lélio.** E aqui damos novo passo para um melhor conhecimento da obra.

E que, embora a Sinfonia Fantástica se baste a si própria e figure normalmente sòzinha nos programas dos concertos, faz parte de uma obra mais vasta intitulada **Episódio da vida de um artista**, que se divide em duas partes: a primeira é pròpriamente a Sinfonia Fantástica; a segunda é o monodrama lírico intitulado **Lélio ou o Regresso à vida**. E este regresso à vida significa de certo modo o regresso à cidade, o regresso aos problemas reais que Berlioz tinha de defrontar na sua prática de compositor, inserido num meio que lhe era mais hostil do que favorável.

SOBRE MÚSICA E FOLCLORE (a propósito da música regional das Beiras)

Quando se discute a velha questão da **arte pela arte** e da **arte como função social,** nem sempre se pede opinião ao principal interessado: o povo. Fala-se da necessidade de tornar a arte acessível ao povo, ou então de elevar o povo ao nível da compreensão da arte, como se povo e arte fossem suas entidades distintas que jamais se tivessem encontrado, dois inimigos que é preciso conciliar. Não é difícil descobrir por detrás disto uma atitude de aristocrática e paternalista, que ignora a existência duma arte popular e duma sabedoria popular, e para quem o povo não passa duma massa de gente destituída de razão, de sensibilidade e de vontade própria. No fundo (pese embora a muitos, bem intencionados) é a mesma atitude daqueles que, falando de cátedra, dizem que o povo **ainda não está preparado** para certas formas de vida... como se não tivesse sido o povo o agente de todas as grandes transformações históricas!

Quando se transpõe esta questão especìficamente para o domínio da música, o equívoco aumenta ainda mais pela intervenção de um terceiro factor: a musica ligeira. As pessoas são levadas a pensar que é esta a música popular, sem se aperceberem que o elevado **consumo** dessa música deriva apenas da expansão da indústria, do comércio, da publicidade, enfim, dum conjunto de mecanismos que nada têm de artístico nem de popular; cujo móbil é, pelo contrário, organizar a alienação e extrair dela as maiores margens de lucro. Dominados pelos mesmos interesses e objectivos, os meios de comunicação fornecem música ligeira em quantidades industriais e filtram tudo o mais, inclusive a verdadeira **arte musical.** A informação — a política da informação — tem, pois, muito que ver com a função social da arte.

Enquanto isso se passa o povo continua a conservar a sua música, a música popular genuína. A música que ele canta no trabalho, nas suas festas tradicionais, nas ocasiões solenes, não a aprendeu ele da rádio ou de quem quer que fosse. Nasceu ligada à própria função a que se destina, porque a arte faz parte da vida e o povo nunca a dispensou no seu quotidiano.

2

Para além do seu interesse etnomusicológico ou sociológico, a verdadeira música popu-

Continua na página seguinte

MÚSICA

Continuação da página anterior

lar tem também enorme interesse estético. A riqueza melódica, harmónica, rítmica, até mesmo tímbrica, dos documentos musicais recolhidos nas Beiras (por exemplo) mostra que a arte do povo, aquela que ele verdadeiramente reconhece como sua, é uma arte superior, que não se pode confundir ou sequer comparar com os subprodutos ordinários da cançoneta ligeira. Mercê de certos mecanismos sócio-económicos, esta — a cançoneta ligeira — tem constituído uma espécie de tampão, que impede ou dificulta as relações entre o povo e a criação musical dita erudita, entre a música genuìnamente popular e a música séria. Mas só grandes compositores, ao longo de todas as épocas da história da música — muitos contemporâneos não fogem à regra —, nunca deixaram de se interessar sèriamente pela música popular, quer harmonizando-a para agrupamentos corais ou instrumentais, quer utilizando os seus temas em todo o género de obras, quer ainda assimilando a linguagem musical popular e aplicando-a sistemàticamente como sua própria. A riqueza expressiva, o conteúdo social, a arte, são conceitos que se aplicam tanto à música popular como à chamada música séria.

Se alguma coisa há que esteja longe duma e doutra, alguma coisa a que não podem aplicar-se tais conceitos, é a música ligeira.

Por isso, não faz sentido dizer que esta é mais acessível ao povo que a música séria; é apenas mais **consumida,** por imperativos comerciais e ideológicos das empresas que lucram com esse consumo.

3

Tem-se usado e abusado muito do termo folclore. Tudo é folclore: os ranchos, as marchinhas de Lisboa, o fado, a cançoneta a arremedar o estilo rústico, tudo o que cheira a pitoresco. Daí que o adjectivo «folclore» chegue a ter um sentido pejorativo. Associamo-lo logo ao ridículo de certos espectáculos, concebidos para-turista-ver.

Claro que o verdadeiro folclore nada tem que ver com isso. O verdadeiro folclore é a música rústica, a música que os camponeses conservam na sua tradição e que corresponde a situações precisas da sua vida quotidiana: aos trabalhos do campo, às festas religiosas — a que o povo dá um cariz muito especial — a tudo, enfim, que tem relevância social. Com o desenvolvimento industrial, essas tradições foram desaparecendo nos meios urbanos e, nos casos em que esse desenvolvimento não foi acompanhado de profundas transformações sociais, acabaram substituídas por práticas decadentes, em vez de derivarem para outras formas de actividade cultural. O repositório do folclore é, pois, hoje em dia, o **campo,** mais precisamente, no nosso caso: aquelas regiões onde ainda não se fez sentir com agudeza a influência dos meios de comunicação. Tais meios na verdade, não levam ao povo a música do povo, nem qualquer outra música de dignidade igual ou superior à do povo, mas sim subprodutos que designamos genèricamente por «música ligeira». Com o tempo, o povo acabará por esquecer a sua música tradicional recebendo em troca algo que nada representa para ele.

SOBRE O D. JOÃO DE MOZART

Gosta de ópera?

Se não gosta, seria bom para si que aprendesse a gostar. Em primeiro lugar, porque a ópera reune duas das artes mais vivas: o teatro e a música. E ao contrário do que muita gente pensa, dessa união entre o teatro e a música nasceram numerosas obras-primas, quer do ponto de vista teatral, quer do ponto de vista musical.

Já pensou, por exemplo, que escrever música para um texto teatral é encená-lo? E que, se se trata de um grande compositor dramátir o, o espectador tem a garamia de que essa encenação nunca falha? O **D. João** de Mozart, o **Otelo** de Verdi, o **Fidelio** de Beethoven, o **Tristão e Isolda** de Wagner, o **Wozzeck** de Alban Berg, quando são levados à cena, nunca falham na verdade num dos aspectos fundamentais da encenação: a articulação, a expressividade das inflexões de voz dos actores. Isto para não falar na extraordinária função dramática que cabe à orquestra, comentando, sublinhando, sugerindo, anunciando relacionando as situações.

2

Em segundo lugar, deve aprender a gostar de ópera se gostar de manifestações de cultura de grande tradição popular e democrática. Não, não pense no S. Carlos. A história das tentativas para transformar os espectáculos de ópera em acontecimentos mundanos, exclusivos da alta aristocracia ou da alta finança vem quase desde os primórdios da própria ópera, mas nunca retirou a esta uma função ou um carácter que quase se poderia dizer faz parte da sua essência: o de reflectir as contradições sociais, o de se identificar com as ideias e as forças progressivas da sua época. Desde Monteverdi a Alban Berg ou a Brecht-Weill, passando por Mozart, Verdi ou Puccini, a história da ópera é a este respeito bastante concludente.

3

Estamos em vésperas da Revolução Francesa. Nas suas óperas, Mozart reflecte o movimento da sua época: a aristocracia decadente, tentando conservar as suas prerrogativas feudais, face a uma burguesia em ascensão, que quer instaurar a nova ordem democrática.

«As Bodas de Fígaro» e «D. João», duas das suas maiores obras-primas, dão-nos uma perfeita imagem — mas uma imagem crítica — de tipos sociais da época e da sua ideologia. Outra ópera, «A Flauta Mágica», exalta, numa brilhante alegoria, os ideiais maçónicos, que então comandavam o movimento ideológico da Revolução Francesa e que contavam numerosos aderentes em todo o mundo, entre os quais o próprio Mozart.

4

Vimos (em programas precedentes) como as personagens se iam desenhando nos seus tipos sociais, nas suas características psicológicas. O criado Leporello, por exemplo, considerado por alguns o verdadeiro protagonista da ópera, é uma figura popular, que em certa medida funciona como porta-voz dos anseios da «arraia-miúda», reflecte o crescente desrespeito desta pela aristocracia e faz uma permanente crítica social ao longo de toda a ópera. Em duas das árias que apresentámos **Notte e giornom faticar e Madamina, il catalogo è questo),** Leporello define-se bem nesta perspectiva, e define, ao mesmo tempo, a personalidade do amo: precisamente aquela figura lendária de fidalgo libertino que dá pelo nome de D. Juan.

5

Para além da crítica social que está contida na própria trama músico-teatral de «D. João» de Mozart, há certos momentos em que a intenção do autor é nìtidamente panfletária. E o caso do grito «Viva a Liberdade!» que ele põe na boca de toda a gente durante a festa organizada por D. João. A função deste **Viva a Liberdade!** é actuar sobre a plateia popular da cidade de Viena, que assistia às representações da ópera. Em vésperas da Revolução Francesa, e num momento em que as monarquias feudais e absolutistas procuravam desesperadamente impedir a difusão das novas ideias, **Liberdade** era uma palavra carregada de sentido político, que não podia ser referida em público e muito menos na imprensa. E bem conhecida a história da célebre **Ode à Alegria** de Schiller que originalmente se chamava **Ode à Liberdade**: Schiller teria substituído no poema a palavra Liberdade pela palavra Alegria para escapar à censura.

A pretexto de ser cantado e por surgir numa situação dramática que aparentemente nada tinha de político, Mozart conseguiu, no «D. João», dar um viva à Liberdade. Na época isso tinha um efeito explosivo.

6

Nessa cena, quem primeiro lança o grito de **Viva a Liberdade** é o próprio D. João, respondendo-lhe depois o coro dos camponeses, da gente do povo que convidara lá para casa. À primeira vista, pode parecer uma incoerência, tratando-se dum representante da aristocracia. Mas o certo é que D. João está longe de ser um defensor dos valores morais e políticos da velha sociedade feudal. Sempre que pode, emprega o ascendente da sua condição social para melhor servir os seus objectivos libertinos, mas no fundo ele próprio é também reflexo da expansão das novas ideias, sobretudo no plano ético e até mesmo religioso. O seu **Viva a Liberdade** opõe-se ao mundo medieval, recheado de preconceitos e de obscurantismo. Nele não está apenas implícito o pretexto donjuanesco de proclamar a libertinagem; está também implícita a adesão a todo um ideário de inspiração maçónica. Isso é perfeitamente claro em diversas situações que surgem na ópera, designadamente a cena do cemitério e a cena final.

O protagonista da ópera de Mozart não surge, pois, mais ou menos esquemàticamente como o «mau» da história, digamos assim; pelo contrário, é uma personagem rica de humanidade, cujos aspectos negativos têm, por vezes, um reverso positivo. A moralidade a tirar da morte de D. João, queimado pelo fogo do inferno, não pode ser reduzida à velha máxima de que «o crime não compensa». Ao recusar o arrependimento hipócrita — preço da sua salvação — D. Jão dá ao mesmo tempo uma lição de coragem e de coerência.

GRATIFICAÇÃO

Vendemos a preços tão baixos
durante o período das Festas
de Natal e Ano Novo
que isto representa
uma gratificação suplementar
para os nossos estimados clientes

Venha quanto antes
e poderá comprar agora
e pagar depois

estabelecimentos Cancela

ELECTRODOMÉSTICOS · MÓVEIS · PRONTO A VESTIR

CALÇADA DO COMBRO, 17 a 31 · LISBOA

FILIAIS. Avenida D Afonso Henriques, 20 - Almada — Av. Combatentes da Grande Guerra, 85-B - Alges — Rua Jose Joaquim Marques, 102-106 - Montijo

ESPIRAL

aguiar
a classe da lã

Sempre a última palavra em modas e confecções de classe internacional.
E a riqueza, a naturalidade, o conforto da pura lã virgem nas colecções de pronto a vestir para homem e senhora.

Prefira a lã — confie na Woolmark.

AGUIAR — Rua do Carmo, 17-19 Rua Augusta, 86-96

WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM

Natal • LIVROS
LIVROS • Quadrante
AV. LUÍS BIVAR, 85-C

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

2 JOSÉ DONOSO

OU OS LABIRINTOS SUCESSIVOS EM "O PÁSSARO OBSCENO"

Noutro passo da citada entrevista, diz José Donoso que o medo desempenha no seu romance um papel muito importante, **«que o medo é um personagem metido dentro da sua trama. É um dos disfarces.»**

Na verdade, o terror é outro dos elementos evidentes deste livro. Ele precorre de lés a lés as personagens e as situações. Está presente na tenebrosa esperança das velhas, na incessante peregrinação de Inês, procurando salvar e continuar a família na santificação da sua homónima, na progressiva anulação de Humberto, voluntàriamente assumida, com o fim máximo de escapar à vigilância do seu avatar, na operação que lhe fazem os monstros, reduzindo-o a vinte por cento de si próprio, nas mentiras, vãos sonhos, ambições e frustrações de Emperatriz, na vingança de Miss Doly e de Larry, na perseguição que Peta e a cadela amarela (ou Peta-a-cadela-amarela) movem a Inês, nas palavras de Boy, monstruoso descendente de D. Jerónimo Azcoitia: **«A verdade que se inventou para mim será a verdade, e morrerei sem angústia porque terei esquecido o que é morrer.»**, na aniquilação de D. Jerónimo pelos monstros, no Mudito tentanto, sem sucesso, rasgar os sucessivos sacos de juta entre os quais as velhas pretenderam conservá-lo, no meio dos quais as velhas, afinal, o esqueceram. O terror é uma constante na Casa coberta de humidade onde quem ali entra em velha se transmuda, como é obcecante presença na Rinconada, fenomenal recinto em que D. Jerónimo encerra o informe aborto que gerou, aí o rodeando dos seres mais anormais, **(«Porque a humanidade normal só se atreve a reagir ante as habituais gradações que se estendem do belo até ao feio, que em último termo não são mais que matizes da mesma coisa. O monstro, sustinha por sua vez D. Jerónimo com paixão, para os exaltar com a sua mística, pertence a uma espécie diferente, privilegiada, com direitos próprios e cânones particulares que excluem os conceitos de beleza e fealdade como categorias ténues, já que, em essência, a monstruosidade é o auge de ambas as qualidades sintetizadas e exacerbadas até ao sublime.»)**, pois quem não for monstro e ali penetrar, não só está sujeito ao ridículo como à destruição. Desdenhado, aniquilado mesmo, será, aí, o próprio criador desse abismal universo concentracionário.

Mas, quanto a mim, além do terror, assume o sangue um predominante lugar nas páginas de «O obsceno pássaro da noite». Desde o que, periódica e fisiològicamente, afecta ou não as mulheres: Inês e Iris, ou essa mulher Inês - Iris, até ao que se escapa de Humberto Peñaloza, no magnífico episódio em que este é ferido e dessa ferida se aproveita o senador seu amo, apresentando-se, assim, como vítima e herói, até ao que enche de violência as dramáticas páginas em que o mesmo Humberto é operado pelo Dr. Azula: **«Sei que esse meu sangue é bom. É negro apenas porque está concentrado e o vão guardar em frascos rotulados com um nome que eles sabem mas que se apagou na minha memória. Madre Benita, sou esta colecção de monstros que me trespassam de deformidades para se apossarem do meu sangue insignificante.»**

O TEMPO E O MUNDO SUBJACENTE

Se quem penetra na Casa se torna irremediàvelmente uma velha, se mistura com as velhas irreversivelmente, e se na Rinconada toma a perfeição é negativa, o tempo de «O obsceno passaro da noite», embora descontínuo **(«As velhas como a Peta Ponce têm o poder** de dobrar e confundir o tempo, **multiplicam-no e dividem-no, os acontecimentos refractam-se nas suas mãos verrugosas como no mais brilhante prisma; cortam o sucesso consecutivo em pedaços que dispõem em forma paralela, curvam esses pedaços e enroscam-nos, organizando estruturas que lhes servem para que se cumpram os seus desígnios»)** é concreto. Não deixa de ser o nosso, mesmo quando ultrapassa o nilhilismo becketiano ou se oculta entre que as cobre, quando informa uma plêiade de monstros cultos enclausurados numa majestosa propriedade ou refere meios de comunicação, expressões artísticas e fenómenos sociais e políticos contemporâneos.

ROMANCE METAFÍSICO?

Embora Donoso, quando lhe perguntaram se o medo que domina o seu romance é um medo metafísico, tivesse respondido: **«Não, não se trata dum romance metafísico»**, é muito natural que o leitor se sinta atraído para uma interpretação contrária à afirmação do romancista. Não lhe faltam mesmo pontos onde possa apoiar-se (1) para fazer de D. Jerónimo o deus contra quem uma única vez o homem (Humberto Peñaloza) se rebela, ou o criador em face do seu filho, um ser perdido nos torvos labibirintos por si próprio erguido ou o horroroso monstro que tudo faz até destruir o pai que inventou o seu mundo. Mas fora este sentido filosófico, e pese embora ao autor deste complexo mas importantíssimo romance, o leitor não pode deixar de considerar este livro metafísico, quanto mais não seja no estrito sentido etimológico.

1) Assim, por exemplo: **«A minha imaginação é a tua escrava, como era teu escravo o corpo de Inês, necessitas da minha imaginação para existir.»** Ou nesta passagem que pode considerar-se uma importante chave do «O Obsceno Pássaro da Noite» Humbert **não tinha a vocação da simplicidade.** Sentia a necessidade de retorcer o **normal, uma espécie de impulso para se vingar e destruir e isso foi o que complicou e deformou o seu projecto inicial, como se ele próprio se houvesse perdido para sempre no labirinto que ia inventando cheio de escuridão e terrores com mais consistência que ele próprio e que os seus outros personagens**, sempre gasosos, flutuantes, **nunca um ser humano, sempre disfarces, actores, maquilhagens que se dissolviam... sim, eram mais importantes as suas obcessões e os seus ódios que a realidade que precisava negar...»** Ou ainda nesta fala de D. Jerónimo Azcoitia. **«Mas repara, eu acho que o problema principal do pobre era a sua necessidade de que eu possuisse uma estatura espiritual e uma consistência de que careço e por isso essa necessidade de me inventar uma biografia em que se perdeu.»**

EXCURSÕES CP

3 DIAS NO ALGARVE E CEIA FIM-DE-ANO EM LAGOS

* Partida da estação de Lisboa-T. Paço às 7.35 de 30/12 (sábado) e regresso em 1/1 às 23.40. Comboio (1.ª classe) e autocarro com guia-assistente.
* Durante os três dias, visitas a Albufeira, Armação de Pera, Silves, Portimão, Praia da Rocha, Torralta, Lagos, Sagres, etc.
* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa em HOTEL DE 1.ª CLASSE EM LAGOS.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.150$00	Coimbra	1.290$00
Setúbal	1.130$00	Santarém	1.200$00
Aveiro	1.330$00	Tomar	1.240$00

3 DIAS NO MINHO E CEIA FIM-DE-ANO EM OFIR

* Partida de Lisboa-St.ª Apolónia às 8.45 de 30/12 (sábado), com almoço no combolo, e regresso em 1/1 às 23.05. Visita ao Minho em autocarro com guia-assistente.
* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa num grande HOTEL DE OFIR, de 4 estrelas.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.290$00	Coimbra	1.200$00
Setúbal	1.270$00	Santarém	1.260$00
Évora	1.400$00	Tomar	1.240$00

FIM-DE-ANO EM MADRID

* Partida no «Lusitânia-Expresso» de 29/12 e regresso em 1/1 (Ter ou Lusitânia-Expresso).
* Transferência estação/Hotel e vice-versa, e assistência em Madrid.
* Excursão «Madrid-Artístico» em 31/12 — visita ao Palácio do Oriente e Museu do Prado, com guia.
* Alojamento e pensão completa em Hotel de 3 estrelas, central (junto à Gran Via).

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.390$00	Coimbra	1.390$00
Setúbal	1.410$00	Santarém	1.360$00
Évora/Beja	1.500$00	Tomar	1.340$00

Temos ainda outras viagens organizadas a Paris, Londres, etc.

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Lisboa-Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa
Organização Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

A C. P. INFORMA

ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (REGO)

Restrições ao serviço de mercadorias durante a quadra do Natal

A fim de se facilitarem, durante a quadra do Natal, a recepção e a expedição de remessas nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego) e de se evitarem as aglomerações que é costume verificarem-se todos os anos durante aquela quadra, os despachos de remessas de detalhe de e com destino àquelas estações sofrerão algumas restrições, pelo que se aconselha aos srs. Expedidores a consulta, no seu próprio interesse, do aviso que se encontra afixado nas estações.

SILNET

Linha de tratamento capilar
O Tónico SILNET elimina a caspa, seborreia, infecções, etc. . . . e evita a calvície
Mas . . . evita mesmo!
A loção INDIANA dá ao seu cabelo a côr primitiva
Mas . . . dá mesmo!
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
RANGEL

adolfo casais monteiro **A PALAVRA ESSENCIAL**

Colectânea dos ensaios mais importantes de Casais Monteiro, revistos ainda pelo autor para esta edição, a 2.ª no Brasil e a 1.ª em Portugal.

Destacam-se do sumário, como indispensáveis ao estudioso da literatura moderna, os seguintes estudos:

Benedetto Croce e a poesia
A propósito de Pablo Neruda
Carlos Drumond de Andrade e a obscuridade
A poesia entre Freud e Jung
Edgar Poe, falso precursor da poesia moderna
Ideias de António Machado sobre a poesia
Um heterodoxo do surrealismo: H. Michaux
As presenças insuportáveis: Artaud
Supervielle e Valéry
Na morte do poeta

colecçao PRESENÇAS
224 páginas preço 50$00
verbo

NOVIDADES LITERÁRIAS

História do Teatro das origens aos nossos dias
Léon Moussinac
O teatro como um MEIO para o homem e para a sociedade
350$00

Colecção Ciências Sociais e Humanas
A DEMOGRAFIA
Jean Bougeois-Pichat
Um estudo acerca de problemas ainda não resolvidos, mas cuja importância é considerável para o futuro da espécie
25$00

Colecção de Banda Desenhada
RIC HOCHET CONTRA O CARRASCÒ
Tibet e A. P. Duchateau
Arriscada aventura de espionagem na qual Ric Hochet defronta um adversário temível e implacável
50$00

Colecção Obras Completas de Teixeira de Pascoaes
AS SOMBRAS SENHORA DA NOITE MARÂNUS
Volume III
2.ª edição
edição organizada pelo prof. Jacinto do Prado Coelho
A poesia de Pascoaes não nos veio trazer «soluções», mas «inquietações»
60$00

Colecção Autores Universais
UM RAIO DE SOL NA ÁGUA FRIA
Françoise Sagan
2.ª edição
Uma história de amor num mundo fechado e sem ironia: uma nova Sagan adaptada para o cinema numa realização de Jacques Deray
45$00

EDIÇÕES DA
LIVRARIA BERTRAND
Apartado 37-Amadora

PRÉMIOS NOBEL EDITADOS PELA PORTUGÁLIA

Sigrid Undset, André Gide, William Faulkner, Thomas Mann, Romain Rolland, Nelly Sacho, Roger Martin du Gard, Anatole France, Cholokov

Mais de mil títulos publicados

40 colecções de ficção, poesia, ensaio, teatro, cinema, psicologia e pedagogia, economia e finanças, para raparigas e rapazes, de obras de autores nacionais e estrangeiros

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

SABA
O TELEVISOR ALEMÃO Nº1

quando se exigem soluções urgentes

Situada na Beira Baixa, a cidade, capital do distrito do mesmo nome, oferece aos visitantes o aspecto acolhedor das suas ruas, a nobreza arquitectónica do Paço do Bispo, rodeado de belíssimos jardins e a gravidade da antiga Sé Catedral.

CASTELO BRANCO Centro Industrial e Turístico

Alongando-se nas extensas campinas de Idanha e num dos mais acidentados terrenos do País, com maciços importantes, o distrito de Castelo Branco ocupa a maior parte da província da Beira Baixa e compreende parte da Serra da Estrela e da Lousã, toda a Gardunha, Moradal, Melriça e Monsanto, sendo atravessado pelas correntes fluviais do Zêzere, Ocresa e Ponsul.

A beleza da paisagem surpreende os turistas que, cada vez em maior número, visitam a região. No Inverno, a Serra da Estrela torna-se centro de férias e estação de sky, coberta de neve desde os primeiros dias frios. Todo o distrito apresenta um desenvolvimento turístico de grande interesse. A bacia do Zêzere oferece, de um modo especial, aspectos variadíssimos — rincão fértil onde abundam cereais, frutas, legumes, azeite, madeiras, gados e simultâneamente minérios: estanho, urânio e volfrâmio. Na balança económica da região, são de bastante peso as suas riquezas naturais.

A oliveira é uma das grandes fontes de riqueza e a cidade, centro oleícola de considerável produção, atinge volumosa exportação anual de azeite fino e límpido, fabricado em lagares apetrechados com os mais aperfeiçoados maquinismos. O mel, branco e alaranjado, é talvez o melhor de Portugal, assim como o queijo macio e amanteigado, cujo fabrico aumenta em larga escala.

Há nascentes de águas minerais nos concelhos da Covilhã, Idanha-a-Nova, Sertã, Fundão.

A indústria atingiu já, e continua, um notável desenvolvimento. É de salientar, com realce, a indústria têxtil, com um passado importante e um presente de efectivas realizações. As principais fábricas de lanifícios e fibras encontram-se na região da Covilhã e do Fundão. Na zona de Castelo Branco existem fábricas de cerâmica, de moagem, de refrigerantes, de cortiça, gelo, estanho, cera, serração, carpintarias e serralharias mecânicas.

O comércio local participa nas feiras anuais da capital do distrito a 6 de Janeiro, 3 de Agosto, 4 de Outubro e 18 de Dezembro e, semanalmente, todas as segundas-feiras.

Em Castelo Branco tem-se feito notável obra de assistência, ordenada com invulgar largueza e a cargo da Misericórdia, da Junta Provincial e do Município.

CASTELO BRANCO Uma cidade onde a tradição se encontra com o progresso

Numerosos têm sido os órgãos de Imprensa da cidade defensores dos interesses locais e regionais, políticos, literários, artísticos, etc.

Verdadeiro berço de individualidades que conseguiram distinguir-se nos cargos e funções a que se destinam, Castelo Branco destaca, entre todos. Amato Lusitano, considerado a maior competência médica da sua época. Seguem-se outros nomes ilustres como Francisco Sanches, João Velho, conselheiro de D. Dinis, Afonso de Paiva, etc.

É nesta cidade, capital de distrito cheia de tradições e de riquezas naturais, que o Banco Totta & Açores abriu uma Agência.

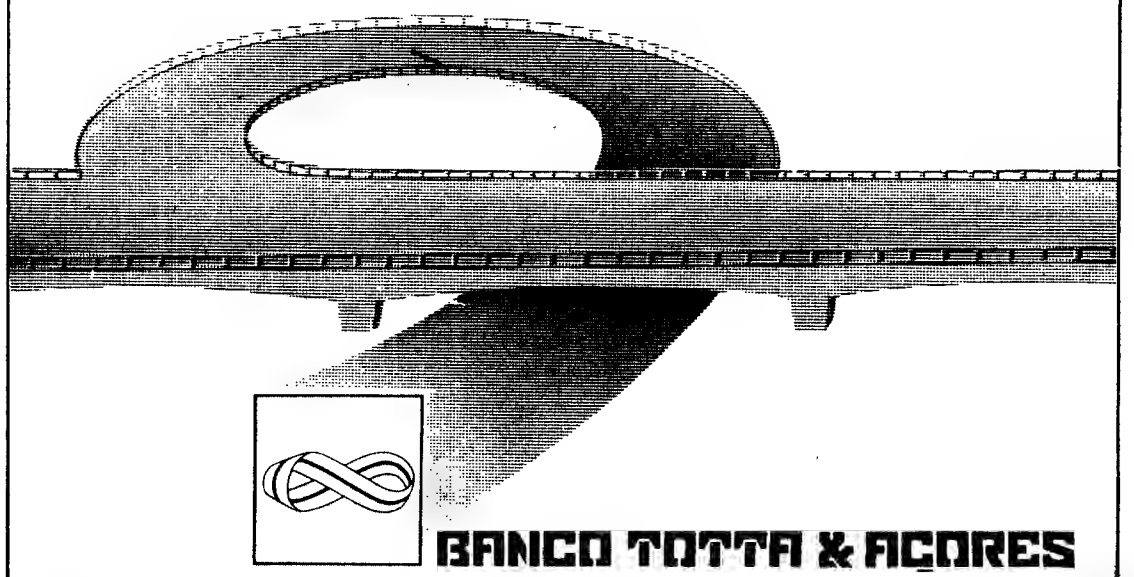
O Banco Totta & Açores acompanha os seus clientes e quer melhor servi-los, dia-a-dia, duma forma cada vez mais directa e mais eficiente.

PENTA-BTA 3/72

o nosso apoio ē firme

No Continente. Nas Ilhas.
No Ultramar.
Conta com uma organização
em dia e especializada
para a resolução
de cada caso.
Com total transparência de processos.
Com confiança.
Onde Você estiver.

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores



BANCO TOTTA & AÇORES
Num mundo novo o Banco Novo

CARLOS PORTO

TEATRO NO TEXTO

3 AUTORES • 3 PEÇAS • 1 COLECÇÃO

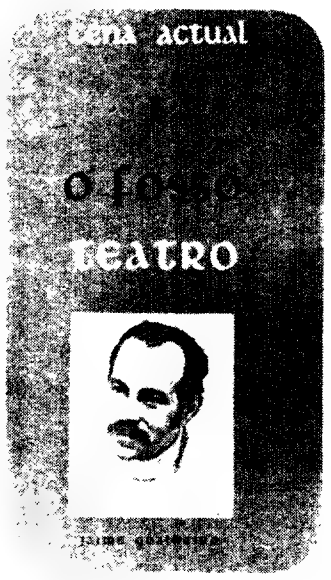
O que torna (relativamente) compensadora a leitura de teatro como texto é o facto de permitir que cada leitor seja um encenador virtual. Trata-se, pois, de uma leitura activa que exige do leitor a utilização do seu próprio poder criativo.

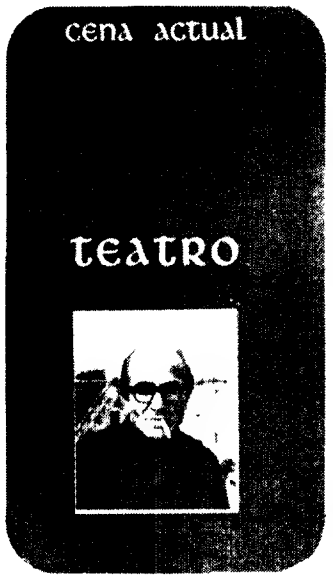
O leitor de teatro é tanto «mais encenador» e, consequentemente, «menos leitor» quanto mais o texto que lê contém aquilo a que chamarei, à falta de melhor, teatralidade. Este problema elementar prolonga-se noutros mais complicados e que dizem respeito ao lugar que o autor ocupa no xadrez da produção teatral e às relações entre as suas propostas e aquelas que o encenador irá estabelcer, respeitando-as, destruindo-as, recriando-as. Observa-se, por vezes, que o encenador não tem em conta o facto (prioritário) de que o autor é também homem de teatro (deve ser) é também produtor de teatro. Muitos equívocos se têm gerado à volta disto.

As três peças (1) que aqui me proponho comentar estão ligadas a dois acontecimentos importantes: o lançamento de uma nova colecção de teatro e a realização de um Encontro em que participaram várias personalidades ligadas à coisa teatral (entre elas, Alfonso Sastre). Esses acontecimentos foram importantes não apenas por eles próprios mas por uma razão que devia ser banal mas não é: porque surgiram longe de Lisboa, surgiram na Província, culturalmente segregada, num movimento que se espera venha a ter continuidade.

Estou a referir-me, como é evidente, à colecção «Cena Actual», dirigida por Fernando Luso Soares, e ao Encontro de Teatro realizado há meses no Fundão, iniciativas do «Jornal do Fundão» que daqui naturalmente saudamos.

A leitura da primeira rubrica da peça de Mendes de Carvalho «A 10.ª Turista» põe-nos logo em presença da realidade teatral porque com uma simples cena — a chegada de turistas a uma





fronteira — o autor, graças a uma grande capacidade de síntese (e o teatro é síntese), consegue retratar o movimento fronteiriço anual: **Durante toda esta cena (que se passa entre o Inverno e o Outono) entram oito turistas na fronteira: um no Inverno, dois na Primavera, quatro no Verão e um no Outono, trajando de acordo com as respectivas estações.**

Todas as rubricas da peça revelam esta mesma intenção: Mendes de Carvalho não pretendeu escrever um texto em forma de teatro, quis fazer uma peça de teatro, diferença muito importante. Uma crítica exaustiva de «A 10.ª Turista» deveria, pois, incidir sobre o diálogo e sobre as abundantes rubricas que o acompanham.

No excelente prefácio que escreveu para a peça de Mendes de Carvalho, Luso Soares define-a colocando-a, justamente, sob o signo da ironia restritiva. Isto é, num sítio e num tempo (o sítio e o tempo criados pelo autor) em que as coisas são referidas a uma escala de grandeza incompatível com a realidade, o dramaturgo redu-las ao seu contrário, o da máxima pequenez.

No «País das Maravilhas», o dia tem apenas 10 horas, tantas como a noite; a sua superfície é de 10 quilómetros; o ano tem 10 meses.

O n.º 10 (e não dez milhões) é o número do turista a festejar.

Por vezes, Mendes de Carvalho não se coíbe de dar um tom mais directo ao seu jogo irónico, o que, a meu ver, diminui a força do libelo. E o caso da referência à poesia concreta e às páginas literárias (pág. 27); e da referência à poesia neo-realista: ...**Sou forçado a reconhecer que os pobrezinhos são os inspiradores dos poetas neo-realistas.** (pág. 29).

Um diálogo muito vivo e intencional, entrecortado por poemas que possuem uma qualidade satírica de que o autor tem o segredo; a definição dramática das personagens e das situações; a carga crítica muito bem apontada; o ritmo que o texto teatralmente assume — definem, a meu ver, as potencialidades de um texto que é já teatro pelas propostas cénicas que contém.

«Estrela para um Epitáfio», de Alexandre Babo, coloca-se num outro parâmetro dramático: o da tragédia. Trata-se, com efeito, da tragédia do cientista colocado perante a responsabilidade dos seus actos que, como uma arma de dois gumes, podem ajudar a humanidade no seu combate pelo progresso ou contribuir para a sua destruição. «Estrela para um Epitáfio» é, salvo erro, uma variação do caso Oppenheimer, embora Luso Soares, talvez com razão, sugira Alexandre Babo se inspirou no caso também real do cientista inglês Klaus Fuschs. (Não se tratará de uma síntese dos dois casos?).

Estamos perante a história de um cientista que trabalha na descoberta de soluções para os problemas que impedem a humanidade de ser feliz mas aceita, em nome de interesses aparentemente respeitáveis, transformar as capacidades benéficas das suas descobertas em forças poderosamente destrutivas (é óbvia a referência à energia nuclear). Não há apenas razões altruístas (embora negativas) na reviravolta do cientista, há sobretudo razões individuais (dificuldades económicas)

Ludibriado o cientista nas suas intenções, vendo que aquilo que criara como contribuição para a existência de um mundo melhor, fora trnasformado no seu contrário, decide dar o passo extremo, aquele que exige tudo de um homem: o reequilíbrio dos contrários com o sacrifício da sua própria imagem, o que, de resto, implica o sacrifício da vida. O cientista não aceita as desculpas daqueles que pretendem defendê-lo — perante a sua consciência (como perante o filho que o acusa) — reconhece a sua culpa individual, reconhece a sua participação, como indivíduo e como cientista, na totalidade social a que pertence. Por isso, recusa a defesa e aceita naturalmente a pena máxima.

E evidente a importância das conotações que se podem extrair dos conflitos propostos na peça de Alexandre Babo, que põe em causa vários códigos, como o da justiça.

Observa-se, no entanto, alguma tendência para o escrever literàriamente um texto (em vez da criação de uma peça), como acontece em algumas indicações: **A senhora das carnes gordas limpa a clássica lágrima furtiva dos adiposes,** ou no facto de algumas personagens (aliás, episódicas) serem definidas pelos seus nomes: O OFICIAL DE ALTA PATENTE, O SENHOR DE CABELO BRANCO E FORTE FIDALGO, A SENHORA DAS CARNES GORDAS.

Por outro lado, as personagens de Alexandre Babo e as situações em que são postas não escapam a um certo esquematismo, como se estivessem no contexto como entidades destinadas a demonstrar determinados factos. Isto debilita a intensidade da demonstração embora não diminua a justiça do argumento. Nem sempre as personagens (e as respectivas acções) disfarçam o sinal idealista a que este tipo de teatro está inevitàvelmente sujeito. E essa, de resto, uma das vantagens de tratar temas como este à maneira do Teatro Documento.

A peça divide-se assim entre personagens simpáticas (embora controversas) e personagens antipáticas (engrossadas pelo traço da sátira). «Estrela para um Epitáfio» necessitaria, a meu ver, de uma encenação que procurasse humanizar as personagens mas, ao mesmo tempo, clarificasse o carácter dialéctico das situações dramáticas em que se inserem. Sacrificando certas cenas em que se nota uma excessiva acentuação de imagens como acontece na cena do Tribunal, quando surgem acusações directas aos efeitos da guerra, do género: **As folhas verdes das árvores caíram ainda verdes. — As rãs beberam a morte nas águas do seu deleite.** — (...) **Que é dos perfumes da noite?** — (...) **Faltou o nosso poema, o mais lindo poema que nunca ninguém dirá.**

O volume de Alexandre Babo inclui, ainda, uma peça em um acto, «Jardim Público». Trata-se de um fresco vivido por personagens que, colocadas perante os seus problemas, falam entre si, para si, para o público, como que se confessam. Representando várias faixas sociais, interpretando os problemas de acordo com a visão condicionada por essa situação, estas personagens apresentam-se como vítimas de uma engrenagem que não compreendem e muito menos dominam.

O diálogo muito vivo e coloquial (embora aqui e ali não escape ao cliché) constitui, ao fim e ao cabo, a tessitura da peça, exprimindo a própria situação dramática em que a peça se realiza.

Se a peça de Mendes de Carvalho é uma metáfora de sinal irónico, se o texto de Alexandro Babo teatraliza uma situação universal, a peça de Jaime Gralheiro coloca-se desde logo sob o signo brechtiano. Há um narrador (o autor) que é mais do que isso porque participa na acção; há um coro que documenta o que o autor quer dizer mas de onde saem personagens que criam a acção; há projecções; há cartazes com indicações estatísticas; há cenas curtas que resumem os conflitos. «O Fosso» joga-se entre o teatro épico e o teatro satírico, esbate-se, por vezes, pelo excesso de simais que debilita a carga crítica que contém. Eis uma peça que é um documento poderoso sem deixar de ser poderoso teatro.

Fala-se muito na falta de originais portugueses. Eis três originais que precisam de um palco — que o exigem. A leitura do leitor não deixará de minimizar e até deturpar os seus aspectos mais importantes. Esperamos a segunda leitura — a de espectador.

(1) Jaime Gralheiro «O Fosso», Mendes de Carvalho «A 10.ª Turista», Alexandre Babo «Estrela para um Epitáfio» e «Jardim Público» Edição do «Jornal do Fundão»

O
RENASCIMENTO
— História de uma revolução cultural —
EUGÉNIO GARIN
Um livro que vem ao encontro das necessidades dos alunos da cadeira de cultura moderna da universidade portuguesa, dos estudiosos e dos muitos curiosos deste apaixonante período da cultura ocidental.
À VENDA NAS LIVRARIAS
Distribuição para o CENTRO e SUL DO PAÍS:
ASSÍRIO E ALVIM — SOC. EDIT. DIST., LDA.
Rua Passos Manuel, 67-B
Tel. 562743 LISBOA-1

OBRAS DE
JOSÉ GOMES FERREIRA
POESIA I
Preço 50$00
POESIA II
Preço 45$00
POESIA III
Preço 55$00
POESIA IV
Preço 55$00
IMITAÇÃO DOS DIAS
Preço 45$00
TEMPO ESCANDINAVO
Preço 45$00
O IRREAL QUOTIDIANO
Preço 55$00
A MEMÓRIA DAS PALAVRAS
Preço 65$00
O MUNDO DOS OUTROS
Preço 50$00
Leia livros da
PORTUGÁLIA

DINHEIRO EMPRESTA-SE SOBRE PROPRIEDADES
A CONFIDENTE
Rua do Ouro, 292
LISBOA

DL/SUPLEMENTO LITERÁRIO

1 VIDA EDITORIAL SOVIÉTICA

● Por **Óscar Lopes**

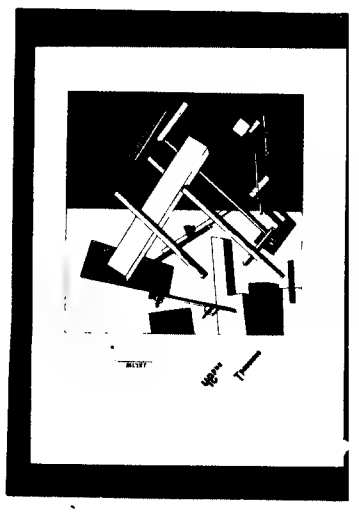
Feira Popular do Livro na cidade de Górqui, em 1970.

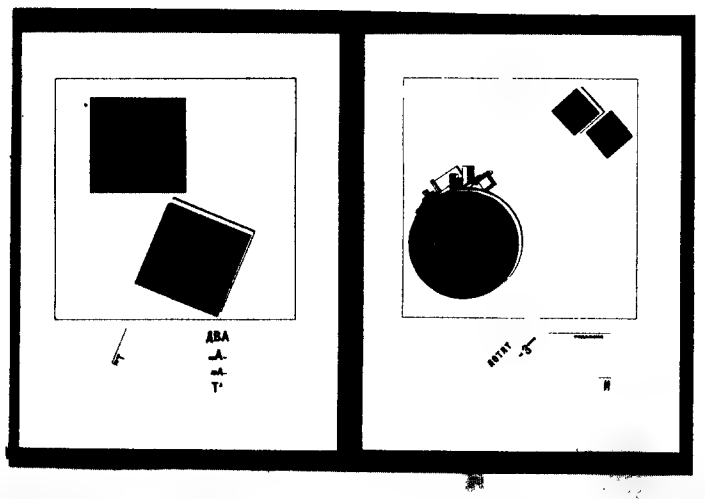
Durante uma estadia de três semanas na U.R.S.S., em Setembro último, tive a oportunidade de participar com Augusto Abelaira e, em parte, com Alexandre Babo, numa série de visitas e encontros que, entre outras coisas, nos permitiram obter algumas precisões acerca da vida literária soviética. Contribuíram para isso várias reuniões realizadas nas Casas de Amizade e Relações Culturais com o Estrangeiro de Moscovo, Leninegrado, Tiblíssi (Geórgia) e Tásquente (Uzbequistão), nas sedes das editoriais **Progresso (Progriéss)** e **Literatura Estrangeira (Inostránaia Litieratúra)** em Moscovo, e, finalmente, nas Casas dos Escritores de Leninegrado e de Tásquente.

São bem conhecidos os dados estatísticos fundamentais acerca da edição soviética, graças às publicações da Unesco e, nomeadamente, graças à campanha internacional a favor da leitura que anda ligada à designação de 1972 como Ano Internacional do Livro. A União Soviética estava em 1970 sensìvelmente ao par dos E.U. em número de títulos publicados (cerca de 80 mil, ou seja, cerca de 15 por cento da produção mundial), e em 1.º lugar mundial em número de exemplares (cerca de 1,3 mil milhões). Calcula-se em perto de 400 mil o seu número de bibliotecas públicas. O livro científico e técnico, quer de cunho especializado quer de cunho didáctico, predomina sobre o de ficção literária, pois, enquanto este último fica quantitativamente um pouco abaixo da produção norte-americana, aquele preenche cerca de 2/7 do total dos títulos. Em número de traduções, a vantagem é ainda mais acentuadamente soviética, mas para isso contribui o facto de entre as 130 línguas oficialmente reconhecidas como distintivas de nacionalidades soviéticas, mais de 60 terem uma considerável participação na produção livreira, embora em 1917 a maioria delas ainda nem sequer estivessem alfabetizadas. (Nota 1)

Vários motivos de curiosidade se agitavam no espírito do nosso pequeno grupo de escritores portugueses a que se facultou a oportunidade deste primeiro contacto directo com instituições literárias de um enorme país socialista. Mas eram também muito óbvias as limitações das nossas possibilidades de inquérito, apesar de cerca de meia dúzia de entrevistas exclusivamente dedicadas ao assunto, em quatro cidades de três repúblicas diferentes, e de um empenho em obter dados e contraprovas que, pela minha parte, nunca hesitou em prolongar o questionário até à minúcia possível e em, com a maior franqueza, arredar questões teoréticas sem exequibilidade de discussão precisa quando elas desgastavam o tempo necessário à informação objectiva. Não

conversámos com nenhu
conhecidos no Ocidente.
pois de verificar que a
propaganda ou escândal
uma produção literária m
da, e quase toda ela ig
ter ainda muito mais pen
mente insistido experiênc
a simples convivência en
urbanos (do tipo daquela
na República Democrátic
uma maior variedade d
limitações de comunicaçã
nosso grupo e a oportun
muitas outras e tambe
riências, fizeram-me deixa
outro ensejo, ou para ou
conseguimos reunir info
que a seguir vou ligar e
tópicos: tiragens editoriais
sociações de escritores
editoriais; dialéctica do s
novos escritores.





Páginas de uma criação gráfica de Lissitsqui.

Recanto da secção científica e técnica de uma livraria russa. O livro científico e técnico, quer de cunho especializado quer de cunho didáctico, predomina sobre o de ficção literária.

menhum dos escritores mais
ente. Tenho pena, mesmo de-
ue a nomeada resultante de
cândalo cá fora mal reflecte
ária muito vasta e diversifica-
ela ignorada. Mas confesso
s pena de não ter suficiente-
eriências de outro tipo, como
cia em interiores domésticos
quela que um ano antes tive
ocrática Alemã), ou visitas a
e de lugares de trabalho. As
nicação linguística directa do
portunidade, talvez única, de
também importantes expe-
deixar tais experiências para
ra outrem. Em todo o caso,
informações interessantes,
gar e resumir dentro destes
itoriais; direitos de autor; as-
ores suas relações com as
a do sistema e promoção de

Tiragens Editoriais

Há mais de setenta grandes revistas especificamente literárias na U.R.S.S., e é através delas que, normalmente, um autor entra na fase inicial da sua consagração e profissionalização. A **Inostránaia Litieratúra** de Moscovo, fundada há cerca de 60 anos e já então com uma tiragem de 40 mil exemplares, sai agora mensalmente a 320 mil exemplares; a **Estrela do Oriente**, de Tásquente, tem uma tiragem em língua uzbeca (com cerca de 8 milhões de loquentes) de 118 mil exemplares, ao passo que a sua versão russa, sujeita a maior e mais qualificada concorrência em toda a União, anda por 50 mil exemplares. Um livro em prosa raramente se edita a menos de 15 mil exemplares, oscilando a tiragem média entre 50 e 70 mil. Preço: entre 70 copeques e 1 rublo cada volume de 300 páginas, sendo de cerca de 30 escudos o valor oficial do rublo, cujo centésimo se chama **copeque**. Trouxe comigo exemplares de uma colecção em língua russa de poetas uzbecos com tiragens superiores a 100 mil exemplares; e informaram-nos que os livros de poesia em língua original georgiana se publicam normalmente a entre 7 a 14 mil exemplares, para cerca de 4 milhões de loquentes desse idioma.

Alguns números que dizem especialmente respeito à literatura portuguesa, visto que nos interessa muito particularmente a prospecção das nossas possibilidades de expansão e de osmose cultural na área idiomática do russo, inclusivamente a negociação bilateral de salvaguarda do **copy-right** entre associações portuguesas e soviéticas de autores. Eça de Queirós, que principiou a ser traduzido para russo em 1919, numa colecção de clássicos universais dirigida por Górqui (o qual então prefaciou a versão de **O Crime do Padre Amaro)**, tem edições russas modernas de pelo menos meia dúzia dos seus volumes a 300 mil exemplares. Mostraram-nos exemplares de obras traduzidas de Redol, Namora, Urbano Tavares Rodrigues e Cardoso Pires, que me lembre. Os volumes acusavam 50 milhares de tiragem, e um, que tenho aqui á mão, com 262 páginas, custa 54 copeques (16$20). O dicionário prático russo-português de que faço uso, com cerca de 11 mil entradas, 656 págs. que incluem um resumo gramatical, saiu em 1971 a 4,5 mil exemplares e com o preço de 1,09 rublos. Um manual de língua portuguesa, acompanhado de textos e de um vocabulário, 241 págs., edição da Universidade de Moscovo, 1964, acusa 3 mil exemplares, a 41 copeques; e uma antologia luso-brasileira, 292 págs., edição da Universidade de Leninegrado, 1964, regista 4,2 mil exemplares, 45 copeques. (Nota 2)

A maior parte dos livros soviéticos, de cunho popular e didáctico, tem uma apresentação gráfica modesta, de acordo com uma política editorial orientada em função de uma grande procura funcional e não criada por uma publicidade comercial endereçada sobretudo ao acto de venda e à auto-satisfação do simples **status** de comprador. É o mesmo que acontece com os instrumentos musicais, os discos e outros meios de difusão cultural: quer relativamente ao poder de compra em escudos, quer relativamente aos preços de, por exemplo, o calçado ou o vestuário de melhor qualidade, que são ainda em regra importados da área económica socialista (Comecon), esses artigos culturais são baratíssimos. Vimos um piano na casa de um modesto camponês caucasiano, e descobrimos depois muitos outros destinados a venda massiça num supermercado popular, de aparência extremamente modesta ou funcional, em Tásquente. Os livros esgotam-se normalmente pouco depois de publicados. Não vimos bichas à porta das lojas, mas disseram-nos que ainda existem para o **vient-de-paraître** editorial. Só graças à amável cedência de colegas soviéticos pude adquirir livros de linguística ainda há pouco publicados, e que lá se vão requisitar às bibliotecas públicas.

Há no entanto edições de custo elevado e vendidas abaixo desse custo, quer se trate de obras de consulta para especialistas, quer de volumes que se apresentam como obras de arte gráfica, sendo sobretudo típico a este respeito o caso da literatura infantil ilustrada. Neste domínio, exalta-se agora o esforço precursor dos artistas gráficos dos anos de 20, como Lissítsqui, Rodchenco (colaborador gráfico de Maiacóvsqui), Dobújinsqui, etc., como o leitor pode aliás verificar por um artigo de A. A. Siderov publicado no **Correio da Unesco** do mês corrente.

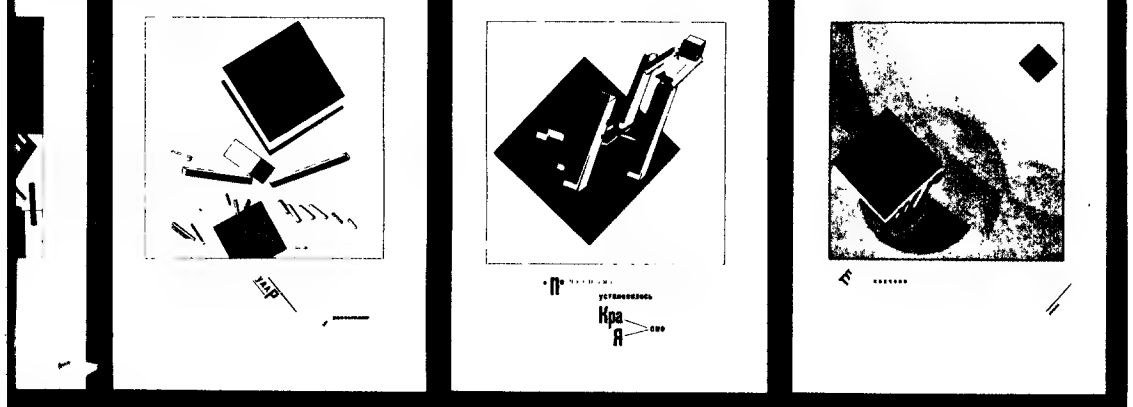
(A seguir: **Direitos de Autor; Associações de Escritores; Dialéctica do Sistema Editorial e Promoção de Novos autores)**

● NOTA 1

A cidadania soviética não delimita, aliás, qualquer quadro fixo de nacionalidades. Além das cento e trinta e tal nacionalidades linguisticamente definidas, pode haver outras. Por exemplo, um dos nossos guias de Leninegrado, professor de Português no Instituto de Línguas, de nacionalidade ucraniana, disse-nos ser casado com uma grega. Não que ela tivesse nascido na Grécia: a mãe dela é que nascera lá. Mas acontecia que ela se declarava como tendo a nacionalidade da mãe. Este respeito do pluralismo nacional interno, que tem uma das suas expressões na extraordinária popularidade da etnografia, da arqueologia, da linguística e de todas as tradições de cultura nacional, torna a gente soviética muito atenta às realidades nacionais estrangeiras. Embora ainda não existam relações diplomáticas entre Portugal e a U.R.S.S., em todos os hotéis onde estivemos lá acabou sempre por surgir uma bandeirinha verde-rubra a assinalar a nossa presença; no museu do Ermitage, houve logo quem acudisse a mostrar-nos o quadro romântico, muito melodramático, de Bríolov, 1834, sobre a **Morte de Inês de Castro;** e no Parque de Púsquine, antigo Tsárcoie Sieló, tiveram o cuidado de nos localizar uma escultura, **Rapariga com uma Bilha**, concebida por um madeirense, de apelido Bettencourt, que aliás dirigira a construção de certas vias férreas tsaristas; mas a minha mais comovida surpresa foi a de encontrar uma inscrição tumular em caracteres latinos e língua portuguesa no cemitério de Novo-Diévusqui, Moscovo, entre sarcófagos de personalidades russas, antigas e modernas, do maior relevo, ali junto de um dos mais belos monumentos históricos da antiga Rússia renascentista e barroca.

● NOTA 2

A preparação de professores de língua e cultura luso-brasileira é ainda limitada, muito inferior à de professores de língua e cultura hispano-americana, agora muito animada pelo degelo das relações comerciais e culturais entre a U.R.S.S. e os países de fala castelhana. Em Leninegrado visitámos uma escola de 10 anos, isto é, destinada a alunos de 7 a 17 anos de idade aproximadamente, e em número total de 600, especializada no ensino do Castelhano como principal língua estrangeira, que era utilizada mesmo no ensino de certas matérias científicas. Não admira, portanto, que o ensino do Português se faça à base de métodos contrastivos que supõem o conhecimento prévio de outra língua românica, sobretudo o Castelhano. No entanto o estudo científico universitário da nossa língua já dá lugar a obras de grande interesse, como o recente **Dicionário Inverso do Português**, publicado em Agosto de 1972, que extrai importantes resultados de análise morfológica comparativa quantificada do estudo estatístico das terminações do Português em relação ao Castelhano, ao Italiano e ao Francês; foi preparado por um grupo de 7 investigadores e redigido por Elena Micailovna Wolf. Tiragem de 1,9 mil exemplares, preço 1,55 rublos.



«Para esta **História dos Dois Quadrados** procurei pôr em forma uma ideia elementar com meios elementares, de tal modo que ela incitasse as crianças ao jogo activo e os adultos a **ver.**»

Lissitsqui.

OBRAS DE
BRANQUINHO DA FONSECA

Bandeira Preta
Preço 40$00

Caminhos Magnéticos
Preço 40$00

Porta de Minerva
Preço 55$00

O Barão
Preço 50$00

Rio Turvo
Preço 50$00

Mar Santo
Preço 60$00

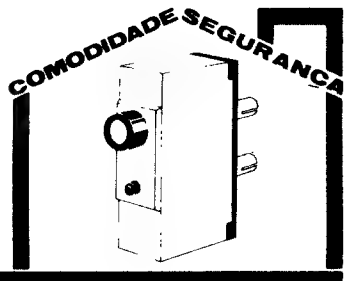
Leia livros da
PORTUGÁLIA

BBC

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS STOTZ

Substituem os fusiveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO



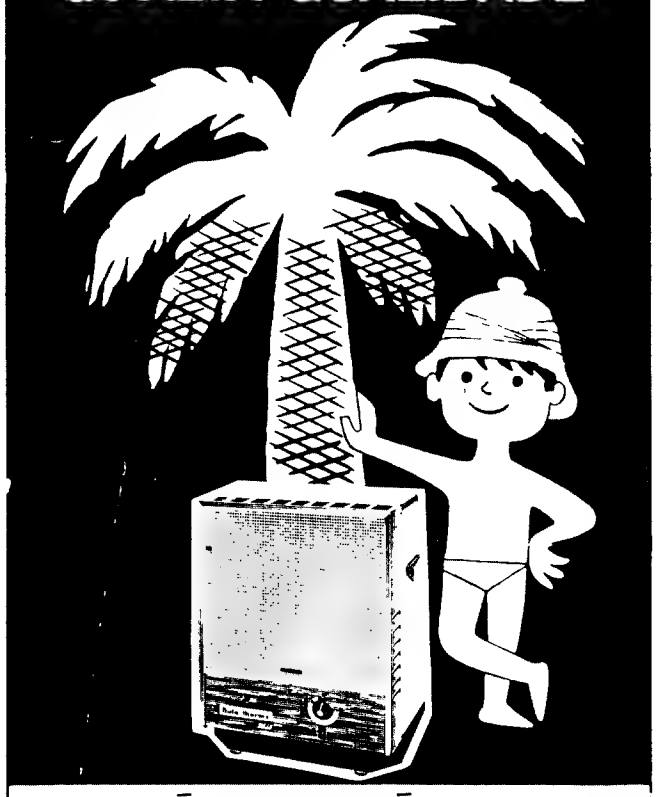
PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

Distribuidores :
Fernando S. Amarante, Ldª - R. Cidade da Horta nº. 54 - Lisboa 1
IREL - R. de S. Mamede (ao Caldas) nº. 30 G - Lisboa 2

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGAVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

BUTA-THERM'X
um produto FRANCÊS de ALTA QUALIDADE



CALORÍFEROS A GÁS BUTANO OU PROPANO PELO SISTEMA DE CATÁLISE
BUTA-THERM'X
(COM PLATINA NO PAINEL)
SEM LUME, SEM CHAMA, SEM FUMO, SEM CHEIRO E SEM QUALQUER PERIGO!
SEGURANÇA ABSOLUTA
PORQUE NÃO EXALAM ÓXIDO DE CARBONO
GRANDE POTENCIA DE AQUECIMENTO
REGULÁVEIS Á VONTADE ECONÓMICOS
NÃO SECAM O AR
AGORA... COM IGNIÇÃO AUTOMATICA!
DOIS ANOS DE GARANTIA EFECTIVA
BUTA-THERM'X
O CALOR QUE MAIS AQUECE
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR.ª, S. A. R. L.
R. DOS DOURADORES, 43 TELEF. 361545 LISBOA

Henry Miller crítico de cinema, eis o que surpreenderia, talvez, alguns. O autor é, no entanto, um velho cinéfilo. Por qualquer razão obscura, os editores franceses não acreditaram dever publicar os seus ensaios sobre «A Idade do Ouro» de Bunnel, «Êxtase» de Machaty ou sobre Raimu. O tom e o teor deste artigo sobre «Bonnie e Clyde», aparecido em 1969 na revista inglesa PENTHOUSE, farão luz sobre um aspecto bastante desconhecido de Henry Miller.

AMOR, NÃO CARNIFICINA

Tinha a intenção, depois de ter visto «Bonnie and Clyde» de me sentar à mesa de trabalho na manhã seguinte e disparar um jacto de vitríolo. Mas, ai de mim, isto já remonta a três semanas e, no intervalo, acalmei. Todavia, sinto ainda cólera, menos relativamente ao produtor e ao encenador ... que considero, não obstante, como plenamente responsáveis por esta monstruosidade ... do que a respeito do público que aplaude e aprecia o filme. A ideia de ir ver «Bonnie and Clyde» nunca me havia atravessado o espírito, sabendo qual era o seu conteúdo, até ao dia em que alguns dos meus bons amigos, cuja opinião respeito, me recomendaram de não perder o filme. Por isso, decidi-me finalmente a comprar o meu bilhete... Ao cabo dos primeiros dez minutos, estava prestes a retirar-me, absolutamente enfadado, para não dizer desgostoso, pela cretinice pura e simples do filme. Fiquei, todavia, à espera da hilariedade prometida, descontada a sensacional parte de galhofa. O espectáculo não conseguiu arrancar-me senão um só sorriso durante toda a projecção, e não ri uma única vez. Aliás, não ouvi rir muito à minha volta: apenas alguns cacarejos de ocasião, isolados.

Acreditava estar preparado para a carnificina que nos é apresentada: tinham-me dito que tudo isso era perfeitamente «inocente», «fortuito», que Bonnie e Clyde eram dois pequenos formidáveis que nunca haviam tido a intenção de cometer todos esses crimes. Ora, da primeira à última morte, e apesar de todos os meus esforços, não senti qualquer divertimento; apenas um desgosto cada vez maior. Poderia acrescentar, entre parêntesis, que, tal como a maior parte dos espectadores americanos de cinema e das vítimas da televisão, eu absorvi doses surpreendentes de mortes, de violações, de torturas e de brutalidades diversas que não poderia ter imaginado na minha época. Lembro-me de ter perguntado a meu filho, na altura em que ele não tinha mais do que nove ou dez anos, por que era que ele via sempre estas fitas macabras. «Mas os rapazes pequenos gostam muito de um pouco de carnificina de tempos a tempos»: tal foi a sua resposta. Antes de tudo o mais, devo acrescentar que posso compreender aquele que mata para se defender ou num momento de paixão. Se eu fosse juíz, ser-me-ia difícil condenar um tal acto, pois, sob este ponto de vista, todos nós somos assassinos em potência. A morte gratuita, absurda, a sangue-frio, é outra história. Os assassinos, disso não tenho qualquer dúvida, são no seu conjunto doentes que devem ser tratados como tal mais do que como criminosos. O que é bem pior do que o assassínio a sangue-frio, quanto a mim, é a sua apresentação como espectáculo distractivo. Não posso deixar de considerar então os espectadores como mais doentes do que os matadores que contemplam. Quanto às pessoas que embolsam os benefícios de tais produções, tenho-as não apenas como doentes mas como espíritos pervertidos. **Eles sabem o que fazem; não são parvos. No entanto, parecem desprovidos de todo o sentimento de culpa e conseguem, para além dos lucros, glória e honrarias com os seus trabalhos.**

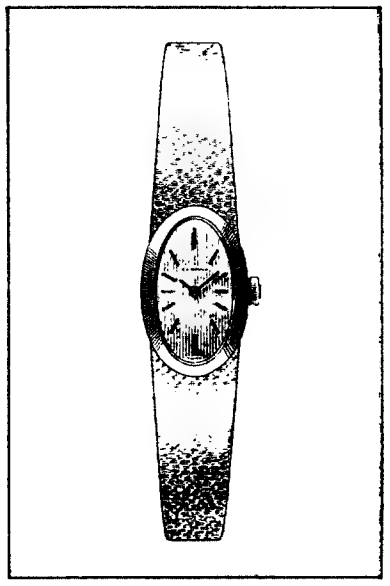
Muito curiosamente, nesta categoria, há um filme que constitui excepção. Trata-se de **Monsieur Verdoux**, de Chaplin, que foi retirado da circulação antes de ter podido fazer verdadeiramente carreira, não por causa do assunto, mas porque Chaplin não estava então em odor de santidade nos Estados Unidos. Contràriamente a **Bonnie and Clyde**, esse filme, um dos mais engraçados que alguma vez vi, continha uma moral. A hora seria bem escolhida para o reeditar, pois esta moral seria hoje provàvelmente melhor apreciada hoje, pelo público senão mesmo pelos censores. Hoje, quando estamos presos de uma guerra absurda e quando, uma vez mais, todos os valores foram destruídos, o bem e o mal são confundidos mais do que nunca. Comparados com o que fazem os generais, àquilo que estão prontos a fazer perante uma pretensa necessidade, os assassínios cometidos por Barba Azul fazem figura de brincadeira de crianças. Seja quem for, **Monsieur Verdoux**, o Barba Azul de Chaplin, **mão tem nada de psicopata**: é um ser humano inteligente, muito semelhante a vós e a mim. Hoje, considera-se virtualmente que a nossa sociedade está doente. As estatísticas provam-no e os nossos chefes, eles próprios, o clamam do alto da tribuna. A partir da minha juventude, sempre condenei a nossa maneira de viver, e, presentemente, percorri já um caminho suficiente para poder comparar a época actual com os meus anos de rapaz. Com os meus próprios olhos, fui testemunha daquilo que Whitman havia anunciado há um século: a degradação do indivíduo, a corrupção cada vez maior a todos os níveis da sociedade, o recurso cada vez mais frequente à violência, muitas vezes por simples prazer, e o aumento de uma agitação frenética e sem objectivo, que não se

PORTO Burmester

L. MONÇÃO — REPRESENTAÇÕES, LDA.

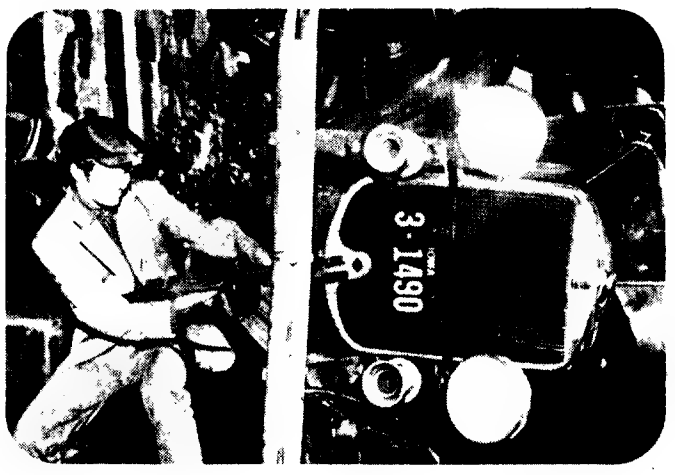
Um relógio Certina de ouro...
...prestigiosa harmonia de precisão e beleza

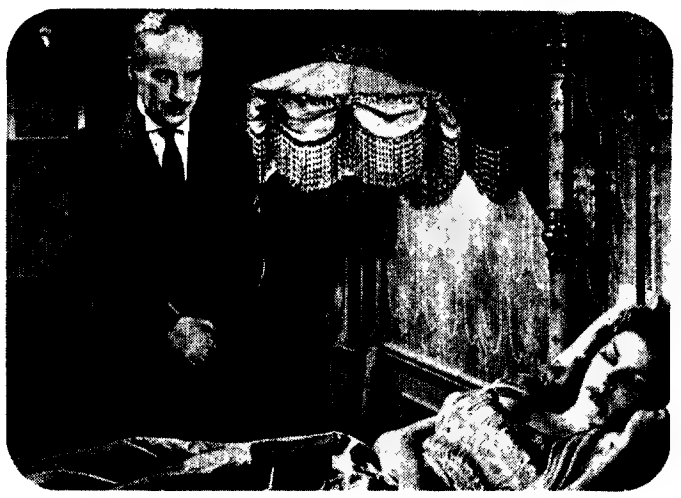
Um relógio de ouro Certina alia a elegância à precisão.
Da colecção Certina destacamos este belo modelo cuja caixa e bracelete foram também fabricados na Suiça com a mesma tradicional perfeição mas, especialmente para Portugal, em **ouro de lei**. Por isso é ainda mais prestigiosa a grande classe deste modelo Certina.



Criação Certina com caixa e bracelete em ouro de lei

CERTINA
Swiss made





«Contràriamente a **Bonnie e Clyde**, este filme (**Monsieur Verdoux**), um dos mais divertidos que alguma vez vi, continha uma moral. A altura seria bem escolhida para reeditá-lo.»

poderia descrever senão como uma forma de loucura. Whitman não era mais comunista do que Thoreau, Emerson e outros escritores americanos com a sua maneira franca de falar. Na verdade, eram mais americanos do que os seus detractores. Eram visionários e, como os profectas dos tempos antigos, punham a nu as fraquezas do seu povo e os germes da decadência. Georges Duhamel escreveu num dos seus livros: «A América é um fruto que apodrece antes de amadurecer».

Se há uma coisa que não era tão claramente notada no tempo de Whitman, é, quanto a mim, a proporção espantosa de imbecis, de paralisados, de psicopatas e de esquizofrénicos no seio da nossa população. O número de doentes mentais que albergam tendências criminosas é absolutamente alarmante. Encontram-se em todas as classes da sociedade, não apenas entre os pobres e os deserdados da sorte: entre os membros do Congresso, entre os nossos professores, os nossos pregadores, as nossas almas bem intencionadas — sobretudo entre estas últimas. Pouco a pouco, descobre-se que os elementos do êxito não são forçosamente os de uma sociedade sã. Os **hippies** são, talvez, distantes, associais, até mesmo drogados, mas têm o bom senso de rejeitar os valores actuais, de se manter afastados e de se divertir entre si enquanto Roma arde. Talvez que não sejam tão loucos como nós gostaríamos de acreditar. Talvez que haja alguma coisa de uma nova santidade na sua conduta desconcertante. Talvez injectem uma dose de esperança e de coragem na nossa sociedade confusa, frustrada e desesperada.

E **Bonnie and Clyde** em tudo isto? Mas, é bem deles de quem se trata. Bonnie e Clyde são débeis, exactamente como CW que, devo confessá-lo, suscita mais a minha simpatia do que as outras personagens. Bonnie a Clyde são doentes, podres até à medula. Cheiram mal. Flutua à sua volta uma aura de perversão e de cretinismo vicioso. Creio compreender que o Clyde da realidade era homossexual e Bonnie uma espécie de «abelhuda» que «fazia a sua perninha», como dizem hoje, com todos os que passavam ao seu alcance — incluindo o companheiro do casal, CW. No filme, Clyde é apresentado como um impotente, enquanto que Bonnie se torna uma espécie de maníaca sexual a meias, sempre mergulhada numa beatitude imbecil qualquer que seja a qualidade dos desempenhos.

Uma das primeiras coisas que me fizeram desprender do filme, é o lado estúpido do seu encontro. De um lado, tem-se Clyde, com o seu sorriso hebefrenético, meio-sexo, meio cretino; do outro, Bonnie, toda ela **sexo** e sem nada no cérebro: **dois** malandrins em vias de fazerem vénias um ao outro. Quanto ao diálogo: nada, como, de resto, durante todo o filme. Depois vem a cena da viatura com Bonnie, a sabidona, em vias de devorar Clyde que tem reacções de cavaleiro da Távola Redonda que teriam castrado. Duvida-se imediatamente que haja qualquer coisa de corrupto no reino da Dinamarca. Sente-se que é a violência que vai ter o seu grande papel, não o amor nem o sexo. O rapazinho, que não pode divertir-se com o sexo oposto, brinca com a espingarda-metralhadora. Nojento, nojento. E o humor, o que se diz como tal, falemos dele. Viajei pelos cantos mais afastados do Sul e encontrei-os, os rústicos, os vivaços, os espertalhões; pois, bem, não posso aceitar o que tem lugar, como humor, entre Clyde e seu irmão, ou entre Bonnie, Clyde e quaisquer outros embotados. Tudo isto não é simplesmente verdadeiro, e tão-pouco a fuzilaria entre os matadores e a polícia. Tudo isto não passa de realismo cheio de truques, uma embrulhada sociológica que cheira a fraude. Não insultem os «okies» ou os «arkies» (camponeses de Oklahoma e de Arkansas, **N. do T.**); eles valem mais do que isso e têm bem mais humor, inteligência e sensibilidade. E, depois, há ainda a cena de Grant Wood, com a mãe, a única tonalidade real e grave do filme, infelizmente diluída pelo artifício demasiado visível de Grant Wood. Já para o fim, quando o casal exprime o seu desejo de se reabilitar, de encontrar uma vida melhor e «decente», isso não soa bem. Dois semelhantes imbecis não têm neles forma de representar o que seria uma vida melhor. Que poderia fazer um tipo como Clyde, por exemplo? Não tem miolos, não tem sentimentos, nada. Quanto a Bonnie, não veja para ela outra solução que não seja tornar-se uma prostituta de primeira classe, uma verdadeira prostituta — mas será capaz disso? Ela é demasiado desorientada para conseguir tornar-se o que quer que seja. Desde o começo, pertencia ao número das almas perdidas, a caminho de parte nenhuma e sem chegar a parte alguma. Com toda a franqueza, e embora semelhante afirmação contradiga todos os meus princípios, o melhor momento do filme para mim situa-se quando o casal é transformado em passador dentro do seu automóvel. Isso parece um fim apropriado e misericordioso para as suas atribulações. Não os lamentamos, não nos sentimos mesmo chocados pela crueza da sua sorte. Jazem sobre a lage como outros tantos detritos da humanidade. Não serviam nenhum objectivo na vida, não tinham nenhuma finalidade na vida, não tinham nenhum futuro diante deles, e supõe-se que, mesmo no inferno, continuarão a estar **deslocados**.

Cadência. Outro dia, via a publicidade de um novo filme que se anunciava como «ainda mais violento do que **Bonnie and Clyde**». Li igualmente no jornal que um jovem casal havia tentado imitar Bonnie e Clyde. Infelizmente não me recordo de quantas pessoas tinham morto antes de serem presos. Os Bonnie e Clyde em perspectiva não faltarão com o tempo, à medida que o filme penetra o interior do país. O antídoto que nos falta singularmente na hora actual, é uma erupção de filmes eróticos, pornográficos, obscenos. Quanto mais matéria houvesse para a censura, melhor seria. Se o **trip** dos **hippies** é o amor, aquilo de que os seus maiores têm necessidade é de sexo. Certamente, de tempos a tempos, esses filmes vêm-nos da Suécia, da Dinamarca e de outros países em que os habitantes são bem alimentados, ao abrigo dos tratamentos de choque, ultra-normais e se aborrecem geralmente de morte. O que nos faz falta, é uma variedade americana do género. Geralmente, não temos direito senão a negaças por parte de Holywood, mas nunca ao prato de resistência, como é presentemente o caso da literatura.

Como quer que seja, que consolação seria contemplar uma verdadeira e calorosa sessão de beijos nos **écrans**. Repousante, pelo menos? Eu quero falar do acto verdadeiro e santificado, não salpicado de perversão, de brutalidade ou de **dementia praecox**. Se se agarra absolutamente a qualquer coisa, porque não a uma espístola do Papa, um pouco de saliva espumante da boca de Billy Graham ou um **cocktail** Molotov à Phyllis Diller? Por outras palavras, a realidade perante o realismo, o instinto perante a abstracção.

Não é estranho, quando se pensa nisso, que se possa vender às gentes violência e perversão, mas não a festa sexual alegre e sã! Num filme negro ou num filme de espionagem é completamente permitido mostrar a vítima a receber um pontapé na cara ou nos testículos, vadios em vias de se retalhar uns aos outros à facada, ou regar alguém com gasolina para depois lhe lançar fogo, ou ainda um atirador emboscado visando um motorista inocente. Em contrapartida, a luta amiga dos orgãos sexuais é banida. Porquê?

Não falarei sequer dos documentários ou filmes de actualidades que nos mostram o inimigo desalojado dos seus abrigos pelos jactos dos lança-chamas, ou fumigados com fósforo, ou ainda assados em **napalm**, ou desfeitos pelos estilhaços das granadas, etc. etc. Tais filmes não são apresentados ao público para sua distracção, mas para sua edificação. Querem fazer-nos compreender que «o inferno é a guerra», mas que o inferno é necessário todos os dez ou vinte anos, sem a qual a civilização estaria perdida. A civilização cobre o genocídio, a destruição da terra e de todos os meios de subsistência, cobre a destruição das igrejas, das bibliotecas, dos museus, dos hospitais... o que é que as guerras não cobrem, em seu santo nome? A paz é maravilhosa! Porám, a paz, bizarramente, é uma coisa para a qual é preciso sempre bater-se. Ela não vem senão como o beijo da morte.

À maneira dos produtores de filmes, que parecem pensar que ninguém irá comprar o seu bilhete sem se ter assegurado da sua parte de violência e de sensacional, os governos — os grandes, pelo menos — imaginam aparentemente que sem guerras as pessoas tornar-se-ão demasiado satisfeitas, demasiado beatas, demasiado pacíficas e descontraídas.

Qual a relação com **Bonnie and Clyde**? Esta: um povo que acha a morte gratuita agradável, distractiva, não corre o risco de se sentir chocado quando se encontra bem no meio de uma guerra. Como reconhecê-la, quando se escutam notícias que estão cheias de mortes, de violações, de incêncios, quando não se trata de corrupção, de traição ou de mentira nas altas esferas? Que obscenidade a de olhar um anúncio publicitário sobre o mau hálito ou a enxaqueca logo depois de ter visto as imagens do assassínio de uma personagem importante ou da destruição de toda uma aldeia pela erupção de um vulcão ou um tremor de terra! O cosmético, o depilatório, o papel higiénico acetinado obtêm um lugar quase tão grande como estas catástrofes. E o próprio apresentador, e a sua maneira de comentar as várias notícias de dia? Alguma vez se viu ficar abatido pela dor, paralisado pelo horror e a gravidade daquilo que anuncia? Mal muda de entoação para passar dos desastres pavorosos, dos episódios chocantes ou repugnantes às ementas feitas da vida quotidiana. Evita todo o comentário um pouco pessoal, mesmo quando se trata de notícias alarmantes. Procura tanto quanto possível assemelhar-se a um magnetofone ou a um telégrafo. Mesmo os **reporters** das primeiras linhas, tentam o seu melhor: poder manter o **sang-froid** (em francês no texto original). São factos que nós queremos, o sensacional e não uma cara de pau na manhã seguinte.

É, no entanto, apesar de todos estes relatos calmos e medidos, os factos mentem frequentemente. Tudo depende daquele que os conta, daquilo que está por detrás, daquele que procura salvar a face, da carteira que é seduzida. Para ter a verdade, é impossível fiar-se nos governos ou nos jornalistas cujas mãos estão atadas, cujas bocas têm uma mordaça. É mesmo escusado pensar fiar-se na nossa própria inteligência, na nossa perspicácia, pois todos nós sofremos já uma lavagem ao cérebro, não passamos de sonâmbulos. Como dizem os zulus: «O tempo da hiena alcançou-nos». E se eu pudesse acrescentar a minha pitada de sal, eis o que eu diria: «É de ódio e violência que nos alimentamos. Se fôssemos um povo pacífico, teríamos a paz a partir de amanhã».

Também, para sermos honestos, devemos concluir que os verdadeiros monstros não são Bonnie e Clyde mas nós, o público, no seu conjunto. Enterramo-nos em confortáveis poltronas, com a barriga cheia de bons alimentos e dizemos: «Mandem o programa, estamos prontos a engolir tudo». Pagamos sem o mínimo protesto para ficar chocados, desgostosos, aterrorizados e desmiolados. E no dia das propiciações, quando as recompensas são distribuidas, são elas, as gentes que vos serviram estas reles preparações quem recebe o Oscar. Que há de mais justo? Também, sr. Beatty, **Miss** Dunaway, sr. Penn, sr. Newman e sr. Benton, sr. Warner Bros, se parece ter-me mostrado um pouco duro, um tanto demasiado categórico na minha crítica da vossa criação, ficai sabendo que, em última análise, o vosso **Bonnie and Clyde** não passa de um símbolo ínfimo do mal que nos conseme e que, no fundo de mim mesmo, não penso que estejais a ver verdadeiramente pior do que muitos outros membros do vosso clã. Com efeito, tenho quase a certeza que, se vos oferecessem um pouco de erva ou uma dose de LSD, poderíeis apresentar-nos um belo dia qualquer coisa verdadeiramente engraçada, realmente distractiva, se não mesmo instrutiva o terapêutica.

MÉTODO
ASSIMIL

Aprendizagem de Línguas por assimilação intuitiva.

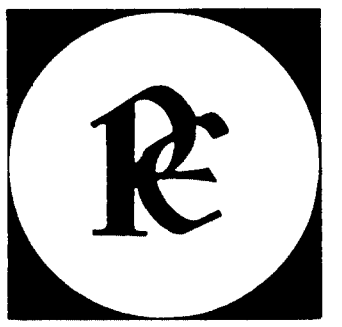
Em discos microgravados, cassettes ou bobines

LIVRO DE TEXTO
LÍNGUAS ESTUDADAS:

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
RUSSO
ITALIANO
ESPANHOL
HOLANDÊS
GREGO
PORTUGUÊS

REPRESENTANTES:

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA E C.ª, SUC.
Rua do Carmo, 9 a 13
Telef. 324076 — LISBOA



OBRAS DE
VERGÍLIO FERREIRA

APARIÇÃO
Preço 65$00

CÂNTICO FINAL
Preço 55$00

NÍTIDO NULO
Preço 70$00

CARTA AO FUTURO
Preço 25$00

MANHÃ SUBMERSA
Preço 40$00

ESPAÇO DO INVISÍVEL
Preço 40$00

INVOCAÇÃO AO MEU CORPO
Preço 70$00

Leia livros da
PORTUGÁLIA

HENRY MILLER

ADIAR A VIDA

POR URBANO TAVARES RODRIGUES

.Subo a recordação, a encosta amarela. Ao fundo, o portão, o sorriso enigmático. Os bonecos do portão, esqueletos de plástico. Sim, creio que o sonho jorra da mesma fonte que as centelhas de ideias que nos povoam o vazio diurno. Os olhos são azuis, por detrás dos grandes óculos de miopia, os lábios suaves, o andar lento. Lembro-me (ou pinga de outro sonho esta memória?) de, tão jovem, já teres problemas circulatórios. Ou coronários? És frágil. Edificas __ e é isso que te agradeço __ um silêncio fraternal __ sê-lo-á mesmo? __ nos gestos que nos unem, sobre o riacho de espelhos quebrados. Será por teres medo de te ferir (não ousas, também tu, despir a própria pele) que as tuas mãos são assim furtivas, trepidantes os teus seios tão breves, curiosamente múltiplos, mas ambíguos, os teus braços?

Em filigrana te vejo, na superfície líquida: os cabelos verdes, de um louro-escuro quase verde. Escrevemos na água, por entre os vidros: «Amanhã não existe».

Sei que, se acordar, tenho de me assumir. Com rugas, com remorsos (é verdade: com remorsos), com dúvidas, vacilações, suspeitas sobre mim próprio.

Decido não acordar ainda: adio o despertar. Adio sempre, até quando?

São castanhas as tuas sobrancelhas e tens no rosto manchas de lua, beijo-te as axilas e o trigo do teu ventre. És margem de perigo, aventura, carne lacerada. Nomeio-te, mas logo esqueço o teu nome. Esforço-me por recordá-lo e não consigo. Há uma luz única, que se abre e me respira, me sorve, no vale do teu peito. Permaneces, estátua, ombro, ardor, no espaço claro da noite que sei noite e sonho. És entre os meus dedos o botão, a flor, a chama, o interior da vida.

E sei que o amanhã existe. O teu rosto desagrega-se à medida que te penetro, o braço flecte, a mão cai, repousa no vento de folhas do tapete. Tremes. És vela de barco azul. O teu olhar solto pelo espaço. E nada do que dizes, afinal, importa. O que é que me exiges: verdade? Não desconheces que nada te escondo: enquanto percorro os intervalos (perdidos) do teu corpo, falo, incansàvelmente, respondo-te a tudo e procuro pôr nas minhas palavras o máximo de verdade. Simplesmente, a verdade livre desta veia, destes pêlos suados, desta unha que te lacera, do galope frenético das tuas ancas, dize-me, essa verdade que tem a ver com as histórias que te conto, exactas como equações mas só no instante em que as re-vivo, re-penso, re-sofro? Que adianta confessar-me, confessares-te, acumularmos erros, equívocos, coisas que foram e já não são?...

Abres a gaveta do armário, cospes delicadamente para dentro e fecha-la. É isso. Somos feitos de armários. Temos armários no peito, no ventre, nas coxas, sobretudo na cabeça, armários cheios de serpentes venenosas e de antigos escarros secos.

Gosto da humidade azulada da tua boca, és uma espécie de mulher azul, de dedos brandos, frescos. Não, não perguntes mais, não fales em pureza, nem tu nem eu sabemos exactamente o que é, nem importa defini-la, vem ter connosco, à ilha dos instantes das canções vivas, à ilha do esquecimento de sermos nós obrigatòriamente em relação esta ou aquela. Queres saber porque tenho um sorriso angustiado, que ideia! E se te dissesse que todos me humilham, que tudo me desgosta, que já sonhei cem mil vezes (ah!, os sonhos dentro dos sonhos!) a sociedade quase feliz dos homens iguais na sua desigualdade onde eu até podia ser varredor de ruas ao domingo, respirando a brisa nova da dignidade, mas aqui não suporto que me calquem nem tolero assistir à manipulação dos outros. E também é verdade, sim, que vomito fel e sangue, às escuras, com chamas dentro das órbitas (e que o bafo negro da dor é um chicote a estalar). Ou serão os teus-meus dedos que me comprimem a fronte?...

Adiar o quê, dize-me? Há quantos anos penso no salto, em despenhar-me na marginalidade, nadar para a ilha, a tal, onde tu, ou tu, ou tu, ou só uma estátua de fumo me daria a mão. E então baixando o sol de repente ao nível desse nosso outro mar; todas as flores mortas (nossas ideias feitas) pétala a pétala já em separação, em dispersão na água, que fazer?

Vou passar (como?) deste esquelético sonho, desprovido de pontes, para o rochedo azul (teus olhos azuis que se aproximam sem segredo) no passado? no futuro? O barco, morosamente, avança. Remo? Nem isso: afasto com as mãos as quentes cabeças fendidas (e em cada uma sempre o meu rosto) que emergem, quase escondem a doce pele do ar. Simples imagens, talvez sem sentido algum. Lembrar é um vício psiquiátrico. Será que a reminiscência sequer nos enriquece? Faz-me , pelo menos, doer: tenho mais de vinte anos de grilhões nas canelas.

Só a acção conduz à vida, não é?, ou pelo menos às ruas do porto da saúde...

Metz
· Tradicional qualidade Alemã
· Supremacia de imagem e som
· Requintada apresentação
soc. de rep. SIDA SUECA, LDA. * RUA DE S. NICOLAU 44 48 - LISBOA

GIL - OCULISTA, LDA.
FUNDADA EM 1865
R. DA PRATA, 138-140 — LISBOA-2
Receituário Médico
Fornecedor de Caixas de Previdência
Aparelhos de Precisão

SALA DE ESTUDOS
SÉNECA
ENSINO LICEAL EM PEQUENOS GRUPOS
RUA ACTOR VALE, 45, 2.º, E. (Metro Alameda)
Telefone 824983

UM GRANDE ROMANCE ESPANHOL

Luis Martins-Santos atingiu, com o seu livro «Tempo de Silêncio», a escala dos «best-selers». Oito edições sucessivas, com 33 milhares vendidos, segundo o cômputo que nos dá a «Seix Barral», sua casa editora. No entanto, para o público português, tão afastado das realidades espanholas, quem é Luis Martin-Santos?

Nasceu em Lareche (no Marrocos espanhol), em 1924. Desde **1929,** ano em que se trasladou para Espanha, Martin-Santos **fixou residência** em **San Sebastian.** Decidido a empreender a carreira de medicina, entrou para a Universidade de Salamanca, vindo a doutorar-se em Madrid em 1947. De 1951, até à data da sua morte __ que ocorreu quando contava apenas 44 anos de idade __ manteve o cargo de director do Sanatório Psiquiátrico de San Sebastian. Em 1955, publicou o seu primeiro livro que intitularia **«Dilthey, Jaspers e a compreensão do enfermo mental».** Pòstumamente, porém, conhecer-se-iam outras obras suas como **«Liberdade, Temporalidade e Transferência na psicanálise existencial»** e **«Apólogo»**, publicados ambos através de «Seix Barral», respectivamente em 1964, ano da sua morte, e em 1970.

Seria um estúpido acidente de estrada, daqueles que se dão em todo o mundo a todas as horas de todos os dias, que ceifaria a vida de um dos mais brilhantes escritores da moderna literatura espanhola.

«Tempo de Silêncio» foi aquilo que se poderia catalogar erradamente o seu **«livro de estreia».** Porque, já antes de 1962, ano em que se lançou a primeira edição deste romance, Luis Martin-Santos tinha publicado com uma certa regularidade. No entanto, essa parte da sua obra anterior a **«Tempo de Silêncio»**, continua desconhecida. Seria, pois, este o seu romance que o colocaria entre os nomes literários mais discutidos do actual panorama literário espanhol.

Quando surgiu nos escaparates, em 1962, a primeira edição de **«Tempo de Silêncio»** esgotou-se ràpidamente. E não só em Espanha. Outras edições atiradas a público na America Latina, transformariam Luis Martin-Santos num dos autores espanhois mais lidos. Foi ainda traduzido em inglês, francês, italiano, alemão e holandês, estando vendidos direitos de tradução para vários países da Europa do Leste. **«Tempo de Silêncio»** não contém, de maneira nenhuma, aqueles **«artifícios de facilidade«** com que se têm fabricado certos **«textos de consumo».** É um romance, mas um romance incomodativo, de leitura agreste __ pese embora o seu tom quase poético. Toda a acção do livro transcorre em Madrid, durante o ano de 1949. Partindo de um mero acidente cotidiano, o autor mostra-nos com **«olho clínico»** implacável, mas de uma ironia que roça, por vezes o absurdo exemplar, o panorama dos estratos sociais de uma cidade que sofre as contigências de um ambiente sobrecarregado de intenções e malefícios a que não seria alheio o resultado da guerra que ensanguentou a Espanha. Mas além do fundo decididamente humanístico, **«Tempo de Silêncio»** apresenta ainda outra virtude: a de um decidido e revolucionário empenho em alcançar uma renovação estilística que se digladia __ de certo modo __ com o monocórdico realismo da novela espanhola contemporânea.

«Tempo de Silêncio» não está **contra** a cidade como aglomerado humano. Mas bate-se a favor duma humanidade que a urbe de hoje não contém. Daí que no interior da cidade de Luis Martin-Santos, os homens se encontram não apenas sós, como também abandonados ao seu próprio destino. E , contudo, nas esquinas dessa cidade que ela abomina, pode encontrar-se um raio de esperança. Diz Martin-Santos, numa das suas belas páginas do **«Tempo de Silêncio»**.

O romance inicia-se através de um tempo que poderiamos dizer lento. Depois começa a ganhar uma expressão dinâmica, e logo é **«presto»**, **«prestíssimo»**, e desemboca numa estuante gama de situações e subtilezas, de **«nuances»** e de conflitos que levam o leitor à vertigem. Os personagens __ como esse meio louco Amador __ perturbam-nos e conquistam-nos como se vivessem conosco lado a lado aquela insaciedade do desconhecido que incita o homem na busca da sua verdadeira dimensão. Mas Luis Martin-Santos não nos descreve o drama duma cidade como simples espectador. **Sentimo-lo lá**, nesse drama, tão interveniente como **Amador ou como o original dmuecas. A cada passo, o autor nos recorda que está presente,**

Luís Martins Santos

actuando para nos dar a sua realidade como alguma coisa que agora mesmo, neste instante, arrancou à vida. A sua crítica é mordaz: **Os condenados da cave não tinham notícia do que __ três metros sobre as suas cabeças __ estava a correr e por causa disso não presumiam que a mais aguda consciência celtibérica se ia ocupar, de modo deliberado, de elevar o nível intelectual da sociedade à qual (indignos, é verdade) eles também pertenciam. Mas era possível observar a reciprocidade e perfeita simetria do fenómeno, pois tão pouco a multidão da esfera intermédia e quem sabe se nem sequer o poderoso Maestro, tinha a menor notícia da interessante realidade que debaixo dos seus pés se estabelecia com a simultaneidade iá antes abdicada. Porque não deixa de ser importante para um adolescente que conseguiu juntar três pesetas o poder comprovar directamente como estão constituídas as suas companheiras de raça, que por sua vez entraram igualmente nos eliseos campos sem dispêndio algum. Porque, é destes encontros e não de outro modo __ qual generatio insensível ou trabalho de cegonhas __ donde brota a continuidade biológica primária, tal germinal sobre que navega o resto das esferas, e são alimentadas tanto nas suas necessidades corporais de diverso tipo como na provisão de artistas criadores, pintores, toureiros e senhoritas de conjunto.**

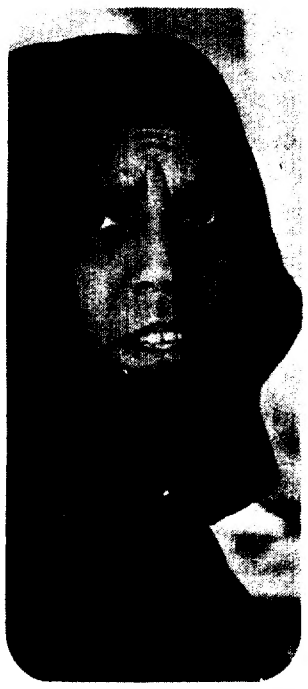
Dele, de Luis Martin-Santos esperava-se uma obra espantosa. Infelizmente, aquele acidente de automovel, em 1964 viria roubar-lhe a vida, roubando a Espanha a possibilidade de contar com um talento extraordinário, um talento com fulgores de génio. Ou talvez que Luis Martin-Santos já nada mais tivesse que dizer-nos __ pelo menos com aquela grandeza que nos oferece em **«Tempo de Silêncio»**. De qualquer modo, ainda que mais não nos legasse, só por si este seu livro diz-nos da enorme contribuição que Martin-Santos trouxe à novelística espanhola. De tal modo, que já no país vizinho se esboçam seguidores, pois **«Tempo de Silêncio»** criou escola.

JOSUÉ DA SILVA

SONORTE, S. A. R. L.
AO SERVIÇO
DA CONSTRUÇÃO CIVIL
★ DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS DE ALUMÍNIO CLOISALL
★ ARMÁRIOS STANDARDIZADOS INCORPORÁVEIS NAS DIVISÓRIAS
★ FORRO DE PAREDE COM PERFIS DE ALUMÍNIO
★ PORTAS DE FOLE EM MADEIRAS VÁRIAS
★ TECTOS-FALSOS SONOR (3 TIPOS DE ESTRUTURA — VÁRIOS TIPOS DE PAINEIS)
ESTRADA DE ALFRAGIDE (BURACA) — TELEFS. 97 62 03 e 97 06 15
NO PORTO: RUA DAS ESCOLAS, 339 — TELEFS. 56263 e 53996

MARIA JUDITE DE CARVALHO

A VOZ



Levantou-se às oito horas da manhã e é quase meia noite. Nos outros dias a esta hora está deitada e até dorme e até sonha, e em sonhos fala e ouve falar, enfim, é uma conversa pegada. Mas hoje roubaram-lhe qualquer coisa que lhe era devida, sente-se inquieta, ia dizer, indignada, e é isso, indignada e frustrada também.

Foi um dia igual a todos os dias. Longo e lento como sempre nos últimos tempos, desde que a reformaram, recusa-se a dizer que se reformou, é mentira. Dantes. os dias eram pequenos e quadriculados e ela passava de um quadro para outro, caminhando em frente, ou oblíquamente às vezes, para variar. Os quadrados eram, por assim dizer, estanques, e neles uma cor, uma velocidade, um som, e ela, em trânsito, mudava também de tonalidade, era vagarosa ou rápida, barulhenta ou silênciosa. Agora sente-se inquieta, muda e incolor, parada e perdida no meio de um grande, terrível dia liso. Não há pontos de referência e todos os oásis secaram. Está num deserto de areia que às vezes lhe parece ser de gelo. Passeia pela casa e nem dá por que ela tem janelas e portas e paredes. Atravessa-as, às paredes, é como se as atravessasse. Em nada a ajudam.

Levamtou-se às oito da manhã, olhou-se ao espelho, com atenção, à espera de uma resposta. Olhou-se com a maior objectividade possível, portanto com uma objectividade muito relativa. E pensou uma vez mais que não merecia uma coisa dessas. Sentia-se espoliada, ofendida, coberta de vergonha. Foi à porta buscar o pão e a garrafa do leite, fez o seu almoço, arranjou-se, saíu de casa, desceu ao metropolitano, subiu ao supermercado, fez as suas compras, voltou a meter-se no metropolitano. Em casa fez o que tinha de ser feito e comeu pouco. Nunca foi grande comedora, e agora, sòzinha, acha a hora das refeições deprimente. Ouviu um pouco de rádio enquanto lavava a loiça, depois vestiu o casaco outra vez e saíu. Sem objectivo. Só por causa do tal dia branco, e ela no meio da neve ou da areia, sem saber que direcção tomar. Viu montras. Ainda entrou numa loja para comprar um par de meias, mas havia tanta gente entre ela e o balcão que acabou por desistir.

Voltou a casa. Tentou então falar com uma amiga e depois com outra. Amigas ou conhecidas? De qualquer modo sobreviventes. Mas uma delas tinha saído — o telefone gritava numa casa deserta —, e a outra estava a falar. Desistiu. Ligou a televisão e viu uma série de interesse muito relativo. Depois pôs o jantar ao lume, comeu, lavou outra vez a loiça, voltou a sentar-se diante do pequeno écran. Às dez horas o telefone tocou, mas quando pegou no auscultor, antes mesmo de abrir a boca, já tinham desligado, fora engano. Em todo o caso, depois de colocar o auscultor no descanso, ainda ficou um bocado à espera de que voltassem a insistir. À espera com toda a sua alma. Mas ninguém ligou outra vez.

Tentou de novo as suas duas amigas. Mas a que há pouco estivera a conversar tinha decerto saído (ou já se deitara), e a que não estava em casa conversava agora. Foi quando o programa da televisão terminou, e a chuva começou a cair diante dos seus olhos, que ela se deu conta de que tinha sido vergonhosamente roubada de algo muito importante: a sua voz.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS · RAFAEL BURGUETE, LDA.· LISBOA—PORTO

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DE ELECTRODOMÉSTICOS

CELNORTE CELULOSE DO NORTE, S. A. R. L.
VIANA DO CASTELO

★ A CELNORTE actualmente em fase de construção, será a maior empresa portuguesa produtora de papel Kraft, tipo linerboard, com uma capacidade de produção prevista de 136 000 t/ano (400 t/dia).

★ A sua Fábrica de Deocriste, Viana do Castelo, será uma unidade equipada com os mais recentes processos de fabrico, estando prevista a entrada em laboração em 1973.

★ Terá ao seu serviço cerca de 500 colaboradores sendo na sua maioria pessoal altamente qualificado.

PRETENDE ADMITIR PARA OS SERVIÇOS AUXILIARES DA SUA FÁBRICA

INSTRUMENTISTAS

★ **FUNÇÕES**: Colaborar na recepção de instrumentos, acompanhar a sua montagem e fazer testes de funcionamento da instalação. Após o arranque assegurar o funcionamento e a manutenção dos instrumentos de controle automático à sua guarda. A sua acção assenta fundamentalmente na detecção de avarias, na inspecção, reparação e calibração de transmissores, registadores, controladores, válvulas e ainda na manutenção de todo o equipamento ligado aos sistemas de controle automático e de laboratório.

★ **CONDIÇÕES EXIGIDAS**: Bons conhecimentos de instrumentação de controle pneumático. Conhecimentos de electrónica. Experiência prévia em funções idênticas. Vigor físico para eventual trabalho em regime de turnos. Capacidade para integração em equipas de trabalho.

★ **CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA**: Curso industrial completo ou equivalente. Conhecimentos da língua inglesa. Conhecimentos das linhas de instrumentação TAYLOR, BAILEY, DEZORICK e FISCHER & PORTER.

ELECTRICISTAS DE TURNO

★ **FUNÇÕES**: Acompanhar a montagem do equipamento e colaborar no lançamento de instalação referida. Após o arranque assegurar o funcionamento de todo o equipamento eléctrico da fábrica. A sua acção assentará fundamentalmente na assistência a:

A: Uma Central Térmica de 20 MW e dois grupos electrogéneos de 1 MW, uma rede de distribuição de 11 KV, cerca de 800 motores de A. T. e B. T. e automatismos vários.

B: Accionamento de uma máquina de papel compreendendo sistemas de regulação de velocidade de motores c.c. por comando a TYRISTORS.

★ **CONDIÇÕES EXIGIDAS**: Bons conhecimentos de electricidade e electrónica. Experiência em funções similares. Vigor físico para trabalho em regime de turnos. Capacidade para integração em equipas de trabalho.

★ **CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA**: Curso industrial completo ou equivalente. Conhecimentos da língua inglesa.

ELECTRICISTAS

★ **FUNÇÕES**: Acompanhar a montagem do equipamento e colaborar no lançamento da instalação referida. Após o arranque irá assegurar a conservação do equipamento eléctrico da fábrica. Terá responsabilidade na manutenção do equipamento de uma central geradora de 20 MW, dois grupos electrogéneos de 1 MW, motores de A. T. e BT., disjuntores, elevadores, pontes rolantes, unidades electrónicas detectoras de metais e chamas e automatismos vários.

★ **CONDIÇÕES EXIGIDAS**: Bons conhecimentos de electricidade A. T. e B. T. e alguns conhecimentos de electrónica. Experiência industrial. Aceitacão de condições de eventual trabalho em regime de turnos. Capacidade para integração em equipas de trabalho.

★ **CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA**: Curso industrial completo ou equivalente. Conhecimentos da língua inglesa.

ADMISSÃO BREVE — Resposta acompanhada da descrição das habilitações e cargos desempenhados e indicando vencimento pretendido, dirigida em carta à delegação do n/ jornal no Porto, ao n.º 256.

"O AGITADOR EÇA DE QUEIROZ"

Por
TORQUATO DA LUZ

. Numa altura em que se estreitam os laços de amizade entre Portugal e o Brasil não deixa de revestir-se de certa curiosidade a recordação de factos ocorridos há precisamente um século (que se completa este ano). A história exaustiva desses acontecimentos, contada com mestria e de uma forma de tal modo atraente que as suas 354 páginas se leêm — passe o lugar-comum — de um fólego, fá-la Paulo Cavalcanti no livro «Eça de Queiróz Agitador no Brasil», agora publicado entre nós.

Trata-se do fruto de aturada e paciente investigação. Começando por dizer que Eça de Queiróz exerceu poderosa influência na literatura brasileira (maior que a de nenhum outro romancista estrangeiro), Paulo Cavalcanti acrescenta que, era ainda o escritor vivo, o interesse pela sua obra ultrapassava já **«os limites da mera curiosidade artística»**. E mais: **«Aos que visitavam Portugal, indagava-se, de pronto, ao regresso, se viram Eça, em pessoa, ou a Casa Havanesa ou o Café Martinho...»**

. Depois de recordar que Eça, nascido na Póvoa de Varzim em 25 de Novembro de 1845, filho de pais solteiros — José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, brasileiro de naturalidade, e Carolina Augusto Pereira de Eça — foi entregue, para criar a Ana Joaquina Leal de Barros costureira pernambucana de nascimento amiga dos avós paternos da criança e residente em Vila do Conde, Paulo Cavalcanti afirma que, de todas as cidades do Brasil aquela em que mais se afigura enraizado e permanente o culto do escritor português de «A Cidade e as Serras» é o Recife.

O apego á sonoridade das palavras a colocação «antilusitana» dos pronomes a tendência á espontaneidade das expressões, indo até a mudanças na estrutura da língua, são, segundo o autor do livro agora lançado por Livros do Brasil, algumas das características da prosa «eciana» que podem ter decorrido de influências sofridas pelo escritor na sua meninice, através da citada ama — a qual parece ter tido efectivamente papel preponderante na sua educação.

O trabalho de Paulo Cavalcanti constitui simultâneamente, um precioso contributo para o estudo não só da figura de Eça de Queiroz como também de um período particularmente agitado da história do Brasil. Na verdade, nele se conta como os artigos do nosso romancista e de Ramalho Ortigão, em 1872, em «As Farpas», influiram no sentido de levantar a província de Pernambuco contra os súbditos de Portugal em protesto pelas páginas escritas pelos dois a propósito da viagem do Imperador Pedro II á Europa. O autor de «Eça de Queiroz Agitador no Brasil» concatena num longo e paciente trabalho de pesquisa todos os elos de uma interessantíssima cadeia de acontecimentos.

Tendo partido do Brasil em 25 de Maio de 1871 e chegado a Lisboa em 12 de Junho seguinte, Pedro II iniciou então um largo passeio pela Europa recebido em toda a parte com as honras devidas á sua qualidade de imperador. Na passagem por Lisboa de regresso ao seu império o soberano teria, porém, o desgosto de verificar que Eça e Ramalho haviam transformado em «As Farpas» a sua vitoriosa excursão á Europa num grotesco espectáculo de circo.

Relatando, por exemplo, o encontro de Pedro II com Herculano, dizia Eça:

. **«Sua Majestade Imperial visitou o Sr. Alexandre Herculano. O facto em si é inteiramente incontestável. Todos sobre ele estão acordes, e a História tranquila. No que porém as opiniões radicalmente divergem — é acerca do lugar em que se realizou a visita do Imperador brasileiro ao historiador português. O Diário de Notícias diz que o Imperador foi á mansão do Sr. Herculano. O Diário Popular ao contrário afirma que o Imperador foi ao reino do homem eminente que...O Sr. Silva Túlio, porém, declara que o Imperador foi ao Tugúrio de Herculano; (ainda que linhas depois e contradiz, confessando que o Imperador esteve realmente na Tabaida do ilustre historiador que...). Uma correspondência para um jornal do Porto afiança que o Imperador foi ao aprisco do grande, etc. Outra vem todavia que sustenta que o Imperador foi ao abrigo desse que...Alguns jornais de Lisboa, por seu turno, ensinam que Sua Majestade foi ao albergue daquele que...Outros, contudo, sustentam que Sua Majestade foi á solidão do eminente vulto que...E um último mantém que o Imperador foi ao exílio do venerando cidadão que...Ora, no meio disto, uma coisa terrível se nos afigura: é que Sua Majestade se esqueceu de ir simplesmente á casa do Sr. Alexandre Herculano!»**

. Por outro lado, acerca de um banquete em que serviram a Pedro II orelheira de porco com feijão branco, escreveu Ramalho:

«Andou bem Vossa Majestade pedindo com expressivo empenho que aos seus jantares se servisse orelheira de porco com feijão branco. A orelheira de porco é efectivamente mais do que um pitéu. A orelheira de porco — com feijão branco sobretudo — é uma instituição nacional; é uma filosofia; diremos mais, Senhor: a orelheira de porco é uma fatalidade geográfica como o clima e o solo. Em Portugal metade das coisas que sucedem explicam-se pelas condições climatéricas, pela situação e pela configuração do país: todas as outras coisas se explicam pela orelheira e pelo feijão branco.»

. Claro que as investidas de «As Farpas» tiveram espectacular reflexo, no regresso do soberano ao Brasil, então em plena luta abolicionista. Aefervescência cresce no Pernambuco quando o jornal dos republicanos do Recife, «O Seis de Março» resolve transcrever pura e simplesmente, as crónicas e Eça e Ramalho.

As questões dos direitos autorais revoltam os dois escritores portugueses que, então ultrapassando o simples gozo que ao imperador, iniciam uma longa campanha de achincalhamento do brasileiro «tout court»...

As notícias circulavam rápidas entre os dois continentes e, ofendidos, os pernambucanos respondem ao autêntico «gravame á honra nacional» cometido por Eça e Ramalho. Sai um livro de José Soares Pinto Corrêa Junior, intitulado «Os Farpões», que constitui uma violenta resposta ás Farpas. O que os dois escritores portugueses haviam dito de Pedro II diz ele, agora, de D. Luís I. Trata-se de um debate ideológico em que a instauração da República e a abolição do cativeiro eram, no fundamental, segundo diz Paulo Cavalcanti, **«o divisor de águas entre os intelectuais e parcelas esclarecidas da população por um lado e as forças mais retrógradas da sociedade, por outro.»**

. A polémica alarga-se a Goiana, a segunda cidade pernambucana na época em que, de acordo com o jornal «A Província», de 4 de Outubro de 1872, se conservavam **«mais do que em qualquer outra parte, os velhos preconceitos de nacionalidade».** Aqui surgem incidentes de grande gravidade, numa desenfreada perseguição aos portugueses, sobretudo comerciantes, cujas lojas são arrasadas e cujas pessoas físicas são sistemáticamente alvo de violentos castigos. A situação obriga á intervenção dos representantes diplomáticos portugueses no Brasil, ao mesmo tempo que a polémica se alarga a todo o Império.

Entretanto, Eça e Ramalho não desarmam. Em Dezembro de 1872, o segundo publica um artigo em que reduz o Brasil a pó. Os incidentes prosseguem, anos fora. Em 1875, é enorme o número de prisões de liberais. O caos instala-se em Goiana, onde contínuamente são incendiadas casas comerciais de portugueses. **«O estado desta cidade é assustador»**, diz o **Jornal do Recife.** No orgão humorístico «O Linguareiro», gritava-se: **«A influência dos galegos tocou o extremo! Cebosos e fedorentos caixeiros e muitos amos grosseiros e insolentes dão o espectáculo da mais horrorosa imoralidade.** Os galegos já sabemos quem são.

tanta loiça!

riber

lava-a toda!

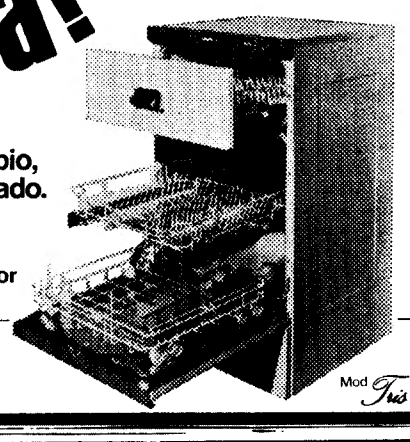
A máquina super automática-bio, de maior capacidade do mercado.

Modelos para 8 e 12 pessoas (incluindo tachos)

Equipadas com rodas e descalcificador

use sun lava louça

SABEL
Rua D. Estefânea, 98 - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO



comprando propriedades a J. PIMENTA S. A. R. L.

o seu dinheiro valoriza-se

informações
nos locais de construção
e nos escritórios

Serviços Centrais
QUELUZ: Av. António Enes, 25
Telef. 952021/22

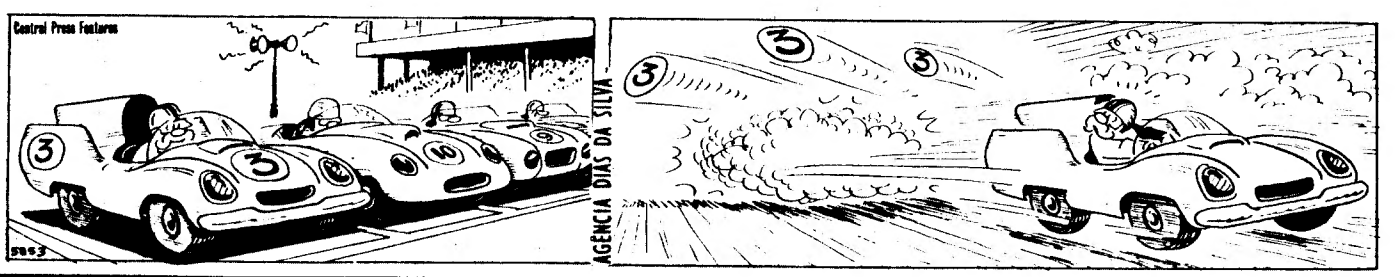
LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15
Telefs. 45843 - 47813 - 563031

locais de construção:

- LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
- LISBOA (Olivais)
- AMADORA
- REBOLEIRA
- PAÇO DE ARCOS
- CASCAIS
- COIMBRA
- PORTO
- LUANDA
- ALGARVE (Praia da Rocha)

apartamentos mobilados desde 200 contos

Deborah Kerr regressa aos palcos londrinos. Ei-la no papel de «Edith Harnham», da peça de Frank Harvey «The Day After the Fair», recentemente estreada no Teatro Lyric. A célebre artista contracena com Julia Foster, que desempenha o papel de «Ana».

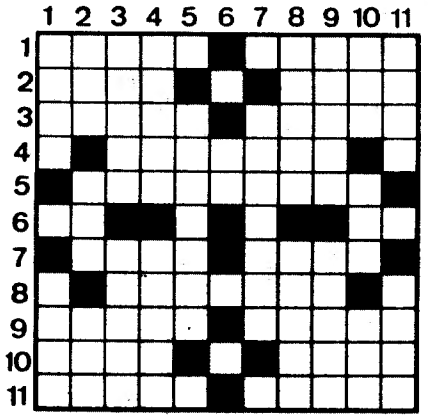


PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10281

HORIZONTAIS:

1 Querido. Comas.
2 Freguesia do concelho do Cartaxo. Artigo definido. Ilha do Pequeno Belt.
3 Cidade de Espanha. Descerram.
4 Assolarem.
5 O mesmo que demonstrar.
6 Em a. Satélite de Júpiter.
7 Ir para fora. Caminharás.
8 Atraiçoaram
9 Tempo do verbo fazer. Boa presa.
10 Prender. Estimas.
11 Dança popular portuguesa, em especial no Alto Alentejo. Cilada.



VERTICAIS:

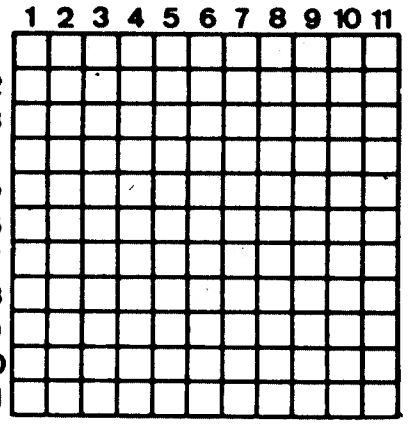
1 Impulso. Azáfamas.
2 Mágoa. Ofereces. Fruto da ateira.
3 Dê sinal. Chama a si.
4 Pagavam. Encolerizara.
5 Tornas loiro.
6 Campeão. Artigo definido.
7 Astuto.
8 Prever. Raspar.
9 Cidade de Itália. Acarinho.
10 Medida de superfície. Trocas. Desgraça.
11 Adição. Nome de flor.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6437

HORIZONTAIS:

1 Cálcio (s.q.). Freguesia do concelho de Santana (Madeira). Grama.
2 Arara. Fúteis. Sapo do Amazonas.
3 Galga. Cidade de França.
4 Misturaremos.
5 Bebida usada no Perú. Molesta.
6 Insecto que rói a madeira.
7 Atraiçoa. Cobre.
8 Restauraremos.
9 Amacia. Fruto silvestre.
10 Czar da Russia cognominado «O Terrível». Dê mios. Raer.
11 Apelido. O lado do vento. Nota musical. Pedra de moinho.



VERTICAIS:

1 Coberturas. Denuncias.
2 Guarneço de arames. Camada de erva rasteira.
3 Içar. Estrada magnifica que ia de Roma a Brindes.
4 Guarnecerias de asas.
5 Antepassados. Ramalhete.
6 Tempo do verbo ir. Esmonca.
7 Guarnecer de asas. Vassourar o forno depois de aquecido.
8 Narrem.
9 Equipe. Grande afeição.
10 Glóbulos. Apesar disso.
11 Da Rússia. Planta vivaz e medicinal.

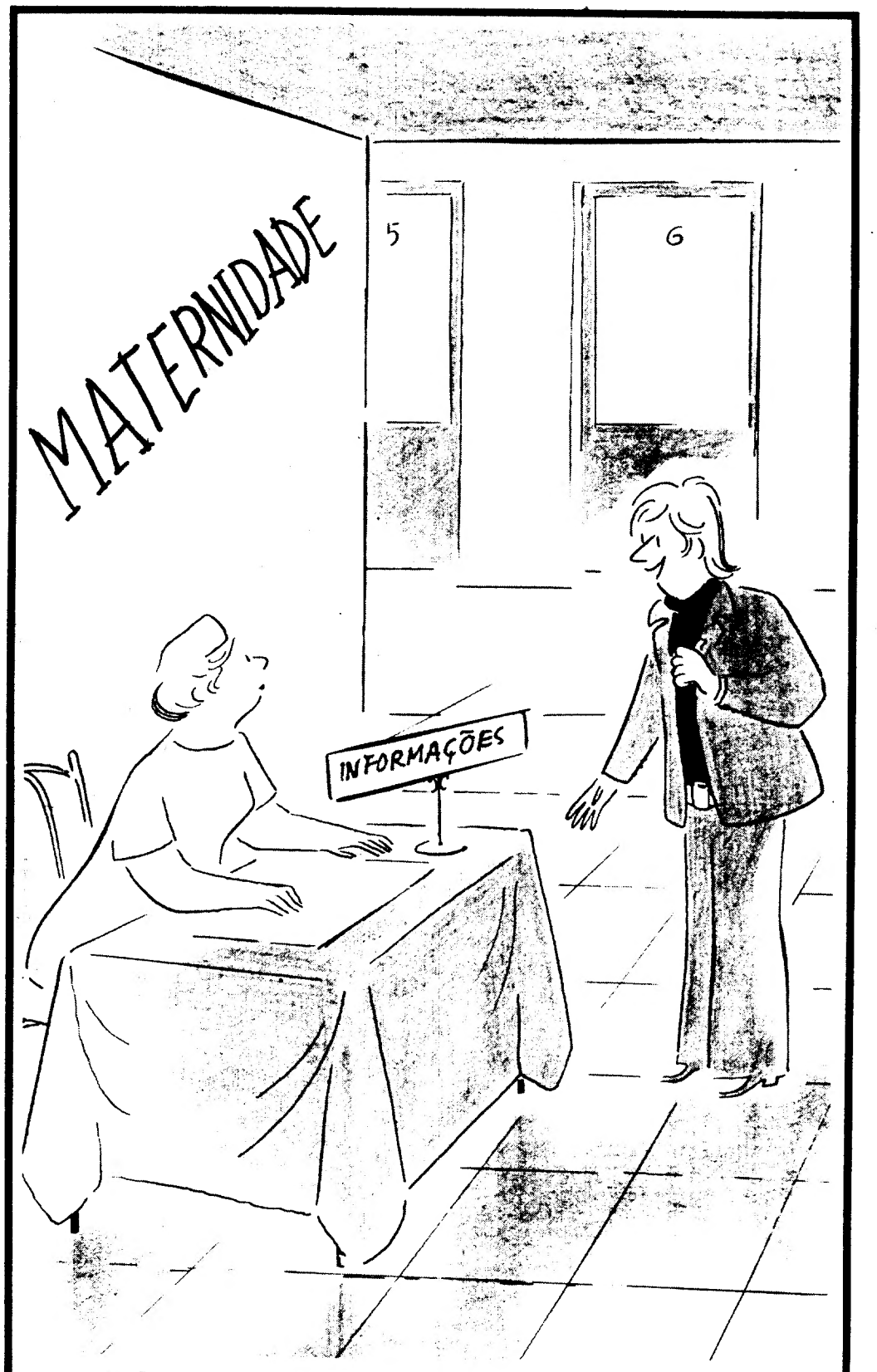
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10280

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Marcais. Ala.	1 Marca. Cacos.
2 Afias. ANDAR	2 Afias. Amara
3 Ripo. Apeava.	3 Ripo. Fresco
4 Cão. Cio. Mar	4 Cão. Dio. Aa
5 Às. Deã. Rasa	5 As. Cem. Mira
6 Fim. Lãs.	6 Aia. Res.
7 Caro. Ris. Ac.	7 Sapo. Lis. Ma
8 Ame. Mês. Ulo	8 Ne. Ras. Ion.
9 Casais. Irás.	9 Adamas. Ur.
10 Orçar. Mó. Rã	10 Lavas. Alara.
11 São. ARANHAS	11 Arara. Cosas

Provérbio: ANDAR ÀS ARANHAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6436

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Caspa. Polpa.	1 Comer. Areia.
2 Oras. Miri	2 Arolas. Arar
3 Mor. Sem. Dar	3 Saras. Asira
4 Elada. Áveza	4 Ps. Dois. Não
5 Rasou. Remem	5 Saudam. SS
6 Id. Tl	6 Te.
7 Asarias	7 Mártir. Ha
8 Rãs. Ema	8 Om. Vela. Aar
9 Erin. Aral	9 Lidem. Serva
10 Iaras. Havre	10 Prazer. Mari
11 Araós. Arais	11 Airam. Gales



— Em que quarto está a senhora que teve um menino parecido consigo?...

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

DA VITÓRIA AMBÍGUA da escola de Fontainebleau

A poucas dezenas de quilómetros de Paris por duas vezes se jogaram os destinos da arte francesa — em Fontainebleau, onde uma «esmola» ou duas constituiram no século XVI e onde, de novo, um movimento estético se definiu, em redor da escola oitocentista de Barbizon, na floresta que o palácio de Francisco I domina.

Dois destinos diferentes ou opostos, e com processos e resultados contraditórios — um todo francês, entendendo-se a França em termos «Valois», intransmissíveis para fora, outro francês também, mas em função burguesa, meio Luís-Filipe meio Guizot, com rápida e necessária projecção por toda a Europa, de São Petersburgo até Lisboa. Esta natureza-modelo, cuja sensível leitura física se aconselhava ou impunha, marca emblemàticamente o coração de uma época, propõe-na, reflecte-a e explica-a também — naturalista e supondo-se realista, penetrando aparências e incapaz de definir, por necessidade própria, uma realidade dinâmica.

Escola de Fontainebleau
Retrato de Diane de Poitiers
cerca de 1540

Não assim o quinhentismo de Fontainebleau — onde uma realidade interior se formula activamente no quadro duma sociedade que se busca em artifício, se intelectualiza e se transforma, passando de um gosto gótico para um gosto moderno, entre refinamentos que são obrigatòriamente eróticos. A «ars amandi» percorre este itinerário, até se fixar em figuras de deuses, de heróis de Odisseia ou das guerras de Alexandre, senão de amásias reais, surpreendidas no seu banho e porém pousando, num irrecusável direito de concupiscência...

Uma grande e admirável exposição estuda actualmente em Paris a escola de Fontainebleau: 700 números de catálogo, entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, tapeçarias, esmaltes, vitrais, encadernações, cerâmicas, medalhas, armaduras e jóias.

Todo um conjunto que como tal deve ser entendido, até à definição de um «estilo» — repetição morfológica e dinâmica, dentro de uma síntaxe coerente e promovendo um sentido de criação e de leitura culturalmente acordado, numa semântica generalizada e interdisciplinar.

Arte de ruptura, admitindo um conteúdo ideológico novo, a arte de Fontainebleau embriaga-se culturalmente no renascimento italiano. Se, para Henrique IV Paris valerá bem uma missa de renegado, para Francisco I, à volta do seu cativeiro em Itália, Fontainebleau valeu muito bem uma recusa à tradição artística nacional. Essa recusa era, mesmo, condição **sine qua non** do seu êxito. Rosso, Primatício, Nicoló dell'Abate, como Serbio e Vignola, garantiam-no com uma obra totalizante, dentro de um empreendimento que só total poderia ser.

O programa de Fontainebleau é, nos seus limites de tempo e de espaço (mas neles se valorizando também), o mais interessante do Ocidente moderno: sonho e realidade misturados à procura de uma ideologia impossível. Nesta impossibilidade residirá o interesse maior da empresa, espécie de aposta antipascaliana...

A abordagem do caso Fontainebleau põe-nos em presença de uma série de elementos e de factores dispares e contraditórios; nessa **coexistência opositiva** se entenderá, porém, o seu significado. Nunca as relações formais ou ideológicas são simples aqui — antes se reclamam duma complexidade programática que a situação móbil da sociedade francesa, presa em crises económicas e religiosas, justifica e requer.

Lançando o seu empreendimento, Francisco I (ou, continuando-o, Henrique II e, mais tarde, Henrique IV — mas com diferente credulidade) procura algo de novo para mirar. Homem do renascimento, o seu empenho era, porém, só de curiosidade; mas não o cumpria com menos paixão do que os navegadores ibéricos... Nessa procura (ou demanda?) o rei e a sua corte estavam de antemão vencidos — que ela havia de se prolongar infinitamente. Que importa? O infinito (ou «infinitivo») é o domínio de Fontainebleau — a situação maneirista por excelência. O universo de Pontormo afundava-se na loucura, outros deram decorações portentosas em Mântua ou em Roma ou em Florença e um gosto áulico criava-se aqui, nos retratos de Bronzino. Em Fontainebleau (corte «de seda e de sangue») havia de tudo isso e não se sabe ao certo se Rosso morreu de morte natural ou violenta...

O estilo oferecido pela Escola de Fontainebleau tem estado enquistado na história da arte ocidental. (O próprio maneirismo ainda hoje é mal entendido...). A presente exposição, excelente, numerosa e multiplana, contribuirá, porém, e definitivamente, para o fazer aceitar na cultura francesa (onde os poetas da «Pleiade» se perfilam também então — a onde duzentos anos depois um certo Watteau, e, mais tarde, um certo Matisse...) e na cultura do Ocidente — caso «demonstrativo» da sorte e da vitória de uma corrente.

Vitória ambígua, vitória sem sentido por o seu sentido ser impossível — é certo. Mas quando Rubens, vindo a Fontainebleau cerca de 1622, copia os frescos de Primatício — que outra coisa ele faz! Os 4 números da exposição do Grand Palais, que dizem respeito a estas cópias de Rubens, estão ali para explicar o impossível intelectual e metafísico de uns, e o possível celestial e carnal, de outros, os barrocos de depois...

DL/SUPLEMENTO LITERÁRIO